

#1 *New York Times* Bestselling Author

Regretting

A Novel

COLLEEN
HOOVER

COLLEEN HOOVER

“Que leitura gloriosa e tocante, lembrarei para sempre. O tipo de livro que é transmitido.”

—*USA Today* sobre *É Assim Que Acaba*

“*Confesse* da Colleen Hoover é uma história bonita e devastadora que vai te fazer sentir.”

—*The Guardian*

“*É Assim Que Acaba* fala de um assunto complicado... com ternura romântica e peso emocional. Os relacionamentos são retratados com compaixão e honestidade, e a nota da autora no final que explica a conexão pessoal de Hoover com o assunto é uma leitura obrigatória. Embalado com drama fascinante e verdades dolorosas, este livro ilustra poderosamente a devastação do abuso - e a força dos sobreviventes.”

—*Kirkus Reviews* (resenha destacada)

“Hoover se junta a fileiras de luminares como Jennifer Weiner e Jojo Moyes, com uma pitada de Gillian Flynn. Certamente agradará uma infinidade de leitores.”

—*Library Journal* (resenha destacada) sobre
Novembro, 9

“Hoover constrói um mundo fantástico para novos adultos aqui, com duas pessoas crescendo em suas carreiras e descobrindo o amor maduro.”

—*Booklist* (resenha destacada) sobre *O Lado Feio Do Amor*

Regretting
you

Outros Títulos Por Colleen Hoover

Verity

Todas As Suas (Im)Perfeições

As Mil Partes Do Meu Coração

Tarde Demais

É Assim Que Acaba

Novembro, 9

Confesse

O Lado Feio do Amor

Um Caso Perdido

Sem Esperança

Em Busca de Cinderella

TALVEZ UM DIA

Talvez Um Dia

Talvez Não

Talvez Agora

MÉTRICA

Métrica

Pausa

Essa Garota

Regretting

YOU

**COLLEEN
HOOVER**



Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, organizações, lugares, eventos e incidentes são produtos da imaginação da autora ou são usados de maneira fictícia.

Text copyright © 2019 by Colleen Hoover
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outra forma, sem a permissão expressa por escrito do editor.

Publicado por Montlake, Seattle
www.apub.com

Amazon, the Amazon logo, and Montlake are trademarks of Amazon.com, Inc., or its affiliates.

ISBN-13: 9781542016421

ISBN-10: 1542016428

Design da Capa por David Drummond

Este livro é para a brilhante e fascinante Scarlet Reynolds. Mal posso esperar para que este mundo sinta seu impacto.

CONTEÚDO

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

[Capítulo Vinte e Seis](#)

[Capítulo Vinte e Sete](#)

[Capítulo Vinte e Oito](#)

[Capítulo Vinte e Nove](#)

[Capítulo Trinta](#)

[Capítulo Trinta e Um](#)

[Capítulo Trinta e Dois](#)

[Capítulo Trinta e Três](#)

[Capítulo Trinta e Quatro](#)

[Capítulo Trinta e Cinco](#)

[Capítulo Trinta e Seis](#)

[Capítulo Trinta e Sete](#)

[Capítulo Trinta e Oito](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

Traduzido e Revisado por WhitethornTeca.

Bem vindos ao Revival

CAPÍTULO UM

MORGAN

Eu me pergunto se os humanos são as únicas criaturas vivas que já se sentiram ocas por dentro.

Não entendo como meu corpo pode estar cheio de tudo o que corpos estão cheios – ossos e músculos, sangue e órgãos – mas meu peito às vezes parece vazio, como se alguém pudesse gritar em minha boca e ecoasse dentro de mim.

Estou me sentindo assim há algumas semanas. Eu esperava que isso passasse, porque estou começando a me preocupar com o que está causando esse vazio. Eu tenho um ótimo namorado com quem estou namorando há quase dois anos. Se eu não conto os momentos de intensa imaturidade adolescente de Chris (principalmente abastecidos com álcool), ele é tudo o que eu quero em um namorado. Engraçado, atraente, ama sua mãe, tem objetivos. Não vejo como ele poderia ser a causa desse sentimento.

E também tem Jenny. Minha irmãzinha – minha melhor amiga. Mas sei que ela não é a fonte do meu vazio. Ela é a principal fonte de minha felicidade, apesar de sermos completamente opostas. Ela é extrovertida, espontânea e barulhenta e tem uma risada pela qual eu mataria para ter. Sou mais quieta do que ela e, mais frequentemente, meu riso é forçado.

É uma piada entre nós que somos tão diferentes, se não fôssemos irmãs, nos odiaríamos. Ela me acha chata e eu a acho chata, mas *como* somos irmãs, e com apenas doze meses de diferença, nossas diferenças de alguma forma funcionam. Temos nossos momentos de tensão, mas nunca deixamos um argumento terminar sem uma resolução. E quanto mais velhas ficamos, menos

discutimos e mais saímos. Especialmente agora que ela está namorando o melhor amigo de Chris, Jonah. Nós quatro passamos quase todas as horas do dia juntos como um grupo desde que Chris e Jonah se formaram no ensino médio no mês passado.

Minha mãe pode ser a fonte do meu humor recente, mas isso não faria sentido. A ausência dela não é novidade. Na verdade, estou mais acostumada a isso agora do que costumava ser, então, se houver alguma coisa, tornei-me mais receptiva ao fato de Jenny e eu termos uma pequena vantagem no departamento de pais. Ela está inativa em nossas vidas desde que nosso pai morreu cinco anos atrás. Eu estava mais amarga por ter que ter virar mãe de Jenny naquela época do que agora. E quanto mais velha fico, menos me incomoda que ela não seja o tipo de mãe para se intrometer em nossas vidas, ou nos dar um toque de recolher, ou... Se importar. É honestamente divertido ter dezessete anos e ter a liberdade que a maioria das crianças da minha idade sonharia em ter.

Nada mudou na minha vida recentemente para explicar esse profundo vazio que tenho sentido.

Ou talvez tenha, e estou com muito medo de perceber.

— Adivinha? — Jenny diz. Ela está no banco do passageiro da frente. Jonah está dirigindo, e Chris e eu estamos no banco de trás.

Eu estava olhando pela janela durante meu ataque de auto-reflexão, então paro meus pensamentos e olho para ela. Ela se virou na cadeira, os olhos se movendo animadamente entre eu e Chris. Ela está muito bonita hoje à noite. Ela pegou emprestado um dos meus maxi vestidos e o manteve simples com muito pouca maquiagem. É incrível a diferença entre Jenny, de quinze anos, e Jenny, de dezesseis. — Hank disse que pode nos ligar hoje à noite.

Chris levanta a mão e bate na de Jenny. Olho pela janela, sem ter certeza de que ela gosta de ficar chapada. Já fiz isso várias vezes – um subproduto de ter a mãe que nós fazemos. Mas Jenny tem apenas dezesseis anos e participa de tudo o que pode conseguir em todas as festas que vamos. Essa é uma grande razão pela qual escolhi não participar, porque sempre senti um senso de

responsabilidade por ela, porque sou mais velha e nossa mãe não regula nossas atividades de forma alguma.

Às vezes, sinto que também sou babá de Chris. O único neste carro que eu não tenho que tomar conta é Jonah, mas não é porque ele não fica bêbado ou chapado. Ele apenas parece manter um nível de maturidade, apesar de quaisquer substâncias estarem percorrendo seu sistema. Ele tem uma das personalidades mais consistentes que já conheci. Ele fica quieto quando está bêbado. Quietos quando ele está chapado. Quietos quando ele está feliz. E de alguma forma ainda mais calmo quando ele está bravo.

Ele é o melhor amigo de Chris desde que eram crianças, e são como as versões masculinas de mim e Jenny, mas o oposto. Chris e Jenny são a vida de todas as festas. Jonah e eu somos os companheiros invisíveis.

Por mim tudo bem. Prefiro me misturar ao papel de parede e apreciar discretamente a observação de pessoas do que estar em pé em uma mesa no centro de uma sala, sendo o único que as pessoas estão assistindo.

— Qual é a distância deste lugar? — Jonah pergunta.

— Quase cinco quilômetros — diz Chris. — Não muito longe.

— Talvez não muito longe daqui, mas longe de nossas casas.

Quem está dirigindo para casa hoje à noite? — Jonah pergunta.

— Eu não! — Jenny e Chris dizem ao mesmo tempo.

Jonah olha para mim pelo espelho retrovisor. Ele segura meu olhar por um momento, e então eu aceno. Ele concorda também.

Mesmo sem falar, nós dois concordamos que ficaremos sóbrios esta noite.

Não sei como o fazemos — nos comunicamos sem nos comunicar —, mas sempre foi uma coisa sem esforço entre nós. Talvez seja porque somos muito parecidos, então nossas mentes estão sincronizadas a maior parte do tempo. Jenny e Chris não percebem.

Eles não precisam se comunicar silenciosamente com ninguém, porque qualquer coisa e tudo o que eles precisam dizer sai da ponta da língua, se deve ou não.

Chris pega minha mão para chamar minha atenção. Quando eu olho para ele, ele me beija.

— Você está bonita esta noite — ele sussurra.

Eu sorrio para ele.

— Obrigada. Você não parece tão ruim assim.

— Quer ficar na minha casa hoje à noite?

Penso nisso por um segundo, mas Jenny gira em seu assento novamente e responde por mim.

— Ela não pode me deixar em paz esta noite. Sou menor de idade a ponto de passar as próximas quatro horas ingerindo muito álcool e talvez uma substância ilegal. Quem vai segurar meu cabelo enquanto eu vomitar de manhã se ela ficar na sua casa?

Chris encolhe os ombros.

— Jonah?

Jenny ri.

— Jonah tem pais típicos que o querem em casa à meia-noite.

Você sabe disso.

— Jonah acabou de terminar o ensino médio — diz Chris, falando sobre ele como se não estivesse no banco da frente ouvindo cada palavra. — Ele deve crescer e ficar fora a noite toda pela primeira vez.

Jonah está puxando o carro para um posto de gasolina quando Chris diz isso.

— Alguém precisa de alguma coisa? — Jonah pergunta, ignorando a conversa que está sendo feita sobre ele.

— Sim, vou tentar comprar cerveja — diz Chris, tirando o cinto de segurança.

Isso realmente me faz rir.

— Você parece cada ano de dezoito. Eles não vão vender cerveja para você.

Chris sorri para mim, tendo esse comentário como um desafio.

Ele sai do carro para entrar e Jonah sai para colocar combustível.

Alcanço o console de Jonah e pego um dos Jolly Ranchers de melancia que ele sempre deixa para trás. Melancia é o melhor sabor.

Eu não entendo como alguém poderia odiar isso, mas aparentemente ele odeia.

Jenny solta o cinto de segurança e se arrasta para o banco de trás comigo. Ela enrola as pernas debaixo dela, de frente para mim.

Seus olhos estão cheios de algo maléfico quando ela diz: — Acho que vou transar com Jonah hoje à noite.

Pela primeira vez em séculos, meu peito está cheio, mas não de um jeito bom. Parece que está sendo inundado com água espessa.

Talvez até lama.

— Você acabou de completar dezesseis anos.

— A mesma idade que você tinha quando fez sexo com Chris pela primeira vez.

— Sim, mas estávamos namorando há mais de dois meses. E ainda me arrependo. Doeu como o inferno, durou talvez um minuto, e ele cheirava a tequila. — Faço uma pausa porque parece que eu acabei de insultar as habilidades do meu namorado. — Ele ficou melhor.

Jenny ri, mas depois cai de costas no assento em um suspiro.

— Sinto que é louvável ter aguentado dois meses.

Eu quero rir, porque dois meses não é nada. Prefiro que ela espere um ano inteiro. Ou cinco.

Não sei por que sou tão contra isso. Ela está certa – eu era mais jovem que ela quando comecei a fazer sexo. E se ela vai perder a virgindade para alguém – pelo menos é para alguém que eu sei que é uma boa pessoa. Jonah nunca se aproveitou dela. Na verdade, ele conhece Jenny há um ano inteiro e nunca a chamou para sair até os dezesseis anos. Foi frustrante para ela, mas me fez respeitá-lo.

Eu suspiro.

— Você perde a virgindade uma vez, Jenny. Não quero que esse momento seja enquanto você está bêbada na casa de um estranho, fazendo sexo na cama de outra pessoa.

Jenny move a cabeça de um lado para o outro como se estivesse realmente contemplando o que eu disse.

— Então talvez possamos fazer isso no carro dele.

Eu rio, mas não porque isso é engraçado. Eu rio porque ela está tirando sarro de mim. Foi exatamente assim que perdi minha virgindade com Chris. Apertado no banco de trás do Audi de seu pai.

Era absolutamente normal e totalmente embaraçoso, e mesmo que melhorássemos, seria bom se nossa primeira vez tivesse sido algo que pudéssemos olhar para trás com lembranças mais amorosas.

Eu nem quero pensar sobre isso. Ou falar sobre isso. É difícil ser melhor amiga de minha irmãzinha por esse motivo – quero ficar empolgada com ela e ouvir tudo sobre isso, mas ao mesmo tempo, quero protegê-la de cometer os mesmos erros que cometi. Eu sempre quero o melhor para ela.

Olho-a sinceramente, tentando o meu melhor para não parecer maternal.

— Se isso acontecer hoje à noite, fique sóbria, pelo menos.

Jenny revira os olhos para o meu conselho e volta para o banco da frente, no momento em que Jonah abre a porta.

Chris também está de volta. Sem cerveja. Ele bate a porta e cruza os braços sobre o peito.

— É realmente péssimo ter uma cara de bebê.

Eu rio e passo minha mão em sua bochecha, puxando seu foco para o meu.

— Eu gosto do seu rosto de bebê.

Isso o faz sorrir. Ele se inclina e me beija, mas se afasta assim que seus lábios encontram os meus. Ele bate no assento de Jonah.

— Você tenta. — Chris tira dinheiro do bolso e enfia a mão na frente, largando-o no console.

— Não vai ter bastante álcool lá? — Pergunta Jonah.

— É a maior festa de formatura do ano. Toda a turma sênior estará lá, e todos nós somos menores de idade. Precisamos de todos os reforços que conseguirmos.

Jonah relutantemente pega o dinheiro e sai do carro.

Chris me beija novamente, desta vez com a língua. Ele recua muito rapidamente, no entanto.

— O que há na sua boca?

Eu aperto o Jolly Rancher para quebrá-lo.

— Bala.

— Eu quero um pouco — diz ele, trazendo sua boca de volta para a minha.

Jenny geme do banco da frente.

— Pare. Eu posso ouvir você chupando.

Chris se afasta com um sorriso, mas também com um pedaço de Jolly Rancher na boca. Ele morde enquanto coloca o cinto de segurança.

— Faz seis semanas desde que nos formamos. Quem tem uma festa de formatura seis semanas após a formatura? Não que eu esteja reclamando. Parece que já deveríamos ter passado as comemorações da formatura.

— Não faz seis semanas. Fazem apenas quatro. — eu digo.

— Seis — ele corrige. — É dia 11 de julho.

Seis?

Tento impedir que o ataque repentino de tensão em cada músculo do meu corpo seja visível para Chris, mas não posso deixar de ter uma reação ao que ele acabou de dizer. Cada parte de mim endurece.

Não faz seis semanas. Faz?

Se já faz seis semanas... isso significa que estou com duas semanas de atraso com a minha menstruação.

Merda. Merda, merda, merda.

O porta-malas do carro de Jonah se abre. Chris e eu nos viramos, no momento em que Jonah fecha o porta-malas e caminha até a porta do motorista. Quando ele entra no carro, ele tem um sorriso presunçoso no rosto.

— Filho da puta — Chris murmura, balançando a cabeça. — Ela nem pediu sua identidade?

Jonah coloca o carro na direção e começa a sair.

— Está tudo em confiança, meu amigo.

Observo Jonah estender a mão e pegar a mão de Jenny.

Olho pela janela, meu estômago em nós, minhas mãos suando, meu coração batendo forte, meus dedos silenciosamente contando os dias desde a minha última menstruação. Ainda não pensei nisso.

Eu sei que era formatura porque Chris estava chateado por não podermos fazer sexo. Mas eu esperava conseguir isso a qualquer momento, pensando que faz apenas um mês desde que se formaram.

Nós quatro estivemos tão ocupados fazendo uma tonelada de nada durante as férias de verão que nem sequer pensei nisso.

Doze dias. Estou doze dias atrasada.



É tudo o que eu pensei a noite toda, enquanto estava nesta festa de formatura. Quero pegar emprestado as chaves do carro de Jonah, dirigir até uma farmácia 24 horas e comprar um teste de gravidez, mas isso só o faria fazer perguntas. E Jenny e Chris notariam minha ausência. Em vez disso, tenho que passar a noite inteira cercada por música tão alta que posso senti-la estalando nos meus ossos. Têm corpos suados em todas as partes desta casa, então não há para onde eu possa fugir. Estou com muito medo de beber agora, porque se estou grávida, não tenho ideia do que isso poderia fazer. Nunca pensei muito na gravidez, então não sei exatamente quanto álcool pode prejudicar um feto. Eu nem vou me arriscar.

Eu não acredito nisso.

— Morgan! — Chris grita do outro lado da sala. Ele está de pé em uma mesa. Outro cara está de pé em uma mesa ao lado dele.

Eles estão jogando um jogo em que se equilibram em uma perna e se revezam para lançar tiros até que um deles caia. É o jogo de bebida favorito de Chris e o meu momento menos favorito de estar perto dele, mas ele está me chamando. Antes que eu atravessasse a sala, o cara na outra mesa cai e Chris levanta um punho vitorioso no ar.

Então ele pula no momento em que eu o alcanço. Ele envolve um braço em volta de mim, me puxando para ele.

— Você está sendo chata — diz ele. Ele traz seu copo para a minha boca. — Beba. Seja feliz.

Afasto o copo.

— Estou nos levando para casa hoje à noite. Eu não quero beber.

— Não, Jonah está dirigindo hoje à noite. Você está livre. — Chris tenta novamente me dar outra bebida, mas eu a afasto novamente.

— Jonah queria beber, então eu disse a ele que iria dirigir — eu minto.

Chris olha em volta, vendo alguém por perto. Eu sigo seu olhar e vejo Jonah sentado no sofá ao lado de Jenny, cujas pernas estão envoltas em seu colo.

— Você é o motorista hoje à noite, certo?

Jonah olha para mim antes de responder a Chris. É uma conversa silenciosa de dois segundos, mas Jonah pode ver na minha expressão suplicante que preciso que ele diga a Chris que não está.

Jonah inclina a cabeça um pouco em curiosidade, mas depois olha para Chris.

— Não. Estou enchendo a cara.

Chris afunda os ombros e olha para mim.

— Bem. Acho que vou ter que me divertir sozinho.

Estou tentando não me sentir insultada por suas palavras, mas é difícil não ficar.

— Você está dizendo que não sou divertida quando estou sóbria?

— Você é divertida, mas Morgan bêbada é a minha Morgan favorita.

Uau. Isso meio que me deixa triste. Mas ele está bêbado, então vou desculpar seus insultos agora, mesmo que seja apenas para evitar uma discussão. Eu não estou no clima. Eu tenho coisas mais importantes em mente.

Eu dou um tapinha no peito de Chris com as duas mãos.

— Bem, Morgan bêbada não estará aqui hoje à noite, então encontre pessoas com quem você possa se divertir.

Bem quando digo isso, alguém agarra o braço de Chris e o puxa de volta para as mesas. — Revanche! — O cara diz.

Com isso, meu nível de sobriedade não é mais a preocupação de Chris, então tomo isso como uma oportunidade de escapar dele, desse barulho, dessas pessoas. Saio pela porta dos fundos e me deparo com uma versão mais silenciosa da festa e uma explosão de ar fresco. Há uma cadeira vazia ao lado da piscina e, embora haja algumas pessoas na água, estou quase certo de que estão fazendo coisas que deveriam ser consideradas insalubres em uma piscina, é de certa forma menos incômodo do que estar dentro daquela casa.

Posiciono minha cadeira para que não posso vê-las e me inclino para trás e fecho os olhos. Passo os próximos minutos tentando não ficar obcecada com qualquer sintoma que eu possa ou não ter tido no mês passado.

Nem tenho tempo para começar a pensar no que tudo isso pode significar para o meu futuro quando ouço uma cadeira sendo arrastada pelo concreto atrás de mim. Eu nem quero abrir meus olhos e ver quem é. Não aguento Chris e toda a sua embriaguez agora. Eu não posso nem levar Jenny e sua combinação de cerveja, maconha e dezesseis anos.

— Você está bem?

Suspiro de alívio quando ouço a voz de Jonah. Inclino minha cabeça e abro os olhos, sorrindo para ele.

— Sim. Estou bem.

Eu posso ver na expressão dele que ele não acredita em mim, mas tanto faz. Não tenho como dizer a Jonah que estou atrasada porque (a) não é da conta dele e (b) eu nem sei se estou grávida e (c) Chris é a primeira pessoa que eu vou dizer se estou.

— Obrigado por mentir para Chris — eu digo. — Eu realmente não sinto vontade de beber esta noite.

Jonah concorda com a cabeça e me oferece um copo de plástico. Percebo que ele está segurando dois, então pego um dele.

— É refrigerante — diz ele. — Encontrei uma lata enterrada em um dos coolers Tomo um gole e inclino a cabeça para trás. O refrigerante tem um gosto muito melhor do que o álcool.

— Onde está Jenny?

Jonah cutuca a cabeça em direção à casa.

— Tomando shots na mesa. Não pude ficar para assistir.

Eu gemo.

— Eu odeio muito esse jogo.

Jonah ri.

— Como nós dois acabamos com pessoas que são exatamente nossos opostos?

— Você sabe o que dizem. Os opostos se atraem.

Jonah encolhe os ombros. Acho estranho que ele dê de ombros.

Ele olha para mim por um momento, depois desvia o olhar e diz: — Ouvi o que Chris disse a você. Não sei se é por isso que você está aqui, mas espero que saiba que ele não quis dizer isso. Ele está bêbado. Você sabe como ele chega a essas festas.

Eu gosto que Jonah esteja defendendo Chris agora. Mesmo que Chris às vezes seja um pouco insensível, Jonah e eu sabemos que seu coração é maior que o nosso.

— Eu posso ficar brava se ele fizer isso o tempo todo, mas é uma festa de formatura. Entendi, ele está se divertindo e quer que eu me divirta com ele. De certa forma, ele está certo. A Morgan bêbada é muito melhor que a Morgan sóbria.

Jonah me olha intencionalmente.

— Não concordo com isso.

Assim que ele diz isso, puxo meus olhos dos dele e olho para a minha bebida. Faço isso porque tenho medo do que está acontecendo agora. Meu peito está começando a ficar cheio novamente, mas de uma maneira boa desta vez. Esse vazio está sendo substituído por calor, vibração e batimentos cardíacos, e eu odeio isso porque parece que acabei de identificar o que me fez sentir tão vazia nas últimas semanas.

Jonah.

Às vezes, quando estamos sozinhos, ele olha para mim de uma maneira que me faz sentir vazia quando ele desvia o olhar. É um sentimento que nunca tive quando Chris olha para mim.

Essa percepção me assusta até a morte.

Até recentemente, parece que passei a vida inteira sem experimentar esse sentimento, mas agora que o tenho, é como se parte de mim desaparecesse quando o sentimento desaparecesse.

Cubro meu rosto com as mãos. De todas as pessoas do mundo que quero estar por perto, é uma merda perceber que Jonah Sullivan está começando a liderar essa lista.

É como se meu peito estivesse em constante busca pela peça que faltava, e Jonah está segurando-a no punho.

Eu me levanto. Eu preciso me afastar dele. Eu estou apaixonada por Chris, então me sinto desconfortável e com coceira quando estou sozinha com o melhor amigo dele e tendo esses sentimentos. Talvez seja o refrigerante que me faz sentir assim.

Ou o medo de que eu possa estar grávida.

Talvez não tenha nada a ver com Jonah.

Fico parada por cinco segundos quando, do nada, Chris aparece. Seus braços se apertam ao meu redor antes de ele nos empurrar para dentro da piscina. Estou chateada e aliviada, porque precisava me afastar de Jonah, mas agora estou afundando no fundo de uma piscina que eu tinha completamente nenhuma intenção de entrar.

Eu volto à superfície ao mesmo tempo que Chris, mas antes que eu possa gritar com ele, ele me puxa para ele e me beija. Eu o beijo de volta porque é uma distração muito necessária.

— Onde está Jenny? — Chris e eu olhamos para cima, e Jonah está pairando sobre nós, olhando para Chris.

— Não sei — diz Chris.

Jonah revira os olhos.

— Eu pedi para você ficar de olho nela. Ela está bêbada. — Jonah caminha em direção à casa para encontrar Jenny.

— Eu também — diz Chris. — Nunca peça a uma pessoa bêbada que cuide de uma pessoa bêbada! — Chris se move alguns metros até que ele me possa tocar, e então ele me puxa com ele. Ele descansa as costas contra a parede da piscina e me posiciona para que eu esteja segurando seu pescoço, de frente para ele. — Sinto muito pelo que disse anteriormente. Não acho que nenhuma versão sua seja chata.

Eu fecho meus lábios, aliviada por ele ter notado que ele estava sendo um idiota.

— Eu só queria que você se divertisse hoje à noite. Não acho que você esteja se divertindo.

— Estou agora. — Forço um sorriso, porque não quero que ele note a turbulência sob meu rosto. Mas não consigo deixar de me preocupar, não importa o quanto tente adiar até ter certeza. Estou preocupada comigo mesma, por ele, por nós, pela criança que poderemos trazer para este mundo antes que qualquer um de nós esteja pronto. Não podemos permitir isso. Nós não estamos preparados. Eu nem sei se Chris é a pessoa com quem quero passar o resto da minha vida. Definitivamente, é algo que uma pessoa deve ter certeza antes de criar um humano junto.

— Quer saber qual é a minha coisa favorita sobre você? — Chris pergunta. Minha camisa continua flutuando até a superfície, então ele enfia a frente dela no meu jeans. — Você é uma sacrificadora. Eu nem sei se é uma palavra real, mas é isso que você é. Você faz coisas que não deseja fazer para melhorar a vida das pessoas ao seu redor. Como ser a motorista da vez. Isso não faz você ser chata. Isso faz de você uma heroína.

Eu rio. Chris fica fofo quando está bêbado. Às vezes eu zoo ele por isso, mas eu secretamente amo isso.

— Você deveria dizer algo que ama sobre mim agora — diz ele.

Olho para cima e para a esquerda, como se tivesse que pensar muito. Ele aperta minha cintura de brincadeira.

— Eu amo o quão divertido você é — eu digo. — Você me faz rir, mesmo quando me frustra.

Chris sorri e uma covinha aparece no centro do queixo. Ele tem um sorriso tão bom. Se estou grávida e vamos acabar tendo um filho juntos, espero que pelo menos tenha o sorriso de Chris. Essa é a única coisa positiva que consigo pensar que poderia vir dessa situação.

— O que mais? — Ele pergunta.

Eu levanto minha mão e toco sua covinha, totalmente preparada para dizer a ele que amo seu sorriso, mas, em vez disso, digo: — Acho que você será um ótimo pai um dia.

Não sei por que digo isso. Talvez eu esteja testando as águas.

Vendo qual será a reação dele.

Ele ri.

— Inferno, sim, eu serei. Clara vai me amar.

Inclino minha cabeça.

— Clara?

— Minha futura filha. Eu já a nomeei. Ainda trabalhando em um nome de menino, no entanto.

Eu reviro meus olhos.

— E se sua futura esposa odiar esse nome?

Ele desliza as mãos pelo meu pescoço e agarra minhas bochechas.

— Você não vai. — Então ele me beija. E mesmo que o beijo dele não preencha meu peito como a presença de Jonah às vezes, sinto uma reconfortante segurança neste momento. Nas palavras dele. No amor dele por mim.

O que quer que aconteça quando eu finalmente fizer um teste de gravidez amanhã... Estou confiante de que ele vai me apoiar. É apenas o que Chris é.

— Gente, devemos ir — diz Jonah.

Chris e eu nos separamos e olhamos para Jonah. Ele está segurando Jenny. Os braços dela estão ao redor do pescoço dele, e o rosto dela está pressionado contra o peito dele. Ela está gemendo.

— Eu disse a ela para não subir naquela mesa — Chris murmura, saindo da piscina. Ele me ajuda e tiramos o máximo de água possível de nossas roupas antes de irmos para o carro de Jonah. Felizmente, os assentos são de couro. Eu fico no banco do motorista desde que Chris assume que Jonah estava bebendo. Jonah fica no banco de trás com Jenny. Chris está folheando músicas no rádio quando nos afastamos da festa.

Bohemian Rhapsody acaba de começar a tocar em uma das estações, então Chris aumenta e começa a cantar. Alguns segundos depois, Jonah está cantando junto.

Surpreendentemente, eu silenciosamente me junto a eles. Não há como alguém ouvir essa música enquanto dirige e não cantar junto. Mesmo que eles estejam no meio de um susto de gravidez aos dezessete anos de idade, enquanto sentem algo por alguém no

banco de trás de um carro, quando eles devem estar sentindo apenas pela pessoa no banco do passageiro.

CAPÍTULO DOIS

CLARA

Dezessete Anos Depois

Eu lho para o banco do passageiro e me encolho. Como de costume, existem migalhas de uma fonte desconhecida entre o banco de couro. Pego minha mochila e a jogo no banco de trás, junto com uma velha sacola de fast-food e duas garrafas de água vazias. Eu tento jogar as migalhas para longe. Eu acho que pode ser pedaços de pão de banana que Lexie estava comendo na semana passada. Ou poderia ser as migalhas do pãozinho que ela estava comendo no nosso caminho para a escola esta manhã.

Vários papéis de provas estão amassados no meu assoalho. Eu estico a mão para eles, desviando para a vala antes de endireitar o volante e decidir deixar os papéis onde estão. Um carro apresentável não vale a pena morrer.

Quando chego ao sinal de parada, paro e dou a essa decisão a contemplação que ela merece. Eu posso continuar dirigindo em direção a minha casa, onde toda a minha família está se preparando para um dos nossos tradicionais jantares de aniversário. Ou posso dar a ré e voltar em direção ao topo da colina, onde acabei de passar por Miller Adams parado na beira da estrada.

Ele me evitou durante todo o ano passado, mas eu não posso deixar alguém que eu conheço preso nesse calor, não importa o quão estranho possa ser entre nós. Está quase trinta e oito graus lá fora. Estou com o ar condicionado ligado, mas gotas de suor escorrem pelas minhas costas, sendo absorvidas pelo meu sutiã.

Lexie usa o sutiã por uma semana inteira antes de lavá-lo. Ela diz que apenas o enche de desodorante todas as manhãs. Para mim, usar sutiã duas vezes antes de lavá-lo é quase tão ruim quanto usar o mesmo par de roupas íntimas por dois dias seguidos.

Pena que não aplico no carro a mesma filosofia de limpeza que aplico nos sutiãs.

Farejo o ar e meu carro cheira a mofo. Eu discuto pulverizar um pouco do desodorante que mantenho no console, mas se eu decidir virar o carro e oferecer uma carona a Miller, meu carro vai cheirar a desodorante acabado de usar e não tenho certeza do que é pior. Um carro que facilmente cheira a mofo ou um carro que propositadamente cheira desodorante fresco para cobrir o cheiro de mofo.

Não que eu esteja tentando impressionar Miller Adams. É difícil para mim me preocupar com a opinião de um cara que parece se esforçar para me evitar. *Mas me preocupo, por algum motivo.*

Eu nunca disse isso a Lexie porque me envergonha, mas no começo deste ano, Miller e eu fomos designados para armários um ao lado do outro. Isso durou duas horas antes de Charlie Banks começar a usar o armário de Miller. Perguntei a Charlie se seu armário havia sido transferido e ele me disse que Miller lhe ofereceu vinte dólares para trocar de armário.

Talvez não tivesse nada a ver comigo, mas parecia pessoal. Não tenho certeza do que fiz para fazê-lo não gostar de mim, e tento não me importar com seus sentimentos por trás de me evitar. Mas eu não gosto que ele não goste de mim, então eu vou ser amaldiçoada se eu deixar passar e oferecer validação aos seus sentimentos, porque *eu sou legal, caramba!* Eu não sou essa pessoa terrível que ele parece pensar que eu sou.

Eu dou a volta. Eu preciso que a impressão dele mude, mesmo que seja apenas por razões egoístas.

Quando me aproximo do topo da colina, Miller está parado ao lado de uma placa de trânsito, segurando seu celular. Não sei onde está o carro dele, e ele certamente não está nessa estrada porque está fazendo uma corrida casual. Ele está vestindo um jeans azul desbotado e uma camiseta preta, cada uma com uma sentença de

morte própria nesse calor, mas... emparelhados juntos? Insolação é uma maneira estranha de querer morrer, mas cada um na sua.

Ele está me olhando enquanto eu dou a volta no meu carro e paro atrás dele. Ele está a cerca de um metro e meio da frente do meu carro, para que eu possa ver o sorriso em seu rosto quando ele desliza o celular no bolso de trás e olha para mim.

Não sei se Miller percebe o que sua atenção (ou falta dela) pode fazer com uma pessoa.

Quando ele olha para você, ele faz isso de uma maneira que faz você se sentir como a coisa mais interessante que ele já viu. Ele coloca todo o seu corpo no olhar, de alguma forma. Ele se inclina para a frente, as sobrancelhas franzidas, curiosas, ele acena com a cabeça, ouve, ri e franze a testa. Suas expressões enquanto ele ouve as pessoas são cativantes. Às vezes eu o observo de longe enquanto ele conversa com as pessoas – secretamente invejosa por estarem recebendo sua atenção extasiada. Eu sempre me perguntei como seria uma conversa completa com ele. Miller e eu nunca tivemos uma conversa cara a cara, mas houve momentos em que o peguei olhando para mim no passado, e mesmo um simples olhar de um segundo de sua atenção pode me fazer arrepiar.

Estou começando a pensar que talvez não devesse ter feito a volta, mas fiz e estou aqui, então abro a janela e engulo os nervos. — Vai demorar pelo menos uns treze dias até que outra pessoa passe. Precisa de uma carona?

Miller olha para mim por um momento, depois olha para trás na estrada vazia, como se estivesse esperando por uma opção melhor. Ele limpa o suor da testa; então seu foco se concentra na placa que ele está segurando.

A antecipação no meu estômago é um sinal claro de que me importo muito com a opinião de Miller Adams, tanto quanto posso tentar me convencer de que não me importo.

Eu odeio que as coisas sejam estranhas entre nós, mesmo que nada tenha acontecido que eu saiba que as tornaria estranhas. Mas a maneira como ele me evita faz parecer que tivemos problemas no passado, quando na verdade não tivemos nenhuma interação. É

quase como terminar com um cara e depois não saber como fazer amizade com ele após o rompimento.

Por mais que eu desejasse não querer saber nada sobre ele, é difícil não querer atenção dele, porque ele é único. E fofo. Especialmente agora, com o boné dos Rangers virado para trás e mechas de cabelos escuros espreitando por baixo dele. Ele está precisando urgentemente de um corte de cabelo. Ele geralmente o mantém mais curto, mas eu notei quando voltamos de férias que ficou muito mais longo no verão. Eu gosto assim. Também gosto curto.

Merda. Eu tenho prestado atenção no *cabelo* dele? Sinto que subconscientemente me traí.

Ele tem um pirulito na boca, o que não é incomum. Eu acho divertido o vício dele em pirulitos, mas também exala uma vibração arrogante. Eu não acho que caras inseguros andariam por aí comendo doces tanto quanto ele, mas ele sempre aparece na escola com um pirulito e geralmente tem um na boca no final do almoço.

Ele puxa o pirulito da boca e lambe os lábios, e eu sinto cada pedacinho da garota de dezesseis anos suada que eu sou agora.

— Você pode vir aqui por um segundo? — Ele pergunta.

Estou disposta a ajudá-lo, mas sair nesse calor não fazia parte do plano.

— Não. Está quente.

Ele acena com a mão para mim.

— Levará apenas alguns minutos. Depressa, antes que eu seja pego.

Eu realmente não quero sair do meu carro. Estou me lamentando por ter virado o carro, mesmo que finalmente esteja conseguindo ter a conversa com ele que sempre quis.

Estou em um empate, no entanto. A conversa com Miller é no mesmo nível da explosão fria do ar condicionado do meu carro, então reviro os olhos dramaticamente antes de sair do veículo. Eu preciso que ele entenda o enorme sacrifício que estou fazendo.

O óleo fresco da calçada gruda no fundo dos meus chinelos. Essa estrada está em construção há vários meses e tenho certeza

de que meus sapatos agora estão arruinados por causa disso.

Eu levanto um dos meus pés e olho para a parte inferior do meu chinelo, gemendo.

— Estou te enviando uma conta para comprar sapatos novos.

Ele olha para os meus chinelos questionáveis.

— Esses não são sapatos.

Olho para a placa que ele está segurando. É a placa de limite da cidade, mantida ereta por uma plataforma de madeira improvisada. A plataforma é sustentada por dois enormes sacos de areia. Por causa da construção da estrada, nenhuma das placas dessa estrada está cimentada no chão.

Miller enxuga gotas de suor da testa e depois se abaixa e levanta um dos sacos de areia, estendendo-o para mim.

— Leve isso e me siga.

Eu resmungo quando ele deixa cair o saco de areia nos meus braços.

— Te seguir para onde?

Ele inclina a cabeça na direção de onde eu vim.

— Cerca de seis metros. — Ele coloca o pirulito de volta na boca, pega o outro saco de areia e o joga sem esforço por cima do ombro, depois começa a arrastar a placa atrás dele. A plataforma de madeira arranha a calçada e pequenos pedaços de madeira se partem.

— Você está roubando a placa de limite da cidade?

— Não. Apenas movendo.

Ele continua andando enquanto eu fico parada, olhando para ele enquanto ele arrasta a placa. Os músculos de seus antebraços estão tensos, e isso me faz pensar em como o resto de seus músculos se parece sob tanta tensão. *Pare com isso, Clara!* O saco de areia está deixando meus braços doloridos, e a luxúria está destruindo meu orgulho, então eu relutantemente começo a segui-lo a seis metros.

— Eu só estava pensando em lhe oferecer uma carona, — digo na parte de trás de sua cabeça. — Eu nunca pretendi ser cúmplice do que quer que isso seja.

Miller coloca a placa na vertical, coloca o saco de areia nas ripas de madeira e tira o outro saco dos meus braços. Ele o coloca no lugar e endireita a placa para que fique na direção certa. Ele tira o pirulito da boca e sorri.

— Perfeito. Obrigado. — Ele passa a mão no jeans. — Posso pegar uma carona para casa? Juro que ficou dez graus mais quente na minha caminhada até aqui. Eu deveria ter trazido minha caminhonete.

Aponto para a placa. — Por que nós apenas movemos essa placa?

Ele vira o boné e puxa a ponta para baixo para bloquear mais o sol. — Eu moro a cerca de um quilômetro e meio, — diz ele, jogando o polegar por cima do ombro. — Minha pizzaria favorita não entrega fora dos limites da cidade, por isso tenho movido essa placa um pouco toda semana. Estou tentando levá-la para o outro lado da nossa garagem antes que eles terminem a construção e cimentem de volta ao chão.

— Você está mudando o limite da cidade? Por pizza?

Miller começa a andar em direção ao meu carro.

— É apenas um quilômetro.

— Não é ilegal mexer com placas de trânsito?

— Talvez. Eu não sei.

Eu começo a segui-lo.

— Por que você está mexendo um pouco de cada vez? Por que não movê-la para o outro lado da sua garagem agora?

Ele abre a porta do passageiro. — Se eu movê-la de pouco em pouco, é mais provável que passe despercebido.

Bom ponto.

Quando entramos no meu carro, tiro meus chinelos estragados e ligo o ar condicionado.

Meus papéis amassam sob os pés de Miller enquanto ele prende o cinto de segurança. Ele se abaixa e pega os papéis, depois passa por eles e lê minhas notas.

— Tudo A, — diz ele, movendo a pilha de papéis para o banco de trás. — Isso é natural ou você estuda muito?

— Uau, você é curioso. E é um pouco dos dois. — Começo a virar o carro para a estrada quando Miller abre o console e espia dentro. Ele é como um filhote curioso. — O que você está fazendo?

Ele pega minha lata de desodorante. — Para emergências? — Ele sorri e abre a tampa, farejando-a. — Cheira bem. — Ele o coloca de volta no console, depois pega um maço de chiclete e pega um pedaço, depois me oferece um. *Ele está me oferecendo um pedaço do meu próprio chiclete.*

Balanço a cabeça, observando enquanto ele inspeciona meu carro com uma curiosidade rude. Ele não come chiclete porque ainda tem um pirulito na boca, então ele o coloca no bolso e começa a folhear músicas no meu rádio.

— Você é sempre tão intrometido?

— Eu sou filho único. — Ele diz como se fosse uma desculpa. — O que você está ouvindo?

— Minha playlist está no modo aleatório, mas essa música em particular é de Greta Van Fleet.

Ele aumenta o volume assim que a música termina, então nada está tocando.

— Ela é boa?

— Não é *ela*. É uma banda de rock.

O riff de abertura da próxima música soa através dos alto-falantes, e um enorme sorriso se espalha pelo rosto dele.

— Eu estava esperando algo um pouco mais suave! — Ele grita.

Olho para a estrada e me pergunto se é assim que Miller Adams é o tempo todo.

Aleatório, intrometido, talvez até hiper. Nossa escola não é enorme, mas ele é do último ano, então não tenho aulas com ele. Mas eu o conheço bem o suficiente para reconhecer sua fuga de mim. Eu nunca estive nesse tipo de situação com ele. De perto e pessoal. Não tenho certeza do que estava esperando, mas não é isso.

Ele pega algo escondido entre o console e seu assento, mas antes que eu perceba o que é, ele já está abrindo. Pego-o e jogo no banco de trás.

— O que era aquilo? — Ele pergunta.

É uma pasta com todos as minhas aplicações para a faculdade, mas não quero discutir isso, porque é um grande ponto de discórdia entre meus pais e eu.

— Não é nada.

— Parecia uma aplicação de faculdade para um departamento de teatro. Você já está enviando aplicações de faculdade?

— Você é seriamente a pessoa mais intrometida que eu já conheci. E não. Estou apenas coletando eles porque quero estar preparada. — *E escondendo-os no meu carro, porque meus pais enlouqueceriam se soubessem o quão séria eu estou sobre atuar.*

— Você ainda não fez a matrícula em nenhum lugar?

— Sim. Escola de cinema. — A boca de Miller se curva em um sorriso.

Agora ele está apenas sendo ridículo.

Ele começa a bater as mãos no meu painel ao ritmo da música. Estou tentando manter meus olhos na estrada, mas me sinto atraída por ele. Em parte porque ele é fascinante, mas também porque eu sinto que ele precisa de uma babá.

De repente, ele se senta com a coluna ereta, e isso me deixa tensa porque não tenho ideia do que o assustou. Ele tira o celular do bolso de trás para atender uma ligação que não ouvi através da música. Ele aperta o botão liga/desliga no meu aparelho de som e tira o pirulito da boca. Quase não resta nada dele. Apenas um pequeno pedaço vermelho.

— Ei, amor — diz ele ao telefone.

Amor? Eu tento não revirar os olhos.

Deve ser Shelby Phillips, a namorada dele. Eles estão namorando há cerca de um ano.

Ela costumava ir à nossa escola, mas se formou no ano passado e estuda cerca de 45 minutos daqui. Não tenho nenhum problema com Shelby, mas também nunca interagi com ela. Ela é dois anos mais velha que eu e, embora dois anos não sejam nada na idade adulta, dois anos são muito nos anos do ensino médio. Saber que Miller está namorando uma universitária me faz afundar um pouco no meu assento. Não sei por que isso me faz sentir

inferior, como se frequentar a faculdade automaticamente tornasse uma pessoa mais intelectual e interessante do que uma aluna do ensino médio poderia ser.

Eu mantenho meus olhos na estrada, mesmo que eu queira conhecer cada expressão que ele faz enquanto está neste telefonema. Não sei porque.

— A caminho da minha casa. — Ele faz uma pausa para a resposta dela e depois diz: — Pensei que fosse amanhã à noite. — Outra pausa. Então: — Você acabou de passar na minha garagem.

Leva um segundo para perceber que ele está falando comigo. Eu olho para ele, e ele colocou a mão no celular.

— Aquela foi a entrada da minha garagem lá atrás.

Eu piso no freio. Ele segura o banco com a mão esquerda e murmura — Merda. — com uma risada.

Eu estava tão envolvida em escutar sua conversa que esqueci o que estava fazendo.

— Não, — diz Miller ao telefone. — Fui passear e ficou muito quente, então peguei uma carona para casa.

Eu posso ouvir Shelby do outro lado da linha dizer:

— Quem te deu uma carona?

Ele olha para mim um pouco e depois diz:

— Um cara. Eu não sei. Te ligo mais tarde?

Um cara? Alguém tem problemas de confiança.

Miller termina a ligação no momento em que estou entrando na entrada da garagem dele.

É a primeira vez que vejo a casa dele. Eu sabia onde ele morava, mas nunca coloquei os olhos na casa devido às fileiras de árvores que alinham a entrada da garagem, escondendo o que está além do cascalho branco.

Não é o que eu esperava.

É uma casa antiga, muito pequena, emoldurada em madeira e com muita necessidade de pintura. A varanda da frente tem um balanço e duas cadeiras de balanço, que são as únicas coisas neste lugar que atraem a atenção.

Há um velho caminhão azul na garagem e outro carro – não tão velho, mas de alguma forma em pior estado que a casa – que fica à

direita da casa em blocos de concreto, ervas daninhas crescem nas laterais, engolindo a moldura.

Estou meio surpresa com isso. Não sei porque. Acho que imaginei que ele morava em uma casa grandiosa com uma lagoa no quintal e uma garagem para quatro carros. As pessoas da nossa escola podem ser severas e parecem julgar a popularidade de uma pessoa na combinação de aparência e dinheiro, mas talvez a personalidade de Miller compense sua falta de dinheiro, porque ele parece popular. Eu nunca conheci alguém que falasse negativamente sobre ele.

— Não é o que você estava esperando?

Suas palavras me irritam. Paro o carro quando chego ao final da entrada e faço o possível para fingir que nada em sua casa me choca. Eu mudo de assunto completamente, olhando para ele com olhos estreitados.

— Um *cara*? — Eu pergunto, circulando de volta para como ele se referiu a mim em seu telefonema.

— Não estou dizendo à minha namorada que peguei uma carona com você — diz ele. — Vai se transformar em um interrogatório de três horas.

— Parece um relacionamento divertido e saudável.

— É quando eu não estou sendo interrogado.

— Se você odeia tanto ser interrogado, talvez não deva mexer com o limite da cidade.

Ele está fora do carro quando digo isso, mas se inclina para me olhar antes de fechar a porta.

— Não vou mencionar que você foi cúmplice se prometer não mencionar que estou ajustando o limite da cidade.

— Me compre novos chinelos e vou esquecer que hoje aconteceu.

Ele sorri como se eu o divertisse, depois diz:

— Minha carteira está lá dentro. Me siga.

Eu estava apenas brincando, e com base nas condições da casa em que ele mora, não vou receber dinheiro dele. Mas parece que de alguma forma desenvolvemos esse relacionamento sarcástico, por isso, se de repente eu me tornar simpática e recusar

o dinheiro dele, acho que pode soar como um insulto. Não me importo de insultá-lo de brincadeira, mas não quero *realmente* insultá-lo. Além disso, não posso protestar porque ele já está caminhando em direção a sua casa.

Deixo meus chinelos no carro, não querendo levar piche para sua casa, e sigo-o descalça pelos degraus rangentes, percebendo a madeira podre no segundo degrau. Eu pulo esse degrau.

Ele percebe.

Quando entramos na sala, Miller descarta seus sapatos asfaltados na porta da frente.

Estou aliviada ao ver o interior da casa está em condições melhores do que o exterior. É limpo e organizado, mas a decoração está cruelmente presa nos anos sessenta. Os móveis são mais antigos. Um sofá de feltro laranja com o seu cobertor caseiro padrão, pendurado na parte de trás, de frente a uma parede. Duas cadeiras verdes de aparência extremamente desconfortável estão de frente uma para a outra. Eles parecem ser de meados do século XX mas não de uma maneira moderna. Muito pelo contrário, na verdade. Sinto que esses móveis não foram trocados desde que foram comprados, muito antes de Miller nascer.

A única coisa que parece relativamente nova é uma poltrona reclinável voltada para a televisão, mas seu ocupante parece mais velho que os móveis. Só consigo ver uma parte do perfil dele e o topo da cabeça careca e enrugada, mas o pouco de cabelo que ele tem é um prateado brilhante. Ele está roncando.

Está quente aqui dentro. Quase mais quente do que lá fora. O ar que estou sugando suavemente é quente e cheira a gordura de bacon. A janela da sala está aberta, ladeada por dois ventiladores oscilantes apontados para o homem. Avô de Miller, provavelmente. Ele parece velho demais para ser seu pai.

Miller passa pela sala e se dirige para um corredor. Começa a pesar em mim, o fato de eu estar seguindo ele para pegar seu dinheiro. Foi só uma piada. Agora parece um show extremamente patético do meu personagem.

Quando chegamos ao seu quarto, ele empurra a porta, mas eu permaneço no corredor.

Sinto uma brisa varrer seu quarto e me alcançar. Ela levanta o cabelo do meu ombro e, embora a brisa esteja quente, sinto alívio nela.

Meus olhos passam pelo quarto de Miller. Novamente, não lembra a condição de fora de sua casa. Há uma cama, em tamanho grande, nivelada contra a parede oposta. *Ele dorme lá.*

Bem ali, naquela cama, jogado nos lençóis brancos à noite. Eu me forço a desviar o olhar da cama, olhando para um enorme cartaz dos Beatles pendurado onde uma cabeceira normalmente estaria. Gostaria de saber se Miller é um fã de música antiga, ou se o pôster está aqui desde os anos sessenta, como os móveis da sala de estar. A casa é tão antiga que eu não duvidaria que esse fosse o quarto de seu avô quando adolescente.

Mas o que realmente me chama a atenção é a câmera na penteadeira dele. Não é uma câmera barata. E há várias lentes de tamanhos diferentes ao lado. É algo que faria um fotógrafo amador ter inveja.

— Você gosta de fotografia?

Ele segue minha linha de visão para a câmera.

— Eu gosto. — Ele abre a gaveta superior de sua cômoda. — Mas minha paixão é cinema. Eu quero ser diretor. — Ele olha para mim. — Eu mataria para ir para a UT, mas duvido que consiga uma bolsa de estudos. Então é a faculdade comunitária.

Eu pensei que ele estava tirando sarro de mim no carro, mas agora que estou olhando em volta do quarto dele, está afundando que ele realmente pode estar me dizendo a verdade. Há uma pilha de livros ao lado da cama dele. Um deles é de Sidney Lumet, chamado *Making Movies*. Eu ando e o pego, folheando.

— Você é realmente intrometida — ele me imita.

Reviro os olhos e largo o livro.

— A faculdade comunitária tem um departamento de cinema?

Ele balança a cabeça.

— Não. Mas pode ser um trampolim para algum lugar que tenha. — Ele se aproxima de mim, segurando uma nota de dez dólares entre os dedos. — Esses sapatos custam cinco dólares no Walmart. Faça a festa.

Eu hesito, não querendo mais pegar o dinheiro dele. Ele vê minha hesitação. Isso o faz suspirar, frustrado; então ele revira os olhos e enfia a nota no bolso esquerdo da frente do meu jeans.

— A casa é uma merda, mas não estou sem dinheiro. Pegue o dinheiro.

Eu engulo em seco.

Ele acabou de enfiar os dedos no meu bolso. E ainda posso senti-los, mesmo que eles não estejam mais lá.

Eu limpo minha garganta e forço um sorriso.

— Prazer em fazer negócios com você.

Ele inclina a cabeça.

— Foi mesmo? Porque você parece culpada pra caramba por pegar meu dinheiro.

Eu geralmente sou uma atriz melhor do que isso. Estou me decepcionando.

Eu ando em direção a sua porta, mesmo que eu adoraria ver melhor o quarto dele.

— Nenhuma culpa aqui. Você arruinou meus sapatos. Você me devia. — Saio de seu quarto e começo a andar pelo corredor, não esperando que ele me siga, mas ele segue. Quando chego à sala, paro. O velho não está mais na poltrona reclinável. Ele está na cozinha, parado ao lado da geladeira, tirando a tampa de uma garrafa de água. Ele me olha com curiosidade enquanto toma um gole.

Miller passa por mim.

— Você tomou seus remédios, vovô?

Ele o chama de vovô. É meio adorável.

Vovô olha para Miller com um revirar de olhos. — Eu os tomo todos os dias desde que sua avó saiu da cidade. Eu não sou inválido.

— *Ainda* — brinca Miller. — E vovó não saiu da cidade. Ela morreu de ataque do coração.

— De qualquer maneira, ela me deixou.

Miller me olha por cima do ombro e pisca. Não sei para que serve essa piscadela. Talvez para aliviar o fato de o vovô parecer um pouco com o Sr. Epaminondas e Miller estar me assegurando

que ele é inofensivo. Estou começando a pensar que é daí que Miller recebeu seu sarcasmo.

— Você é uma chatice, — vovô murmura. — Vinte dólares dizem que eu vivo mais que você e toda a sua geração de ganhadores do prêmio Darwin.

Miller ri.

— Cuidado, vovô. Seu lado mau está aparecendo.

Vovô me olha por um momento, depois olha de novo para Miller. — Cuidado, Miller. Sua infidelidade está aparecendo.

Miller ri desse golpe, mas estou meio envergonhada com isso. — Cuidado, vovô. Suas varizes estão aparecendo.

Vovô joga a tampa da garrafa de água e atinge Miller na bochecha. — Estou revogando sua parte da minha herança.

— Vai em frente. Você sempre diz que a única coisa que tem qualquer valor é o ar.

Vovô dá de ombros. — Ar que você não herdaré agora.

Eu finalmente dou risada. Eu não tinha certeza de que as brincadeiras eram amigáveis antes do arremesso da tampa.

Miller pega a tampa e a segura na palma da mão. Ele faz um gesto em minha direção.

— Essa é Clara Grant. Ela é uma amiga minha da escola.

Uma amiga? *Ok*. Eu dou um pequeno aceno ao vovô.

— Prazer em conhecê-lo.

Vovô inclina a cabeça um pouco para baixo, olhando para mim com muita seriedade.

— Clara Grant?

Eu concordo com a cabeça.

— Quando Miller tinha seis anos, ele cagou nas calças no supermercado porque o lavador automático nos banheiros públicos o aterrorizava.

Miller geme e abre a porta da frente, olhando para mim.

— Eu deveria saber que não deveria trazê-la para dentro. — Ele faz um gesto para eu sair, mas eu não saio.

— Eu não sei se estou pronta para sair, — eu digo, rindo. — Eu meio que quero ouvir mais histórias do vovô.

— Eu tenho bastante — diz Vovô. — De fato, você provavelmente vai adorar essa. Eu tenho um vídeo de quando ele tinha quinze anos e estávamos na escola...

— Vovô! — Miller dispara, cortando-o rapidamente. — Tire um cochilo. Faz cinco minutos desde o seu último. — Miller pega meu pulso e me puxa para fora de casa, fechando a porta atrás dele.

— Espera. O que aconteceu quando você tinha quinze anos? — Espero que ele termine essa história, porque preciso saber.

Miller balança a cabeça e realmente parece um pouco envergonhado.

— Nada. Ele inventa merdas.

Eu sorrio.

— Não, acho que *você é quem está* inventando merda. Eu preciso dessa história.

Miller coloca a mão no meu ombro e me leva em direção aos degraus da varanda.

— Você nunca vai saber. Nunca.

— Você não está ciente da minha persistência. E eu gosto do seu avô. Eu posso começar a visitá-lo, — provoco. — Depois que o limite da cidade for mudado, pedirei uma pizza de pepperoni e abacaxi e ouvirei seu avô contar histórias embaraçosas sobre você.

— *Abacaxi? Na pizza?* — Miller balança a cabeça, fingindo decepção. — Você não é mais bem-vinda aqui.

Desço os degraus, pulando o apodrecido novamente. Quando estou segura na grama, eu me viro.

— Você não pode ditar de quem eu sou amiga. E abacaxi na pizza é delicioso. É a combinação perfeita de doce e salgado. — Pego meu celular. — Seu avô têm Instagram?

Miller revira os olhos, mas ele está sorrindo.

— Vejo você na escola, Clara. Nunca mais volte para minha casa.

Estou rindo enquanto volto para o meu carro. Quando abro a porta do carro e me viro, Miller está olhando para o celular. Ele não olhou para mim uma vez. Quando ele desaparece dentro de sua casa, uma notificação do Instagram aparece no meu celular.

Miller Adams começou a te seguir.

Eu sorrio.

Talvez tudo esteja na minha cabeça.

Antes mesmo de sair da garagem, estou discando o número da tia Jenny.

CAPÍTULO TRÊS

MORGAN

— Morgan, pare. — Jenny puxa a faca da minha mão e me afasta da tábua. — É seu aniversário. Você não deveria fazer nenhum trabalho.

Inclino meu quadril no balcão e a vejo começar a cortar o tomate. Eu tenho que morder minha língua porque ela está cortando o tomate muito grosso. A irmã mais velha em mim ainda quer dominá-la e corrigi-la, mesmo nos nossos trinta anos.

Mas sério, no entanto. Eu poderia cortar três fatias de tomate de uma dela.

— Pare de me julgar — diz ela.

— Eu não estou te julgando.

— Sim, você está. Você sabe que eu não cozinho.

— É por isso que eu estava me oferecendo para cortar o tomate.

Jenny segura a faca como se ela fosse me cortar. Eu levanto as mãos defensivas e depois me sento no balcão ao lado dela.

— Então, — Jenny diz, me olhando de lado. Eu posso dizer pelo tom de sua voz que ela está prestes a dizer algo que ela sabe que eu vou discordar. — Jonah e eu decidimos nos casar.

Surpreendentemente, não tenho reação externa a esse comentário. Mas por dentro, essas palavras parecem garras, esvaziando meu estômago. — Ele te pediu em casamento?

Ela abaixa a voz para um sussurro porque Jonah está na sala de estar.

— Na verdade não. Foi mais uma discussão. Faz sentido que seja nosso próximo passo.

— Essa é a coisa menos romântica que eu já ouvi.

Jenny estreita os olhos para mim.

— Como se seu pedido tivesse sido diferente?

— Touché. — Eu odeio quando ela tem bons pontos. Mas ela está certa. Não houve um pedido sofisticado – ou mesmo um pedido *simples*. No dia seguinte ao que eu disse a Chris que estava grávida, ele disse: "*Bem, acho que deveríamos nos casar*".

Eu disse: "*Sim, eu acho*".

E foi isso.

Estamos casados há dezessete anos agora, então não sei por que estou julgando Jenny pela situação em que ela se meteu. Parece diferente. Jonah e Chris são duas pessoas completamente diferentes, e pelo menos Chris e eu estávamos em um relacionamento quando engravidei. Eu nem tenho certeza do que está acontecendo com Jonah e Jenny. Eles não se falavam desde o verão depois que ele se formou, e agora ele está de volta em nossas vidas e potencialmente em nossa família?

O pai de Jonah morreu no ano passado e, embora nenhum de nós o tivesse visto ou falado há anos, Jenny decidiu ir ao funeral. Eles acabaram tendo uma noite, mas depois ele voltou para casa em Minnesota no dia seguinte. Um mês depois, ela descobriu que estava grávida.

Vou dar isso ao Jonah: ele fez o certo. Ele deu um nó na vida em Minnesota e voltou para cá um mês antes da data do parto da Jenny. É verdade que isso foi há apenas três meses, então eu acho que minha hesitação vem mais do fato de não saber quem é Jonah neste momento de sua vida. Eles namoraram por dois meses quando Jenny estava no ensino médio, e agora ele se mudou pelo país para criar um filho com ela.

— Quantas vezes vocês dois já fizeram sexo?

Jenny me olha chocada, como se minha pergunta fosse muito intrusiva.

Eu reviro meus olhos.

— Ah, pare de agir de maneira modesta. Estou falando sério. Você ficou com ele uma noite e não o viu até que você estava grávida de nove meses. Você já foi liberada pelo seu médico?

Jenny assente.

— Semana passada.

— E? — Eu pergunto, esperando que ela responda à minha pergunta.

— Três vezes.

— Incluindo o caso de uma noite?

Ela balança a cabeça.

— Quatro, eu acho. Ou... bem... *cinco*. Aquela noite conta duas vezes.

Uau. Eles são praticamente estranhos.

— Cinco vezes? E agora você está *casando com* ele?

Jenny terminou de cortar os tomates. Ela os coloca no prato e começa a fatiar uma cebola.

— Não é como se acabássemos de nos conhecer. Você gostava de Jonah quando eu o namorei no ensino médio. Não entendo por que você tem um problema com isso agora.

Eu recuo.

— Uh... vamos ver. Ele te largou, mudou-se para Minnesota no dia seguinte, desapareceu por dezessete anos e agora de repente quer se comprometer com você pelo resto da vida? Acho estranho que você ache a minha reação estranha.

— Temos um filho juntos, Morgan. Não é a mesma razão que você está casada com Chris há dezessete anos?

Lá vai ela, trazendo outro bom ponto.

Seu celular toca, então ela limpa as mãos e a tira do bolso.

— Falando em filho. — Ela atende o celular. — Ei, Clara.

Ela está no viva-voz, então dói quando ouço Clara dizer:

— Você não está com minha mãe, está?

Os olhos de Jenny se arregalam em minha direção. Ela começa a recuar em direção à porta da cozinha.

— Não. — Jenny tira o telefone do viva-voz e desaparece na sala de estar.

Não me incomoda que Clara sempre ligue para minha irmã para pedir conselhos, em vez de me perguntar. O problema é que Jenny não tem idéia de como dar conselhos a Clara. Ela passou os

vinte anos festejando, tendo dificuldades na escola de enfermagem e vindo até mim quando precisava de um lugar para ficar.

Normalmente, quando Clara liga para Jenny com algo importante que Jenny não sabe responder, ela dá uma desculpa para desligar e depois me liga e retransmite tudo. Digo a ela o que dizer a Clara; depois ela liga de volta para Clara e transmite o conselho como se viesse dela.

Gosto disso, embora prefira que Clara me pergunte. Mas entendo. Eu sou mãe dela.

Jenny é a tia legal. Clara não quer que eu saiba sobre certas coisas, e eu entendo. Ela morreria se soubesse que eu estou ciente de alguns de seus segredos. Como quando ela pediu a Jenny para marcar uma consulta para tomar anticoncepcional há alguns meses atrás, *só por precaução*.

Pulo do balcão e continuo cortando a cebola. A porta da cozinha se abre e Jonah entra.

Ele inclina a cabeça na direção da tábua. — Jenny me disse que eu tenho que assumir, porque você não tem permissão para fazer nada.

Reviro os olhos e largo a faca, saindo do caminho dele.

Olho para a sua mão esquerda, imaginando como será a aliança no dedo anelar. É difícil para mim imaginar Jonah Sullivan comprometendo-se com alguém. Eu ainda não consigo acreditar que ele está de volta em nossas vidas, e agora ele está aqui, na minha cozinha, cortando cebolas em uma tábua que foi dada a mim e Chris no casamento que Jonah nem compareceu.

— Você está bem?

Eu olho para Jonah. Sua cabeça está inclinada, seus olhos de cobalto cheios de curiosidade enquanto ele espera que eu responda. Tudo dentro de mim parece engrossar – meu sangue, minha saliva, meu ressentimento.

— Sim. — Eu lanço um sorriso rápido. — Estou bem.

Eu preciso focar em outra coisa – *qualquer* outra coisa. Vou até a geladeira e abro, fingindo procurar algo. Eu tenho evitado com sucesso a conversa individual com ele desde que ele voltou. Não

estou com vontade de fazer isso agora. Especialmente no meu aniversário.

A porta da cozinha se abre e Chris entra com uma panela de hambúrgueres frescos da grelha. Eu fecho a geladeira e olho para a porta da cozinha, que continua balançando para frente e para trás atrás dele.

Eu odeio essa porta mais do que qualquer outra parte desta casa.

Sou grata pela casa, não me interpretem mal. Os pais de Chris nos deram como presente de casamento quando se mudaram para a Flórida. Mas é a mesma casa em que Chris cresceu, e seu pai e seu avô. A casa é um marco histórico, completo com a pequena placa branca em frente. Foi construída em 1918 e me lembra diariamente que tem mais de um século. As tábuas barulhentas, o encanamento que precisa constantemente de reparos.

Mesmo depois de reformarmos seis anos atrás, a idade ainda grita a qualquer chance.

Chris queria manter a planta original após a reforma, portanto, embora muitos equipamentos sejam novos, não ajuda que todos os cômodos desta casa sejam isolados e fechados de todos os outros cômodos. Eu queria um piso plano aberto. Às vezes sinto que não consigo respirar nesta casa com todas essas paredes.

Certamente não posso escutar a conversa de Jenny e Clara como gostaria.

Chris coloca a panela de hambúrguer no fogão.

— Tenho que pegar o resto, e então estará pronto. Clara está quase em casa?

— Eu não sei — eu digo. — Pergunte a Jenny.

Chris levanta as sobrancelhas, sentindo meu ciúme. Ele sai da cozinha e a porta continua a balançar. Jonah para com o pé e depois volta a cortar os legumes.

Mesmo que nós quatro costumávamos ser melhores amigos, às vezes Jonah parece um estranho para mim. Ele parece basicamente o mesmo, mas há diferenças sutis. Quando éramos adolescentes, seu cabelo era mais comprido. Por tanto tempo, às vezes ele puxava para trás em um rabo de cavalo. Agora é curto e

um marrom mais rico. Ele perdeu algumas das listras cor de mel que apareceriam no final de cada verão, mas a cor mais escura apenas ressalta ainda mais o azul em seus olhos. Seus olhos sempre foram gentis, mesmo quando ele estava bravo. O único momento em que você percebia que ele estava chateado era quando seu queixo angular ficava tenso.

Chris é o seu oposto. Ele tem cabelos loiros, olhos cor de esmeralda e um queixo que ele não esconde atrás de barba por fazer. O trabalho de Chris exige que ele tenha um corte limpo, então sua pele lisa o faz parecer anos mais jovem do que ele realmente é. E ele tem essa adorável covinha que aparece no centro do queixo quando ele sorri. Adoro quando ele sorri, mesmo depois de todos esses anos de casamento.

Quando comparo os dois, é difícil acreditar que Jonah e Chris tenham 35 anos. Chris ainda tem um rosto de bebê e poderia passar por estar na casa dos vinte anos. Jonah parece ter trinta e cinco anos e parece ter crescido vários centímetros, mesmo desde o colegial.

Isso me faz pensar em quão diferente eu pareço agora do que na adolescência. Gostaria de pensar que ainda pareço tão jovem quanto Chris, mas certamente me sinto muito mais velha do que trinta e três.

Bem. Trinta e *quatro* agora.

Jonah passa por mim para pegar um prato do armário. Ele olha para mim quando ele passa e mantém seu olhar. Eu posso dizer pelo olhar em seu rosto que ele tem algo a dizer, mas ele provavelmente não diz isso porque está sempre dentro de sua cabeça. Ele pensa mais do que fala.

— O quê? — Eu olho para ele, esperando por uma resposta.

Ele balança a cabeça e se vira.

— Nada. Deixa pra lá.

— Você não pode me olhar assim e não me dizer o que estava prestes a dizer.

Ele suspira, ainda de costas para mim enquanto pega o alface e enfia a faca nele.

— É seu aniversário. Não quero falar disso no seu aniversário.

— Tarde demais para isso.

Ele me encara novamente com um olhar hesitante nos olhos, mas ele admite e me conta seus pensamentos.

— Você mal falou comigo desde que voltei.

Uau. Ele vai direto ao ponto. Eu posso sentir meu peito e pescoço aquecer pelo constrangimento. Eu limpo minha garganta.

— Estou falando com você agora.

Jonah aperta os lábios, como se estivesse tentando permanecer paciente comigo.

— É diferente. As coisas parecem diferentes. — Suas palavras caem na cozinha, e eu quero evitá-las, mas a cozinha é muito pequena.

— Diferente de quê?

Ele limpa as mãos em um pano de prato.

— De como costumava ser. Antes de eu ir embora. Costumávamos conversar o tempo todo.

Eu quase dou risada desse comentário ridículo. Claro que as coisas estão diferentes.

Agora somos adultos, com vidas, filhos e responsabilidades. Não podemos simplesmente voltar às amizades despreocupadas que todos tínhamos naquela época.

— Faz mais de dezessete anos. Você achou que poderia voltar e nós quatro voltaríamos ao lugar que estávamos?

Ele dá de ombros.

— As coisas voltaram ao lugar comigo e Chris. E eu e Jenny. Só não comigo e com você.

Eu vacilo entre querer sair da cozinha e gritar todas as coisas que tenho vontade de gritar com ele desde que ele foi embora de maneira tão egoísta.

Tomo um gole do meu vinho para parar minha resposta. Ele está me encarando com os olhos cheios de decepção enquanto formulo uma resposta. Ou talvez ele esteja me olhando com desprezo. O que quer que ele esteja sentindo, é o mesmo olhar que ele me deu segundos antes de se afastar todos esses anos atrás.

E, exatamente como naquela época, não sei se a decepção dele é dirigida para dentro ou para fora.

Ele suspira. Eu posso sentir o peso de todos os seus pensamentos não falados.

— Me desculpe por ter ido embora do jeito que fui. Mas você não pode ficar brava comigo para sempre, Morgan. — Suas palavras saem em voz baixa, como se ele não quisesse que ninguém mais ouvisse nossa conversa. Então ele sai da cozinha e termina.

Não é até este momento que me lembro do peso que costumava sentir quando ele estava por perto. Compartilhar o mesmo ar com ele às vezes parecia ser sufocante, como se ele estivesse egoisticamente tomando mais do que precisava e eu quase não tinha ar.

O mesmo sentimento sufocante está de volta, cercando-me na minha própria cozinha.

Mesmo que ele não esteja mais na cozinha e a porta esteja balançando para frente e para trás, ainda sinto o peso caindo no meu peito.

Assim que eu paro a porta giratória da cozinha com o pé, Jenny a abre novamente. A conversa que eu me recusei a participar com Jonah é empurrada para o fundo da minha mente para que eu termine mais tarde, porque agora eu preciso saber tudo o que Clara disse à minha irmã.

— Não foi nada — diz Jenny, irreverente. — Ela deu uma carona para um cara da escola e ele começou a segui-la no Instagram. Ela não tinha certeza se ele estava flertando com ela.

— Que cara?

Jenny dá de ombros.

— Morris? Miller? Não me lembro. O sobrenome dele é Adams. Chris está na cozinha agora, colocando outra panela no fogão.

— Miller Adams? Por que estamos falando de Miller Adams?

— Você o conhece? — Pergunto.

Chris me lança um olhar que me diz que eu deveria saber *exatamente* quem é Miller Adams, mas o nome não soa familiar.

— Ele é o filho de Hank.

— Hank? Ainda existem pessoas nomeadas *Hank* neste mundo?

Chris revira os olhos.

— Morgan, vamos lá. Hank Adams? Fomos à escola com ele.

— Lembro-me vagamente desse nome.

Chris balança a cabeça.

— Ele é o garoto que costumava me vender maconha. Acabou deixando a escola no primeiro ano. Foi preso por roubar o carro do professor de ciências. E um monte de outras coisas. Tenho certeza de que ele está preso há alguns anos. — Chris dá sua atenção a Jenny. — Muitas muitas ou algo assim. Por que estamos falando do filho dele? Clara não está namorando com ele, está?

Jenny pega a jarra de chá gelado da geladeira e fecha a porta com o quadril.

— Não. Estamos falando de uma celebridade chamada Miller Adams. Você está falando de alguém local. Pessoas diferentes.

Chris sopra uma onda de ar.

— Graças a Deus. Essa é a última família com a qual ela precisa se envolver.

Qualquer coisa que envolva sua filha e um menino não é um assunto fácil para Chris. Ele pega o chá de Jenny e sai da cozinha para colocá-lo na mesa da sala de jantar.

Eu rio quando sei que Chris está fora do alcance da voz.

— Uma celebridade?

Jenny encolhe os ombros.

— Eu não quero colocá-la em apuros.

Jenny sempre foi rápida em seus pés. Ela é tão boa em improvisar que é assustador.

Olho para a porta para ter certeza de que está fechada, depois olho para ela.

— Jonah acha que eu o odeio.

Jenny encolhe os ombros.

— Parece às vezes.

— Eu nunca o odiei. Você sabe disso. É só que... você mal o conhece.

— Temos um filho juntos.

— Demora trinta segundos para fazer um bebê.

Jenny ri.

— Foram mais de três horas, se você realmente quer saber.
Eu reviro meus olhos. — Eu *não* quero saber.

Chris grita da sala de jantar para nos informar que a comida está pronta. Jenny sai da cozinha com os hambúrgueres, eu coloco o resto dos legumes no prato e os levo para a mesa.

Chris senta em frente a Jenny e eu sento ao lado de Chris. O que significa que Jonah está diretamente na minha frente. Evitamos com sucesso o contato visual ao fazer nossos pratos.

Espero que o resto do jantar seja da mesma maneira. É tudo que eu realmente quero no meu aniversário – pouco ou nenhum contato visual com Jonah Sullivan.

— Você está animada para amanhã? — Chris pergunta a Jenny.

Jenny assente vigorosamente.

— Você não tem ideia.

Ela é enfermeira no mesmo hospital em que Chris é chefe de controle de qualidade. Ela está de licença maternidade desde que Elijah nasceu há seis semanas e amanhã é seu primeiro dia de volta.

A porta da frente se abre e a melhor amiga de Clara, Lexie, entra.

— Vocês começaram a comer sem mim?

— Você está sempre atrasada. Sempre começamos sem você. Onde está Clara?

— A caminho, eu acho, — diz Lexie. — Eu ia pegar uma carona com ela, mas mamãe me deixou usar o carro. — Lexie olha em volta da mesa, vendo quem está aqui. Ela assente com a cabeça para Jonah. — Ei, tio professor.

— Oi, Lexie, — diz ele, aparentemente irritado com o apelido que ela lhe deu.

Jonah conseguiu um emprego na escola de Clara como professor de história quando ele voltou. Ainda não consigo acreditar que ele é professor. Eu não me lembro dele falando sobre querer se *tornar* um professor. Mas acho que não havia muitas opções em nossa pequena cidade do leste do Texas quando ele decidiu voltar e ajudar Jenny com Elijah. Ele veio do mundo dos negócios, mas tudo

o que você precisa para se tornar professor por aqui é um diploma de bacharel e um currículo. Eles são escassos graças à merda escala de pagamento.

— Você tem certeza que não se importa de ficar com Elijah esta semana? — Jenny me pergunta.

— De modo nenhum. Estou animada.

Estou realmente empolgada. Ele estará na creche a partir da próxima semana, então eu concordei em ficar com ele pelos quatro dias que Jenny trabalha esta semana.

Às vezes, fico surpresa que Chris e eu nunca tivemos outro filho depois de Clara. Nós conversamos sobre isso, mas nunca parecíamos estar na mesma página ao mesmo tempo.

Havia um tempo em que eu queria outro, mas ele estava trabalhando tanto que não estava pronto. Então, quando Clara tinha cerca de 13 anos, Chris levantou a idéia de ter outro, mas o pensamento de ter um bebê e um adolescente ao mesmo tempo parecia um pouco assustador. Não falamos disso desde então, e agora que tenho trinta e quatro anos, não tenho certeza se quero começar de novo.

Elijah é a solução perfeita. Um bebê de meio período com quem brinco e o mando de volta para casa.

— Pena que eu ainda estou no ensino médio — diz Lexie. — Eu seria uma ótima babá.

Jenny revira os olhos.

— Não foi você quem colocou um cachorro aleatório no meu quintal porque pensou que era meu?

— Parecia o seu cachorro.

— Eu nem *tenho* um cachorro, — diz Jenny.

Lexie encolhe os ombros.

— Bem, eu pensei que você tivesse. Desculpe-me por ser proativa. — Lexie finalmente se senta depois de ter feito o prato. — Não posso ficar muito tempo. Eu tenho um encontro do Tinder.

— Eu ainda não consigo acreditar que você está no Tinder, — Jenny murmura. — Você tem dezesseis anos. Você não precisa ter dezoito anos para abrir uma conta?

Lexie sorri.

— Eu *tenho* dezoito anos no Tinder. E por falar em coisas que nos surpreendem, ainda estou chocada que você tenha tido o mesmo namorado por mais de uma noite. É tão diferente de você.

— Ela olha para Jonah. — Sem ofensas.

— Não me ofendi, — diz Jonah com a boca cheia.

Jenny e Lexie sempre tiveram esse tipo de brincadeiras. Acho divertido, principalmente porque são muito parecidas. Jenny tinha uma série de namorados ao longo dos seus vinte anos, e se houvesse Tinder naquela época, Jenny teria sido Rainha do Tinder.

Eu, nem tanto. Chris é o único cara que eu já namorei. O único cara que eu já beijei. Isso acontece quando você conhece o homem com quem vai se casar em uma idade tão jovem.

Inferno, eu conheci Chris antes mesmo de saber o que queria estudar na faculdade.

Acho que isso não importava, porque não durei tanto tempo na faculdade. Ter Clara tão jovem se apossou de todos os sonhos que tive para mim.

Ultimamente tenho pensado muito nisso. Agora que Clara está ficando mais velha, eu tenho sentido esse buraco dentro de mim, como se estivesse sugando o ar a cada dia que passa, onde tudo o que faço é viver para Chris e Clara.

Clara finalmente entra na casa no meio do meu pensamento depreciativo. Ela para cerca de um metro e meio da mesa, ignorando todos e tudo ao seu redor enquanto o dedo se move sobre a tela do celular.

— Onde você esteve? — Chris pergunta. Ela está apenas trinta minutos mais atrasada que o normal, mas ele percebe.

— Desculpa, — diz ela, colocando o celular na mesa ao lado da de Lexie. Ela estende a mão por cima do ombro de Jonah para pegar seu prato. — Reunião de teatro depois da escola e, em seguida, um dos meus colegas de classe precisava de uma carona. — Ela sorri para mim. — Feliz aniversário mãe.

— Obrigada.

— Quem precisava de uma carona? — Chris pergunta.

Jenny e eu olhamos uma para a outra quando Clara diz:

— Miller Adams.

Merda.

Chris coloca o garfo no prato.

Lexie diz:

— *Perdão?* Onde estava meu telefonema sobre isso?

Chris olha para Jenny e depois para mim como se estivesse prestes a nos repreender por mentir para ele. Seguro a perna dele debaixo da mesa. Um sinal que eu não quero que ele mencione que estávamos conversando sobre isso. Ele sabe tão bem quanto eu que Jenny é uma boa fonte de informação para o que está acontecendo na vida de nossa filha, e se ele revelar que Jenny estava me falando sobre a conversa delas, todos sofreremos.

— Por que você estava dando uma carona para Miller Adams?

— Ele pergunta.

— Sim — diz Lexie. — Por que você deu uma carona a Miller Adams? Não deixe de fora um único detalhe.

Clara ignora Lexie, respondendo apenas ao pai.

— Não foi nem cinco quilômetros. Por que você parece tão incomodado com isso?

— Não faça isso de novo, — diz Chris.

— Eu voto *fazer* isso novamente, — diz Lexie.

Clara olha para Chris, incrédula.

— Estava quente – eu não o faria caminhar.

Chris levanta a sobrancelha, algo que ele não faz com muita frequência, o que o torna ainda mais intimidador quando o faz.

— Não quero que você se envolva com ele, Clara. E você não deveria dar carona a caras. Não é seguro.

— Seu pai está certo, — diz Lexie. — Só dê carona a caras gostosos quando *eu estiver* com você.

Clara cai na cadeira e revira os olhos.

— Ai meu Deus, pai. Ele não é um estranho, e eu não estou namorando ele. Ele tem a mesma namorada há um ano.

— Sim, mas a namorada dele está na faculdade, então não é como se ela estivesse no seu caminho, — diz Lexie.

— Lexie? — Chris diz o nome dela como mais um aviso.

Lexie assente e passa os dedos pela boca, como se estivesse fechando os lábios.

Estou um pouco chocada que Clara esteja sentada aqui agindo como se ela não tivesse ligado para Jenny e levemente assustada que esse garoto estivesse flertando com ela. Ela está agindo como se não se importasse, para Chris e Lexie. Mas sei que sim, graças a Jenny. Olho para Clara com admiração por sua capacidade de fingir o contrário, mas esse temor é acompanhado por um ligeiro distúrbio. Estou tão impressionada com a capacidade dela de mentir quanto com a capacidade *de Jenny de* mentir.

É assustador. Eu não poderia mentir se minha vida dependesse disso. Fico confusa e minhas bochechas ficam vermelhas. Faço o que posso para evitar confrontos.

— Eu não me importo se ele é solteiro ou casado ou um bilionário. Eu apreciaria se você não desse outra carona a ele.

Lexie faz um movimento como se estivesse abrindo o zíper imaginário em seus lábios.

— Você é o pai dela — você não deveria dizer isso. Se você faz um rapaz fora dos limites para uma adolescente, isso só nos faz querer mais.

Chris aponta o garfo para Lexie e olha em volta da mesa.

— Quem a convida para essas coisas?

Eu rio, mas também sei que Lexie está certa. Isso não vai acabar bem se Chris continuar com isso. Eu posso sentir. Clara já tem uma queda pelo cara, e agora seu pai o deixou fora dos limites. Vou ter que avisar Chris mais tarde, para não falar assim novamente, a menos que ele queira que Hank Adams seja o futuro sogro de Clara.

— Eu me sinto fora do circuito — diz Jonah. — O que há de tão ruim em Miller Adams?

— Não há circuito e não há nada de errado com ele — assegura Clara. — São apenas meus pais, sendo superprotetores como de costume.

Ela está certa. Minha mãe não cuidou de mim quando criança, em nenhum sentido, o que é parte do motivo de eu ter engravidado com Clara aos dezessete anos. Por causa disso, Chris e eu somos superprotetores com Clara algumas vezes. Nós admitimos isso. Mas

Clara é nossa única filha, e não queremos que ela acabe em uma situação como a nossa.

— Miller é um bom garoto, — diz Jonah. — Eu dou aula para ele. Nada como Hank era nessa idade.

— Você o tem na sala de aula por quarenta minutos por dia, — diz Chris. — Você não pode conhecê-lo tão bem. Maçãs não caem longe de suas árvores.

Jonah olha para Chris depois dessa resposta. Ele escolhe não continuar a conversa, no entanto. Às vezes, quando Chris quer fazer uma observação, ele não desiste até que a pessoa com quem está discutindo ceda. Quando éramos mais jovens, eu me lembro dele e Jonah sempre indo de igual para igual. Jonah foi o único que não cedia e deixava Chris vencer.

Algo mudou desde que ele voltou. Ele está mais quieto perto de Chris. Sempre permite que ele obtenha a palavra final. Não acho que seja uma demonstração de fraqueza. De fato, isso me impressiona. Às vezes, Chris ainda aparece como o adolescente de cabeça quente que ele era quando eu o conheci. Jonah, no entanto, parece acima disso. Como se fosse uma perda de tempo tentar provar que Chris está errado.

Talvez essa seja outra razão pela qual não gosto que Jonah esteja de volta. Não gosto de ver Chris através dos olhos de Jonah.

— O que faz você dizer isso sobre ele? Maçãs não caem longe de suas árvores... — Clara pergunta. — O que há com os pais do Miller?

Chris balança a cabeça. — Não se preocupe com isso.

Clara encolhe os ombros e dá uma mordida no seu hambúrguer. Fico feliz que ela esteja deixando para lá. Ela é muito parecida com Chris, pois às vezes pode ser combativa. Você nunca sabe para que lado ela vai.

Eu, por outro lado, não sou nada combativa. Incomoda Chris às vezes. Ele gosta de provar um ponto, então quando eu desisto e não lhe dou essa oportunidade, ele sente que eu venci.

É a primeira coisa que aprendi depois de me casar com ele. Às vezes você precisa se afastar da luta para vencê-la.

Jonah parece tão pronto para seguir em frente com a conversa quanto o resto de nós.

— Você não entregou sua inscrição para o projeto de filme da UIL.

— Eu sei, — diz Clara.

— O prazo é até amanhã.

— Não consigo encontrar ninguém com quem me inscrever. É muito difícil assumir sozinha.

Incomoda-me que Jonah entretenha essa ideia dela. Clara quer ir para a faculdade e estudar teatro. Não tenho dúvida de que ela seria boa nisso, porque ela é fenomenal no palco. Mas também sei quais são as chances de realmente ter sucesso em um setor tão competitivo. Sem mencionar se você é um dos poucos que conseguem, você está lidando com o preço da fama. Não é algo que eu quero para minha filha. Chris e eu adoraríamos que teatro fosse um substituto importante de algo que possa sustentá-la financeiramente.

— Você não quer ajudá-la com isso? — Jonah pergunta, sua atenção em Lexie.

Lexie faz uma careta.

— Cristo, não. Eu trabalho demais.

Jonah volta sua atenção para Clara.

— Encontre-me antes que o primeiro período comece amanhã. Há outro aluno procurando por um parceiro e vou ver se ele está interessado.

Clara assente, no momento em que Lexie começa a embrulhar o resto do hambúrguer.

— Onde você está indo? — Clara pergunta.

— Encontro do Tinder — Jenny responde por ela.

Clara ri.

— Ele tem pelo menos a nossa idade?

— Claro. Você sabe que eu odeio meninos de faculdade. Todos cheiram a cerveja.

Lexie se inclina e sussurra algo no ouvido de Clara. Clara ri e Lexie sai.

Clara começa a fazer perguntas a Jonah sobre os requisitos do projeto do filme. Jenny e Chris estão conversando por conta própria, discutindo tudo o que ela perdeu no hospital enquanto estava de licença maternidade.

Não falo com ninguém e mexo na minha comida.

É meu aniversário e estou cercada por todos que são importantes para mim, mas, por algum motivo, me sinto mais sozinha do que nunca. Eu deveria estar feliz agora, mas algo está errado. Eu não posso colocar meu dedo nisso. Talvez eu esteja ficando entediada.

Ou pior. Talvez eu seja *tediosa*.

Aniversários podem fazer isso com você. Estive analisando minha vida o dia todo, pensando em como preciso de algo próprio. Depois de ter Clara tão jovem, Chris e eu nos casamos, e ele sempre cuidou de nós financeiramente desde que se formou na faculdade.

Eu sempre cuidei da casa, mas Clara fará dezessete anos em alguns meses.

Jenny tem uma carreira e um novo filho e está prestes a ter um novo marido.

Chris recebeu uma promoção há três meses, o que significa que ele está no escritório ainda mais agora.

Quando Clara estiver na faculdade, onde isso vai me deixar?

Meus pensamentos ainda estão presos no estado da minha vida uma hora depois que terminamos o jantar. Estou carregando a máquina de lavar louça quando Jonah entra na cozinha. Ele impede que a porta balance antes mesmo que ela comece. Eu aprecio isso nele.

Ele é um bom pai e odeia a porta da minha cozinha. *São duas coisas*.

Talvez ainda haja esperança para a nossa amizade.

Ele está segurando Elijah contra seu peito.

— Pano molhado, por favor.

É quando vejo o gorfo por toda a camisa de Jonah. Pego um pano e o molho, depois entrego a ele. Tomo Elijah dele enquanto ele se limpa.

Olho para Elijah e sorrio. Ele se parece um pouco com Clara nessa idade. Cabelo loiro e fino, olhos azul-escuros, uma cabecinha redonda perfeita. Eu começo a balançar para frente e para trás. Ele é um bebê tão bom. Melhor que Clara. Ela tinha cólica e chorava o tempo todo. Elijah dorme, come e chora tão pouco que às vezes Jenny me liga quando ele chora, apenas para que possamos falar sobre o quão fofo ele parece quando está irritado.

Olho para cima e Jonah está nos observando. Ele desvia o olhar e pega a bolsa de fraldas.

— Eu te trouxe um presente de aniversário.

Estou confusa. Antes do jantar, ele parecia tão tenso comigo. Agora ele está me dando um presente de aniversário? Ele me entrega um presente desembrulhado. Um saco grande cheio de... doce.

Quantos anos temos, doze?

Demoro um momento, mas assim que vejo que é um saco inteiro de Jolly Ranchers de melancia, quero sorrir. Mas eu faço uma careta.

Ele lembrou.

Jonah limpa a garganta e joga o pano na pia. Ele pega Elijah de mim. — Estamos prestes a voltar para casa. Feliz aniversário, Morgan.

Sorrio e é provavelmente o único sorriso genuíno que lhe dei desde que ele voltou.

Há um momento entre nós – um olhar de cinco segundos, onde ele sorri e eu aceno – antes de ele sair da cozinha.

Não sei exatamente o que esses cinco segundos significaram, mas talvez tenhamos chegado a algum tipo de trégua. Ele realmente está tentando. Ele é ótimo para Jenny, ótimo para Elijah, um dos professores favoritos de Clara.

Por que – quando ele é tão bom com todos que eu amo – eu estava desejando que ele não estivesse em nossas vidas?

Depois que Jenny, Jonah e Elijah partem, Clara vai para o quarto. É onde ela passa a maior parte de suas noites. Ela costumava passar as noites comigo, mas isso parou quando ela tinha cerca de catorze anos.

Chris passa a noite com seu iPad, assistindo Netflix ou esportes.

Eu gasto a minha assistindo TV cabo. As mesmas séries todas as noites. Minhas semanas são tão rotineiras.

Eu vou dormir na mesma hora todas as noites.

Eu acordo na mesma hora todas as manhãs.

Eu vou para a mesma academia e faço a mesma rotina de exercícios, faço as mesmas tarefas e cozinho as mesmas refeições programadas.

Talvez seja porque é meu trigésimo quarto aniversário, mas sinto que essa nuvem está pairando sobre mim desde que acordei esta manhã. Todo mundo ao meu redor parece ter um propósito, mas sinto que cheguei aos 34 anos e não tenho absolutamente nenhuma vida fora de Clara e Chris. Eu não deveria ser tão chata. Alguns de meus amigos do ensino médio ainda nem começaram uma família e minha filha estará fora de casa em vinte e um meses.

Chris entra na cozinha e pega uma garrafa de água na geladeira. Ele pega a sacola dos Jolly Ranchers e a inspeciona.

— Por que você compraria uma sacola inteira com o pior sabor?

— Foi um presente de Jonah.

Ele ri e deixa cair o saco no balcão. — Que presente terrível.

Eu tento não ler muito o fato de que ele não se lembra de melancia é o meu sabor favorito. Eu não me lembro necessariamente de todas as coisas que ele gostava quando nos conhecemos.

— Eu vou chegar mais tarde amanhã. Não se preocupe com o jantar.

Concordo com a cabeça, mas já me preocupei com o jantar. Está na panela de pressão, mas não digo isso a ele. Ele começa a sair da cozinha.

— Chris?

Ele para e fica de frente para mim.

— Estou pensando em voltar para a faculdade.

— Para quê?

Eu dou de ombros.

— Ainda não sei.

Ele inclina a cabeça.

— Mas por que agora? Você tem trinta e quatro anos.

Uau.

Chris imediatamente se arrepende de dizer isso quando vê o quanto sua escolha de palavras me machucou. Ele me puxa para um abraço.

— Isso saiu errado. Sinto muito. — Ele beija o lado da minha cabeça. — Eu simplesmente não sabia que era algo em que você ainda estava interessada, pois eu ganho muito dinheiro para nos apoiar. Mas se você quer um diploma, — ele me beija na testa — vá para a faculdade. Eu vou tomar um banho.

Ele sai da cozinha e eu olho para a porta da cozinha, que se move para frente e para trás.

Eu realmente odeio essa porta.

Eu meio que quero vender a casa e começar do zero, mas Chris nunca aceitaria. Isso me daria algo para focar minha energia, no entanto. Porque agora, minha energia está reprimida.

Sinto-me inchada quando penso em quanto quero uma nova porta da cozinha.

Eu posso remover a porta inteira amanhã. Prefiro não ter nenhuma porta do que uma porta que nem funciona como uma porta deveria funcionar. As portas devem se fechar quando você estiver com raiva.

Abro um Jolly Rancher e coloco na minha boca. O gosto me dá uma sensação de nostalgia, e eu penso em quando éramos todos adolescentes, desejando as noites que nós quatro passávamos dirigindo no carro de Jonah, eu e Chris no banco de trás, Jenny na frente. Jonah tinha uma queda por Jolly Ranchers, então ele sempre mantinha uma sacola no console.

Ele nunca comeu as de melancia. Era o sabor menos favorito dele, e o meu favorito, então ele sempre deixava melancia para mim.

Não acredito que faz tanto tempo desde que comi um. Juro, às vezes esqueço quem eu era ou o que amava antes de engravidar de

Clara. É como no dia em que descobri que estava grávida, me tornei outra pessoa. Acho que isso acontece quando você se torna mãe.

Seu foco não está mais em si mesma. Sua vida se torna toda sobre esse lindo pequenino humano que você criou.

Clara entra na cozinha, não mais uma pequena e bonita humana. Ela é linda e adulta, e às vezes sinto dor pela perda de sua infância. Quando ela sentava no meu colo ou eu me aconchegava na cama até ela adormecer.

Clara alcança minha sacola.

— Yay. Jolly Ranchers. — Ela pega um e caminha até a geladeira, abrindo-a. — Posso tomar um refrigerante?

— Está tarde. Você não precisa da cafeína.

Clara se vira e me olha. — Mas é seu aniversário. Ainda não fizemos o seu quadro de aniversários.

Eu esqueci o quadro de aniversários. Na verdade, eu me animei pela primeira vez hoje.

— Você está certa. Pegue um para mim também.

Clara sorri, e eu vou para o meu armário de artesanato e puxo minha placa de aniversário.

Clara pode estar velha demais para sentar comigo enquanto eu leio para ela dormir, mas pelo menos ela ainda fica tão empolgada com nossas tradições quanto eu. Começamos este quando ela tinha oito anos. Chris não se envolve nessa tradição, então é algo que Clara e eu fazemos duas vezes por ano. É como um quadro de visão, mas, em vez de criar um novo a cada ano, apenas adicionamos ao mesmo. Cada uma de nós tem os seus e os adicionamos apenas em nossos respectivos aniversários. O aniversário de Clara ainda é a alguns meses, então eu pego meu quadro e deixo a dela no armário.

Clara se senta ao meu lado na mesa da cozinha e depois seleciona uma canetinha roxa.

Antes de começar a escrever, ela examina as coisas que colocamos ao longo dos anos. Ela passa os dedos sobre algo que escreveu no meu quadro quando tinha onze anos. *Espero que minha mãe fique grávida este ano.* Ela até recortou uma imagem minúscula de um chocalho e colou ao lado de seu desejo.

— Ainda não é tarde para me tornar uma irmã mais velha — diz ela. — Você tem apenas trinta e quatro anos.

— Não está acontecendo.

Ela ri. Olho por cima do quadro, procurando por um dos objetivos que escrevi para mim no ano passado. Encontro a foto que coleí de um jardim de flores no canto superior esquerdo do quadro, porque meu objetivo era arrancar os arbustos no quintal e replantá-los de flores. Eu cumpri esse objetivo na primavera.

Encontro o outro objetivo que tinha e franzo a testa quando o leio. *Encontrar algo para preencher todos os cantos vazios.*

Tenho certeza que Clara pensou que estava sendo literal quando o escrevi no ano passado. Na verdade, eu não queria encher todos os cantos da minha casa com alguma coisa. Meu objetivo era mais interno. Mesmo no ano passado, eu estava me sentindo não realizada. Tenho orgulho do meu marido e da minha filha, mas quando olho para mim e para a minha vida separada da deles, há muito pouco que eu possa encontrar para me orgulhar.

Apenas sinto que estou cheia de todo esse potencial inexplorado. Às vezes, meu peito parece vazio, como se eu tivesse vivido uma vida sem nada significativo o suficiente para preenchê-lo. Meu coração está cheio, mas essa é a única parte de mim que sente algum peso.

Clara começa a escrever seu objetivo para mim, então eu me inclino para ela e o leio.

Aceitar que sua filha quer ser atriz. Ela coloca a tampa de volta na canetinha e a coloca na embalagem.

Seu objetivo me faz sentir culpada. Não é que eu não queira que ela siga seus sonhos. Eu só quero que ela seja realista.

— O que você fará com um diploma inutilizável se a coisa de atuar não der certo para você?

Clara encolhe os ombros.

— Atravessaremos a ponte quando chegarmos a ela. — Ela puxa a perna para cima da cadeira e descansa o queixo no joelho. — E você? O que você queria ser quando tinha a minha idade?

Eu olho para o meu quadro, me perguntando se posso responder a essa pergunta. Não posso.

— Eu não fazia ideia. Eu não tinha nenhum talento especial. Eu não era extremamente inteligente em nenhum assunto em particular.

— Você era apaixonada por algo como eu sou com atuar?

Penso na pergunta dela por um momento, mas nada vem à mente.

— Gostava de sair com meus amigos e não pensar no futuro. Eu assumi que descobriria isso na faculdade.

Clara assente com a cabeça no quadro.

— Acho que esse deve ser o objetivo deste ano. Você precisa descobrir pelo que é apaixonada. Porque não *pode* ser por ser uma dona de casa.

— Poderia — eu digo. — Algumas pessoas são perfeitamente felizes nesse papel. — Eu *costumava* ser. Eu simplesmente não sou mais.

Clara toma outro gole de refrigerante. Eu escrevo sua sugestão. *Encontrar minha paixão*.

Clara pode não querer saber disso, mas ela me lembra de mim mesma na idade dela. Confiante. Pensava que sabia tudo. Se eu tivesse que descrevê-la em uma palavra, isso seria *garantida*. Eu costumava ser garantida do meu futuro, mas agora estou apenas... Eu nem sei.

Se eu tivesse que me descrever com uma palavra com base no meu comportamento hoje, seria *chorosa*.

— Quando você pensa em mim, que palavra vem à sua mente?

— Mãe — ela diz instantaneamente. — Dona de casa. *Super-protetora*. — Ela ri dessa última.

— Estou falando sério. Qual palavra você usaria para descrever minha personalidade?

Clara inclina a cabeça e me olha por vários segundos. Então, em um tom muito honesto e sério, ela diz:

— Previsível.

Minha boca se abre em ofensa.

— *Previsível?*

— Quero dizer... Não de uma forma ruim.

Previsível pode resumir uma pessoa de uma forma *boa*? Não consigo pensar em uma única pessoa no mundo que gostaria de ser

resumida como previsível.

— Talvez eu quisesse dizer *confiável* — diz Clara. Ela se inclina para frente e me abraça. — Boa noite, mãe. Feliz Aniversário.

— Boa noite.

Clara vai para o quarto dela, sem saber, me deixando em uma pilha de sentimentos feridos.

Eu não acho que ela estava tentando ser má, mas *previsível* não é algo que eu queria ouvir. Porque é tudo o que sei que sou e tudo o que temia que fosse enquanto crescia.

CAPÍTULO QUATRO

CLARA

Eu provavelmente não deveria ter chamado minha mãe de previsível na noite passada, porque é a primeira vez em muito que acordei para ir a escola e não a encontrei na cozinha preparando o café da manhã.

Talvez eu deva me desculpar, porque estou morrendo de fome.

Eu a encontro na sala, ainda de pijama, assistindo a um episódio de *Real Housewives*.

— O que tem para o café da manhã?

— Não estava com vontade de cozinhar. Coma um pop-tart.

Definitivamente não deveria tê-la chamado de previsível.

Meu pai caminha pela sala, ajeitando a gravata. Ele faz uma pausa quando vê minha mãe deitada no sofá.

— Você está se sentindo bem?

Minha mãe rola a cabeça para que ela esteja olhando para nós de sua posição confortável no sofá.

— Estou bem. Só não estava com vontade de fazer o café da manhã.

Quando ela volta sua atenção para a televisão, papai e eu olhamos um para o outro. Ele levanta uma sobrancelha antes de caminhar até ela e pressionando um beijo rápido na testa dela.

— Vejo você à noite. Te amo.

— Também te amo — diz ela.

Eu sigo meu pai até a cozinha. Pego os pop-tars e entrego um para ele.

— Eu acho que é minha culpa.

— Que ela não fez o café da manhã?

Eu concordo com a cabeça.

— Eu disse a ela que ela era previsível na noite passada.

O nariz do papai se torce.

— Ah. Sim, isso não foi legal.

— Eu não quis dizer isso de uma maneira ruim. Ela me pediu para descrevê-la usando uma palavra, e é a primeira coisa que me vem à mente.

Ele se serve de uma xícara de café e se inclina contra o balcão, pensando.

— Quero dizer... você não está errada. Ela gosta de rotina.

— Acorda às seis todas as manhãs. O café da manhã está pronto às sete.

— Jantar às sete e meia todas as noites — diz ele.

— Menu rotativo.

— Academia às dez da manhã.

— Compras de supermercado às segundas-feiras — acrescento.

— Lençóis são lavados toda quarta-feira.

— Viu? — Eu digo em defesa. — Ela é previsível. É mais um fato do que um insulto.

— Bem — diz ele, — houve uma vez em que chegamos em casa, e ela deixou um bilhete dizendo que foi ao cassino com Jenny.

— Eu lembro disso. Nós pensamos que ela tinha sido sequestrada.

Nós realmente pensamos isso. Era tão incomum que ela fizesse uma viagem espontânea da noite para o dia sem planejar com meses de antecedência, por isso ligamos para as duas apenas para ter certeza de que ela era a pessoa que escreveu o bilhete.

Meu pai ri quando me puxa para um abraço. Eu amo os abraços dele. Ele veste as camisas sociais brancas mais macias para trabalhar e, às vezes, quando seus braços estão ao meu redor, é como estar envolta em um cobertor aconchegante. Só que esse cobertor cheira ao ar livre, e às vezes te disciplina. — Eu preciso ir. — Ele me libera e bagunça meu cabelo. — Se divirta na escola.

— Se divirta no trabalho.

Eu o sigo para fora da cozinha e encontro mamãe não mais no sofá, mas em pé na frente da televisão. Ela está apontando o controle remoto para a tela da TV.

— A TV a cabo congelou.

— Provavelmente é o controle remoto, — meu pai diz.

— Ou o canal — eu digo, pegando o controle remoto da minha mãe. Ela sempre aperta o botão errado e não consegue se lembrar qual deles pressionar para voltar a série. Apertei todos os botões e nada funciona, então desligo tudo.

Tia Jenny entra na casa enquanto eu estou tentando ligar a televisão novamente para minha mãe.

— Toc, toc, — diz ela, abrindo a porta. Papai a ajuda com a cadeirinha de carro de Elijah e com um monte de coisas. Eu ligo novamente a televisão, mas ela não faz nada.

— Eu acho que está quebrada.

— Ah, *Deus*, — minha mãe diz, como se a idéia de ficar em casa o dia todo com uma criança e sem televisão fosse um pesadelo de uma existência.

Tia Jenny entrega a bolsa de fraldas de Elijah para minha mãe.

— Vocês ainda têm cabo? Ninguém tem mais cabo.

Há apenas um ano de diferença de idade entre tia Jenny e minha mãe, mas às vezes parece que minha mãe é mãe de nós duas.

— Tentamos falar isso para ela, mas ela insiste em manter a TV a cabo — eu digo.

— Não quero assistir meus programas no iPad, — diz minha mãe em defesa.

— Colocamos a Netflix na televisão — diz meu pai. — Você ainda pode assistir na televisão.

— *Bravo* não está na Netflix, — minha mãe responde. — Estamos mantendo a TV a cabo.

Essa conversa está doendo minha cabeça, então tiro Elijah da cadeirinha para ficar um minuto com ele antes de sair para a escola.

Fiquei tão animada quando descobri que tia Jenny estava grávida. Eu sempre quis um irmão, mas mamãe e papai nunca quiseram mais filhos depois que me tiveram. Ele é o mais próximo

que eu vou chegar de um irmão, então eu quero estar familiarizada com ele. Quero que ele goste de mim mais do que qualquer outra pessoa.

— Deixe-me segurá-lo, — diz meu pai, tirando Elijah de mim. Eu gosto do quanto meu pai gosta do sobrinho. Meio que me faz desejar que ele e mamãe *tivessem* outro filho. Não é tão tarde. Ela tem apenas trinta e quatro. Eu deveria ter anotado novamente no quadro de aniversário dela ontem à noite.

Tia Jenny entrega a minha mãe uma lista de instruções escritas.

— Aqui estão os horários de alimentação dele. E como aquecer o leite materno. E eu sei que você tem o meu número de telefone celular, mas anotei novamente caso acabe a bateria do seu celular. Também escrevi o número de Jonah.

— Eu já criei um humano antes — diz minha mãe.

— Sim, mas foi há muito tempo — diz tia Jenny. — Eles podem ter mudado desde então. — Ela caminha até meu pai e dá um beijo na cabeça de Elijah. — Tchau querido. Mamãe te ama.

Tia Jenny começa a sair, então pego minha mochila com pressa, porque há algo que preciso discutir com ela. Eu a sigo pela porta da frente, mas ela não percebe que estou atrás dela até que ela esteja quase no carro.

— Miller deixou de me seguir no Instagram ontem à noite.

Ela se vira, assustada com a minha presença repentina.

— Já? — Ela abre a porta do carro e a segura. — Você disse algo que o deixou com raiva?

— Não, não conversamos desde que saí da casa dele. Eu não poste nada. Eu nem comentei nenhuma das fotos dele. Eu simplesmente não entendo. Por que me segue e depois deixa de seguir horas depois?

— Redes sociais são tão confusas.

— Homens também.

— Não tão confuso quanto nós, — diz ela. Ela inclina a cabeça, me olhando. — Você gosta dele?

Eu não posso mentir para ela.

— Eu não sei. Eu tento não gostar, mas ele é tão diferente de todos os outros caras da minha escola. Ele faz de tudo para me ignorar, e está sempre com um pirulito. E o relacionamento dele com o avô é adoravelmente estranho.

— Então... você gosta dele porque ele te ignora, chupa pirulito e tem um avô estranho? — Tia Jenny faz uma cara preocupada. — Isso é... essas são razões estranhas, Clara.

Eu dou de ombros.

— Quero dizer, ele é fofo também. E, aparentemente, ele quer ir para a faculdade de cinema. Nós temos isso em comum.

— Isso ajuda. Mas quero dizer, parece que você mal o conhece. Eu não consideraria o deixar de seguir muito pessoal.

— Eu sei. — Eu gemo e cruzo os braços sobre o peito. — A atração é tão estúpida. E saber que ele me deixou de seguir já me deixa de mau humor, e são apenas sete da manhã.

— Talvez a namorada dele tenha visto e não tenha gostado, — sugere tia Jenny.

Pensei nessa possibilidade por um breve momento esta manhã. Mas não gostei de pensar em Miller e sua namorada discutindo sobre mim.

Meu pai sai pela porta da frente, então tia Jenny me dá um abraço de despedida e vai embora porque está estacionada atrás de nós dois. Entro no carro e mando uma mensagem para Lexie enquanto espero Jenny sair da garagem atrás de mim. Espero que tenha recebido minha mensagem ontem à noite sobre eu buscá-la meia hora mais cedo. Você nunca respondeu.

Ela ainda não respondeu quando eu estacionei em sua garagem.

Quando estou prestes a ligar para ela, ela sai da casa, sua mochila pendurada na dobra do cotovelo enquanto tenta colocar um sapato. Ela tem que parar e pressionar a mão no capô do carro para terminar de calçar o sapato. Ela tropeça até a porta, com o cabelo desarrumado, rímel ainda sob os olhos. Ela é como um furacão bêbado.

Ela entra no carro e fecha a porta, deixando a mochila cair no chão. Ela pega sua bolsa de maquiagem.

— Você acabou de acordar?

— Sim, quatro minutos atrás, quando você enviou a mensagem. Desculpa.

— Como foi o encontro do *Tinder*? — Eu digo sarcasticamente. Lexie ri.

— Não acredito que sua família ainda acredita que tenho uma conta no *Tinder*.

— Você mente para eles sobre ter isso toda vez que está por perto. Por que eles acreditariam no contrário?

— Eu trabalho demais. Tudo o que tenho tempo é para escola, trabalho e talvez um banho, se tiver sorte. — Ela abre sua bolsa de maquiagem. — A propósito. Você ouviu sobre Miller e Shelby?

Eu viro minha cabeça na direção dela.

— Não. O que tem eles?

Ela abre o rímel no momento em que eu paro.

— Pare aqui por um segundo. — Ela começa a passar o rímel, e eu espero que ela termine o que ela dizia sobre Miller Adams e sua namorada. Quão aleatória é a primeira coisa que ela mencionou e é a única coisa em que consigo pensar desde que lhe dei uma carona ontem.

— O que tem Miller e Shelby?

Lexie move a varinha de rímel para o outro olho. Ela ainda não me responde, então eu pergunto novamente.

— Lexie, o que aconteceu?

— Caramba, — diz ela, colocando a varinha de rímel de volta no tubo. — Me dê um segundo. — Ela faz um sinal para eu continuar dirigindo enquanto puxa o batom. — Eles terminaram na noite passada.

Essa é a minha frase favorita que já saiu da boca de Lexie.

— Como você sabe?

— Emily me disse. Shelby ligou para ela.

— Por que eles terminaram? — Estou tentando não me importar. *Realmente* tentando.

— Aparentemente, é por sua causa.

— *Minha causa?* — Olho para a estrada. — Isso é ridículo. Eu lhe dei uma carona para sua casa. Ele estava no meu carro por três minutos no máximo.

— Shelby acha que ele a traiu com você.

— Shelby parece que ela tem problemas de confiança.

— Isso é realmente tudo o que foi? — Lexie pergunta. — Uma carona?

— Sim. Foi *tão* inconsequente.

— Você gosta dele? — Ela pergunta.

— Não. Claro que não. Ele é um idiota.

— Ele não é. Ele é super legal. Irritantemente agradável.

Ela está certa. Ele é. *Ele é apenas um idiota comigo.*

— Não é estranho que meu pai pense que ele é uma pessoa tão ruim?

Lexie encolhe os ombros.

— Na verdade não. Seu pai nem gosta de mim, e eu sou incrível.

— Ele gosta de você — eu digo. — Ele só provoca as pessoas que ele gosta.

— E talvez Miller seja da mesma maneira — ela sugere. — Talvez ele apenas ignore as pessoas que ele gosta.

Eu ignoro esse comentário. Lexie se concentra em passar sua maquiagem, mas minha mente está girando. *A briga realmente teve a ver com uma causa boba?*

Provavelmente foi a carona junto com o Instagram. O que explicaria por que ele deixou de seguir ontem à noite. O que prova que ele está tentando voltar com ela.

— Você acha que a separação deles vai durar?

Lexie olha para mim e sorri.

— O que importa para você? Foi *inconsequente*.



Jonah me faz chamá-lo de Sr. Sullivan na escola. Tenho certeza que ele gostaria se eu o chamasse de tio Jonah fora da escola, mas ele é apenas Jonah para mim. Eu não o conheço há tempo suficiente

para sentir que ele é meu tio ainda, mesmo que ele tenha acabado de ter um bebê com minha tia Jenny. Talvez depois que eles se casarem, eu adicionarei o título.

Mas, por enquanto, tudo o que realmente sei dele é o que ouvi meus pais dizerem – que ele partiu o coração de tia Jenny no ensino médio e se mudou sem aviso prévio. Eu nunca perguntei a nenhum deles por que ele terminou com ela. Eu não acho que realmente me importei, mas por algum motivo, estou curiosa hoje.

Jonah está em sua mesa dando notas quando entro.

— Bom dia — diz ele.

— Bom dia. — Eu o tenho a primeira aula com ele, então joga minha mochila no meu lugar de sempre, mas sento-me em frente à sua mesa.

— Jenny deixou Elijah com sua mãe? — Ele pergunta.

— Sim. Bonito como sempre.

— Ele realmente é. Parece com o pai dele.

— Há. Não. Ele se parece *comigo* — eu corrijo.

Jonah junta os papéis e os coloca de lado. Antes que ele entrasse no assunto projeto do filme, deixei minha curiosidade tirar o melhor de mim.

— Por que você terminou com a tia Jenny no ensino médio?

Jonah levanta a cabeça rapidamente, as sobrancelhas levantadas. Ele ri nervosamente, como se não quisesse ter essa conversa comigo. Ou com ninguém.

— Nós éramos jovens. Não sei se me lembro.

— Mamãe não ficou feliz quando você engravidou tia Jenny no ano passado.

— Eu tenho certeza que ela não ficou. Não foi muito bem pensado.

— Meio hipócrita da parte dela, considerando que eles me tiveram aos dezessete anos.

Jonah encolhe os ombros.

— Não é hipócrita, a menos que a ação que ela se oponha ocorra *após* a objeção.

— Seja lá o que isso significa.

— Isso significa que as pessoas que cometem erros geralmente aprendem com elas. Isso não os torna hipócritas. Isso os torna experientes.

— Eles não ensinaram a você na faculdade a não distribuir lições de vida antes que a campainha da manhã toque?

Jonah se recosta no assento, com uma pitada de diversão nos olhos.

— Você me lembra sua mãe quando ela tinha a sua idade.

— Meu Deus.

— É um elogio.

— Como?

Jonah ri.

— Você ficaria surpresa.

— Pare de me insultar.

Jonah ri de novo, mas estou apenas brincando. Amo minha mãe, mas não quero *ser* igual minha mãe.

Ele pega uma das duas pastas em sua mesa e entrega para mim. — Por favor, preencha isso, mesmo que você não acabe fazendo o projeto. Se você ficar no top três, será ótimo para colocar nas aplicações da escola de cinema. Sem mencionar que você terá filmagens para o seu filme de atuação.

Abro a pasta para examiná-la.

— Então, quem é que está procurando um parceiro?

— Miller Adams. — Minha cabeça se levanta quando Jonah diz seu nome. Ele continua falando. — Quando vocês estavam conversando sobre ele ontem à noite, lembrei-me de ler as anotações do professor que patrocinou esse programa no ano passado que Miller fazia parte de uma equipe que ficou no top três. O que significa que ele tem a experiência. Pedi que ele se inscrevesse este ano, mas ele recusou. Disse que tem muita coisa acontecendo na vida dele e é um grande compromisso. Mas se vocês dois fizerem isso juntos, ele pode ficar interessado.

Eu não vou mentir – eu secretamente esperava que fosse Miller Adams, especialmente porque ele me disse que era afim de cinema. *Mas Jonah não estava no mesmo jantar que eu sentei ontem à noite?*

— Por que você tentaria me juntar a ele em um projeto depois do que meu pai disse?

— Sou professor, não casamenteiro. Miller é o parceiro perfeito nisso. E ele é um bom garoto. Seu pai está mal informado.

— De qualquer maneira, papai estabeleceu limites rígidos. — *Que eu já sei que não vou seguir.*

Jonah me olha pensativo por um segundo, depois cruza os braços sobre a mesa.

— Eu sei. Ouça, é apenas uma sugestão. Eu acho que o projeto será bom para você, mas se seu pai não quiser que você faça, não há muito que eu possa fazer. Mas... você também não precisa da permissão dos pais para se inscrever. Você só precisa do envio, e ainda faltam alguns meses.

Eu meio que gosto que Jonah está me incentivando a desobedecer meu pai. Talvez ele e tia Jenny sejam realmente perfeitos um para o outro.

A porta se abre e Miller Adams entra. *Obrigada pelo aviso, Jonah.*

A primeira coisa que noto são seus olhos vermelhos e inchados. Parece que ele não dormiu. A camisa dele está enrugada; o cabelo dele está uma bagunça.

Miller olha de Jonah, para mim, para Jonah. Ele permanece na porta e acena a mão na minha direção enquanto olha para Jonah.

— *Essa é quem você quer que eu faça parceria no projeto?*

Jonah assente, confuso com a reação de Miller. *Eu não estou confusa com isso. Estou acostumada a ele não querer nada comigo.*

— Desculpe, mas isso não vai dar certo, — diz Miller. Ele olha para mim. — Sem ofensas, Clara. Tenho certeza que você entende o porquê.

Eu acho que a namorada dele é realmente o motivo.

— Eu reuni os pedaços quando você deixou de me seguir no Instagram cinco horas depois de me seguir.

Miller caminha para dentro da sala, coloca a mochila em uma mesa e se senta na cadeira.

— Segundo Shelby, eu não deveria ter seguido você em primeiro lugar.

Eu dou risada.

— Sua namorada terminou com você porque eu te dei uma carona em um clima de quase quarenta graus. Há algo de errado nisso.

— Ela terminou comigo porque eu menti para ela sobre isso.

— Sim. E você mentiu para ela sobre isso porque sabia que ela terminaria com você se descobrisse. Aí reside a questão.

Jonah se insere em nossa conversa, inclinando-se para a frente e olhando para frente e para trás entre nós. Ele empurra a cadeira para trás e fica de pé.

— Eu preciso de café. — Ele joga a outra pasta na mesa de Miller e se dirige para a porta da sala de aula. — Vocês dois resolvam isso e me digam o que decidem até o final do dia.

Jonah sai, e somos apenas Miller e eu deixados na sala, olhando um para o outro. Ele desvia o olhar e navega pelo conteúdo da pasta.

Ele realmente poderia ter usado aqueles minutos extras de sono. Eu me sinto mal por Jonah ter ligado cedo para isso. Ele parece que um caminhão o atropelou entre o momento que o deixei em sua casa ontem e quando acordou esta manhã. Posso dizer que, qualquer que seja a briga que ele e Shelby tiveram, afetou-o.

— Você realmente parece estar de coração partido, — eu digo.

— Eu estou. — diz ele com um tom aborrecido.

— Bem... nem tudo está perdido. Coração perdido constrói caráter.

Isso faz Miller rir, embora seja uma risada seca. Ele fecha a pasta e olha para mim.

— Se Shelby descobrir que estou trabalhando com você na submissão do filme, ela nunca vai me perdoar.

— Então isso é um sim?

Miller não ri disso. Na verdade, ele parece um pouco chateado por eu estar fazendo piadas às suas custas. Ele obviamente não está de bom humor. E honestamente, eu meio que não culpo Shelby por largá-lo. Se meu namorado mentisse para mim sobre estar no carro com outra garota, depois seguisse essa garota no Instagram, ele também seria meu ex-namorado.

— Desculpa, Miller. Tenho certeza que ela é ótima. Se eu puder ajudar de alguma forma, talvez apoiar sua história, me avise.

Miller sorri para mim apreciativamente e depois se levanta, indo para a porta da sala de aula. Ele deixa a pasta em cima da mesa.

— Você deveria fazer o projeto de qualquer maneira.

Concordo, mas realmente não me importo em me inscrever sozinha. Por alguns segundos esperançosos, fiquei empolgada por poder trabalhar com Miller no projeto. Agora que provei esse pensamento, todas as outras opções têm um sabor amargo.

Segundos depois, Miller se foi.

Olho para a pasta em sua mesa, então a pego e preencho o formulário, de qualquer maneira. Você nunca sabe – Shelby e Miller podem não voltar, e seria péssimo se ele não se inscrevesse apenas porque sua namorada tem problemas de ciúmes.

Jonah retorna com dois cafés, assim que terminei os dois formulários. Ele me entrega um dos cafés e se inclina casualmente contra a mesa.

Ele está aqui há alguns meses e ainda não faz ideia do quanto eu odeio café. É por isso que ainda não me refiro a ele como *tio* Jonah.

— O que foi tudo isso? — Ele pergunta.

— A namorada dele me odeia. Bem... ex namorada. — Tomo um gole de café para ser agradável. É podre.

— Não deveria ser um problema, certo?

Eu ri.

— Você pensaria que não. — Entrego a ele as duas pastas. — Eu os preenchi de qualquer maneira. Não mencione isso para Miller. Se ele mudar de ideia, pelo menos teremos cumprido o prazo para inscrições.

— Gosto da maneira como você pensa — diz Jonah. Ele coloca o café na mesa e pega um pedaço de giz. Ele está escrevendo a data no quadro quando dois de meus colegas entram.

Eu volto para o meu lugar. Quando a sala de aula começa a encher, Jonah se vira e olha o café na minha mesa.

— Clara. Os alunos não podem tomar bebidas nas aulas. Faça de novo e eu te darei detenção.

Reviro os olhos para ele, mas quero rir de sua capacidade de mudar para o modo professor com tanta facilidade, mesmo que ele esteja apenas brincando comigo.

— Sim, Sr. Sullivan — digo zombando.

Jogo o café no lixo, pego meu celular e mando uma mensagem para tia Jenny no caminho de volta para o meu lugar.

Eu: Você está ocupada?

Tia Jenny: No caminho para o trabalho.

Eu: Levará apenas um segundo. Duas coisas. O pai do seu bebê é um espertinho. Além disso, Miller e Shelby terminaram. Não tenho certeza quanto tempo isso vai durar.

Tia Jenny: Por que eles terminaram? Porque você lhe deu uma carona?

Eu: Aparentemente, foi o Instagram que fez isso.

Tia Jenny: Boas notícias! Agora você pode namorar o cara com o avô estranho.

Eu: Eu não disse que o avô dele era estranho. Eu disse que o relacionamento deles era adoravelmente estranho. Além disso, ele está tentando voltar com a namorada, então não sei se tenho chance.

Tia Jenny: Ah, isso é uma merda. Não o persiga, então. Você não quer ser a outra garota. Confie em mim.

Eu: Você já foi a outra garota? Eu preciso ouvir essa história. Foi por isso que você e Jonah terminaram o ensino médio?

Os pontos no meu telefone indicam que tia Jenny está digitando. Espero para ler sobre seu succulento drama adolescente, mas os pontos param.

Eu: Conta tudo. Você não pode sugerir que teve um caso e não contar.

Eu: Jenny?

Eu: Tia Jenny?

— Clara, guarde seu celular.

Largo o celular na mochila com uma velocidade assustadora. Não sei com quem tia Jenny traiu, mas se Jonah não souber, não acho que ele confiscar meu celular e ler minhas mensagens seria bom para o relacionamento deles.

Vou ligar para ela no almoço e forçá-la a me dizer. Mesmo que isso envolva Jonah, eu quero saber.

CAPÍTULO CINCO

MORGAN

Uma vez ouvi alguém dizer que estamos todos a apenas um telefonema de cairmos de joelhos.

É a verdade absoluta. Minha voz sai em um sussurro trêmulo quando pergunto:

— Ele está bem?

Espero a enfermeira do outro lado da linha me dizer que Chris vai ficar bem. Mas tudo o que recebo é um longo período de silêncio. Parece que alguém está torcendo minha coluna como uma toalha molhada. Quero dobrar de dor, mas a dor não é física. É uma angústia intangível que parece terminal.

— Não sei detalhes, — diz a enfermeira. — Tudo o que sei é que ele foi trazido alguns momentos atrás, então tente chegar aqui o mais rápido possível.

Eu engulo um tudo bem antes de terminar a ligação, mas tenho quase certeza de que ela teria me dado mais informações se as notícias fossem melhores.

Se as notícias fossem melhores, Chris teria me ligado.

Eu estou segurando Elijah. Eu estava o segurando quando o telefone tocou e agora estou o apertando ainda mais, ainda de joelhos. Por pelo menos um minuto, estou congelada no chão da minha sala de estar. Mas então Elijah boceja, e isso me traz de volta a uma realidade sombria.

Eu ligo para Jenny primeiro, mas o telefone dela vai para a caixa postal. É o primeiro dia dela de volta ao trabalho. Ela não terá o telefone até a hora do almoço. Mas a notícia se espalhará rapidamente no hospital, e ela descobrirá em breve.

Começo a ligar para Jonah a seguir para que ele possa vir buscar Elijah, mas nem tenho o número de telefone dele salvo no meu celular. Corro para a folha de papel que Jenny me deixou esta manhã e digito o número que ela anotou para entrar em contato com ele. Vai direto para a caixa postal. *Ele está na aula.*

Ligarei para a escola para entrar em contato com ele em breve, mas a cada segundo que passo tentando entrar em contato com alguém é mais um segundo que vou demorar para chegar ao hospital. Amarro Elijah em sua cadeirinha, pego sua bolsa de fraldas e minhas chaves e saio.

A viagem ao hospital é um borrão. Eu gasto sussurrando orações e segurando o volante e olhando de relance para o meu celular descansando no banco do passageiro, esperando Jenny me ligar de volta.

Ainda não liguei para Clara na escola. Eu preciso saber que Chris está bem antes que eu a preocupe.

Se eles ainda não notificaram Jenny que Chris estava em um acidente, eu os mandarei avisar quando eu entrar. Ela pode pegar Elijah então.

Por enquanto, ele está comigo, então pego sua bolsa de fraldas e sua cadeirinha e corro em direção à entrada. Sou mais rápida que as portas de correr automáticas da sala de emergência. Sou forçada a pausar minha corrida por alguns segundos para que elas se abram o suficiente para eu entrar. Assim que estou lá dentro, vou direto para a mesa da enfermeira. É uma enfermeira que não reconheço. Eu costumava conhecer quase todo mundo neste hospital porque achava que fazia Chris parecer bom o fato eu conhecer todos em suas festas no escritório, mas eles vêm e vão com tanta frequência que nem sequer tento acompanhar mais.

— Onde está meu marido? — As palavras saem em pânico. Os olhos dela são simpáticos.

— Quem é seu marido?

— Chris. — Eu suspiro por ar. — Chris Grant. Ele trabalha aqui e acabou de ser trazido.

A expressão dela muda quando digo o nome dele.

— Deixe-me arranjar alguém que possa ajudá-la. Acabei de chegar.

— Você pode chamar minha irmã? Ela trabalha aqui também. Jenny Davidson.

A enfermeira assente, mas sai da janela sem ligar para Jenny.

Coloco a cadeirinha de carro de Elijah na cadeira mais próxima. Tento o celular da Jenny novamente e depois o celular de Jonah novamente, mas os dois vão direto para a caixa postal.

Eu não tenho tempo para esperar a enfermeira resolver sua merda. Ligo para o hospital e peço para falar com a Maternidade. Eles me conectam após os trinta segundos mais difíceis da minha vida.

— Maternidade, como posso direcionar sua ligação?

— Eu preciso falar com Jenny Davidson. Uma de suas enfermeiras. Isto é uma emergência.

— Um momento, por favor.

Elijah começa a chorar, então eu coloco meu celular no viva-voz e coloco na cadeira para que eu possa puxá-lo para fora do seu assento de carro. Ando de um lado para o outro, esperando Jenny atender, esperando uma enfermeira, esperando um médico, *esperando, esperando, esperando*.

— Senhora?

Eu pego meu telefone.

— Sim?

— Jenny não está dentro do cronograma até amanhã. Ela está de licença maternidade.

Balanço a cabeça, frustrada. Elijah está ficando mais agitado. Ele está com fome.

— Não, ela voltou esta manhã.

Há um momento de hesitação da mulher na outra linha antes que ela repita. — Ela não está dentro do cronograma até amanhã. Estive aqui o dia todo e ela não está aqui.

Antes de começar a discutir com ela, as portas se abrem e Jonah entra. Ele faz uma pausa por um segundo, quase como se não estivesse esperando me ver aqui. Desligo o celular e o jogo na cadeira.

— Graças a Deus — digo, entregando Elijah a ele. Eu estico a mão para a bolsa e retiro uma chupeta. Coloco na boca de Elijah, depois volto para a janela e toco a campainha três vezes.

Jonah está ao meu lado agora.

— O que você sabe?

— Nada, — eu digo, exasperada. — Tudo o que me disseram no telefone é que foi um acidente de carro.

Finalmente olho para Jonah e nunca o vi assim. Pálido. Sem expressão. Por um momento, eu me preocupo mais com ele do que comigo mesma, então tiro Elijah dele. Ele recua em uma cadeira e se senta. No meio da minha histeria interna, a irritação começa a sair. Chris é meu marido. Jonah deveria estar preocupado comigo mais do que ele agora.

A sala de espera está assustadoramente vazia. Elijah só fica mais agitado, então eu me sento três lugares abaixo de Jonah e puxo uma mamadeira da bolsa de fraldas de Elijah.

Está fria, mas terá que servir. No segundo em que coloco na boca dele, ele para de mexer e começa a devorá-la.

Ele cheira a talco de bebê. Eu fecho meus olhos e pressiono minha bochecha contra o topo de sua cabeça quente, esperando que a distração me impeça de quebrar. Sinto em meu estômago que pode não ser bom. Se eles não estão nos permitindo ir ver Chris, isso significa que ele provavelmente está em cirurgia. Espero que algo menor.

Eu quero minha irmã. Jonah não é realmente alguém que pode me trazer conforto em um momento como este. Na verdade, prefiro que ele não esteja aqui, mas se eu puder entrar em contato com Jenny, ela melhorará a situação. E ela provavelmente pode descobrir mais informações sobre Chris. Talvez Jonah já tenha falado com ela.

— Jenny está a caminho? — Eu levanto minha cabeça quando Jonah balança o olhar em minha direção. Ele não responde minha pergunta. Ele apenas olha para mim, com a testa franzida, então eu continuo. — Tentei ligar para ela, mas quem atendeu o telefone na maternidade continuou me dizendo que ela não está no cronograma hoje.

Os olhos de Jonah estreitam com um movimento da cabeça.

— Estou confuso. — diz ele.

— Eu sei. Eu disse a ela que ela voltou hoje, mas a mulher tentou discutir comigo.

— Por que você está tentando ligar para Jenny? — Ele está de pé agora. A confusão pingando dele está me deixando mais nervosa do que eu já estou.

— Ela é minha irmã. É claro que vou ligar para ela e contar sobre Chris.

Jonah balança a cabeça.

— O que *tem* o Chris?

O que tem o Chris?

Estou tão confusa.

— Como assim? Eles me ligaram e disseram que Chris estava em um acidente. Por que mais eu estaria aqui?

Jonah engole, arrastando as mãos pelo rosto. De alguma forma, seus olhos se enchem de preocupação ainda mais.

— Morgan. — Ele se aproxima de mim. — Estou aqui porque *Jenny* estava em um acidente.

Se eu já não estivesse sentada, teria caído.

Eu não faço barulho. Eu apenas olho para ele e tento processar tudo. Balanço a cabeça e tento falar, mas minhas palavras são fracas.

— Você deve ter entendido errado. Eles não podem estar...

— Espera aqui — diz Jonah. Ele caminha até a janela e toca a campainha. Pego meu celular na minha bolsa e ligo para o número de Jenny. Caixa postal novamente. Eu ligo para o número de Chris. Talvez tenha havido um erro no computador. O celular dele também vai para a caixa postal.

Isso tem que ser algum engano.

Alguns segundos se passam sem sinal de ninguém, então Jonah se move para as portas que levam à sala de emergência. Ele bate nelas até que alguém finalmente apareça na janela. Uma enfermeira que reconheço instantaneamente. O nome dela é Sierra. Ela tem uma filha na sala da Clara. Ela olha para mim e então seus olhos se fixam em Jonah.

— Acho que houve um erro — diz Jonah.

Estou ao lado dele na janela agora, segurando Elijah. Não consigo sentir minhas pernas.

Eu nem sei como andei da cadeira até aqui.

— Quem estava em um acidente? Quem foi trazido? — Eu não consigo impedir que as perguntas saiam de mim. — Era meu marido ou minha irmã?

Os olhos de Sierra disparam de mim para Jonah e depois para a mesa na frente dela.

— Deixe-me arranjar alguém que possa ajudá-la, Morgan.

Jonah agarra seus próprios cabelos quando ela se afasta. — *Droga.*

Não está perdido para mim que ninguém parece querer estar em nossa presença.

Estamos sendo evitados, e isso me assusta. Ninguém quer ser portador de más notícias.

— Eles não podem os dois estarem machucados, — eu sussurro. — Eles não podem.

— Eles não estão, — diz Jonah. Sua voz é tão cheia de confiança que quase acredito nele. Mas então ele esfrega a testa e se inclina contra a parede em busca de apoio. — Quem ligou para você? O que eles disseram?

— O hospital. Cerca de vinte minutos atrás. Eles disseram especificamente Chris. Não houve menção a Jenny.

— O mesmo, mas eles me disseram Jenny.

Só então, Sierra reaparece, desta vez através das portas.

— Vocês podem vir comigo.

Ela não nos leva para um quarto de hospital. Ela nos leva para outra sala de espera, mais para dentro do pronto-socorro.

Jonah está segurando Elijah agora. Eu nem percebi que ele o tirou de mim. Sierra nos diz para sentar, mas nenhum de nós senta.

— Ainda não tenho notícias sobre as condições deles.

— Então, são os dois? — Jonah pergunta. — Jenny e Chris?

Ela assente.

— Ai meu Deus, — eu sussurro. Eu largo minha cabeça em minhas mãos. Duas enormes lágrimas escorrem pelo meu rosto.

— Sinto muito, Morgan, — diz ela. — Vocês podem esperar aqui, e assim que eu souber alguma coisa, voltarei. — Sierra sai da sala e fecha a porta.

Jonah senta ao meu lado.

Estamos na sala de emergência há menos de dez minutos, mas o fato de ainda não sabermos nada faz parecer que horas se passaram.

— Talvez um dos carros deles quebrou, — Jonah murmura. — É provavelmente por isso que eles estavam juntos.

Concordo, mas minha mente não consegue nem processar essa frase agora. Não sei por que eles estavam juntos, no mesmo carro. Não sei por que Jenny mentiu para nós e disse que estava trabalhando hoje. Eu nem me importo. Eu só preciso saber se eles estão bem.

Jonah coloca um Elijah adormecido no banco do carro, depois se levanta e começa a andar pela sala. Olho para a hora no meu celular. Eu deveria ligar para alguém para pegar Clara. Uma amiga. Ou Lexie. Quero que alguém chegue até Clara antes que ela descubra sobre o acidente de outra pessoa.

Eu deveria ligar para os pais de Chris.

Não, eu espero. Ver se ele está bem primeiro. Eles moram na Flórida. Não podem fazer muito a partir daí, além de se preocuparem desnecessariamente.

Jonah liga para sua mãe e pergunta se ela pode vir buscar Elijah. Antes que ele desligue, chamo a atenção dele. — Ela se importaria de ir buscar Clara?

Jonah acena com a cabeça em compreensão, depois pede à mãe que pegue Clara na escola. Ele então liga para a escola e me passa o telefone. Eu os deixo saber que a mãe dele vai buscá-la.

Clara conheceu a mãe de Jonah algumas vezes, mas ela ficará confusa, e a mãe de Jonah não é ninguém na lista de retirada de Clara. Só não quero Clara dirigindo até aqui sozinha. Ela ficará cheia de preocupação e pânico, e não tem habilitação há muito tempo.

Mais alguns minutos se passam. Jonah passa esses minutos ligando para a delegacia, tentando obter informações sobre os

destroços. Eles não vão contar muito. Ele pergunta qual o modelo do veículo envolvido. Era o carro de Jenny. Um Toyota Highlander. Um homem estava dirigindo. Mas é tudo o que eles dirão a ele.

— Por que Chris estava dirigindo o carro dela? — Jonah pergunta. Trato isso como uma pergunta retórica, mas ele murmura outra. — Por que ela mentiu sobre trabalhar hoje?

Continuo vendo meu celular como se Jenny ou Chris fossem me ligar e falar que estão bem.

— Morgan — diz Jonah.

Eu não olho para ele.

— Você acha... eles estão tendo um...

— Não diga — eu cuspo.

Eu não quero ouvir isso. Ou pensar nisso. Isso é um absurdo. Isso é incompreensível.

Levanto-me e começo a andar pela parte da sala que Jonah ainda não andou. Eu nunca estive tão irritada com sons antes. O bipe vindo do corredor, o toque dos dedos de Jonah na tela do celular enquanto ele dispara mensagens de texto para os telefones de Jenny e Chris, o sistema de senha no alto chamando médicos e enfermeiras de um lugar para outro, o rangido dos meus sapatos no chão de madeira desta sala. Estou tão incrivelmente irritada com tudo, mas a cacofonia de sons é a única coisa que quero na minha cabeça agora. Não quero pensar por que Chris e Jenny estavam juntos.

— Clara estará aqui em breve. E minha mãe — diz Jonah. — Precisamos apresentar uma razão pela qual Chris e Jenny estavam juntos.

— Por que mentir para elas? Tenho certeza de que foi algo relacionado ao trabalho.

Jonah está olhando para o chão, mas posso ver que sua expressão está cheia de dúvida.

Preocupação. *Medo*.

Afasto as lágrimas e aceno, porque ele pode estar certo. Eu escolho acreditar que ele está errado, mas sua mãe e Clara podem começar a nos fazer perguntas. Elas podem querer detalhes ou começarão a ter os mesmos pensamentos que Jonah e eu estamos

tendo. Não podemos dizer a eles que não sabemos por que eles estavam juntos. Isso poderia causar suspeitas desnecessárias em Clara.

— Podemos dizer que o pneu do Chris furou e Jenny deu uma carona para ele até o trabalho — sugiro. — Pelo menos até Jenny e Chris poderem explicar por si mesmos.

Nós fazemos contato visual... algo que mal fizemos desde que ele entrou na sala de emergência. Jonah assente enquanto pressiona os lábios, e algo sobre o olhar em seus olhos me quebra.

Como se Jonah pudesse sentir que estou começando a rachar... desaparecer... ele caminha até mim e me puxa para um abraço reconfortante. Estou agarrada a ele com medo, meus olhos fechados, quando a porta finalmente se abre.

Nós nos separamos. Jonah dá um passo à frente, mas quando vejo o olhar no rosto do médico, dou um passo para trás.

Ele começa a falar, mas não sei exatamente o que ele diz, porque suas palavras não significam nada para mim. Eu posso ver nossa resposta em seus olhos de desculpas. Na maneira como seus lábios se abaixam nos cantos. Em sua postura arrependida.

Quando o médico nos diz que não havia nada que eles pudessem fazer, Jonah cai em uma cadeira.

Eu apenas... *caio*.

CAPÍTULO SEIS

CLARA

Eu costumava colecionar globos de neve quando era mais jovem. Eles alinhavam uma prateleira no meu quarto, e às vezes eu os agitava, um após o outro, depois sentava na minha cama e observava enquanto as agitações e o brilho giravam dentro do vidro.

Eventualmente, o conteúdo dentro do globo começaria a se acalmar. Tudo ficaria quieto, e então os globos na minha prateleira retornariam aos seus estados calmos e pacíficos.

Gostava deles porque me lembravam a vida. Às vezes, parece que alguém está sacudindo o mundo ao seu redor, e as coisas estão voando para você de todas as direções, mas se você esperar o suficiente, tudo começará a se acalmar. Gostei da sensação de saber que a tempestade lá dentro sempre acaba.

Esta semana me provou que às vezes a tempestade não se acalma. Às vezes, o dano é muito catastrófico para ser reparado.

Nos últimos cinco dias desde que a mãe de Jonah apareceu na minha escola para me levar ao hospital, parece que eu estive dentro de um globo de neve que alguém sacudiu e depois caiu. Sinto que o conteúdo da minha vida se despedaçou e fragmentos de mim se espalharam por todo o piso de madeira empoeirado de alguém.

Sinto-me irreparavelmente quebrada.

E eu não posso nem culpar o que aconteceu com eles em ninguém além de mim.

É injusto como um evento... um segundo... pode agitar o mundo ao seu redor. Atirar tudo na sua cabeça. Arruinar todos os momentos felizes que levaram àquele segundo devastador.

Estamos todos andando como se tivesse lava em nossas gargantas. Dolorosamente silenciosos.

Minha mãe fica perguntando se estou bem, mas tudo o que posso fazer é assentir. Além dessas palavras, ela está tão quieta quanto eu. É como se estivéssemos vivendo um pesadelo – um onde não queremos comer, beber ou falar. Um pesadelo em que tudo o que queremos fazer é gritar, mas nada sai de nossas gargantas vazias.

Eu não sou chorona. Acho que puxei isso da minha mãe. Choramos juntas no hospital.

Jonah e sua mãe também. Mas assim que saímos do hospital e fomos para a funerária, minha mãe ficou tão equilibrada e organizada quanto as pessoas esperaram que ela ficasse.

Ela é boa em colocar um rosto corajoso em público, mas guarda as lágrimas para o quarto.

Eu sei porque faço a mesma coisa.

Os pais do meu pai chegaram da Flórida há três dias. Eles ficaram conosco. Minha avó tem ajudado em casa, e tenho certeza de que tem sido bom para minha mãe. Ela teve que lidar com o planejamento do funeral, não apenas para o marido, mas também para a irmã.

O funeral da tia Jenny foi ontem. O do meu pai está sendo agora.

Minha mãe insistiu que fossem separados, o que me deixou com raiva. Ninguém quer passar por isso dois dias seguidos. Nem os mortos.

Não sei o que é mais exaustivo. Os dias ou as noites. Durante os dias desde o acidente, nossa casa teve uma porta giratória. Pessoas trazendo comida, oferecendo suas condolências, parando para checar a gente. Principalmente pessoas que trabalhavam no hospital com meu pai e tia Jenny.

As noites são gastas com meu rosto enterrado no meu travesseiro molhado.

Eu sei que minha mãe quer que isso acabe. Ela está pronta para os sogros irem para casa.

Estou pronta para ir para casa.

Eu tenho ficado com Elijah durante a maior parte do velório. Não sei por que estou querendo abraçá-lo tanto desde que aconteceu. Talvez eu ache sua juventude meio reconfortante em meio a toda essa morte.

Ele começa a ficar inquieto nos meus braços. Ele não está com fome – a mãe de Jonah acabou de alimentá-lo. Troquei-o logo antes do início do velório. Talvez ele não goste do barulho. O pastor que minha mãe selecionou para realizar o culto não parece saber como segurar um microfone. Seus lábios continuam roçando sobre ele. Toda vez que ele dá um passo em direção aos alto-falantes, eles gritam.

Quando Elijah começa a chorar, olho pela primeira vez para Jonah no fim do corredor, mas seu assento anteriormente ocupado agora está vazio. Felizmente, estou sentada na beira do banco, mais próxima da parede. Eu silenciosamente saio da sala sem ter que andar no meio do corredor. O velório está começando a diminuir, de qualquer maneira. Eles farão a oração, e todos passarão pelo caixão e nos abraçarão, e então terminará.

Eu abracei a maioria dessas pessoas no funeral de tia Jenny ontem. Eu realmente não sinto vontade de fazer tudo de novo. É parte da razão pela qual tenho insistido em segurar Elijah. Eu realmente não posso abraçar as pessoas quando meus braços estão ocupados com meu priminho.

Quando estou do lado de fora da capela e de volta ao saguão, coloco Elijah no carrinho e o levo para fora. Ironicamente, está um dia bonito. O sol aquece minha pele, mas não é bom.

Parece injusto. Meu pai adorava dias assim. Uma vez, ele ligou para o trabalho falando que estava doente e me levou para pescar, simplesmente porque o tempo estava bom.

— Ele está bem?

Olho para a esquerda e Jonah está encostado no prédio, na sombra. Ele se empurra o tijolo e caminha em nossa direção. Acho estranho que ele não esteja lá dentro agora. Meu pai e Jonah eram supostamente melhores amigos, e ele está pulando seu velório?

Acho que não tenho local de fala. Eu também estou aqui fora.

— Ele estava ficando inquieto, então eu o trouxe para fora.

Jonah coloca a palma da mão no topo da cabeça de Elijah, passando o polegar sobre a testa.

— Você pode voltar. Provavelmente vou levá-lo para casa agora.

Estou com ciúmes que ele consegue ir embora. *Eu* quero ir embora. Eu não volto para dentro. Sento-me em um banco do lado de fora da porta da frente da capela e vejo Jonah empurrar o carrinho pelo estacionamento. Depois de prender Elijah no banco do carro e colocar o carrinho no porta-malas, Jonah me dá um pequeno aceno enquanto entra no carro.

Eu aceno de volta, incapaz de mascarar a empatia na minha expressão. Elijah ainda não tem dois meses e Jonah o criará sozinho agora.

Elijah nunca saberá como era tia Jenny.

Talvez eu deva anotar algumas das minhas memórias favoritas dela antes de começar a esquecer.

Esse pensamento dá nova vida à minha dor. Vou começar a esquecê-los. Tenho certeza de que não acontecerá a princípio, mas depois do tempo. Vou esquecer como meu pai parecia tão feliz quando ele cantava músicas de John Denver sempre que ele aparava a grama. Vou esquecer como tia Jenny costumava piscar para mim sempre que minha mãe dizia algo que expunha seu lado autoritário. Começarei a esquecer como meu pai sempre cheirava a café ou grama fresca e como tia Jenny cheirava a mel e, antes que eu perceba, esquecerei como suas vozes soavam e como seus rostos pareciam pessoalmente...

Uma lágrima cai na minha bochecha e depois outra. Deito no banco e abraço minhas pernas. Fecho os olhos e tento não ser engolida por mais culpa. Mas a culpa envolve seus braços em volta de mim, espremendo a respiração para fora dos meus pulmões. Desde o momento em que descobri que eles estavam em um acidente, eu sabia no meu intestino o que causou.

Eu estava mandando uma mensagem para tia Jenny.

Ela estava respondendo as minhas mensagens... e então ela não estava. Nunca mais tive notícias dela e, duas horas depois, descobri sobre o acidente.

Gostaria de acreditar que não foi minha culpa, mas tia Jenny disse que estava a caminho do trabalho quando eu mandei uma mensagem para ela. Eu deveria ter me preocupado mais com ela lendo minhas mensagens enquanto dirigia, mas só estava preocupada comigo mesma e com meus problemas.

Eu me pergunto se mamãe sabe que minha conversa com Jenny foi o que os causou um acidente. Se eu não estivesse mandando uma mensagem para ela naquele momento – apenas esperasse até que ela estivesse no trabalho – minha mãe não teria perdido a irmã e o marido. Ela não estaria sendo forçada a enterrar duas das pessoas mais importantes em sua vida.

Jonah não teria perdido Jenny. Elijah não teria perdido a mãe.

Eu não teria perdido meu pai – o único homem que eu já amei.

Será que olharam o celular da tia Jenny? Eles poderiam determinar que ela estava mandando mensagens e dirigindo?

Se minha mãe descobre que foi porque eu queria que tia Jenny lesse minhas mensagens e me respondesse quando sabia que ela estava dirigindo, isso só aumentaria sua dor de cabeça.

Esse conhecimento me faz não querer estar aqui em um funeral, onde cada lágrima sendo derramada lá dentro é tudo por minha causa.

— Ei.

Meus olhos se abrem ao som de sua voz. Miller está de pé na minha frente, com as mãos nos bolsos da calça. Sento-me no banco, ajeitando o vestido para cobrir minhas coxas. Estou surpresa em vê-lo. Ele está vestindo um terno. Preto no preto. Sinto-me péssima por meu corpo, de alguma forma, sentir tanto sofrimento, mas ser despertado com uma pontada de atração assim que Miller está na minha presença. Eu uso minhas mãos para limpar as lágrimas do meu rosto.

— Oi.

Ele pressiona os lábios e olha em volta, como se isso fosse tão desconfortável quanto eu temo.

— Eu queria dar uma voltar. Ver como você estava.

Eu não estou bem. Nem um pouco. Quero dizer isso a ele, mas a única coisa que sai da minha boca é:

— Eu não quero ficar aqui. — Não estou pedindo que ele me leve a lugar nenhum. Eu só estou sendo honesta sobre o que estou sentindo neste exato momento. Mas ele inclina a cabeça em direção ao estacionamento.

— Então vamos.

Miller está dirigindo a caminhonete azul que estava em frente à casa deles no dia em que o deixei. Eu nem sei que tipo de caminhonete é, mas é da mesma cor azul que o céu está agora. As janelas estão abaixadas, então acho que o ar condicionado dele não funciona mais. Ou talvez ele só goste de dirigir com as janelas abertas. Eu puxo meu cabelo para cima e faço um coque para que pare de bater na minha cara. Enfio alguns fios atrás das orelhas e depois descanso o queixo no braço enquanto olho pela janela.

Não perguntei para onde estamos indo. Eu nem me importo. Só sei que, a cada quilômetro que ele coloca entre mim e o velório, sinto cada vez mais a liberação do meu peito.

Uma música toca, e peço a Miller para aumentá-la. Eu nunca a ouvi antes, mas é linda e não tem nada a ver com nenhum dos pensamentos que estou tendo, e a voz do cantor é tão suave que parece um curativo. Assim que termina, peço que ele toque novamente.

— Não posso — diz Miller. — É o rádio. A caminhonete é velha demais para Bluetooth.

— Qual era a música?

— 'Dark Four Door', de Billy Raffoul.

— Gostei. — Olho pela janela, assim que outra música começa a tocar. Eu gosto do seu gosto musical. Eu gostaria de poder fazer isso o dia todo, todos os dias. Andar por aí ouvindo músicas tristes enquanto Miller dirige. Por alguma razão, a tristeza na música alivia a tristeza na minha alma. É como se pior o sofrimento de uma música for, melhor eu me sinto. Músicas dramáticas são como uma droga, imagino. Muito ruim para você, mas eles fazem você se sentir bem.

Eu não saberia. Eu nunca usei drogas antes, então nunca testei essa comparação específica. Eu nunca estive drogada. É

difícil fazer as coisas de adolescentes rebeldes normais quando você tem dois pais que querem compensar pelos erros que fizeram quando *eles* eram adolescentes.

— Você está com fome? — Miller pergunta. — Com sede?

Afasto-me da janela e me viro para olhá-lo. — Não. Eu meio que quero ficar chapada, no entanto.

Seus olhos se movem rapidamente da estrada para mim. Ele sorri um pouco.

— Tenho certeza que quer.

— Estou falando sério, — eu digo, sentando-me ereta. — Eu nunca tentei isso antes e realmente quero sair da minha cabeça hoje. Você tem maconha?

— Não — ele diz.

Afundo no meu lugar, decepcionada.

— Mas eu sei onde você pode conseguir um pouco.

Dez minutos depois, ele está chegando ao cinema local. Ele me diz para esperar na caminhonete. Eu quase digo a ele que não importa, que foi apenas um pensamento aleatório.

Mas parte de mim está curiosa para ajudar com a dor. Vou tentar qualquer coisa neste momento.

Ele entra no cinema e, menos de um minuto depois, sai com um cara que parece um pouco mais velho que nós. Talvez na casa dos vinte anos. Eu não o reconheço. Eles andam até o carro do cara e, em quinze segundos, dinheiro e maconha são trocados. *Simples assim.*

Parece tão fácil, mas me enche de energia nervosa. Não é legal no Texas e, mesmo que fosse, Miller tem apenas dezessete anos.

Sem mencionar, ele tem uma câmera de carro novíssima nessa caminhonete velha.

Tenho certeza de que a câmera do painel não pegou a transação, mas se ele fosse preso agora, a polícia procuraria seu

caminhão e provavelmente assistiria ao vídeo e ouviria que as drogas são para mim.

Meu joelho está pulando nervosamente quando Miller volta para sua caminhonete.

Ele dirige para o lado do cinema e fica em frente à estrada para que possamos ver o estacionamento inteiro. Ele tira um saquinho do bolso. Há um baseado já enrolado nele.

A caminhonete é tão antiga que ainda possui um desses isqueiros embutidos. Ele empurra para aquecer e depois me entrega o baseado. Eu olho para ele, sem saber o que fazer com isso. Eu olho para Miller com expectativa.

— Você não vai acender para mim?

Ele balança a cabeça.

— Eu não fumo.

— Mas... você conhece um traficante.

Miller ri.

— O nome dele é Steven. Ele é meu colega de trabalho, não um traficante. Mas ele sempre tem maconha.

— Bem, merda. Eu não pensei que teria que fazer isso sozinha. Eu nunca acendi um cigarro antes. — Pego o celular e abro o YouTube. Eu procuro como acender um baseado e começo a reproduzir um vídeo.

— O YouTube tem tutoriais para fumar maconha? — Ele pergunta.

— Chocante, eu sei.

Miller está achando isso divertido. Percebo pela expressão em seu rosto. Ele chega mais perto de mim e assiste o vídeo comigo.

— Você tem certeza que quer ficar chapada? Suas mãos estão tremendo. — Ele pega o celular de mim.

— Seria rude mudar de idéia agora. Você já pagou por isso.

Miller continua segurando o celular para nós. Quando o vídeo termina, tiro o isqueiro da tomada e olho para ele, hesitante.

— Aqui. Eu posso tentar.

Eu entrego a ele, e ele acende o baseado como se fosse um profissional. Meio que me faz questionar sua afirmação inicial. Ele inala uma vez, depois sopra a fumaça para longe de mim, pela

janela aberta. Ele me entrega em seguida, mas quando tento inspirar, acabo tossindo e cuspiendo a coisa toda. Não sou tão graciosa quanto ele.

— Se você não fuma maconha, por que você fez isso tão facilmente?

Ele ri.

— Eu não disse que nunca tentei. Eu nunca acendi um baseado antes.

Eu tento novamente, mas ainda não consigo fazê-lo descer sem problemas.

— É tão nojento — eu engasgo.

— Os comestíveis são melhores.

— Então por que você não me deu um comestível?

— Steven não tinha nenhum, e drogas não são realmente minha praia.

Seguro o baseado entre os dedos, olhando para ele, imaginando como acabei aqui quando deveria estar no funeral de meu pai. As drogas também não são minha praia, eu penso. Parece tão antinatural.

— Qual é a sua praia? — Eu pergunto, olhando para Miller.

Ele encosta a cabeça no assento e pensa por um momento.

— Chá gelado. E pão de milho. Eu amo pão de milho.

Eu dou risada. Não era o que eu esperava. Eu espero um momento antes de dar outra tragada. Lexie ficaria horrorizada se me visse agora.

Merda. Lexie.

Eu nem disse a ela que estava saindo do funeral. Eu olho para o meu celular, mas ela não enviou uma mensagem. Só tenho uma mensagem da minha mãe, enviada quinze minutos atrás.

Mãe: Onde você está?

Viro meu celular para baixo. Se não consigo ver a mensagem, ela não existe.

— E você? — Miller pergunta. — Qual é a sua praia?

— Atuar. Mas você já sabe disso.

Ele faz uma careta.

— Quando você perguntou qual era a minha praia, por algum motivo, pensei que estávamos falando sobre coisas que gostamos de consumir.

Isso me faz sorrir.

— Não, isso inclui qualquer coisa. O que você mais gosta? Qual é a única coisa que você nunca iria desistir da vida? — *Ele provavelmente vai dizer Shelby.*

— Fotografia — ele diz rapidamente. — Filmar, editar. Qualquer coisa que me coloque atrás da câmera. — Ele inclina a cabeça e sorri para mim. — Mas você já sabe disso.

— É por isso que você tem uma câmera de painel? — Eu digo, apontando para ela. — Você precisa estar atrás de uma câmera, mesmo quando estiver dirigindo?

Ele concorda.

— Eu também tenho isso. — Ele abre o porta-luvas e pega uma GoPro. — Eu sempre tenho algum tipo de câmera comigo. Nunca se sabe quando esse momento fotográfico perfeito surgirá.

Eu acho que Miller pode ser tão interessado em filmagem quanto eu sou quando se trata de atuar.

— Pena que sua ex não nos permita trabalhar juntos no projeto do filme. Poderíamos formar um bom time. — Levanto o baseado de volta à minha boca, mesmo que eu odeie tudo. — Quanto eu tenho que fumar antes que me faça sentir entorpecida?

— Pode *não* fazer você se sentir entorpecida. Pode fazer você se sentir nervosa e paranóica.

Olho para a maconha, decepcionada.

— Bem, merda. — Eu procuro um lugar para apagá-lo, mas não há um cinzeiro em sua caminhonete. — O que eu faço com isso? Eu não gosto disso.

Miller pega de mim e aperta o final com os dedos. Ele sai e joga na lata de lixo, depois volta para a caminhonete.

Que cavalheiro. Me comprando maconha e depois a descartando para mim.

Que dia esquisito. E ainda não sinto nada. Ainda cheia de tristeza.

— Eu voltei com Shelby.

Eu retiro o que disse. Eu senti isso.

— Isso é péssimo — eu digo.

— Na verdade não.

Eu rolo minha cabeça e olho para ele intencionalmente.

— Não... é sim. Isso é péssimo. Você nem deveria ter trazido isso à tona.

— Eu não trouxe — diz ele. — Você sim. Você a chamou de minha ex um minuto atrás, e eu senti que precisava esclarecer que estamos juntos novamente.

Eu nem sei por que ele está me dizendo isso. Inclino minha cabeça, estreitando os olhos.

— Você acha que eu gosto de você? É por isso que você continua me informando sobre o seu status de relacionamento quando estamos juntos?

Miller sorri.

— Você é abrasiva.

Eu dou risada, me afastando dele porque estou com medo de que minha risada resulte em lágrimas. É engraçado, no entanto. Triste e engraçado, porque minha mãe costumava se referir a meu pai como abrasivo. Acho que a maçã também não caiu longe da árvore do meu pai.

Miller deve pensar que me insultou, porque se inclina um pouco para a frente, tentando chamar minha atenção. — Eu não quis dizer isso de uma maneira negativa.

Eu aceno a cabeça para ele, deixando-o saber que não estou ofendida.

— Está bem. Você está certo. Eu sou abrasiva. Eu gosto de discutir, mesmo quando sei que estou errada. — Eu o encaro. — Estou melhorando, no entanto. Estou aprendendo que às vezes você precisa se afastar da luta para vencê-la. — *Minha tia Jenny me disse isso uma vez. Eu tento me lembrar disso toda vez que sinto que estou na defensiva.*

Miller sorri gentilmente para mim, e eu não sei se a maconha está finalmente fazendo efeito ou se o sorriso dele está me deixando

tonta. De qualquer maneira, é melhor do que a dor de cabeça que eu sofro há cinco dias por causa do choro.

— Se você voltou com a Shelby, por que está me ajudando agora? Tenho certeza de que ela não aprovaria isso.

Um flash de culpa cruza seu rosto. Ele segura o volante e desliza as mãos para baixo.

— Eu me sentiria ainda mais culpado se *não* te ajudasse.

Eu realmente gostaria de refletir sobre esse comentário, mas nossa conversa está arruinada pela intrusão de um carro que para ao nosso lado. Olho pela janela aberta e me sento mais reta.

— Porcaria.

— Entre no carro, Clara. — As palavras de minha mãe são firmes e altas, mas pode ser porque as janelas estão abertas e ela parou tão perto da caminhonete de Miller que não tenho certeza se vou conseguir abrir a porta.

— É a sua mãe? — Miller sussurra.

— Sim. — Mas, estranhamente, isso não me incomoda tanto quanto provavelmente deveria. Talvez a maconha realmente tenha ajudado, porque eu meio que quero rir que ela está aqui. — Esqueci que temos esse aplicativo. Ela pode me rastrear em qualquer lugar.

— Clara. — minha mãe diz novamente.

Miller levanta uma sobrancelha.

— Boa sorte.

Eu lanço a ele um sorriso de boca fechada e abro a porta. Eu estava certa – não consigo sair.

— Você estacionou muito perto, mãe.

Minha mãe respira lentamente e depois põe a marcha à ré. Quando estou ok para abrir a porta, nem olho para Miller. Vou até o carro da minha mãe e entro. Ela não diz nada quando começa a se afastar do cinema.

Nada até as palavras:

— Quem era aquele?

— Miller Adams.

Eu posso sentir sua desaprovação, apesar de seu silêncio. Alguns segundos depois, ela balança a cabeça na minha direção.

— Ai meu Deus. Você está chapada?

— Hã?

— Você estava ficando chapada com aquele cara?

— Não. Estávamos conversando. — *Não soou convincente.*

Ela faz um som de *hum* e depois diz:

— Você cheira a maconha.

— Eu cheiro? — Eu fungo para sentir o meu cheiro, o que é estúpido, porque quem sabe que não cheira a maconha não se cheira para ver se cheira a maconha.

Sua mandíbula se flexiona ainda mais quando fazemos contato visual. Algo me denunciou completamente. Abro a viseira e olho para os meus olhos vermelhos. *Uau, isso aconteceu rápido.* Levanto a viseira.

— Não acredito que você pulou o velório de seu pai para ficar chapada.

— Fiquei lá a maior parte do tempo.

— Era o velório do seu pai, Clara!

Ela está tão chateada agora. Eu suspiro e olho pela minha janela.

— Por quanto tempo estou de castigo?

Ela solta um suspiro frustrado.

— Eu vou deixar você saber depois que eu falar com seu pa...

— Sua boca se fecha quando ela percebe o que estava prestes a dizer.

Não tenho certeza, porque estou olhando pela janela, mas acho que ela chora o caminho todo para casa.

CAPÍTULO SETE

MORGAN

Dois anos, seis meses e treze dias. É exatamente por quanto tempo Clara e eu podemos viver da apólice de seguro de vida de Chris se continuarmos vivendo como estamos vivendo.

Seu cheque da Previdência Social não chegará nem perto do que era seu salário real, o que significa que as decisões precisam ser tomadas. As finanças precisam ser reconfiguradas. O fundo da faculdade de Clara pode precisar ser reduzido. Eu preciso encontrar um emprego.

Uma *carreira*...

Ainda... Parece que não consigo sair da cama ou do sofá para enfrentar qualquer coisa.

Sinto que, com mais horas que posso passar entre o acidente e o momento atual, a dor vai melhorar. Quando a dor for melhor, talvez minha falta de desejo de lidar com tudo o que precisa ser feito diminua.

Eu acho que a maneira mais rápida de ir do ponto A (pesar) ao ponto B (menos pesar) é dormir do meu jeito. Acho que Clara se sente da mesma maneira, porque nós dois passamos a maior parte do fim de semana dormindo.

Ela mal falou comigo desde o funeral. Peguei o telefone dela assim que descobri que ela estava chapada. Mas também não tenho estado com disposição para conversar ultimamente, então não a pressiono.

Eu não a empurro, mas a abraço. Não sei se os abraços são mais porque preciso deles ou porque estou preocupada com a forma como ela está levando tudo. Terça-feira fará uma semana

desde o naufrágio, e não tenho ideia se ela voltará para a escola amanhã ou se ainda precisa de mais tempo. Eu daria a ela mais tempo se ela precisasse, mas ainda não discutimos isso.

Eu espio dentro do quarto dela apenas para ter certeza de que ela está bem. Não sei como enfrentar esse tipo de tristeza com ela. Nunca tivemos que navegar por algo tão horrível. Eu me sinto perdida sem Chris. Sem Jenny, até. Eles sempre foram meus portos quando eu precisava desabafar ou precisar de garantias sobre como eu sou mãe de Clara.

Minha mãe morreu há alguns anos, mas ela é a última pessoa da qual eu gostaria de receber conselhos sobre os pais. Tenho amigos, mas nenhum deles sofreu esse nível de perda inesperada. Sinto como se estivesse navegando em águas desconhecidas por qualquer pessoa que eu conheça. Planejo colocar Clara em terapia, mas talvez não por mais um mês. Quero dar a ela tempo para descobrir a parte mais dolorosa do sofrimento antes de forçá-la a algo que sei que ela não vai querer fazer.

A casa nunca esteve tão quieta. Nem o som da TV preenche o fundo, porque o maldito cabo ainda está quebrado. Chris cuidou de todas as contas, então nem tenho certeza de qual é o nome da nossa empresa de TV a cabo. Eu vou descobrir isso eventualmente.

Eu me abaixo no chão da sala. Está escuro e tento meditar, mas na verdade tudo o que estou fazendo é pensar em tudo o que posso pensar que não envolva um pensamento de Chris ou Jenny, mas é difícil. Quase todas as lembranças que tenho incluem um deles.

Ambos faziam parte de cada marco ou evento da minha vida. Toda a minha gravidez com Clara. O nascimento dela. Nosso casamento, nossos aniversários, formaturas, férias em família, churrascos de aniversário, datas de filmes, viagens de pesca e acampamento, o nascimento de Elijah.

Cada momento importante da minha vida incluía os dois. Eles eram o meu mundo inteiro, e eu era deles. É por isso que me recuso a pensar outra vez sobre o motivo de estarem juntos. Não tem como eles me traírem assim. Trair *Clara* assim. Eu teria sabido.

Eu *absolutamente* saberia.

Meus pensamentos são interrompidos quando a campainha toca.

Eu tenho um vislumbre do carro de Jonah pela janela enquanto estou indo em direção à porta da frente. Não me sinto aliviada por vê-lo, porque prefiro não ter visitantes, mas também não sinto a irritação que geralmente sinto ao vê-lo quando abro a porta. Minha simpatia por sua situação obscurece minha irritação. É claro que estou arrasada com Jenny e Chris, mas sou razoável o suficiente para saber que isso afeta Jonah mais do que me afeta.

Ele tem um bebê para criar.

Eu pelo menos tinha os pais de Chris, Jenny e Chris para ajudar com Clara.

Jonah só tem sua mãe.

Eu acho que ele também me tem. Mas não sou de muita ajuda agora.

Abro a porta, chocada com o que vejo. Jonah não faz a barba há alguns dias. Ele nem parece que tomou banho. Ou dormiu. Ele provavelmente não o fez, porque *eu* não fiz e nem tenho um bebê para cuidar.

— Ei — diz ele, sua voz plana.

Abro a porta para deixá-lo entrar.

— Onde está Elijah?

— Minha mãe o queria por algumas horas.

Isso me faz sentir bem. Jonah precisa de uma folga.

Não sei por que ele está aqui, mas estou com medo, porque ele quer falar sobre o que aconteceu. Ele provavelmente está aqui para dissecar por que eles estavam juntos. Se eu pudesse do meu jeito, nunca falaria sobre isso. Eu quero fingir que não aconteceu. A tristeza de perdê-los é suficiente. Não quero acumular raiva e sentimentos de traição em cima disso.

Eu só quero sentir falta deles. Eu não acho que tenho força suficiente para odiá-los.

Estamos parados em silêncio na sala por apenas cinco segundos, mas parece que há mais tempo. Não sei o que fazer. Levá-lo ao pátio dos fundos para sentar? Sentar-se à mesa da sala de jantar com ele? O sofá? Isso é estranho, porque eu não tenho

mais esse tipo de facilidade com Jonah. Minha rotina com ele desde que ele voltou foi evasiva, e como não posso evitá-lo agora, sinto que esse é um território totalmente novo.

— Clara está em casa?

Eu concordo.

— Sim. No quarto dela.

Ele olha para o corredor.

— Eu gostaria de falar com você em particular, se você tiver um minuto.

A sala de estar é a sala mais distante do quarto de Clara. Eu tenho uma visão direta do corredor e a verei se ela sair do quarto, então eu o aponto para o assento do amor e pego o sofá de frente para o corredor.

Ele se inclina para a frente, cotovelos nos joelhos, dedos chegando a um ponto contra o queixo. Ele suspira pesadamente.

— Não sei se é muito cedo para discutir o assunto — diz ele, — mas tenho muitas perguntas.

— Eu *nunca* quero discutir isso.

Ele suspira, recostando-se no sofá.

— Morgan.

Eu odeio como ele diz meu nome. Cheio de decepção.

— Que bem isso faria, Jonah? Não sabemos por que eles estavam juntos. Se começarmos a dissecá-lo, podemos encontrar respostas que não queremos.

Ele aperta sua mandíbula. Ficamos em um silêncio forte e desconfortável por um minuto inteiro. Então, como se fosse um pensamento totalmente novo, os olhos de Jonah se voltam para os meus.

— Onde está o carro de Chris? — Jonah pode dizer, pela maneira como desvio os olhos, que isso é algo que eu estava tentando evitar. — Ele saiu daqui de carro naquela manhã, não foi?

— Sim — eu sussurro.

Fiquei me perguntando onde está o carro dele, mas não fiz nada para tentar localizá-lo.

Eu tenho medo do que a localização possa provar. Prefiro não saber onde está para sempre, em vez de descobrir que está

estacionado em algum hotel.

— Ele tinha OnStar?

Eu concordo. Jonah pega o celular e sai para fazer a ligação para o serviço de rastreio.

Corro para a cozinha porque preciso de uma bebida. Sinto náuseas. Encontro a garrafa de vinho que Jonah e Jenny trouxeram na semana passada para o meu aniversário. Nós nunca conseguimos abri-lo porque já tínhamos uma garrafa. Desaparafusei a rolha e me servi um copo.

O copo está quase vazio quando Jonah entra na cozinha.

Seu rosto está completamente sem cor, e eu sei com aquele olhar que isso não é bom.

Meu maior medo provavelmente está prestes a se tornar realidade, e mesmo que eu não queira saber, ainda não posso deixar de perguntar.

Cubro minha boca com uma mão hesitante.

— Onde está? — Eu sussurro.

Seu rosto transmite suas palavras antes que elas saiam de sua boca.

— Está estacionado no Langford.

Minha mão cai da minha boca e aperto o estômago. Devo parecer que estou prestes a desmaiar, porque Jonah pega o copo de vinho da minha mão e o coloca cuidadosamente no balcão.

— Liguei para o hotel — continua ele. — Eles deixaram mensagens de voz no telefone de Chris. Eles disseram que podemos pegar as chaves e as coisas que ficaram no quarto deles.

O quarto *deles*.

O quarto de hotel da minha irmã e do meu marido.

— Eu não posso, Jonah. — Minha voz é um sussurro de dor.

Sua expressão é simpática agora. Ele coloca as mãos nos meus ombros e mergulha a cabeça.

— Você tem que fazer isso. O carro dele será rebocado amanhã se não o buscarmos hoje à noite. Você precisa do carro dele, Morgan.

Meus olhos estão cheios de lágrimas. Eu pressiono meus lábios e aceno.

— Ok, mas eu não quero saber o que há no quarto.

— Isso é bom. Você pode dirigir o carro de Chris para casa, e eu cuidarei do resto.



Chris e eu ficamos no Langford uma vez. Era o nosso aniversário de dois anos, e foi antes de finalmente desistir da faculdade. Ele não podia tirar uma folga do seu trabalho de fim de semana, então nos reservou uma quarta-feira à noite. Minha mãe ficou com Clara e passamos a noite inteira na cama juntos. *Dormindo.*

Foi o paraíso.

Estávamos ambos exaustos de ter um bebê e tentar terminar a escola, assim que tivemos um momento de paz, aproveitamos isso. Tínhamos apenas dezenove e vinte anos de idade.

Nem sequer tínhamos idade para beber álcool, mas já está cansados o suficiente para ter o dobro da nossa idade.

Acabou chegando a um ponto em que a creche estava custando mais do que eu fazia no meu emprego de meio período, mal estávamos conseguindo sobreviver e a única solução lógica naquele momento era eu ficar em casa com Clara. Chris disse que eu poderia terminar meu curso depois que ele terminasse o dele, mas nunca me matriculei novamente. Depois que Chris encontrou um emprego, as lutas financeiras diminuíram e nós caímos em uma rotina confortável.

Eu estava contente com a minha vida. Nós dois estávamos, pensei. Mas talvez Chris estivesse menos satisfeito com sua vida do que eu supus.

Estou sentada no carro de Jonah. Estamos estacionados ao lado do SUV de Chris. Jonah pegou uma chave na recepção e entrou no quarto de hotel para encontrar a chave do carro de Chris. Ele está lá há cinco minutos. Inclino a cabeça para trás e fecho os olhos, fazendo uma oração silenciosa. Esperando que ele venha me dizer que o que quer que ele tenha encontrado provou que estamos muito fora da base. Mas eu já sei. No meu coração, sei que fui

traída da pior maneira possível pela única pessoa que nunca pensei que me machucaria.

Minha irmã. Minha melhor amiga.

Chris fazendo algo assim foi uma faca no meu coração.

Mas Jenny? Isso é uma obliteração da minha alma.

Quando Jonah está de volta no banco do motorista, ele joga a mochila de Jenny nas costas. Aquela que Chris e eu compramos para ela no Natal do ano passado. Ele me entrega as chaves do carro de Chris.

Estou olhando para a bolsa, me perguntando por que ela precisaria disso. Ela saiu de casa naquela manhã para um turno de doze horas – não para uma viagem noturna. Por que ela precisaria de uma bolsa para dormir?

— Por que a bolsa dela estava lá?

Jonah não responde. Sua mandíbula é como concreto quando ele olha para a frente.

— Por que ela precisava de uma bolsa, Jonah? Ela disse que ia trabalhar, certo? Ela não estava passando a noite em lugar nenhum.

— As roupas dela estavam lá — diz ele. Mas o jeito que ele diz isso me faz pensar que ele está mentindo.

Ela tinha uma bolsa noite para que ela pudesse trocar seu uniforme depois de deixar minha casa. Mas no que ela estava se metendo?

Eu chego ao banco de trás, e ele agarra meu pulso e me para. Eu me afasto dele e me viro no meu lugar, tentando pegar a mochila novamente. Ele me bloqueia com o braço, então passamos os próximos segundos brigando no carro até que ele tenha os dois braços ao meu redor, tentando me puxar de volta para o meu assento, mas eu já a abri.

Assim que vejo a guarnição de renda preta afiando um pedaço de lingerie delicada, caio de volta no banco da frente. Eu olho para frente. Imóvel. Tento não deixar as imagens passarem pela minha cabeça, mas saber que minha irmã estava planejando usar lingerie para o meu marido é possivelmente uma das piores coisas que se pode imaginar.

Jonah também está imóvel.

Cada um de nós luta silenciosamente com a realidade do que isso significa. Minha dúvida é devorada por nossa nova realidade sombria. Eu me enrolo em mim mesma, puxando meus joelhos no meu peito.

— Por quê? — Minha voz se estica contra as paredes da minha garganta. Jonah estica um braço reconfortante, mas eu o afasto. — Me leve para casa.

Ele não se mexe por um momento.

— Mas... O carro do Chris.

— Eu não quero essa *porra de* carro!

Jonah me olha por um instante, depois assente uma vez. Ele liga o carro e sai da nossa vaga de estacionamento, deixando o carro de Chris onde ficou intacto durante a semana passada.

Espero que o carro seja rebocado. Está no nome de Chris — não no meu. Não quero ver o carro na minha casa. O banco pode recuperá-lo até onde eu sei.



Assim que Jonah encosta na minha garagem, abro a porta do passageiro. Parece que estou prendendo a respiração desde que saímos do Langford, mas sair do carro e entrar no ar fresco da noite não faz nada para encher meus pulmões.

Não espero que Jonah saia, mas ele faz. Ele começa a me seguir pelo meu quintal, mas antes de abrir a porta da frente, me viro para encará-lo.

— Você sabia sobre o caso deles?

Ele balança a cabeça.

— Claro que não.

Meu peito está doendo. Estou com raiva, mas não com Jonah. Eu acho que não. Estou com raiva de tudo. Chris, Jenny, toda lembrança que tenho deles juntos. Estou com raiva porque sei que essa é agora minha nova obsessão. Estarei constantemente me perguntando quando tudo começou, o que cada olhar significava, o que toda conversa entre eles significava. Eles tinham piadas

internas? Eles disseram na minha frente? Eles riram da minha incapacidade de sentir o que estava acontecendo entre eles?

Jonah dá um passo hesitante à frente. Estou chorando agora, mas essas lágrimas não nasceram da tristeza com a qual lutei durante toda a semana passada. Essas lágrimas nascem de uma angústia mais inata, se é que isso é possível.

Eu tento inspirar, mas meus pulmões estão entupidos. A preocupação de Jonah cresce quando ele me observa, então ele se aproxima ainda mais, invadindo meu espaço pessoal, dificultando ainda mais a respiração.

— Sinto muito, — diz ele, tentando acalmar o pânico dentro de mim. Afasto-o, mas ainda não entro. Não quero que Clara me veja assim. Estou audivelmente ofegante agora, e não está ajudando que estou tentando parar as lágrimas. Jonah me leva a uma cadeira no pátio da frente e me obriga a sentar.

— Eu não consigo... — Estou sem fôlego. — Eu não consigo respirar.

— Vou pegar um pouco de água. — Ele entra na casa e, assim que a porta se fecha, caio em soluços. Cubro minha boca com as duas mãos, querendo que pare. Eu não quero ficar triste. Ou com raiva. Eu só quero ficar entorpecida.

Vejo algo pelo canto do olho, então olho para a casa ao lado. A sra. Nettle está me espiando por trás das cortinas da sala, me observando enquanto eu choro.

Ela é a vizinha mais intrometida que já tivemos. Fico com raiva que ela esteja me observando agora, provavelmente tendo prazer em me ver no meio de um ataque de pânico.

Quando ela se mudou, há três anos, ela não gostou da cor da grama no nosso quintal, porque não combinava com a grama do quintal dela. Ela tentou peticionar a associação do proprietário para nos forçar a replantar nosso quintal com alfafa em vez de Santo Agostinho.

E esse foi apenas o primeiro mês em que ela morou aqui. Ela ficou muito pior desde então.

Deus, minha raiva aleatória pelo minha vizinha de oitenta anos está dificultando ainda mais a respiração.

Meu batimento cardíaco está tão rápido agora que posso senti-lo palpitando no pescoço.

Ponho a mão no peito no momento em que Jonah volta com a água. Ele se senta ao meu lado, garantindo que eu tome um gole. Então outro. Ele coloca o copo na mesa entre nós.

— Incline-se para a frente e coloque a cabeça entre os joelhos, — diz ele.

Eu faço isso sem questionar.

Jonah respira lentamente, pretendendo me fazer imitá-lo. Eu faço. Ele repete cerca de dez vezes, até que minha frequência cardíaca diminua significativamente. Quando me sinto

menos à beira de um ataque cardíaco, levanto a cabeça e recosto na cadeira do pátio, tentando encher meus pulmões de ar. Solto um longo suspiro, depois olho ao lado. A sra.

Nettle ainda está nos olhando por trás da cortina.

Ela nem tenta esconder sua intromissão. Eu mostro o dedo do meio para ela, o que funciona. Ela fecha as cortinas e apaga a luz da sala.

Jonah faz um pequeno som na garganta, como se ele quisesse rir. Talvez seja engraçado, me ver mostrar o dedo do meio para uma pessoa de oitenta anos. Mas não há como eu encontrar em mim um mínimo de riso agora.

— Como você está tão calmo? — Eu pergunto a ele.

Jonah se recosta na cadeira com um olhar de soslaio na minha direção.

— Eu não estou calmo, — diz ele. — Estou ferido. Estou com raiva. Mas também não sou tão investido quanto você, então acho natural que tenhamos reações diferentes.

— Não é tão investido quanto eu?

— Chris não era meu irmão, — diz ele com naturalidade. — Jenny não era alguém com quem me casei há metade da minha vida. Eles te cortaram mais fundo do que me cortaram.

Desvio o olhar de Jonah porque suas palavras me fazem querer estremecer. Eu não gosto dessa descrição. *Eles cortaram você...*

É a explicação perfeita de como me sinto, mas nunca imaginei que Jenny e Chris seriam os únicos a me fazer sentir isso.

Jonah e eu não falamos por um tempo depois disso. Não estou mais chorando, então provavelmente deveria entrar agora que estou livre. Eu tenho tentado esconder minhas emoções de Clara. Não é a tristeza. A dor é natural. Eu não me importo de ficar triste na frente dela. Mas não quero que ela sinta minha raiva. O que Jenny e Chris fizeram é algo que eu nunca quero que Clara descubra. Ela já passou por bastante.

Não havia como dizer como ela reagiria se descobrisse a verdade sobre eles. Ela já está atacada o suficiente com um comportamento que é tão diferente dela.

— Clara saiu do funeral de Chris mais cedo. Eu a encontrei no cinema ficando chapada com aquele cara. Miller Adams. O qual você alegou ser um bom garoto? — *Não sei por que joguei essa última parte, como se de alguma forma fosse culpa de Jonah.*

Jonah solta um suspiro.

— Uau.

— Eu sei. E a pior parte é que eu nem sei como lidar com isso. Ou por quanto tempo devo fundamentá-la.

Jonah se levanta da cadeira, ficando de pé.

— Ela está sofrendo. Todos nós estamos. Duvido que seja algo que ela teria feito se fosse em circunstâncias diferentes. Talvez dê a ela um passe livre sobre seu comportamento esta semana.

Concordo, mas discordo dele. Um passe livre seria apropriado para algo mais suave do que usar drogas. É mais apropriado para algo como quebrar o toque de recolher. Não posso deixar passar que ela saiu do funeral de Chris para ficar chapada. Sem mencionar que ela estava com o cara que seu pai disse a ela para não passar o tempo. Se eu deixar uma dessas coisas deslizar, a que essa indulgência levará?

Levanto-me, pronta para entrar. Abro a porta da frente e me viro para encarar Jonah. Ele está na porta agora, olhando para os pés, quando diz:

— Preciso pegar Elijah. — Ele levanta os olhos, e eu não posso dizer se ele está segurando as lágrimas ou se eu esqueci que

quando você está tão perto de Jonah Sullivan, o azul em seus olhos parece liquefeito. — Você vai ficar bem?

Soltei uma risada sem entusiasmo. Eu ainda tenho lágrimas nas bochechas que nem secaram, e ele está me perguntando se eu vou ficar bem?

Não estou bem há uma semana. Eu não estou bem agora. Mas dou de ombros e digo:

— Eu vou sobreviver.

Ele hesita como se quisesse dizer mais. Mas ele não diz. Ele volta para o carro e eu fecho a porta da frente.

— O que foi aquilo?

Eu me viro e encontro Clara parada na entrada do corredor.

— Nada, — eu digo, quase rápido demais.

— Ele está bem?

— Sim, ele apenas... ele está lutando. Criando Elijah por conta própria. Ele tinha perguntas.

Eu não sou a boa mentirosa desta família, mas isso tecnicamente não era uma mentira.

Tenho certeza que Jonah *está* lutando. É o primeiro filho dele. Ele acabou de perder Jenny.

Lembro-me de quando Clara era bebê e Chris era estudante em período integral e trabalhava todos os dias em que não tinha aula. Eu sei o quão difícil é fazer tudo sozinho. Eu estive lá.

Claro, Elijah é um bebê mais fácil do que Clara. Eles parecem ser gêmeos, mas suas personalidades não são iguais.

— Quem está com Elijah? — Clara pergunta.

Eu ouço essa pergunta de Clara, mas não posso responder porque meus pensamentos não estão avançando. Eles estão presos na última coisa que passou pela minha cabeça.

Eles parecem ser gêmeos.

Agarro a parede depois de ser atingida pelo que parece uma realização de dez mil libras.

— Por que você saiu de casa com Jonah? — Clara pergunta.

— Onde vocês foram?

Elijah não se parece em nada com Jonah. Ele se parece com Clara.

— Mãe. — diz Clara com mais ênfase, tentando obter uma resposta de mim.

E Clara se parece com Chris.

As paredes na minha frente começam a pulsar. Eu aceno para Clara porque sei como sou uma mentirosa terrível e sinto que ela pode ver através de mim.

— Você ainda está de castigo. Volte para o seu quarto.

— Estou de castigo da *sala de estar*? — Ela pergunta, intrigada.

— Clara, vá. — eu digo com firmeza, precisando que ela saia da sala antes que eu desmorone completamente bem na frente dela.

Clara sai correndo.

Corro para o meu próprio quarto e bato a porta.

Como se suas mortes não fossem suficientes, os golpes continuam chegando, e eles estão ficando cada vez mais graves.

CAPÍTULO OITO

CLARA

Saí de casa assim que minha mãe foi para o quarto e bateu a porta. Eu não deveria sair, então eu tenho certeza que isso se estenderá por quanto tempo eu estiver de castigo, mas neste momento, eu não me importo. Não posso ficar presa dentro daquela casa por mais um minuto. Tudo me lembra meu pai. E toda vez que olho para minha mãe, ela está sentada quieta em pontos aleatórios, olhando para o nada.

Ou estourando comigo.

Eu sei que ela está sofrendo, mas ela não é a única. Tudo o que fiz foi perguntar a ela onde Elijah estava e por que ela saiu de casa com Jonah, mas ela reagiu exageradamente.

Será que é assim a partir de agora? Meu pai se foi, então agora ela sente que precisa compensar a ausência dele e ser ainda mais rigorosa comigo? *Quem fica de castigo de sua própria sala de estar?*

Estou de castigo pelo meu telefone, então minha mãe não vai ser capaz de ver onde estou. Eu tinha medo que ela chamasse a polícia, então, antes de sair, escrevi para ela um bilhete dizendo: *Estou realmente sofrendo. Vou para a Lexie por algumas horas, mas chegarei em casa às dez.* Eu sabia que se eu jogasse a parte – *sofrendo* – talvez ela não estivesse com tanta raiva. O luto é uma fera, mas também é uma ótima desculpa.

Eu dirigi para a casa de Lexie depois de sair da minha, esperando que ela estivesse em casa, mas ela não estava.

Agora estou sentada no estacionamento do cinema, olhando para a caminhonete de Miller.

Eu entrei porque estava pensando em como seria bom sentar no teatro escuro por uma hora e meia e esquecer que o mundo lá fora existe. Mas agora que sei que Miller está trabalhando hoje à noite, não tenho certeza se quero entrar. Parece que vim aqui de propósito, procurando-o.

Talvez eu tenha? Eu nem sei.

De qualquer forma, não vou parar de ir ao cinema quando ele estiver trabalhando, simplesmente porque ele tem uma namorada. Eu também não vou parar de ir só porque estou preocupada que seja estranho.

Quero dizer, o cara me comprou drogas. Não pode ficar muito mais estranho do que isso.

A janela do balcão de ingressos ao ar livre está fechada, mas Miller está dentro. Eu o observo através das portas de vidro por um momento. Ele está limpando os balcões da concessão enquanto Steven, o cara que lhe vendeu a erva, varre derramamentos aleatórios de pipoca.

O saguão do teatro está quieto quando entro, então os dois olham para cima quando ouvem a porta se abrir.

Miller me lança um pequeno sorriso e para de limpar quando me vê. De repente, estou mais nervosa do que imaginava.

Ele pressiona as palmas das mãos no balcão e se inclina para frente quando eu me aproximo dele.

— Imaginei que você estaria de castigo.

Eu dou de ombros.

— Eu estou. Ela pegou meu telefone e me baniu para o meu quarto. — Olho para o menu acima da cabeça dele. — Eu escapei.

Ele ri.

— As sessões finais começaram entre trinta e quarenta e cinco minutos atrás, mas você pode escolher. O teatro quatro é o mais vazio.

— O que está passando no quatro?

— *Interestadual*. É um filme de ação.

— Bruto. Eu vou aceitar. — Eu tiro o dinheiro da minha bolsa, mas ele acena.

— Não se preocupe com isso. Família entra de graça. Se alguém perguntar, diga que você é minha irmã.

— Prefiro pagar do que fingir que somos irmãos.

Miller ri e pega um copo grande.

— O que você quer beber?

— Sprite.

Ele me entrega o Sprite, depois molha um punhado de guardanapos na pia atrás dele.

Olho para ele confusa quando ele me entrega os guardanapos molhados.

— Você tem coisas — diz ele, arrastando um dedo pela bochecha. — Maquiagem. De chorar.

— Oh. — Eu limpo minhas bochechas. Nem me lembro de colocar rímel hoje. Parece que estou passando pelos movimentos da vida sem realmente estar ciente de nenhum dos movimentos. Eu nem sabia que estava chorando o caminho para cá. Inferno, provavelmente ainda estou chorando. Eu não posso nem dizer mais nada. Minha culpa por saber que estava mandando uma mensagem para tia Jenny no momento em que ela teve o acidente, juntamente com a perda enorme que sinto pelos dois, não parece que isso vá desaparecer.

As lágrimas que pareciam vir apenas à noite estão começando a me seguir durante o dia. Eu pensei que o tempo iria melhorar, mas até agora, o tempo apenas permitiu que meus sentimentos aumentassem. Meu coração está inchado, como se pudesse explodir se mais uma pequena tragédia surgisse.

Miller me faz um grande saco de pipoca enquanto eu limpo meu rímel.

— Você quer manteiga?

— Muita— Jogo o guardanapo em uma lata de lixo próxima, nem mesmo preocupada se eu limpei tudo. Ele mergulha a pipoca na manteiga.

— Não esqueça. Se um funcionário pedir um ingresso, você é minha irmã, — ele diz enquanto entrega a pipoca para mim.

Coloquei alguns pedaços de pipoca na boca e me afastei.

— Obrigada, irmãozão.

Ele faz uma cara de dor depois que eu o chamo assim, quase como se fosse um pensamento grosseiro. Eu gosto que o pensamento de sermos parentes o repulsa. Isso significa que há uma chance de ele nos imaginar juntos em uma capacidade totalmente diferente.



A pipoca está fria.

Tenho certeza que é porque a bomboniere estava sendo fechada quando ele me fez um saco. Não posso esperar pipoca fresca no final da noite. Mas é tão ruim que tenho certeza de que essa pipoca é a pilha de rejeitos que permanece intocada no fundo da máquina de pipoca desde que foi estocada pela manhã.

Eu estou comendo de qualquer maneira.

Eu escolhi sentar na fila de trás no canto, porque só há duas outras pessoas aqui, e elas estão no meio. Eu não queria sentar na frente deles porque planejava chorar a coisa toda, mas na verdade é um filme interessante o suficiente para me distrair.

Eu não disse que era um *bom* filme. Apenas interessante.

Pelo menos, a personagem principal é interessante. Ela é uma durona sem barreiras, com cabelos na altura dos ombros que chicoteiam e balançam a cada movimento. Eu me concentrei mais no cabelo dela do que na história. Meu cabelo é longo, até o meio das minhas costas. Meu pai amava meu cabelo longo e me convenceu a mudar de ideia toda vez que eu pensava em cortá-lo.

Puxo uma mecha do meu cabelo e deslizo os dedos por toda a extensão. Estou cansada disso. Eu acho que vou cortar em breve. Eu devo mudar.

— Ei — sussurra Miller. Olho para cima quando ele se senta ao meu lado. — Como está o filme?

— Eu não sei. Estou pensando em cortar meu cabelo.

Ele enfia a mão na minha pipoca e pega um punhado, depois se recosta no assento e coloca os pés na cadeira à sua frente.

— Eu tenho uma tesoura atrás da pipoqueira.

— Eu não quis dizer agora.

— Oh. Bem, quando estiver pronta. A tesoura fica aqui, então apareça e eu corto.

Eu ri.

— Eu não quis dizer que queria que *você* cortasse.

— Ok, mas aviso dado. Steven é melhor em varrer pipoca e vender maconha do que em cortar cabelo.

Reviro os olhos, descansando os pés na parte de trás do assento na minha frente.

— Novos chinelos? — Ele pergunta, olhando para os meus pés.

— Sim. Fiz alguma merda de verdade por isso.

Miller pega outro punhado de pipoca e não falamos pelos próximos minutos. O filme termina e as únicas outras pessoas no cinema se levantam para sair quando os créditos começam a rolar. Ele enfia a mão na pipoca novamente.

Não estamos fazendo nada de errado, mas parece que estamos. Antes que ele se sentasse ao meu lado, eu me sentia entorpecida, mas agora meu corpo está cheio de adrenalina. Nossos braços nem estão se tocando. Estou monopolizando os dois braços, e ele se afastou de mim, provavelmente para evitar qualquer forma de contato.

Mas ainda assim, parece errado. Ele está sentado ao lado da garota que nós dois sabemos que ele não deveria estar sentado ao lado. E mesmo que isso me faça sentir culpada, também me faz sentir bem.

Os créditos ainda estão rolando quando Miller diz:

— Essa pipoca está horrível.

— É a pior pipoca que já comi.

— Está quase acabando — diz ele, indicando o saco. — Não parece que você se importa.

Eu dou de ombros.

— Eu não sou exigente.

Mais silêncio passa entre nós. Ele sorri para mim, e uma onda de calor corre através de mim. Olho dentro do saco de pipoca e agito-o como se estivesse tentando encontrar uma boa parte, porque não quero olhar para ele e sentir isso por alguém que tem

uma namorada. Eu não quero sentir isso por ninguém. Sentir algo remotamente bom me faz sentir como uma merda humana, considerando as circunstâncias da semana passada. Mas ele ainda está olhando para mim e ainda não se mexeu para sair, e como ele está me impedindo de passar no corredor, sinto-me forçada a conversar.

— Por quanto tempo você trabalha aqui?

— Um ano. — Ele se ajeita em seu assento um pouco mais. — Eu gosto bastante. Eu acho que a ideia de trabalhar em um cinema é mais emocionante do que a realidade. É basicamente apenas muita limpeza.

— Mas você pode assistir a todos os filmes que deseja, certo?

— É por isso que ainda trabalho aqui. Eu vi todos os filmes lançados desde que comecei.

Eu vejo isso como uma preparação para minha carreira. Pesquisa.

— Qual seu filme favorito?

— De todos os tempos? — Ele pergunta.

— Escolha um dos últimos dez anos.

— Eu não consigo, — diz ele. — Existem tantos ótimos, e eu amo todos eles por diferentes razões. Eu amo o aspecto técnico do *Birdman*. Eu amo as performances em *Me Chame Pelo Seu Nome*. *O Fantástico Sr. Raposo* é meu desenho animado favorito, porque Wes Anderson é um maldito gênio. — Ele olha para mim. — E você?

— Eu não acho que o *Fantástico Sr. Raposo* conte. Parece ter mais de dez anos. — Inclino a cabeça para trás e olho para o teto. É uma pergunta difícil. — Eu sou como você.

Não sei se tenho um filme favorito. Costumo julgar mais o talento do que o enredo. Eu acho que Emma Stone é provavelmente minha atriz favorita. E Adam Driver é o melhor ator do nosso tempo, mas acho que ele ainda não conseguiu o papel de sua vida. Ele foi ótimo em *BlackKkKlansman*, mas não sou louca por alguns dos outros filmes em que ele esteve.

— Mas você viu o esquete de Kylo Ren?

— Sim! — Eu digo, sentando-me. — No *SNL*? Oh meu Deus, foi tão engraçado. — Estou sorrindo, mas odeio estar sorrindo. É estranho sorrir quando estou tão triste, mas é assim que Miller me faz sentir toda vez que estou perto dele. Ele é a única coisa que parece capaz de tirar minha mente de tudo, mas é a única pessoa com quem eu realmente não posso sair.

Obrigada por isso, Shelby.

Isso é péssimo. Não gosto de pensar nisso, mesmo que estejamos juntos agora. Mas quando eu voltar à escola, as coisas voltarão a ter sido. Miller manterá distância. Ele respeitará seu relacionamento com Shelby, o que servirá apenas para me fazer respeitá-lo ainda mais.

E eu continuarei em um funk deprimente.

— Eu deveria ir — eu digo.

Miller hesita antes de se mover.

— Sim, acho que minha pausa acabou há dez minutos atrás. — Nós dois nos levantamos, mas eu não posso sair do corredor porque ele está bloqueando o meu caminho, de frente para mim, sem fazer um esforço para ir embora. Ele está apenas olhando para mim como se ele quisesse dizer algo mais. Ou *fazer* algo mais.

— Sinto muito pelo que aconteceu, — diz ele.

No começo, não tenho certeza do que ele está falando, mas então me bate. Pressiono meus lábios e aceno com a cabeça, mas não digo nada porque é a última coisa que quero falar ou pensar.

— Eu deveria ter dito isso outro dia. No funeral.

— Está tudo bem, — eu digo. — Estou bem. Ou pelo menos eu vou *ficar* bem.

Eventualmente. — Eu suspiro. — Esperançosamente.

Ele está me encarando como se quisesse me abraçar, e eu realmente gostaria que ele o fizesse. Mas, em vez disso, ele se vira e sai do corredor, em direção à saída.

Paro no banheiro quando saímos. Ele pega uma lata de lixo e começa a puxá-la para o teatro do qual acabamos de sair.

— Até mais, Clara.

Eu não digo adeus. Entro no banheiro e nem me importo de fingir que as coisas serão as mesmas entre nós na próxima vez que

nos virmos. Ele vai me evitar sendo fiel e merda, e *tanto faz*. Tudo bem. Eu preciso parar de interagir com ele de qualquer maneira, porque, por melhor que seja quando estou perto dele, está começando a doer quando não estou. E eu não preciso de outra coisa dolorosa adicionada à minha pilha já existente de sentimentos excruciantes.



Quando chego em casa, espero que minha mãe esteja me esperando, chateada e pronta para discutir. Em vez disso, a casa está quieta. A luz do quarto dela está apagada.

Quando chego ao meu quarto, fico surpresa ao encontrar meu celular no travesseiro.

Uma oferta de paz. Isso é inesperado.

Deito na minha cama e pego as minhas mensagens. Lexie quer saber se eu estarei na escola amanhã. Eu não estava pensando em voltar tão cedo, mas o pensamento de estar nesta casa parece muito pior do que a escola, então eu digo a ela que estarei lá.

Abro o Instagram e navego pelo perfil de Miller. Eu sei que disse que precisava parar de interagir com ele, e irei. Mas primeiro, preciso enviar uma mensagem para ele. Apenas uma.

Depois, podemos voltar a como as coisas estavam entre nós no ano passado. Inexistentes. Só queria dizer obrigado pelo filme grátis e pela pipoca de merda. Você é o melhor irmão que já tive.

Ele não me segue, então espero que ele vá para as mensagens filtradas e leve um mês para ler, mas ele realmente responde em alguns minutos.

Miller: Você conseguiu seu telefone de volta?

Eu sorrio e rolo de braços quando a mensagem dele chega.

Eu: Sim. Estava no meu travesseiro quando cheguei em casa. Eu acho que é uma oferta de paz.

Miller: Ela parece uma mãe legal.

Eu reviro meus olhos. *Legal* é ser muito generoso.

Eu: Ela é ótima.

Eu até coloquei um daqueles emoticons de rosto sorridente para tornar minha resposta mais real.

Miller: Você volta para a escola amanhã?

Eu: Eu acho que sim.

Miller: Que bom. Eu provavelmente deveria parar de falar com você aqui. Acho que Shelby sabe minha senha.

Eu: Uau. É como o próximo nível. Você está propondo em breve?

Miller: Você gosta de tirar sarro do meu relacionamento.

Eu: É o meu passatempo favorito.

Miller: Eu acho que eu facilito

Eu: Ela sempre foi uma pessoa ciumenta? Ou você fez algo para deixa-la assim?

Miller: Ela não é uma pessoa ciumenta. Ela só está com ciúmes quando se trata de você.

Eu: O quê?! Por quê?

Miller: É uma longa história. Uma chata. Boa noite, Clara.

É uma história chata? *Tanto faz*. O fato de Miller ter uma história que me inclua na narrativa será a única coisa em que conseguirei pensar pelo resto da noite.

Eu: Boa noite. Certifique-se de excluir essas mensagens.

Miller: Já apaguei.

Olho para o meu telefone, sabendo que devo parar, mas envio a ele mais uma mensagem.

Eu: Aqui está o meu número, caso você tenha seu coração partido novamente.

Eu mando meu número de telefone, mas ele não responde. Provavelmente o melhor.

Volto ao perfil dele e percorro as fotos dele. Eu olhei seu perfil antes, mas não desde que eu realmente tive uma conversa com ele. Miller é bom com uma câmera. Há algumas fotos de Miller com Shelby, mas a maioria de suas fotos são de coisas aleatórias. Nenhum dele sozinho, o que eu gosto por algum motivo.

A foto que chama minha atenção é uma foto em preto e branco que ele tirou da placa de limite de cidade. Isso me faz rir, então toco duas vezes na imagem para dar like.

Ainda estou percorrendo meu feed quando um texto é enviado de um número que não reconheço.

Miller: Encrenqueira.

O texto dele me faz rir. Sinceramente, não dei like da foto dele com nenhuma intenção ruim. Eu realmente pensei que era engraçado, e por um minuto, eu esqueci que, mesmo gostando, poderia enviá-lo de volta para a sala de interrogatório com Shelby.

Salvei imediatamente o número dele nos meus contatos. Isso me faz pensar se ele salvará meu número com meu nome verdadeiro ou um nome falso. Shelby ligaria se soubesse que ele tinha meu número no telefone. E tenho certeza que se ela tiver a senha do Instagram, provavelmente ela passa pelo telefone dele.

Eu: Você está salvando meu número com um nome falso para não ter problemas?

Miller: Eu estava pensando sobre isso. Que tal Jason?

Eu: Jason é um bom nome. Todo mundo conhece um Jason. Ela não suspeitaria.

Eu sorrio, mas meu sorriso dura apenas um segundo fugaz. Lembro-me da última coisa que tia Jenny me mandou mensagem. *Você não quer ser a outra garota. Confie em mim.*

Ela está certa. Tia Jenny estava sempre certa. *O que eu estou fazendo?*

Eu: Não importa. Não me salve com um nome falso. Não quero ser Jason no seu telefone e não quero ser sua irmã falsa no cinema. Me ligue um dia quando eu puder ser Clara.

Os pontos aparecem no meu telefone. Eles desaparecem.

Ele não me manda uma mensagem de volta.

Depois de alguns minutos, tiro print das nossas mensagens e apago o número dele.

CAPÍTULO NOVE

MORGAN

Quando eu acabo de pegar no sono, ouço uma batida na porta que me assusta. Sento-me na cama e estendo a mão para sacudir Chris.

O lado dele da cama está vazio.

Eu olho para ele, me perguntando quando coisas assim vão parar. Faz menos de duas semanas desde que eles morreram, mas eu peguei meu telefone pelo menos cinco vezes para ligar para ele ou Jenny. É tão natural que eu simplesmente esqueço. Então sou forçada a reviver a dor.

Outra batida na porta. Minha cabeça balança na direção do barulho. Meu ritmo cardíaco aumenta porque vou ter que lidar com isso, esteja preparada ou não. No passado, quando algo acontecia inesperadamente no meio da noite, Chris sempre cuidava disso.

Eu visto um roupão e corro para a porta antes de quem quer que seja que acorde Clara. A batida é tão incessante que está começando a me deixar com raiva. É melhor não ser a Sra. Nettle aqui do lado para me culpar por alguma coisa. Uma vez, ela nos acordou às duas da manhã para reclamar de um esquilo na árvore do quintal.

Acendo a luz da varanda e olho pelo olho mágico, aliviada ao ver que não é a Sra. Nettle.

É apenas Jonah, desgrenhado e segurando Elijah firmemente contra o peito. Mas meu alívio dura apenas um segundo quando percebo que é meia-noite e Jonah não visita aleatoriamente à meia-noite. Algo deve estar errado com Elijah.

Eu abro a porta.

— Está tudo bem?

Jonah balança a cabeça, seus olhos frenéticos quando ele passa por mim.

— Não.

Eu fecho a porta e vou até eles.

— Ele está com febre?

— Não, ele está bem.

Estou confusa.

— Você acabou de dizer que ele não está bem.

— *Ele está bem. Eu não estou bem.* — Ele entrega Elijah para mim, e eu verifico sua testa para ver se há alguma temperatura. Ele não está com febre, então começo a procurá-lo por uma erupção cutânea. Não consigo pensar em outro motivo para ele estar aqui tão tarde da noite.

— Ele está *bem*, — repete Jonah. — Ele é perfeito, feliz, alimentado e eu... — Ele balança a cabeça e caminha de volta para a porta da frente sem Elijah. — Chega. Eu não posso fazer isso.

Um sentimento de afundamento me consome. Corro atrás de Jonah e o intercepto, pressionando minhas costas contra a porta da frente.

— Como assim, você não pode *fazer* isso?

Jonah dá um passo para trás e depois enfrenta a outra direção. Ele coloca as mãos atrás da cabeça. Percebo que o que eu pensava inicialmente que era medo não é nada menos que devastação. Jonah nem precisa me dizer por que está tão chateado. Eu já sei.

Ele gira, me encarando de novo, com os olhos cheios de mágoa e cheios de lágrimas. Ele acena com a mão em direção a Elijah.

— Ele sorriu pela primeira vez hoje à noite. — Ele faz uma pausa, como se o que ele está prestes a dizer a seguir fosse muito doloroso para colocar em palavras. — Elijah, meu *filho*, tem o sorriso de *Chris*.

Não, não, não. Balanço a cabeça, sentindo a dor saindo dele.

— Jonah... — Eu ouço a porta do quarto de Clara abrir antes que eu possa processar o que tudo isso significa. Minha expressão simpática muda imediatamente para suplicante. — Por favor, não

faça isso agora, — eu imploro em um sussurro. — Eu não quero que ela descubra o que eles fizeram. Isso a quebrará.

Os olhos de Jonah passam por mim. Estou assumindo para Clara.

— O que está acontecendo? — Ela pergunta.

Eu me viro e Clara está parada na entrada do corredor, esfregando o sono dos olhos dela.

Jonah murmura:

— Eu não posso fazer isso. Sinto muito. — baixinho e abre a porta. Ele sai.

Vou até Clara e empurro Elijah em seus braços.

— Eu volto já.

Jonah está quase no carro quando eu fecho a porta da frente e corro atrás dele. Ele me ouve segui-lo, então ele gira.

— Por que Jenny mentiria para mim sobre algo tão *grande*? — Ele está cheio de angústia, segurando seus cabelos e depois batendo as palmas das mãos no carro, como se não tivesse idéia do que fazer com as mãos. Sua cabeça está pendurada entre os ombros em derrota. — Ter um caso é uma coisa, mas me levar a acreditar que era pai do *filho* dela? Quem *faz* isso, Morgan?

Ele sai do carro e caminha na minha direção. Eu nunca o vi tão bravo, então me vejo dando pequenos passos para trás.

— Você sabia que ele não era meu? — Ele está olhando para mim como se eu estivesse nisso de alguma forma. — Foi por isso que ela apareceu do nada no funeral do meu pai no ano passado? Ela precisava encobrir quem realmente a engravidou? Isso era algum tipo de plano doentio?

As palavras dele meio que doeram, porque é claro que eu não sabia disso. Só recentemente suspeitei que Chris poderia ser o pai de Elijah, mas esta é a primeira vez que vejo Jonah desde que tive essa suspeita.

— Você realmente acha que eu os deixaria escapar disso?

Ele agarra os lados da cabeça em frustração, depois joga os braços para fora.

— Eu não sei! Você esteve com Chris metade da sua vida. Como você pode *não* suspeitar que ele era o pai de Elijah? — Ele

volta para o carro, mas depois pensa em outra coisa para dizer que provavelmente me deixará ainda mais irritada com ele. — Você sabia que eles estavam dormindo juntos, Morgan. No fundo, você tinha que saber, mas nós dois sabemos o quanto você é boa em ignorar o que está à sua frente!

Sim. Estou definitivamente muito mais irritada do que dez segundos atrás.

Jonah dá um passo para trás, como se suas próprias palavras voltassem ao seu intestino.

Sua raiva é imediatamente engolida pelo olhar de desculpas em seus olhos.

— Você terminou? — Eu pergunto.

Ele assente, mas mal.

— Onde está a bolsa de fraldas de Elijah?

Jonah caminha até o carro e abre a porta dos fundos. Ele me entrega a bolsa de fraldas.

Ele olha para o concreto embaixo de seus pés, esperando que eu vá embora.

— *Você é tudo o que ele tem*, Jonah.

Ele levanta a cabeça e me olha por um momento e depois balança a cabeça lentamente.

— Na verdade, *você é tudo o que ele tem*. Ele é filho da sua irmã. Ele não tem absolutamente nada de mim nele. — Suas palavras não saem com a vingança que o percorria antes. Agora ele está quieto e quebrado.

Eu olho para ele suplicante. Não consigo imaginar como deve ser isso para ele, então estou fazendo o possível para não julgar a reação dele, mas ele ama Elijah. Não há como ele se afastar de um bebê que ele criou por dois meses, não importa o quão machucado ele esteja agora. Ele vai se arrepender disso. Eu suavizo minha própria voz quando falo.

— Você é o único pai que ele conhece. Vá para casa. Durma. Volte e pegue-o de manhã.

Volto para minha casa. Não pretendo bater a porta, mas bato, e isso assusta Elijah. Ele começa a chorar. Clara está sentada no sofá

com ele, então eu o tiro de seus braços para que ela possa voltar para a cama.

— O que há de errado com Jonah? — Ela pergunta. — Ele parecia zangado.

Eu diminuo o quanto posso, mesmo sabendo que sou uma péssima mentirosa.

— Ele está exausto. Ofereci-me para manter Elijah durante a noite para dar uma folga a ele.

Clara me encara por um momento. Ela sabe que estou mentindo, mas não me pressiona.

Ela revira os olhos quando passa por mim, no entanto.

Quando ela está de volta ao quarto, levo Elijah para o meu quarto e sento na cama, segurando-o. Ele está bem acordado agora, mas não está mais chorando.

Ele está sorrindo.

E Jonah está certo. Quando ele sorri, há uma covinha profunda que se forma no centro do queixo.

Ele se parece *exatamente* com Chris.

CAPÍTULO DEZ

CLARA

Todo mundo pensou que Jonah voltaria a dar aulas na segunda-feira, mas ele não voltou.

Mamãe disse que Jonah pegaria Elijah na segunda-feira, mas é quarta-feira agora, e ele ainda não pegou.

Não sei o que está acontecendo, porque minha mãe não me diz nada, então, quando Lexie vem ao meu armário depois do último período e diz:

— O que está acontecendo com o tio professor? — Não faço ideia do que dizer.

Eu fecho meu armário e dou de ombros.

— Eu não sei. Eu acho que ele está tendo um colapso. Ele deixou Elijah conosco no domingo à noite e tudo o que ouvi ele dizer antes de sair de casa foi: *Não posso fazer isso*.

Eu sinto muito.

— Merda. Então sua mãe ainda está com Elijah? — A maneira como Lexie está mascando o chiclete faz parecer que estamos conversando sobre ir ao shopping, em vez de Jonah possivelmente abandonar seu filho bebê.

— Sim.

Lexie se inclina contra o armário ao meu lado.

— Isso não é bom.

— Está tudo bem. Ele provavelmente vai buscá-lo hoje. Acho que ele só precisava dormir.

Lexie pode dizer que estou dando desculpas. Ela encolhe os ombros e faz uma bolha com a gengiva. — Sim, talvez. Mas aviso justo. Meu pai está *recuperando o sono* há treze anos.

Eu humorizo com uma risada, mas Jonah não é nada como o pai de Lexie. Não que eu já tenha conhecido o pai biológico dela. Mas Jonah nunca faria algo assim com Elijah.

— Minha mãe disse que era um dia depois do Natal, quando ele saiu de casa e gritou: *Estou farto!* Ele nunca voltou. — Ela estoura outra bolha. — Se há uma coisa em que meu pai é bom, é em estar farto. Ele está *estando farto* há treze anos. — Ela de repente fecha a boca e olha por cima do meu ombro. Ela está focada em outra coisa agora. Ou *outra* pessoa.

Eu me viro e vejo Miller vindo nessa direção. Seus olhos pousam nos meus, e por três segundos substanciais, ele segura meu olhar. Todo o seu foco está tão forte em mim que ele tem que esticar o pescoço um pouco quando passa por nós antes de desviar o olhar quase com força.

Nós não falamos desde aquela noite do texto. Gosto que ele não esteja me perseguindo, mas também odeio. Eu quero que ele seja um bom humano, mas também gostaria que ele não se importasse tanto com seu relacionamento atual.

Lexie assobia um suspiro. — Eu senti isso.

Eu reviro meus olhos. — Não, você não sentiu.

— Eu senti. Aquele olhar que ele te deu... Foi como...

— De volta a Jonah, — eu digo, empurrando meu armário. Ele é um bom pai. Ele só precisava de um tempo.

— Cinquenta dólares diz que ele não volta. — Lexie me segue em direção à saída do estacionamento.

— Voltar para onde? — Eu pergunto. — Para a escola? Ou para Elijah?

— Ambos. Ele não se mudou para cá apenas porque Jenny estava grávida? Ele provavelmente tinha uma vida fora desta cidade que adoraria voltar. Recomeçar. Fingir que o ano passado nunca aconteceu.

— Você é terrível.

— Não. *Homens* são terríveis. Os pais são os *mais* terríveis, — diz ela.

Meus ombros encolhem um pouco com o comentário dela. Eu suspiro, pensando em meu pai.

— O meu não era. Ele era o melhor.

Lexie faz uma pausa nos seus passos.

— Clara, eu sinto muito. Eu sou uma idiota.

Dou um passo para trás e agarro sua mão, puxando-a para frente comigo.

— Está tudo bem. Mas você está errada sobre Jonah. Ele é como meu pai. Ele é um dos bons. Ele ama Elijah demais para se levantar e abandoná-lo assim.

Nós fazemos mais um metro e meio antes que Lexie pare novamente, me puxando para parar com ela. Eu me viro, de costas para o estacionamento, meus olhos nela. — O que há de errado?

— Não olhe agora, mas Miller apenas parou ao lado do seu carro.

Meus olhos se arregalam.

— Ele parou?

— Sim. E preciso que você me leve para casa, mas não quero que fique embaraçoso se ele estiver querendo falar com você, então vou voltar para a escola. Me mande uma mensagem quando for seguro sair.

— Ok. — Estou acenando, meu estômago cheio de nervos.

— Além disso, você está cheia disso. Você é tão apaixonada por ele. Se você usar a palavra *inconsequente* mais uma vez em referência a ele, eu vou lhe dar um tapa.

— OK.

Lexie volta para a escola e eu respiro. Eu me viro e vou para o meu carro, fingindo não perceber a caminhonete de Miller até estar na porta do meu motorista. Suas janelas estão abertas e sua caminhonete está ligada, mas ele está sentado, olhando à frente com um pirulito pendurado na boca. Ele nem está prestando atenção em mim.

Ele provavelmente nem sabe que estacionou ao meu lado, e aqui estou assumindo que foi deliberado. Eu me sinto estúpida.

Começo a me virar e abrir a porta do carro, mas paro quando ele abre a porta do passageiro.

É quando ele vira a cabeça preguiçosamente e me olha com expectativa, como se eu devesse entrar na caminhonete dele.

Eu contemplo isso. Gosto da maneira como me sinto ao seu redor, mesmo sabendo que não deveria dar a ele a satisfação de poder me chamar para a caminhonete dele com um simples olhar, eu entro na caminhonete dele de qualquer maneira. Eu sou tão patética.

Quando fecho a porta, parece que preendi um fio elétrico dentro da caminhonete conosco.

O silêncio entre nós apenas torna o sentimento mais perceptível. Eu realmente posso sentir meu coração batendo do estômago até a garganta, como se meu coração estivesse inchado para encher meu torso inteiro.

A cabeça de Miller está apoiada em seu assento, seu corpo está voltado para a frente, mas seus olhos estão em mim. Estou olhando para ele da mesma maneira, mas não sou tão relaxada. Minhas costas estão retas contra o couro de seu assento.

Ele tem ar condicionado, apesar do que eu assumi na última vez em que estava na caminhonete dele. Está no máximo, e está soprando meu cabelo na boca. Fecho a ventilação e puxo uma mecha de cabelo dos meus lábios com os dedos. Os olhos de Miller seguem meus movimentos, permanecendo na minha boca por um momento.

A maneira como ele está olhando para mim está dificultando bastante a respiração. Como se ele pudesse dizer que estou tendo uma reação física apenas por estar na presença dele, seus olhos caem ainda mais no meu peito, embora muito brevemente.

Ele tira o pirulito da boca e agarra o volante, olhando para longe de mim.

— Eu mudei de ideia. Eu preciso que você saia da minha caminhonete.

Estou pasma com as palavras dele. E também muito confusa.

— Mudou de ideia sobre o que?

Ele olha para mim novamente e, por algum motivo, ele parece rasgado. Ele arrasta uma respiração lenta.

— Eu não sei. Eu me sinto muito confuso ao seu redor.

*Ele se sente confuso ao *meu* redor?* Isso me faz sorrir.

Meu sorriso o faz franzir a testa.

Eu nem sei o que está acontecendo agora. Não sei se gosto ou odeio, mas sei que seja o que for que me faça sentir do jeito que sinto quando estou perto dele, é um sentimento que só pode ser combatido por um certo tempo. Ele está olhando para mim como se estivesse quase no final de sua luta.

— Você realmente precisa descobrir sua merda, Miller.

Ele concorda.

— Acredite em mim. Eu sei que eu preciso. É por isso que preciso que você saia da minha caminhonete.

Toda essa interação é tão bizarra que só posso rir disso. Minha risada finalmente o faz sorrir. Mas então ele geme e segura o volante com as duas mãos, pressionando a testa contra ele.

— *Por favor*, saia da minha caminhonete, Clara, — ele sussurra.

Eu deveria odiar que ele esteja lutando contra algum tipo de luta moral agora. Eu gosto desse sentimento — pensando que ele pode ser atraído por mim — muito mais do que pensar que ele me odeia.

Tento manter Shelby na vanguarda da minha mente. Saber que ele tem uma namorada que ele ama e cuida me impede de subir por este assento e beijá-lo como eu quero. Mas sei que não estou fazendo nada para impedir que ele tenha o mesmo desejo, porque ainda estou sentada em sua caminhonete, apesar dele me pedir para sair pelo menos três vezes.

Eu posso até piorar quando eu chego e puxo seu pirulito fora de seu aperto.

— Miller? — Ele inclina a cabeça, ainda pressionada contra o volante, e olha para mim. — Você está me confundindo também. — Coloquei o pirulito na minha boca e agarrei a maçaneta da porta.

Miller mantém a cabeça inclinada apenas o suficiente para que ele possa me ver sair da caminhonete. Assim que eu fecho a porta, ele a tranca e coloca a caminhonete em marcha à ré, como se não pudesse se afastar de mim rápido o suficiente.

Entro no carro, totalmente convencida de que tia Jenny estava errada sobre uma coisa.

Ela disse que as meninas eram mais confusas do que os homens. Eu não acredito nisso por um segundo.

Saio da minha vaga de estacionamento depois que Miller se foi. Quando eu paro na estrada, meu telefone toca. É a Lexie.

Merda. Lexie.

Eu atendo.

— Eu sinto muito. Estou voltando.

— Você me esqueceu.

— Eu sei. Eu sou a pior. Voltando agora.

CAPÍTULO ONZE

MORGAN

Dois anos, seis meses e treze dias. Era por quanto tempo o seguro de vida de Chris *deveria* durar no pior cenário quando eu fiz as contas. Mas adicionar uma criança à mistura vai nos levar ao nível de pobreza. Não posso conseguir um emprego se tiver um bebê. Não posso pagar uma creche sem conseguir um emprego. Não posso processar Jonah por pensão alimentícia, porque ele nem é o pai.

Quando Elijah começa a chorar, amontoio a papelada e vou cuidar dele. *Novamente*. Eu pensei que Elijah não era nada parecido com Clara nessa idade, mas estou começando a pensar que estava errada. Porque tudo o que ele fez nos últimos dias é chorar. Ele cochila ocasionalmente, mas está chorando. Tenho certeza que é porque não estou familiarizada com ele. Ele está acostumado com Jenny e não ouve a voz dela há algum tempo. Ele não ouve Jonah desde domingo à noite. Estou fazendo o melhor que posso para fingir que tudo ficará bem, mas estou começando a me preocupar que não, porque Jonah não respondeu a nenhum dos meus textos.

Jonah muito bem pode não voltar. E eu o culpo? Ele está certo – eu sou a única relacionada a esse bebê por sangue. Ele não. É como se Elijah *fosse* mais minha responsabilidade agora. Apesar de estar na certidão de nascimento, Jonah realmente não tem a obrigação de criar um filho que foi feito por minha irmã e meu marido.

Eu esperava que os dois meses que Jonah passou com Elijah fossem suficientes para formar um vínculo inquebrável entre pai e filho e que ele voltasse a si e aparecesse, se desculpando e com o

coração partido. Mas isso não aconteceu. Este é o quarto dia e aqui estou eu, possivelmente prestes a criar um recém-nascido no meio desse caos.

Ontem à noite, eu não conseguia parar de pensar nisso enquanto estava sentada na sala, segurando Elijah enquanto ele gritava por uma hora. Na verdade, comecei a rir histericamente no meio de todos os gritos. Isso me fez pensar se eu estava ficando louca. É assim que eles sempre retratam pessoas loucas na televisão. Rindo em situações terríveis, quando deveriam reagir de maneira mais apropriada. Mas tudo que eu pude fazer foi rir, porque minha vida é uma merda completa e absoluta. É uma merda. Isto. É. Merda. Meu marido está morto. Minha irmã está morta. Seu filho ilegítimo me foi entregue para criar, quando minha própria filha quase não fala mais comigo. Eu não estou qualificada para isso.

E eu não posso nem escapar dessa vida de merda para assistir televisão, porque a maldita TV ainda está quebrada.

— Eu deveria ligar para eles.

— Ligar para quem?

Eu me viro, chocada ao encontrar Clara em casa. Eu nem a ouvi entrar pela porta.

— Ligar para quem? — Ela repete.

Eu não percebi que disse isso em voz alta.

— A empresa de cabo. Eu sinto falta da televisão.

Clara balança a cabeça como se quisesse dizer: *Cabo está tão desatualizado, mãe*. Mas ela não faz. Ela se aproxima e pega Elijah de mim.

Existem duas empresas de cabo nesta cidade, mas tenho sorte e ligo para a que realmente temos uma conta. Estou em espera para sempre antes de finalmente ter uma consulta confirmada. Quando desligo, Clara está olhando para mim de sua posição no sofá.

— Você já dormiu?

Suponho que ela pergunta isso porque estou com as roupas de ontem e não escovei meu cabelo. Nem me lembro se escovei os dentes. Geralmente faço isso antes de dormir e assim que acordo, mas não fiz nenhuma dessas coisas, porque Clara está certa. Eu

não dormi. Gostaria de saber quanto tempo alguém pode continuar sem dormir.

Aparentemente, para Elijah, são sete horas, porque é quantas já passaram entre a última soneca e esta.

— Ligue para Jonah e peça para ele vir buscar seu filho. Parece que você está prestes a quebrar.

Evito responder ao comentário dela, levantando Elijah de seus braços. — Você pode correr para a loja e pegar algumas fraldas? Eu só tenho uma, e ele precisa trocar.

— Jonah não pode te trazer mais? — Clara pergunta. — Isso não é responsabilidade dele?

Desvio o olhar de Clara, já que ela está me encarando como se eu fosse água e ela pode ver através de mim.

— Deixe Jonah respirar um pouco, — eu digo a ela. — O mundo dele virou de cabeça para baixo.

— Nossos mundos também foram virados de cabeça para baixo. Não significa que abandonaríamos uma criança.

— Você não entende. Ele precisa de tempo. Minha carteira está na cozinha — digo, continuando a evitar jogar Jonah sob o ônibus, não importa o quanto eu queira.

Clara pega meu dinheiro e sai para a loja.

Quando somos apenas eu e Elijah, eu o deito no palete que fiz para ele. Ele finalmente está dormindo, e eu não tenho idéia de quanto tempo vai durar, então aproveito e uso o tempo para ir à cozinha e lavar as mamadeiras.

Ele não toma leite materno desde que Jenny morreu, mas ele parece estar tomando muito bem a fórmula. Isso suja muita louça.

Estou esfregando uma das mamadeiras quando isso acontece.

Eu começo a chorar.

Ultimamente, quando começo a chorar, não consigo desligar. Eu choro com Elijah à noite. Eu choro com ele durante o dia. Eu choro no chuveiro. Eu choro no meu carro.

Eu tenho uma dor de cabeça perpétua, e às vezes eu só queria que terminasse. Tudo isso. O mundo inteiro.

Você sabe que sua vida é uma merda quando você lava mamadeiras, orando pelo Armagedom.

CAPÍTULO DOZE

CLARA

Existem várias rotas que posso seguir para ir da minha casa ao supermercado, ou da minha casa para a escola, ou da minha casa para basicamente qualquer lugar da cidade.

Uma delas é a estrada principal que liga o centro da cidade, que é o caminho mais curto. O outro é o loop, que está fora do meu caminho, mas mesmo assim, é o único caminho que tomei para chegar a algum lugar há quase duas semanas.

Porque é a única estrada que me leva até a casa de Mil er Adams.

O sinal de limite de cidade mudou um pouco mais, e agora posso ver por que ele está movendo-o em pequenos incrementos. A menos que você esteja olhando para ver se foi movido, seria difícil perceber um turno de seis metros por semana. Eu notei, no entanto. E isso me faz sorrir toda vez que a vejo em um lugar diferente.

Dirijo por este caminho na esperança de que ele esteja na beira da estrada novamente, e terei uma desculpa para parar. Ele nunca está aqui fora, no entanto.

Eu continuo meu caminho até o supermercado para pegar fraldas, mesmo que eu não tenha idéia de que tipo de fraldas ou de que tamanho comprar. Os textos para minha mãe quando chego à loja ficam sem resposta. Ela deve estar ocupada com Elijah.

Eu abro meu contato para Jonah. Eu olho para ele, me perguntando por que minha mãe não ligaria para ele para pegar fraldas. Também estou curiosa para saber por que ela teve Elijah pelo tempo que teve.

Eu poderia dizer que ela estava mentindo para mim quando ela disse que ele só precisava de um tempo. Eu podia ver nos olhos dela. Ela estava preocupada. Ela está esperando que uma pausa seja *tudo* que ele precisa.

Mas e se Lexie estiver certa? E se Jonah decidir não voltar para ele?

Se for esse o caso, é mais uma coisa a acrescentar à longa lista de tragédias pelas quais sou responsável. Jonah está estressado porque perdeu a mãe do filho dele e não tem ideia de como criá-lo sozinho, e nada disso estaria acontecendo se não fosse por mim.

Preciso consertar o que está acontecendo, mas não posso fazer isso quando não sei exatamente o que está acontecendo.

Eu decido não ligar para Jonah. Eu coloco meu telefone no bolso e saio da loja sem comprar fraldas e depois vou direto para a casa de Jonah porque a tia Jenny não está aqui para me dar respostas e minha mãe certamente não está sendo sincera comigo. Não há melhor maneira de obter respostas do que ir direto à fonte.

Eu ouço a televisão quando me aproximo da porta da frente de Jonah. Eu respiro um pouco de alívio, sabendo que se a televisão está ligada, ele provavelmente não deixou a cidade. Ainda. Toco a campainha e ouço o barulho dentro da casa. Então passos.

Os passos desaparecem, como se ele estivesse indo embora, tentando evitar o visitante.

Começo a bater na porta, querendo que ele saiba que não vou embora até que ele abra essa porta. Vou atravessar uma janela se for preciso.

— Jonah! — Eu grito.

Nada. Eu tento a maçaneta, mas ela está trancada, então bato novamente com a mão direita e toco a campainha com a esquerda. Faço isso por trinta segundos completos antes de ouvir passos novamente.

A porta se abre. Jonah está vestindo uma camiseta.

— Dê um segundo para um cara se vestir — diz ele.

Abro a porta e passo por ele, entrando em sua casa sem permissão. Não estou aqui desde uma semana antes da morte de

Jenny. É incrível a rapidez com que um homem pode deixar algo ir para a completa merda.

Não que tenha chegado ao ponto de nojento, mas definitivamente chegou ao ponto de patético. Roupas no chão. Caixas de pizza vazias no balcão. Dois sacos de chips abertos no sofá. Como se estivesse envergonhado com o estado de sua casa, o que deveria estar, ele começa a recolher o lixo e carregá-lo em direção à cozinha.

— O que você está fazendo? — Pergunto.

Ele pisa na alavanca da lata de lixo e a tampa se abre. Acho que o plano dele era soltar o lixo na lata de lixo, mas está muito cheio para isso, então ele solta a alavanca e coloca o lixo no balcão da cozinha com uma pilha de outro lixo.

— Limpeza — diz ele. Ele tira a tampa da lata de lixo e começa a amarrar o saco.

— Você sabe o que eu quero dizer. Por que minha mãe está com Elijah desde domingo?

Jonah puxa o saco de lixo da lata e o coloca ao lado da porta da cozinha que leva à garagem. Ele faz uma pausa por um momento e olha para mim, como se ele pudesse realmente ser honesto com sua resposta. Mas então ele balança a cabeça. — Você não entenderia.

Estou tão cansada de ouvir essas palavras. É como se os adultos assumissem que ter dezesseis anos impede uma pessoa de entender o idioma inglês. Entendo o suficiente para saber que não há nada no mundo que deva manter os pais longe dos filhos. Nem mesmo tristeza.

— Você está preocupado com ele?

Jonah parece ofendido com a minha pergunta.

— Claro que estou.

— Você tem uma maneira engraçada de mostrar isso.

— Não estou em um bom lugar.

Eu ri.

— Sim. Nem minha mãe. Ela perdeu o marido e a irmã.

A resposta de Jonah é plana.

— Perdi meu melhor amigo, minha noiva e a mãe do meu filho.

— E agora seu filho perdeu você. Isso parece justo.

Jonah suspira, inclinando-se contra o balcão. Ele olha para o chão e posso dizer que estar aqui o faz sentir-se culpado. Boa. Ele merece se sentir culpado. E ainda nem terminei.

— Você acha que está sofrendo mais do que minha mãe?

— Não, — ele diz instantaneamente. Convincentemente.

— Então por que você está colocando suas responsabilidades nela? Não é como se você estivesse sofrendo mais do que ela e agora deixou seu filho com ela, como se seu sofrimento fosse mais importante do que aquilo que ela está passando.

Jonah entende o que estou dizendo. Eu posso ver isso afundando porque ele parece culpado. Ele empurra o balcão e se afasta de mim, como se a minha presença sozinha o estivesse fazendo sentir remorso.

— Elijah engatinhou ontem à noite — eu digo.

Jonah gira, seus olhos voltando para os meus.

— Ele fez?

Balanço a cabeça.

— Não. Mas ele vai logo, e você vai sentir perder isso.

A mandíbula de Jonah endurece. Eu posso ver a mudança nele segundos antes de acontecer.

— O que diabos eu estou fazendo? — Ele sussurra. Ele corre para a mesa da sala de jantar, pegando um conjunto de chaves do carro. Ele começa a se dirigir para a porta da garagem.

— Onde você vai?

Jonah faz uma pausa e depois me encara.

— Pegar meu filho.

Ele abre a porta da garagem, mas antes de sair, eu chamo atrás dele.

— Posso ficar e limpar sua casa por cinquenta dólares!

Jonah então caminha de volta pela sala enquanto tira a carteira do bolso. Ele tira duas de vinte e uma dez e entrega as três notas para mim. Então ele faz algo inesperado. Ele se inclina e me dá um beijo rápido na testa. Quando ele se afasta, ele está me olhando com uma expressão intensa.

— Obrigado, Clara.

Sorrio e aperto as três notas na minha mão, mas sei que ele não está me agradecendo por ficar limpando sua casa. Ele está me agradecendo por colocar algum sentido de volta nele.

CAPÍTULO TREZE

MORGAN

Estou na lavanderia, lavando as poucas roupas que tenho de Elijah quando ouço a porta da frente abrir e fechar. Clara deve estar de volta da loja com fraldas. Eu ainda estou chorando. Grande surpresa. Eu limpo meus olhos antes de ligar a secadora e voltar para a sala de estar.

Quando viro a esquina, paro.

Jonah está parado na minha sala de estar.

Ele está segurando Elijah. Apoiando-o contra o peito, beijando-o repetidamente em cima de sua cabeça.

— Sinto muito, — eu o ouço sussurrando. — Papai está tão triste.

Eu não quero interromper o momento. É emocionante, o que é estranho, já que eu estava tão cheia de raiva apenas alguns minutos antes. Mas eu posso ver na expressão de Jonah que ele percebe que não pode simplesmente se afastar de Elijah. Não importa quem o tenha gerado, Jonah o criou. Jonah é quem Elijah conhece e ama. Estou feliz que Jonah não tenha realizado meus piores medos.

Eu ando para o meu quarto e dou-lhes um momento enquanto eu reembalo a bolsa de fraldas de Elijah. Quando volto para a sala, Jonah não se mexeu. Ele ainda está embalando-o como se não pudesse se desculpar o suficiente para Elijah. Como se Elijah entendesse o que aconteceu.

Jonah olha para cima e fazemos contato visual. Por mais alívio que eu sinta agora por saber que seu amor por Elijah domina qualquer DNA que eles compartilham ou não compartilham, ainda

estou um pouco chateada por ter levado quase quatro dias para ele voltar a si.

— Se você o abandonar novamente, eu estou pedindo a custódia.

Sem perder um segundo, Jonah atravessa a sala e envolve um braço em volta de mim, colocando minha cabeça sob o queixo.

— Sinto muito, Morgan. Não sei o que estava pensando. — A voz dele está desesperada, como se eu não o perdoasse. — Eu sinto muito.

A coisa é... Eu nem o *culpo*.

Se Chris e Jenny já não estivessem mortos, eu os mataria por fazer isso com Jonah. É tudo em que consigo pensar nos últimos dias. Jenny tinha que saber que havia uma chance de Chris ser o pai de Jonah. E se Jenny sabia, *Chris* sabia. Eu me perguntei por que eles deixariam Jonah pensar por um segundo que ele era pai de um filho que não era dele. A única razão pela qual eu posso inventar não é boa o suficiente.

Acredito que eles mantiveram isso em segredo porque tinham medo das consequências que a verdade traria. Clara nunca os perdoaria. Acho que Jenny e Chris teriam feito qualquer coisa ao seu alcance para esconder a verdade de Clara. Mesmo que isso significasse puxar Jonah para a mentira.

Pelo bem de Clara, estou aliviada por eles terem feito um bom trabalho ao esconder isso.

Mas em nome de Jonah – e de Elijah – estou lívida.

É por isso que não digo mais nada a Jonah para fazê-lo se sentir culpado. Ele precisava de tempo para se adaptar a essas notícias traumáticas. Ele não precisa se sentir culpado.

Ele voltou e está arrependido, e isso é tudo que importa agora.

Jonah ainda está se agarrando a mim, ainda se desculpando, como se eu precisasse de mais desculpas do que Elijah. Eu não. Eu entendo completamente. Estou apenas aliviada por saber que Elijah não terá que crescer sem um pai. Essa foi a minha maior preocupação.

Afasto-me de Jonah e entrego a ele a bolsa de fraldas de Elijah.

— Há um monte de macacões na secadora. Você pode vir buscá-los ainda esta semana.

— Obrigado, — diz ele. Ele beija Elijah na testa novamente e o encara por um momento antes de sair. Eu os sigo pela sala de estar. Quando Jonah chega à porta da frente, ele se vira e diz de novo, de alguma forma com ainda mais convicção. — *Obrigado.*

Balanço a cabeça.

— Está tudo bem, Jonah. Sêrio.

Quando a porta se fecha, caio no sofá com alívio. Acho que nunca estive tão exausta.

Da vida. Da morte. De *tudo*.

Acordo uma hora depois na mesma posição quando Clara finalmente volta para casa.

Sem fraldas.

Eu esfrego o sono dos meus olhos, me perguntando onde ela esteve se ela não estivesse comprando fraldas como eu pedi. Como se ter um bebê durante toda a semana não fosse exaustivo o suficiente, ter uma adolescente que decidiu iniciar seu período de rebelião no dia do funeral de seu pai leva o bolo.

Eu a sigo até a cozinha. Ela abre a geladeira e eu estou atrás dela, tentando ver se ela cheira a maconha novamente. Ela não cheira, mas hoje em dia todos *comem* essas coisas.

É mais fácil esconder.

Clara me olha por cima do ombro com uma sobrancelha levantada.

— Você acabou de me cheirar?

— Onde você esteve? Você deveria sair para pegar fraldas.

— Elijah ainda está aqui?

— Não. Jonah veio e o pegou.

Ela se afasta de mim.

— Então não precisamos de fraldas. — Ela puxa o dinheiro da fralda do bolso e a coloca no balcão. Ela se dirige para a porta da cozinha, mas eu fui muito tolerante com ela. Ela tem dezesseis anos. Eu tenho o direito de saber onde ela esteve.

Eu a impeço de sair da cozinha.

— Você estava com esse cara?

— Que cara?

— O cara que te deixou chapada no funeral do seu pai.

— Eu pensei que tínhamos passado isso. E não.

Ela tenta me contornar novamente, mas eu fico na frente dela, ainda bloqueando a porta.

— Você não pode mais vê-lo.

— Uh. Eu *não* estou. E mesmo se eu estivesse, ele não é um cara mau. Posso ir ao meu quarto agora?

— Depois que você me disser onde esteve.

Ela joga as mãos para cima em derrota.

— Eu estava limpando a casa de Jonah! Por que você assume automaticamente o pior?

Eu sinto que ela está mentindo para mim. Por que ela estaria limpando a casa de Jonah?

— Verifique o aplicativo se você não acredita em mim. Ligue para Jonah. — Ela passa por mim e empurra a porta da cozinha.

Eu acho que poderia ter verificado o aplicativo. Apenas sinto que, mesmo com o aplicativo, não sei o que ela está fazendo. Seu aplicativo dizia que ela estava no cinema no dia do funeral de Chris, mas certamente não me disse que estava usando drogas enquanto estava lá. Eu sinto que o aplicativo é inútil neste momento.

Eu provavelmente deveria cancelá-lo porque custa dinheiro. Mas foi Chris quem nos assinou o aplicativo, e o telefone de Chris provavelmente foi esmagado pelos destroços.

Não estava na caixa de pertences que eles nos deram do carro de Jenny.

Eu não saberia a senha do telefone dele, *mesmo* que o encontrasse. Essa deveria ter sido minha primeira pista de que ele estava escondendo tantas coisas de mim. Mas quem precisa de pistas quando você nem percebe que deveria estar bancando detetive? Eu nunca suspeitei que algo estivesse errado.

Aqui vou eu novamente.

Eu meio que queria que Elijah ainda estivesse aqui. Ele manteve minha mente ocupada.

Não precisava pensar no que Jenny e Chris faziam quando cada minuto era consumido por Elijah. Jonah tem sorte nesse

sentido. Elijah provavelmente o manterá tão ocupado e exausto que seu cérebro terá pouco tempo para mais.

Vou me servir um pouco de vinho. Talvez tome um banho de espuma. Isso pode ajudar.

Clara saiu daqui a trinta segundos atrás, mas a porta da cozinha ainda está balançando para frente e para trás. Eu seguro-o com a mão e olho para as costas da minha mão, minha palma pressionada contra a porta. Eu fixo no meu anel de casamento. Chris me deu esse no nosso décimo aniversário de casamento. Substituiu a pulseira de ouro que ele me comprou quando éramos adolescentes.

Jenny ajudou Chris a escolher.

O caso deles estava acontecendo naquela época?

Pela primeira vez desde o dia em que coloquei este anel, sinto vontade de tirá-lo de mim. Eu tiro do meu dedo e jogo na porta. Não sei onde ele pousa e não me importo.

Abro a porta da cozinha e vou à garagem em busca de algo que possa resolver pelo menos *um* problema na minha vida.

Eu realmente quero um facão, ou um machado, mas tudo o que encontro é um martelo.

Levo de volta para a cozinha comigo para cuidar dessa maldita porta de uma vez por todas.

Eu balanço o martelo na porta. Faz um bom rombo.

Eu balanço novamente, me perguntando por que não tentei simplesmente tirar a porta das dobradiças. Talvez eu realmente precisasse de algo para acabar com minha agressão.

Eu bati na porta no mesmo local, repetidamente, até que a madeira começou a lascar.

Eventualmente, um buraco começa a se formar, e eu posso ver da cozinha para a sala de estar. Isso é bom. Isso meio que me preocupa.

Eu continuo batendo, no entanto. Toda vez que eu balanço na porta, a porta se afasta de mim. Eu balanço de novo quando volta. Meu martelo e eu caímos no ritmo da porta até que haja pelo menos um buraco de trinta centímetros.

Coloco toda a minha força atrás do próximo balanço, mas o martelo fica preso na madeira e desliza para fora das minhas mãos. Quando a porta se volta para mim, eu a paro com o pé. Eu posso ver Clara através do buraco na porta. Ela está de pé na sala, olhando para mim.

Ela parece confusa.

Minhas mãos estão nos meus quadris agora. Eu estou respirando pesadamente pelo esforço físico que esse buraco exigiu. Eu limpo o suor da minha testa.

— Você oficialmente enlouqueceu, — diz Clara. — Eu estaria melhor como uma fugitiva sem-teto.

Empurro a porta, mantendo-a aberta com a mão. Se ela realmente acha que é tão ruim estar aqui comigo...

— Fuja, então, Clara, — eu digo categoricamente.

Ela balança a cabeça, como se *eu* fosse a decepcionante, depois volta para o quarto dela.

— Esse não é o caminho para a porta da frente! — Eu grito.

Ela bate a porta do quarto e leva apenas três segundos para me arrepender de gritar com ela. Se ela é como eu naquela idade — o *que ela é* — ela provavelmente está fazendo uma mala e está prestes a sair pela janela.

Eu não estava falando sério. Estou apenas frustrada. Eu preciso parar de falar com ela, mas a atitude dela comigo está fazendo dela um alvo fácil.

Eu vou para o quarto dela e abro a porta. Ela não está fazendo uma mala. Ela está apenas deitada em sua cama, olhando para o teto. *Chorando*.

Meu coração aperta com culpa. Eu me sinto péssima por gritar com ela. Sento-me na cama dela e passo uma mão sobre sua cabeça.

— Eu sinto muito. Eu realmente não quero que você fuja.

Clara rola dramaticamente e enfrenta a outra direção. Ela puxa um travesseiro no peito.

— *Durma* um pouco, mãe. Por favor.

CAPÍTULO CATORZE

CLARA

Terminei minha primeira xícara cheia de café cerca de duas semanas atrás, na manhã seguinte depois que minha mãe bateu um buraco aleatório na porta da cozinha. Desde então, descobri a única coisa que pode me salvar da minha depressão que dura um mês.

Starbucks.

Não que eu nunca tenha estado em um Starbucks antes. Eu sempre fui aquele adolescente que pede chá em cafeterias. Mas agora que sei como é ser privado de sono, passei por quase todas as bebidas no menu e sei exatamente qual é a minha favorita. O clássico Venti Caramel Macchiato, sem substituições.

Eu tomo minha bebida em uma mesa de canto vazia, uma em que me sentei quase diariamente nas últimas duas semanas. Quando não estou na casa de Lexie depois da escola, estou aqui. As coisas ficaram tão tensas em casa que nem quero estar lá. Meu toque de recolher nas noites da escola é dez, desde que eu não tenha dever de casa. Meu toque de recolher nos fins de semana é meia-noite. Basta dizer que não estou em casa antes das dez da noite desde o último argumento em que minha mãe e eu entramos.

Se ela não está exigindo saber onde estou e com quem estou ou me cheirando por sinais de uso de drogas, ela está andando pela casa, batendo buracos aleatórios nas portas.

E depois há tudo o que não falamos. O fato de eu estar mandando uma mensagem para Jenny quando eles morreram. E sei para onde ela e Jonah foram quando deixaram a casa juntos – o Langford. Eu vi no aplicativo. Perguntei a ela naquela noite onde

eles foram, mas ela não me contou. Se eu trazer isso para ela agora, tenho a sensação de que ela mentiria para mim.

As coisas parecem desiguais com ela. Não estamos na mesma página. Não sabemos como conversar agora que papai e Jenny se foram.

Ou talvez seja eu. Eu não sei. Só sei que não posso ficar em nossa casa agora. Eu odeio a sensação que tenho quando estou lá. Parece estranho sem meu pai lá, e tenho medo de que nunca volte ao jeito que costumava ser. Costumava me sentir em casa. Agora parece uma instituição, e minha mãe e eu somos as únicas pacientes.

É triste me sentir mais à vontade na Starbucks do que em minha própria casa. Lexie trabalha na Taco Bel cinco dias por semana, e hoje à noite ela está de volta, então me sinto confortável no meu cantinho tranquilo do Mundo da Cafeína e abro um livro.

Eu li algumas páginas quando meu telefone vibra na mesa. Viro para ver a nova notificação do Instagram. Miller Adams começou a seguir você.

Eu olho para a notificação, permitindo que o significado dela absorva por um momento.

Shelby terminou com ele de novo? Essa é a maneira dele de se vingar dela?

Sinto um sorriso tentando se formar nos meus lábios, mas mordo de volta porque estou meio que sentindo um chicote. *Entre na minha caminhonete. Saia da minha caminhonete.*

Vamos ser amigos no Instagram. Não, não vamos ser amigos. Ok, sim, vamos ser amigos.

Não vou me permitir sentir feliz com isso até saber o que diabos ele está fazendo. Abro nossas mensagens no Instagram, desde que apaguei o número dele e envio uma para ele.

Eu: Seu coração se partiu de novo?

Miller: Eu acho que fiz a quebra desta vez.

Não consigo conter meu sorriso dessa vez. É muito grande para lutar.

Miller: O que você está fazendo agora?

Eu: Nada.

Miller: Posso ir aí?

Minha casa é o *último* lugar que eu quero que ele vá.

Eu: Me encontre no Starbucks.

Miller: Estou indo.

Largo o telefone e pego meu livro novamente, mas sei que não poderei me concentrar nas palavras enquanto espero por ele. Não importa, porém, porque cinco segundos depois, Miller está puxando uma cadeira vazia para a minha mesa. Ele se senta, inclinando a cadeira para trás. Puxo meu livro no meu peito e olho para ele.

— Você já estava aqui?

Ele sorri.

— Eu estava na fila para tomar um café quando enviei uma mensagem para você.

O que significa que ele provavelmente me viu sorrindo como um idiota.

— Isso parece uma invasão de privacidade.

— Não é minha culpa que você não tenha consciência do seu entorno.

Ele tem razão. Quando estou aqui, não faço ideia do que está acontecendo ao meu redor. Às vezes, fico aqui sentada por duas horas lendo e, quando fecho o livro, fico surpresa ao olhar para cima e ver que não estou em casa.

Deslizo o livro na minha bolsa e tomo um gole do meu café. Então eu me recosto na cadeira, meu olhar rolando sobre Miller. Ele

parece melhor. Desta vez não está com o coração partido. Ele realmente parece contente, mas não tenho idéia de quanto tempo isso vai durar até que ele perceba o quanto sente falta de Shelby e deixe de me seguir no Instagram novamente.

— Não sei como me sinto em ser seu plano de backup toda vez que as coisas vão para o sul com sua namorada.

Ele sorri gentilmente.

— Você não é um plano de backup. Eu gosto de falar com você. Não tenho mais namorada, então não me sinto mais culpado por falar com você.

— Isso é essencialmente o que é um plano de backup. Prioridade não funciona... passe para o segundo nível.

Um barista chama o nome de Miller, mas ele olha para mim por cinco longos segundos antes de afastar a cadeira da mesa e ir buscar o café. Quando ele volta, ele não volta a conversa. Ele muda completamente de assunto.

— Está com vontade de dar uma volta? — Ele toma um gole de café, e eu não tenho ideia de como algo tão simples como um cara bonitinho tomando café pode ser atraente, mas é assim, então eu pego minha bolsa e me levanto.

— Certo.



Além de alguns encontros em que fui com um cara chamado Aaron no ano passado sem a permissão de meus pais, nunca estive em um encontro com mais ninguém. Não que eu considere o que quer que seja que estamos fazendo um encontro real, mas não posso deixar de compará-lo com a pouca experiência que tive no passado. Meus pais têm sido extremamente superprotetores, então eu nem me incomodei em perguntar se eu poderia sair com um cara. A regra sempre foi que eu poderia namorar aos dezesseis anos, mas tenho dezesseis anos há quase um ano inteiro e evitei. A idéia de trazer um cara para minha casa para conhecer meus pais sempre parecia horrível, então, se eu queria sair com um cara, geralmente fazia isso pelas costas com a ajuda de Lexie.

Sei o suficiente para saber que o silêncio é seu inimigo em encontros. Você tenta preencher esse silêncio fazendo perguntas triviais que ninguém realmente quer responder e, em seguida, se você consegue superar as terríveis respostas, pode se dar bem no final da noite.

Mas o que quer que seja isso entre mim e Miller *não* é um encontro. Nem mesmo perto.

Não dissemos uma palavra um ao outro desde que entramos na caminhonete dele, mesmo que isso tenha acontecido há mais de meia hora. Ele não está me forçando a responder perguntas que não quero que me façam, e não estou forçando toda a informação dele sobre seu rompimento com Shelby. São apenas duas pessoas, ouvindo música, *curtindo* o silêncio.

Eu amo isso. Pode até bater minha esquina aconchegante no Starbucks.

— Esta era a caminhonete do vovô. — diz Miller, quebrando nosso silêncio confortável.

Mas não estou irritada com o intervalo. Na verdade, eu me pergunto por que ele dirige uma caminhonete tão velha e se há uma história por trás dela. — Ele comprou novinha em folha quando tinha 25 anos. Dirigi a vida toda.

— Quantas milhas estão nela?

— Havia pouco mais de duzentos mil antes de ser destruída e tudo foi substituído. Agora estão aí... — Ele levanta a mão para olhar o painel atrás do volante. Dezenove mil duzentos e doze.

— Ele ainda dirige?

Miller balança a cabeça.

— Não. Ele não está em condições de dirigir.

— Ele parecia estar em muito boa forma para mim.

Miller coça a mandíbula.

— Ele tem câncer. Os médicos estão dando a ele seis meses, no máximo.

Parece um soco brutal no meu estômago, e eu só conheci o homem uma vez.

— Ele gosta de fingir que não está acontecendo e que está bem. Mas posso dizer que ele está assustado.

Isso me faz pensar mais sobre a família Miller. Como é a mãe dele e por que meu pai parecia odiar tanto o pai dele — Vocês dois são muito próximos?

Miller apenas assente. Eu posso dizer, por sua recusa em responder verbalmente a essa pergunta, que ele vai ficar péssimo quando isso acontecer. Isso me deixa triste por ele.

— Você deve escrever tudo.

Ele me lança um olhar de soslaio.

— O que você quer dizer?

— Escreva tudo. Tudo o que você quer lembrar sobre ele. Você ficará surpreso com o quanto você começa a esquecer tudo.

Miller sorri para mim apreciativamente.

— Eu vou, — diz ele. — Eu prometo. Mas eu também tenho uma câmera na cara dele a maior parte do tempo por esse mesmo motivo.

Sorrio de volta e olho pela janela. Isso é tudo o que é dito entre nós até que ele volte ao estacionamento da Starbucks quinze minutos depois.

Estico as costas e depois os braços antes de soltar o cinto de segurança.

— Obrigada. Eu precisava disso.

— Eu também, — diz Miller. Ele está encostado na porta do motorista, a cabeça apoiada na mão enquanto me observa pegar minha bolsa e abrir a porta.

— Você tem bom gosto musical.

— Eu sei. — diz ele, um sorriso suave tocando em seus lábios.

— Vejo você na escola amanhã?

— Até mais.

O jeito que ele está olhando para mim me faz pensar que ele não quer que eu vá, mas ele não está dizendo nada para indicar o contrário, então eu saio da sua caminhonete.

Fecho a porta e viro para o meu carro, mas posso ouvi-lo sair da caminhonete enquanto procuro minhas chaves.

Ele está ao meu lado agora, encostado no meu carro. O olhar de Miller é intenso. Eu sinto isso em todo lugar.

— Deveríamos sair de novo. Você está ocupada amanhã à noite?

Paro a busca pelas minhas chaves e faço contato visual com ele. Amanhã à noite parece bom, mas esta noite parece ainda melhor. Ainda falta mais uma hora para eu estar em casa.

— Vamos sair agora.

— Onde você quer ir?

Olho para as portas da Starbucks, já desejando mais cafeína.

— Outro café parece muito bom.



Todas as mesas menores foram ocupadas, o que significava que ficávamos escolhendo entre uma mesa com seis cadeiras ou o assento do amor.

Miller foi para o assento do amor, e eu não estava triste com isso. Nós dois estamos relaxados no sofá, nossas cabeças pressionadas na parte de trás das almofadas, de frente para o outro. Puxei minhas pernas para o assento do amor e Miller tem uma perna apoiada.

Nossos joelhos estão se tocando.

A maior parte da Starbucks já está limpa e minha bebida está quase vazia, mas não paramos de conversar e rir, nem por alguns segundos. Essa versão de nós é tão diferente de quando estávamos na caminhonete dele mais cedo, mas igualmente confortável.

Parece natural com ele. O silêncio, a conversa, o riso. Tudo parece tão confortável, e isso é algo que eu nem sabia que estava perdendo. Mas eu senti falta disso. Desde o momento do naufrágio, tudo na minha vida parece ter sido feito em cantos afiados, e eu tenho andado na ponta dos pés por todo o mundo no escuro no mês passado, tentando não me machucar.

Nós não conversamos sobre o rompimento dele, apesar da minha curiosidade sobre o que aconteceu. Eu esperava que evitássemos conversar sobre os destroços e tudo o que aconteceu desde então, mas ele apenas me perguntou como está minha mãe.

— Ok, eu acho. — Eu tomo o último gole do meu café. — Eu a encontrei tentando derrubar a porta da cozinha com um martelo sem motivo algum. Agora há um enorme buraco aleatório no centro da nossa porta que está lá há duas semanas.

Miller sorri, mas é um sorriso empático.

— E você? — Ele pergunta. — Alguma destruição da sua parte?

Eu dou de ombros.

— Não. Estou bem. Quero dizer... faz pouco mais de um mês. Eu ainda choro todas as noites. Mas acho que não consigo mais não sair da cama. — Balanço minha xícara de café vazia. — Adquirir um gosto pelo café ajudou.

— Quer outro?

Balanço a cabeça e coloco minha xícara na mesa ao meu lado. Então me repositono no sofá para ficar mais confortável. Miller faz o mesmo, então estamos ainda mais próximos agora.

— Você vai me fazer um favor? — Pergunto a ele.

— Depende do que é.

— Quando você se tornar um diretor famoso algum dia, garantirá que as xícaras de café tenham líquido nelas quando os atores as usarem nas cenas?

Miller ri disso. Alto.

— Essa é a minha maior irritação, — diz ele. — Elas estão sempre vazias. E quando eles pousam, você pode ouvir o vazio da xícara quando ela bate na mesa.

— Eu estava assistindo esse filme em que um ator estava com raiva, segurando uma xícara de café, e ele a jogava ao redor, mas nenhuma gota foi derramada. Isso me tirou do momento e arruinou o filme inteiro para mim.

Miller sorri e aperta meu joelho.

— É uma promessa. Cada xícara de café do meu estúdio estará cheia. — Sua mão permanece no meu joelho. É óbvio demais para fingir que não percebo, mas tento. Eu continuo olhando para baixo, no entanto. Eu gosto de ver a mão dele lá. Eu gosto de sentir seu polegar roçando para frente e para trás.

Eu gosto de como me sinto quando estou com ele. E não sou positiva, mas acho que ele gosta de como eu o faço sentir. Nenhum de nós parou de sorrir. Eu sei que corei pelo menos três vezes durante a nossa conversa.

Nós dois sabemos que estamos interessados, então nem estamos tentando brincar de tímido. É apenas uma questão de eu não saber onde está a cabeça dele. O que ele está pensando... se ele pensou em Shelby.

— Então, — diz ele. — Você já decidiu uma faculdade? Ainda planeja se formar em atuação?

Esta pergunta provoca um grande suspiro de mim.

— Eu realmente quero, mas minha mãe é tão contra isso. Meu pai também.

— Por quê?

— As probabilidades não estão a meu favor, então eles querem que eu faça algo mais prático.

— Eu vi você atuar. É para isso que você nasceu.

Sento-me um pouco mais reto.

— Sério? Em que você me viu? — Eu sempre faço teatro todos os anos na escola, mas nunca havia percebido Miller lá antes.

— Não me lembro o que era. Só lembro de você no palco.

Eu posso me sentir corando novamente. Recosto no sofá e sorrio timidamente.

— E você? Você pelo menos já se inscreveu na UT? Ou em qualquer lugar?

Ele balança a cabeça.

— Não. Não podemos pagar uma escola como essa e, sinceramente, preciso ficar por aqui. Pelo vovô.

Quero perguntar-lhe mais sobre isso, mas ele parece triste quando fala sobre isso. Não sei se é porque não há mais ninguém para cuidar de seu avô se ele se mudar ou se é porque ele nunca o abandonaria. Provavelmente uma combinação de ambos.

Não gosto que essa conversa esteja enviando sua mente nessa direção, então tento redirecionar seus pensamentos.

— Eu tenho uma confissão.

Ele olha para mim com expectativa, esperando que eu derrame.

— Preenchi o formulário para a submissão do filme.

Miller sorri.

— Bom. Eu estava preocupado que você não faria isso.

— Eu talvez possa ter preenchido para você também.

Ele olha para mim, seus olhos estreitados.

— No caso de eu terminar com Shelby?

Eu concordo.

Ele ri um pouco e depois diz:

— Obrigado. — Há uma pausa. — Então isso significa que somos parceiros?

Eu dou de ombros.

— Se você quiser ser. Mas quero dizer, se você voltar com Shelby, eu vou entender se você não puder...

Miller se inclina para frente, inclinando a cabeça enquanto olha para mim.

— Eu não vou voltar com ela. Tire isso da sua cabeça.

Uma frase tão curta, mas uma declaração tão grande. Um que envia uma onda de calor para o meu peito.

Ele tem um olhar tão sério nos olhos que me deixa nervosa quando ele começa a falar novamente.

— Antes, quando você se chamava de meu plano de backup, eu queria rir. Porque, se alguma coisa, Shelby era meu plano de backup para você. — Um sorriso reservado se espalha pelo rosto dele. — Eu gosto de você há quase três anos.

Suas palavras me surpreendem em um momentâneo silêncio. Então eu balanço minha cabeça, confusa.

— Três anos? Por que você nunca fez nada sobre isso?

— Tempo, — ele diz rapidamente. — Eu quase fiz uma vez, mas então você começou a namorar aquele cara...

— Aaron.

— Sim. *Aaron*. Então eu comecei a namorar Shelby. Então você e Aaron terminaram dois meses depois.

— E então você começou a fazer o possível para me evitar.

Miller parece se desculpar quando digo isso.

— Você percebeu?

Eu concordo.

— Você pagou vinte dólares a um cara para trocar de armário com ele no primeiro dia de aula deste ano. Eu levei isso muito pessoalmente. — Eu digo isso com uma risada, mas estou sendo completamente transparente.

— Eu estava tentando manter distância. Shelby e eu éramos amigos antes de começarmos a namorar, então ela sabia que eu tinha uma queda por você.

Isso explica muito.

— É por isso que você disse que ela só tem ciúmes de mim e não de outras garotas?

— Sim. — Miller se inclina casualmente contra o sofá novamente, a cabeça apoiada na parte de trás. Ele está me assistindo processar tudo o que ele acabou de dizer. Ele está olhando para mim com tanta vulnerabilidade – como se precisasse de muita coragem para ele admitir tudo isso, e está nervoso com a maneira como eu poderia responder.

Eu nem sei como reagir. Eu meio que quero mudar de assunto porque me sinto estranho agora. Não tenho nada a dizer que o impressione ou o faça se sentir tão bem quanto suas palavras me fizeram sentir. Por essas razões, a coisa mais aleatória sai da minha boca.

— Sua caminhonete tem um nome?

Miller olha de soslaio, como se estivesse se perguntando do que diabos estou falando.

Então ele apenas ri, e é a risada maior e mais profunda.

— Sim. Nora.

— Por que Nora?

Ele hesita. Eu amo o sorriso que está tocando em seus lábios.

— É uma música dos Beatles.

Lembro-me do cartaz dos Beatles pendurado no quarto dele.

— Então você é fã dos Beatles?

Ele concorda.

— Eu tenho muitas bandas favoritas. Eu amo música. Alimenta minha alma.

— Quais são suas letras favoritas?

Ele nem hesita.

— Não são dos Beatles.

— De quem são?

— Uma banda chamada Sounds of Cedar.

— Nunca ouvi falar deles, mas eu gosto do nome.

— Se eu lhe contar minhas letras favoritas, você vai querer ouvir todas as músicas que eles já escreveram.

Eu sorrio esperançosamente.

— Bom. Me dê algumas frases.

Ele se inclina um pouco e sorri enquanto repete a letra.

— *“Acreditei em você desde o momento em que te conheci. Acredito em mim agora que finalmente te deixei.”*

Eu deixei a letra ferver enquanto olhamos um para o outro. Isso me faz pensar se essas são suas letras favoritas por causa de seu recente rompimento com Shelby ou se elas eram suas letras favoritas mesmo antes disso. Não vou perguntar a ele, no entanto. Em vez disso, solto um suspiro.

— Uau, — eu sussurro. — Essas palavras são de alguma forma trágicas e inspiradoras.

Ele sorri gentilmente.

— Eu sei.

Não posso esconder como ele me faz sentir neste momento. Preciso que estar com ele me dê uma trégua na minha dor. Preciso que ele não esteja fingindo ser alguém que não é.

Preciso que ele tenha terminado com a namorada antes de se aproximar de mim. E mesmo que eu não o conheça muito bem, eu o conheço o suficiente para poder dizer que há muito de bom nele.

Estou profundamente atraída por essa parte dele – a parte dele que apareceu no funeral de meu pai, simplesmente porque ele queria me checar. Eu sou atraída por essa parte ainda mais do que a aparência dele, o humor ou a voz terrível dele.

Há tantos sentimentos girando no meu peito agora, e eu tenho medo que a sala comece a girar se eu não encontrar meu centro de gravidade. Inclino-me para frente e pressiono meus lábios nos dele, apenas para me equilibrar.

É um beijo rápido. Inesperado para nós dois, eu acho. Quando me afasto, estou mordendo meu lábio nervosamente, me perguntando se deveria ter feito isso. Eu descanso minha cabeça no sofá e espero por sua reação. Ele não tira os olhos de mim.

— Eu não pensei que nosso primeiro beijo seria assim, — diz ele calmamente.

— Assim como?

— Doce.

— Como você achou que seria?

Seus olhos vagam para os poucos clientes restantes ainda persistentes.

— Eu não posso te mostrar aqui.

Quando seu olhar encontra o meu novamente, a satisfação em seu sorriso preguiçoso me enche de confiança.

— Então vamos a sua caminhonete.

A antecipação do nosso segundo beijo me deixa ainda mais nervosa que o nosso primeiro. Estamos de mãos dadas quando saímos da Starbucks. Ele se dirige para a caminhonete e abre a porta do passageiro para mim. Eu entro e ele a fecha, depois caminha para o lado do motorista.

Não sei por que estou tão nervosa agora. Provavelmente porque isso está realmente acontecendo. Eu e o Miller. Miller e eu. Qual seria o nome do nosso ship? Cliller? Millerra?

Ugh. Ambos parecem terríveis.

Miller fecha a porta.

— O que é esse olhar?

— Que olhar?

Ele aponta para o meu rosto.

— Esse.

Eu rio, balançando a cabeça.

— Nada. Estou me adiantando.

Ele pega minha mão e me puxa para mais perto dele. Nos encontramos no meio de seu assento. Essa é a coisa sobre caminhonetes mais velhas. Os assentos são longos, sem console para separar os passageiros. Estamos ainda mais perto agora do que estávamos no sofá. Nossos rostos estão mais próximos, nossos

corpos estão mais próximos. Tudo está muito mais perto. Sua mão está na minha coxa, e eu estou me perguntando que sabor de pirulito ele tem gosto.

— Como assim, você está se adiantando? Você se arrepende de me beijar?

Eu rio porque é a última coisa que lamento.

— Não. Eu estava pensando em como os nomes de nossos ships seriam terríveis.

Eu vejo alívio assumir sua expressão. Mas então seus olhos se dobram nos cantos.

— Oh. Sim. Eles são terríveis.

— Qual é o seu nome do meio?

— Jeremiah. Qual é o seu?

— *Nicole* por excelência.

— Esse é realmente um nome do meio longo.

Eu ri.

— Espertinho.

Eu posso ver as rodas girando atrás de seus olhos.

— Jerecole?

— Isso é tão ruim. — Estou pensando nisso quando me parece estranho isso. Tivemos um pequeno beijo. Passamos apenas parte de uma noite juntos sem que ele se apegue a outra pessoa, mas aqui estamos nós, discutindo nomes de ships. Eu quero acreditar em como ele me faz sentir, mas a verdade é que ele nem ficou solteiro o tempo suficiente para decidir se ele quer que isso vá a algum lugar.

— Você está fazendo essa cara de novo, — diz ele.

Eu suspiro, quebrando o contato visual com ele. Olho para baixo e agarro sua mão.

— Desculpe. Eu só... — Faço uma pausa e depois olho de volta para ele. — Você tem certeza disso? Quero dizer, você acabou de terminar com Shelby hoje. Ou ontem. Eu nem sei quando, mas de qualquer maneira. Não quero começar algo se você voltar a sair daqui a uma semana.

O silêncio depois de terminar de falar permanece na caminhonete por muito mais tempo do que me sinto confortável.

Ainda estamos de mãos dadas, e Miller acaricia levemente a parte externa da minha coxa com a outra mão. Ele suspira, mais fortemente do que eu quero. Esse tipo de suspiro geralmente é seguido por palavras que não são boas.

— Você sabe o dia na minha caminhonete quando você me disse para descobrir a minha merda?

Eu concordo.

— Foi o dia em que terminei com Shelby. Não foi hoje ou ontem. Foi há semanas atrás. E para ser honesto, minha merda já estava descoberta muito antes daquele dia. Eu só não queria machucá-la.

Nada mais é dito com palavras. É tudo dito com um olhar. Seus olhos perfuram os meus com uma honestidade tão concentrada que eu respiro fundo. Ele move a mão da minha perna para o meu cotovelo e depois lentamente arrasta os dedos pelo meu braço e pescoço, parando na minha bochecha.

Estou respirando superficialmente, observando seus olhos enquanto eles rolam pelo meu rosto e param nos meus lábios.

— Nicomiah parece bem, — eu sussurro.

O momento é interrompido por sua risada. Então sua mão desliza para a parte de trás da minha cabeça, e ele me puxa para sua boca, ainda sorrindo. É um beijo doce no começo, muito parecido com o que eu dei a ele lá dentro. Mas então sua língua passa por meus lábios e toca a minha, e a doçura se foi.

Isso ficou sério.

Eu respondo com uma fome quase embaraçosa, puxando-o para mais perto, querendo que ele e seu beijo tirem as últimas gotas de dor que ainda estão nadando dentro de mim.

Minhas mãos estão no cabelo de Miller agora e uma das mãos dele está deslizando pelas minhas costas.

Eu nunca senti nada tão bom e perfeito antes. Eu realmente posso sentir o medo crescendo dentro de mim, sabendo que esse beijo acabará finalmente.

Ele agarra minha cintura e me guia para mais perto, de modo que eu estou montando nele. Nossa nova posição o faz gemer, e seu gemido me faz beijá-lo ainda mais. Eu não consigo o suficiente.

Ele tem gosto de café e não de pirulito, mas eu não me importo porque realmente amo o sabor do café agora.

Seus dedos roçam a pele da minha região lombar, e estou impressionada com a forma como um toque tão pequeno pode causar uma reação consequente. Eu arranco minha boca da dele, com medo desse sentimento. Essa intensidade. É novo para mim, e me sinto um pouco abalada por isso.

Miller me puxa para ele, enterrando o rosto no meu pescoço. Meus braços estão em volta dele, e minha bochecha está pressionada contra o topo de sua cabeça. Eu posso sentir suas respirações caindo em pesadas ondas quentes contra o meu pescoço.

Ele suspira, circulando seus braços com mais força ao meu redor.

— Isso é mais parecido com o tipo de primeiro beijo que eu estava esperando.

Eu rio.

— Ah é? Você gosta daquele mais do que o doce que eu te dei?

Ele balança a cabeça e coloca um pouco de separação entre nós para que ele possa olhar para mim.

— Não, eu também amei o doce beijo.

Eu sorrio e pressiono meus lábios gentilmente contra os dele para que eu possa dar outro beijo doce.

Ele suspira contra a minha boca e me beija de volta, sem língua, apenas lábios macios e uma liberação suave de ar. Ele espia por cima do meu ombro, olhando para o rádio e depois se recosta no banco.

— Você está atrasada para o toque de recolher. — Ele diz isso com pavor, como se desejasse que pudéssemos ficar em sua caminhonete a noite toda.

— Quão atrasada?

— Quinz minutos.

— Bem, merda.

Miller me tira dele e sai da caminhonete. Abro a porta para sair e, em seguida, Miller passa os dedos pelos meus enquanto ele me

leva ao meu carro. Ele abre a porta para mim, descansando um braço no topo do meu batente da porta. Nós nos beijamos mais uma vez antes de me sentar no meu carro.

Não acredito no quanto estou me sentindo agora. Antes de eu aparecer aqui hoje, eu vivia sem Miller em minha vida perfeitamente bem. Agora sinto que cada minuto que passo sem ele será tortura.

— Boa noite, Clara.

— Boa noite.

Ele olha para mim por um momento sem fechar minha porta. Então ele apenas geme.

— O amanhã parece tão distante agora.

Eu amo o jeito que ele colocou exatamente como estou me sentindo na sequência perfeita de palavras. Ele fecha minha porta e se afasta alguns passos. Mas ele não para de me observar e não volta para a caminhonete até eu sair do estacionamento e voltar para casa... tarde.

Isso deve ser divertido.

CAPÍTULO QUINZE

MORGAN

Eu estive sentada no pátio dos fundos, contemplando. Não tenho certeza do que estou contemplando. Minha mente é como uma bola de pingue-pongue, refletindo sobre Chris, sobre como eu preciso começar a me candidatar a empregos, sobre como voltar para a faculdade, sobre Clara e como ela já passou do toque de recolher. São quase dez e meia agora, então eu mando uma mensagem para ela. *De novo.*

Você está atrasada. Por favor volte para casa.

Ela está ficando muito tempo fora, e eu não tenho ideia de com quem ela está, porque ela mal fala mais comigo. Quando ela *está* aqui, está no quarto dela. O aplicativo mostra que ela está sempre na Lexie ou na Starbucks, mas quem no mundo passa tanto tempo em uma cafeteria?

Há uma batida suave na porta do pátio dos fundos e eu olho para cima, quase tendo esquecido que Jonah está aqui há vinte minutos, consertando a porta da cozinha. Levanto-me e coloco meu cabelo atrás das orelhas quando ele sai.

— Você tem um alicate?

— Tenho certeza de que Chris tem, mas sua caixa de ferramentas tem um cadeado. Mas posso ter um par. — Entro em casa e vou para a lavanderia. Eu mantenho minha própria caixa de ferramentas para quando eu precisava consertar coisas quando Chris não estava por perto. É preta e rosa. Chris comprou para mim no Natal um ano.

Ele também conseguiu uma para Jenny. O pensamento me perfura.

Às vezes acho que está melhorando, mas as lembranças mais simples me lembram o quanto ainda é ruim. Puxo minha caixa de ferramentas e a entrego a Jonah.

Jonah abre e olha através dela. Ele não encontra o que precisa.

— São dobradiças antigas, — diz ele. — Não consigo tirar o último porque está tão ruim.

Tenho algo que vai funcionar em casa, mas é tarde, então voltarei amanhã se estiver tudo bem?

Ele diz como uma pergunta, então eu aceno.

— Sim. Certo.

Enviei uma mensagem para ele ontem, dizendo que não conseguia tirar a porta da cozinha das dobradiças e perguntando se ele poderia ajudar. Ele disse que terminaria hoje à noite, mas que seria tarde porque ele estava pegando sua irmã no aeroporto. Ele nem perguntou por que eu precisava tirar a porta das dobradiças. Quando ele chegou aqui antes, ele nunca perguntou por que havia um buraco enorme nela. Ele apenas foi direto para a porta e começou a trabalhar.

Estou esperando ele perguntar o que aconteceu enquanto caminhamos em direção à porta da frente, mas ele não pergunta. Eu não gosto do silêncio, então eu coloco uma pergunta na mistura que eu realmente nem me importo de saber a resposta.

— Quanto tempo sua irmã está na cidade?

— Até domingo. Ela adoraria ver você. Ela só... você sabe. Ela não sabia se você gostaria de companhia.

Eu não, mas por algum motivo, sorrio e digo:

— Adoraria vê-la.

Jonah ri.

— Não, você não adoraria.

Eu dou de ombros porque ele está certo. Eu mal a conheço. Eu a encontrei uma vez quando éramos adolescentes e a vi por alguns minutos no dia seguinte ao nascimento de Elijah. E ela estava nos

dois funerais. Mas essa é a extensão do meu relacionamento com ela.

— Você está certo. Foi a coisa educada a dizer.

— Você não precisa ser educada, — diz Jonah. — Nem eu. É a única coisa positiva a sair disso. Temos pelo menos um passe de seis meses para ser idiota. — Eu sorrio, e ele inclina a cabeça em direção ao carro. — Me acompanha?

Eu o sigo até o carro, mas antes que ele entre, ele descansa as costas na porta do motorista e cruza os braços sobre o peito.

— Eu sei que você provavelmente não quer falar sobre isso mais do que eu. Mas isso afeta nossos filhos, então...

Deslizo minhas mãos nos bolsos traseiros do meu jeans. Eu suspiro e olho para o céu noturno.

— Eu sei. Temos que discutir isso. Porque se é verdade...

— Isso torna Clara e Elijah meio irmãos, — diz Jonah.

É estranho ouvir isso em voz alta. Eu respiro lentamente, nervosa com o que isso significa.

— Você planeja contar a ele algum dia?

Jonah assente, lentamente.

— Algum dia. Se ele perguntar. Se aparecer na conversa. — Ele suspira. — Sinceramente, não sei. O que você acha? Você quer que Clara saiba?

Estou me abraçando agora. Não está frio, mas tenho calafrios por algum motivo.

— Não.

Eu nunca quero que Clara descubra. Isso a devastaria.

Jonah não parece zangado porque estou pedindo a ele que não conte a verdade a Elijah. Ele só parece simpático à nossa situação.

— Eu odeio que eles deixaram essa bagunça para nós limparmos.

Eu concordo com ele nisso. É um desastre de confusão. Um que eu ainda nem sequer envolvi minha cabeça completamente. É demais para pensar tão cedo e demais para eu querer discutir isso agora. Eu mudo de assunto, porque de qualquer maneira, as decisões não estão sendo tomadas hoje à noite.

— O aniversário de Clara é daqui a duas semanas. Estou pensando em manter a tradição com um churrasco, mas não tenho certeza se ela quer que eu faça. Não será o mesmo sem eles aqui.

— Você deveria perguntar a ela, — sugere Jonah.

Eu rio sem entusiasmo.

— Não estamos nos melhores termos no momento. Sinto como se estivesse andando em cascas de ovos ao seu redor. Ela discordaria de qualquer coisa que eu sugerisse.

— Ela tem quase dezessete anos. Seria mais incomum se as coisas fossem perfeitas entre vocês duas.

Eu aprecio ele dizendo isso, mas também sei que não é totalmente verdade. Conheço muitas mães que se dão muito bem com seus filhos adolescentes. Eu apenas não sou uma das sortudas. Ou talvez não seja sobre sorte. Talvez eu tenha errado em algum lugar ao longo do caminho.

— Não acredito que ela tenha quase dezessete anos, — diz ele. — Lembro-me do dia em que você descobriu que estava grávida dela.

Eu também me lembro. *Foi no dia anterior à sua partida.*

Desvio meu olhar para o concreto sob meus pés. Olhá-lo traz de volta muitas emoções, e estou realmente cansada de emoções neste momento. Eu limpo minha garganta e dou um passo para trás, assim quando faróis iluminam o quintal ao nosso redor. Levanto os olhos e vejo Clara finalmente entrar na garagem.

Jonah toma isso como sua deixa para sair, então ele abre a porta do carro.

— Boa noite, Morgan. — Ele acena para Clara antes de entrar em seu carro. Dou-lhe um aceno silencioso e o vejo ir embora. Ele já está no fim da nossa rua antes de Clara sair do carro.

Cruzo os braços sobre o peito novamente e a encaro com expectativa.

Ela fecha a porta e me reconhece com um aceno de cabeça, mas caminha em direção à porta da frente. Eu a sigo para dentro de casa, onde ela chuta os sapatos no sofá.

— O que foi isso? — Ela pergunta.

— O que foi o que?

Ela joga a mão em direção ao jardim da frente.

— Você e Jonah. No escuro. Foi estranho.

Eu estreito meus olhos para ela, me perguntando se ela está apenas tentando desviar agora.

— Por que você está atrasada para o toque de recolher?

Ela olha para o telefone.

— Eu estou?

— Sim. Eu mandei uma mensagem para você. Duas vezes.

Ela passa o dedo pela tela.

— Oh. Não as ouvi chegar. — Ela coloca o telefone no bolso de trás. — Desculpe. Eu estava estudando na Starbucks... perdi a noção do tempo. Eu não sabia que era tão tarde.

— Ela aponta por cima do ombro enquanto se dirige para o corredor. — Eu preciso tomar banho.

Eu nem me preocupo em pressionar por uma resposta mais honesta. Ela não me daria uma de qualquer maneira.

Vou até a cozinha e pego um Jol y Rancher. Eu me inclino contra o balcão e olho distraidamente para o buraco na porta da minha cozinha, me perguntando por que Jonah tão casualmente trouxe o assunto do dia em que descobri que estava grávida, como se não fosse um dos piores dias da minha vida.

Talvez ele tenha trazido à tona porque sua partida no dia seguinte não significou tanto para ele quanto para o resto de nós.

Eu me forcei a não pensar naquela semana desde que aconteceu, mas agora que Jonah mencionou tudo, todo momento daquele dia começa a correr pela minha mente.

Nós estávamos no lago. Os três estavam nadando e eu estava sentada em um cobertor na grama, lendo um livro. Todos saíram da água ao mesmo tempo, mas Jonah foi o único que caminhou em minha direção. Chris e Jenny subiram o barranco em direção ao playground.

— Morgan! — Jenny gritou. — Venha balançar com a gente! — Ela estava correndo para trás da colina, tentando me seduzir.

Eu balancei minha cabeça e acenei para ela. Eu não estava na mentalidade de ser brincalhona naquele dia. Eu nem queria ir ao lago em primeiro lugar, mas Chris insistiu nisso. Eu queria uma noite

sozinha com ele, sem Jonah e Jenny junto. Eu precisava falar com ele em particular, mas não tivemos um único segundo de privacidade naquele dia. Às vezes, ele estava alheio ao meu humor, mesmo que eu estivesse com esse humor desde que percebi que estava atrasada para o meu período na noite passada.

— O que está mordendo você hoje? — Jonah disse quando caiu na grama ao meu lado.

— Você tem agido de forma estranha.

Eu quase ri do momento dele.

— Chris enviou você para me atazanar?

Jonah olhou para mim como se eu o tivesse insultado.

— Chris vive no esquecimento feliz.

A resposta de Jonah me surpreendeu. Percebi que ele estava dando socos em Chris. Os pequenos. Inofensivos. Mas eu notei.

— Eu pensei que vocês deveriam ser melhores amigos.

— Nós somos, — disse Jonah. — Eu faria qualquer coisa por ele.

— Às vezes você age como se nem gostasse dele.

Jonah não negou. Em vez disso, ele deu sua atenção ao lago à nossa frente, como se meu comentário o obrigasse a contemplar.

Peguei uma pedra e joguei em direção ao lago. Nem atingiu a água.

— Estamos sem bebidas, — disse Chris, correndo até nós. Ele caiu na grama dramaticamente e me puxou para ele. Ele me beijou.
— Eu vou correr para a loja. Quer vir?

Fiquei aliviada por finalmente ter um tempo sozinha com ele. Tínhamos muito o que conversar.

— Certo.

— Eu tenho que fazer xixi, — disse Jenny. — Estou indo também.

Eu tinha que me impedir de revirar os olhos, mas toda vez que pensava em ficar um minuto sozinha para conversar com Chris sobre o que estava acontecendo comigo, algo ou alguém se inseria em nossa cena.

— Leve Jenny, — eu disse com um suspiro. — Eu esperarei aqui.

— Você tem certeza? — Chris perguntou enquanto se levantava.

Eu assenti.

— Melhor se apressar - ela já está correndo colina acima.

Chris olhou para trás e depois saiu correndo.

— Trapaceira!

Eu me virei e olhei para Jonah, que estava dividindo o cobertor comigo, os joelhos levantados, os braços apoiados neles. Ele estava olhando para o lago. Eu podia sentir que algo estava se formando nele.

— O que está mordendo você hoje? — Eu disse, repetindo sua própria pergunta.

Seus olhos cortaram nos meus.

— Nada.

— É alguma coisa, — eu disse.

O olhar que ele me deu naquele momento foi de parar o coração. Era o mesmo sentimento que eu estava começando a ter toda vez que ele olhava para mim – como se de alguma forma tivesse passado pelos meus olhos e deslizado pela minha espinha.

O reflexo do lago à nossa frente fazia seus olhos parecerem liquefeitos. A percepção começou a crescer em mim que eu estava olhando para ele da mesma maneira, então eu desviei meu olhar dele.

Jonah suspirou pesadamente e depois sussurrou:

— Estou preocupado que tenhamos entendido errado.

Sua declaração fez minha respiração engatar. Eu não perguntei a ele o que poderia ter errado, porque eu estava com muito medo de sua resposta.

Eu estava com medo que ele fosse dizer que não estávamos com a pessoa com quem estávamos destinados. Claro, ele poderia estar prestes a dizer qualquer coisa, mas foi para onde minha mente foi, porque por que mais ele olhava para mim do jeito que às vezes olhava? Tentei ignorar porque Jonah e eu nunca fomos românticos em nenhum sentido. Mas tínhamos uma conexão – uma que Chris e eu nem tínhamos.

Eu odiei isso. Eu odiava que Jonah sempre soubesse quando algo estava me incomodando, mas Chris não tinha noção. Eu odiava que Jonah e eu pudéssemos nos olhar e saber exatamente o que o outro estava pensando. Eu odiava como ele sempre guardava os Jolly Ranchers de melancia para mim, porque era um gesto doce, e eu não gostava que o melhor amigo do meu namorado fizesse coisas doces por mim. Além disso, ele e Jenny tinham acabado de começar a namorar. Ao contrário de Jenny, eu nunca trairia minha própria irmã.

É por isso que naquele dia na margem do lago, quando Jonah sussurrou: *Estou preocupado que tenhamos entendido errado*, eu disse que a única coisa que sabia nos colocaria em nosso lugar.

— Estou grávida.

Jonah olhou para mim em um silêncio atordoado. Eu vi a cor sumir do rosto dele. Minha confissão o sacudiu.

Ele se levantou e se afastou alguns metros de mim. Era como se tudo se afundasse nele de uma vez. Ele parecia ter encolhido cinco centímetros no momento em que voltou para mim.

— Chris sabe?

Eu balancei minha cabeça, observando como seus olhos passaram de liquefeitos para congelados em questão de segundos.

— Não. Ainda não contei a ele.

Jonah mordeu o lábio inferior por um momento, assentindo em pensamento. Ele parecia zangado. Ou destruído.

Quando ele se virou e voltou pela areia e entrou na água, eu o encarei com lágrimas nos olhos. O sol estava se pondo e o lago estava escuro. Eu não conseguia ver o quão longe ele nadava. Mas ele estava lá o tempo suficiente para que, quando finalmente começasse a voltar para a praia, Chris e Jenny estivessem voltando para o estacionamento.

Jonah sentou-se no meu cobertor, encharcado e prendendo a respiração. Lembro-me de assistir gotas de água pingando de sua boca.

— Estou terminando com Jenny.

Sua confissão me deixou horrorizada. Então ele olhou para mim enfaticamente, como se o que ele estava prestes a dizer em

seguida fossem as palavras mais importantes que ele diria.

— Você será uma ótima mãe, Morgan. Chris tem muita sorte.

— Suas palavras foram doces, mas o olhar em seus olhos era doloroso. E, por alguma razão, essas palavras pareceram um adeus, antes mesmo que eu soubesse que *era* um adeus.

Com isso, ele empurrou a grama e caminhou em direção ao estacionamento.

Minha cabeça estava girando. Eu queria correr atrás dele, mas o peso do dia inteiro me ancorou no lugar. Tudo o que eu pude fazer foi assistir quando ele disse a Jenny que estava pronto para ir. Eu vi quando eles entraram no carro e se afastaram.

Quando Chris começou a descer a colina, eu deveria estar aliviada por finalmente ter esse tempo sozinha com ele, mas fiquei arrasada. Chris sentou-se ao meu lado no cobertor e me entregou uma garrafa de água.

Eu amava Chris. Eu ia ter o bebê dele, mesmo que ainda não tivesse dito isso a ele. Mas me senti culpada porque, durante todo o tempo em que Chris e eu estávamos namorando, ele nunca me deu um olhar que escorria pela minha espinha. Eu estava com medo de nunca mais sentir isso. Eu estava com medo que eu estivesse errada e que talvez eu amasse Chris, mas talvez eu não estava *apaixonada* por ele.

Ele colocou o braço em volta de mim.

— Amor? O que há de errado?

Limpei meus olhos, soltei um suspiro e disse:

— Estou grávida.

Não esperei pela reação de Chris. Eu imediatamente me levantei e chorei toda a caminhada de volta para o carro dele. Mesmo assim, eu estava culpando os hormônios

pelas lágrimas. Ao descobrir que estava grávida. Eu culpei qualquer coisa pelas lágrimas, exceto o que realmente as causou.

No dia seguinte, Jonah disse a Jenny que queria morar com sua irmã e fazer faculdade em Minnesota. Ele arrumou suas coisas, comprou uma passagem de avião e nem veio dizer adeus a mim ou a Chris.

Chris e Jenny estavam tão chateados que Jonah levantou e saiu egoisticamente, mas como fiquei mais impressionada com a notícia de que estava grávida, realmente não tive tempo para me importar com a saída de Jonah. Nas próximas semanas, consertei a dor de Jenny e forcei Chris a se concentrar em nós e na minha gravidez, em vez de no melhor amigo que o abandonara. Eu tentei não pensar em Jonah.

Mal sabia eu que essa rotina continuaria por muito tempo. Eu sendo a esposa dedicada de Chris, cuidando de sua casa, sua filha e suas necessidades. Eu sendo leal à minha irmãzinha, ajudando-a a estudar na escola de enfermagem, limpando as bagunças que ela fez dos seus vinte anos, dando-lhe um lugar para ficar a cada poucos anos, quando ela precisaria de ajuda para se reerguer.

No dia em que descobri que estava grávida, parei de viver a vida por mim mesma.

Acho que é hora de descobrir quem eu deveria me tornar antes de começar a viver minha vida para todos os outros.

CAPÍTULO DEZESSEIS

CLARA

Apesar de saber que acabei de irritar minha mãe por estar meia hora atrasada para o toque de recolher, ainda não consigo parar de sorrir. Aquele beijo com Miller valeu a pena.

Trago meus dedos aos meus lábios.

Eu nunca fui beijada assim. Os caras que eu beijei no passado pareciam estar com pressa, querendo enfiar a língua na minha boca antes de mudar de idéia.

Miller era o oposto. Ele era tão paciente, mas de uma maneira caótica. Era como se ele tivesse pensado em me beijar tantas vezes que queria saborear cada segundo disso.

Não sei se vou conseguir não sorrir quando pensar nesse beijo. Isso meio que me deixa nervosa pela escola amanhã. Não tenho certeza de onde esse beijo nos deixa, mas parecia que era uma afirmação. Só não sei o que exatamente era essa afirmação.

Meu telefone vibra no meu bolso de trás. Rolo e puxo para fora, depois caio de costas novamente. É um texto de Miller.

Miller: Eu não sei sobre você, mas às vezes quando algo significativo acontece, chego em casa e penso em todas as coisas que gostaria que fossem diferentes. Todas as coisas que eu gostaria de ter dito.

Eu: Isso está acontecendo agora

Miller: Sim. Sinto que não fui totalmente sincero com você.

Rolo de bruços, na esperança de aliviar a náusea que passou por mim. Estava indo tão bem...

Eu: Sobre o que você não foi honesto?

Miller: Eu fui honesto. Apenas não inteiramente, se houver uma diferença. Eu deixei muito fora da nossa conversa que eu quero que você saiba.

Eu: Como o quê?

Miller: Como por quê eu gosto de você há tanto tempo.

Espero que ele elabore, mas ele não o faz. Estou encarando meu telefone com tanta intensidade que quase o jogo quando ele toca inesperadamente. É o número de telefone de Miller. Hesito antes de responder, porque raramente falo ao telefone. Eu prefiro mensagens de texto. Mas ele sabe que tenho meu telefone na mão, então não posso enviá-lo para o correio de voz. Deslizo o dedo pela tela e depois saio da cama e vou para o banheiro para ter mais privacidade. Sento-me na beira da banheira.

— Olá?

— Ei, — ele diz. — Desculpe. É demais para mensagens.

— Você está meio que me assustando com todas as insinuações.

— Oh. Não, está tudo bem. Não fique nervosa. Eu deveria ter dito isso pessoalmente. — Miller respira fundo e, ao expirar, começa a falar. — Quando eu tinha quinze anos, vi você em uma peça da escola. Você teve o papel principal e, a certa altura, executou um monólogo que durou dois minutos inteiros. Você era tão convincente e parecia tão de coração partido que eu estava pronto para subir no palco e abraçá-la. Quando a peça finalmente terminou e os atores voltaram para o palco, você estava sorrindo e rindo, e não havia nenhum traço desse personagem em você. Eu estava admirado, Clara. Você tem esse carisma que não acho que saiba, mas é cativante. Eu era uma criança magricela no segundo ano do ensino médio, e mesmo sendo um ano mais velho que você, ainda não havia me completado, tinha acne e me sentia inferior a você, então nunca tive coragem de me aproximar de você. Mais um ano se

passou e continuei a admirá-la de longe. Como aquela vez, você correu para o tesoureiro da escola e tropeçou saindo do palco, mas você deu um pulo estranho e jogou os braços no ar e fez toda a platéia rir. Ou quando Mark Avery puxou a alça do seu sutiã no corredor, e você estava tão cansada dele que o seguiu até a sala de aula, enfiou a mão dentro do capuz, tirou o sutiã e jogou nele. Lembro-me de você gritando algo como: *Se você quer tanto tocar um sutiã, fique com ele, seu pervertido!* Então você saiu. Foi épico. Tudo o que você faz é épico, Clara. É por isso que nunca tive coragem de me aproximar de você, porque uma garota épica precisa de um cara igualmente épico, e acho que nunca me senti épico o suficiente para você. Eu disse *épico* tantas vezes nos últimos quinze segundos, sinto muito.

Ele está sem fôlego quando ele finalmente para de falar.

Estou sorrindo tanto que minhas bochechas doem. Eu não tinha ideia de que ele se sentia assim. *Nenhuma* ideia.

Espero alguns segundos para me certificar de que ele terminou; então eu finalmente respondo. Tenho certeza que ele pode ouvir apenas pela minha voz que estou sorrindo.

— Antes de tudo, é difícil acreditar que você *já* foi inseguro. E segundo, acho que você também é épico, Miller. Sempre foi. Mesmo quando você era magricela e tinha acne.

Ele ri um pouco.

— É?

— Sim.

Eu posso ouvi-lo suspirar.

— Ainda bem que tirei isso do meu peito. Vejo você na escola amanhã?

— Boa noite.

Encerramos a ligação e não sei quanto tempo fico sentada e encarando meu telefone.

Eu não posso nem processar a gravidade disso. Ele realmente tem sentimentos reais por mim. Ele *teve* sentimentos por mim. Não acredito que fui tão alheia a isso.

Acabo desbloqueando minha tela porque preciso ligar para tia Jenny e contar a ela toda essa conversa. Estou percorrendo meus

contatos quando me bate.

Eu *não* posso ligar para ela. Eu nunca mais posso ligar para ela.

Quando a ficha finalmente vai cair?



Lexie nem sequer tem a chance de colocar o cinto de segurança antes que eu a ataque com as notícias.

— Eu beijei Miller Adams e acho que talvez sejamos uma coisa agora.

— Uau. Tudo bem, — ela diz, assentindo. — Mas... e quanto a Shelby?

— Ele terminou com ela duas semanas atrás.

Ela leva um momento para deixar isso afundar. Eu saio de sua garagem e ela está olhando para frente, pensando muito sobre isso. Então ela olha para mim e diz: — Eu não sei, Clara. Parece um pouco rápido, como se fosse um backup.

— Eu sei. Eu meio que pensei a mesma coisa, mas não parece assim. Eu não posso explicar isso, mas... Eu não sei. Tenho a sensação de que ele não tinha esse tipo de conexão com Shelby.

Eu posso senti-la me olhando.

— Sou sua amiga, então sinto a necessidade de dizer isso, mas você parece meio louca agora. Ele namorou Shelby por um ano inteiro. Você ficou com ele uma vez e acha que ele tem mais sentimentos por você do que por ela?

Parece insano, mas ela não estava lá.

— Você me conhece melhor do que ninguém, Lex. Você sabe que eu não me apaixono por caras assim. Eu acho que você deveria me levar um pouco mais a sério.

— Desculpe, — diz ela. — Talvez você esteja certa. Talvez Miller Adams esteja loucamente apaixonado por você, e seu relacionamento de doze meses com Shelby foi algum tipo de atitude para deixá-la com ciúmes.

— Agora você está apenas tirando sarro de mim.

— Foi só um beijo, Clara! Você está agindo como se os dois já fossem oficiais. Claro que estou tirando sarro de você.

Eu vejo o ridículo do ponto de vista dela. Mas ainda acho que ela está errada. Eu ligo isso, porém, porque ela não vai entender.

— Foi um beijo incrível, no entanto — digo com um sorriso.

Ela revira os olhos.

— Bom para você. Só não o oficialize ainda. É *não* oficial, não é?

— Não. Acho que não. Tudo o que fizemos foi beijar. Ele nem me convidou para sair.

— Bom. Quando ele chamar, finja que você está ocupada.

— Por quê?

— Então não vai parecer que você gosta tanto dele.

O conselho dela é confuso.

— Por que eu não gostaria que ele soubesse que eu gosto dele?

— Porque ele pode perder o interesse. Você vai assustá-lo.

— Isso não faz sentido.

— É assim que os caras trabalham.

— Deixe-me ver se entendi. Se eu gosto de um cara, e ele gosta de mim, temos que fingir que *não* gostamos um do outro, ou vamos parar de gostar um do outro?

— Ei, eu não fiz as regras, — diz ela. Ela se joga de volta em seu assento em uma espécie de queda. — Não acredito nisso. Sempre fomos solteiras juntas. Isso vai mudar nossa amizade.

— Não, não vai.

— Vai, — diz ela. — Você sentará ao lado dele no almoço. Ele começará a encontrá-la antes e depois da escola. Você estará muito ocupada para sair comigo nos fins de semana.

— Você trabalha o tempo todo, de qualquer maneira.

— Sim, mas eu poderia ter um dia de folga algum dia, e você não vai querer passar comigo agora.

— Da próxima vez que você tiver um dia de folga, vou passar com você.

— Promete?

Eu seguro meu dedo mindinho, e ela o agarra exatamente quando estamos entrando no estacionamento da escola.

Lexie cutuca a cabeça.

— Rude. Ele está esperando por você.

Miller está parado ao lado de seu caminhão no estacionamento ao lado de onde eu sempre estaciono. Apenas a visão dele me esperando me faz sorrir. Lexie geme quando vê Miller sorrindo para mim.

— Eu já odeio isso, — diz ela.

Ela sai do carro assim que eu o estaciono e olha para Miller por cima do capô.

— Quão séria é essa coisa entre vocês dois?

Oh meu Deus. Saio do carro e olho para Miller, de olhos arregalados.

— Não responda a isso. — Eu me viro para Lexie. — *Pare com isso.*

Ela está olhando para mim, para Miller.

— Tem amigos solteiros, desde que você roubou a minha?

Miller ri.

— Tenho certeza de que posso conseguir uns dois.

Lexie fecha a porta.

— Apenas dois? — Ela pisca para mim, depois começa a caminhar sozinha em direção à escola. Eu me sinto meio mal, porque ela está certa. As coisas vão mudar um pouco entre nós.

— Como foi sua noite? — Miller pergunta, puxando minha atenção de volta para ele.

— Eu não conseguia dormir.

— Nem eu, — diz ele, erguendo a mochila mais alto no ombro. Ele se inclina e me beija, apenas um beijo rápido na boca. — Você ficou acordada a noite toda pensando em mim?

Eu levanto um ombro.

— Talvez.

Ele caminha comigo em direção à escola.

— Lexie está falando sério? Ela realmente quer um namorado?

— Eu não sei. Ela é minha melhor amiga, mas ainda não sei dizer quando ela está brincando ou quando está falando sério.

— Então não sou só eu?

Balanço a cabeça quando Miller abre a porta para mim. Uma vez que estamos no corredor, ele se abaixa entre nós e agarra minha mão como se fosse natural. Eu posso ser tendenciosa, mas gosto de como nos encaixamos. Ele é mais alto que eu em pelo menos 10 cm, mas nossas mãos se encaixam confortavelmente.

Parece tão certo... *até que não.*

Quarenta e cinco dias. É quanto tempo eles estão mortos, e eu não tenho ideia de como posso caminhar por esses corredores, sorrindo como se não tivesse perdido apenas duas das pessoas mais importantes da minha vida. Isso me enche de culpa porque minha mãe nunca mais sorri. Jonah também não. Não só roubei vidas por causa do meu desprezo pela segurança da tia Jenny enquanto ela estava dirigindo, mas agora roubei os sorrisos de todas as pessoas que meu pai e tia Jenny deixaram para trás.

Vou para a sala de aula de Jonah, e Miller caminha comigo, segurando a porta para mim quando a alcançamos. Jonah é o único lá dentro quando entramos na sala, ainda de mãos dadas.

Jonah está olhando para nossas mãos e, novamente, sinto a culpa correndo por mim.

Quanto tempo vai demorar até eu não me sentir culpada por me sentir feliz? Eu não deveria estar em depressão a cada segundo do dia? Não apenas em intervalos? Puxo minha mão de Miller enquanto coloco minhas coisas na minha mesa.

Jonah inclina a cabeça em curiosidade.

— Vocês dois estão namorando agora?

— Também não responda, — digo a Miller.

— *Okay*, então, — Jonah diz, dando sua atenção para o trabalho colocado na frente dele. — Chegou muito longe no projeto do filme?

— Não. Acabei de dizer a Miller que o inscrevi ontem à noite.

Jonah olha para Miller.

— Você ainda está esperando a permissão da namorada?

— Eu não tenho mais uma namorada. — Miller olha para mim.

— Ou talvez eu tenha uma nova? — Ele parece confuso quando

volta sua atenção para Jonah. — Não parece que ela quer que eu diga às pessoas que somos uma coisa agora.

— Somos? — Pergunto. — Uma coisa?

— Eu não sei — diz Miller. — Você é quem fica me dizendo para não responder a ninguém.

— Eu só não queria que você se sentisse pressionado a nos rotular.

— Agora me sinto pressionado a *não* nos rotular.

— Bem, Lexie disse que se eu agisse como se gostasse de você, isso o assustaria.

Miller levanta uma sobrancelha.

— Se aquela ligação não a assustou ontem à noite, acho que estamos bem. Se você gosta de mim, quero que você aja como, ou vou ficar complexo.

— Eu gosto de você. Muito. Não fique complexo.

— Bom, — diz Miller. — Eu também gosto de você.

— Bom, — eu digo em troca.

— *Bom*, — diz Jonah, lembrando-nos de sua presença. — O projeto está acabando antes do final do semestre. Iniciem.

— Tudo bem, — Miller e eu dizemos em uníssono.

Jonah revira os olhos e volta à mesa. Miller se afasta de mim.

— Te encontro depois da aula.

Eu sorrio.

Ele sorri de volta, mas quando sai da sala, meu sorriso se transforma em uma careta.

Mais uma vez, sinto-me culpada até por sorrir.

— Uau.

Eu olho para Jonah.

— O que?

— O olhar no seu rosto. Seu sorriso desapareceu assim que ele saiu. Você está bem?

Concordo com a cabeça, mas não elaboro.

Jonah não deixa para lá, no entanto.

— Clara. O que há de errado?

Balanço a cabeça, porque é estúpido.

— Eu não sei. Eu só... Me sinto culpada.

— Por quê?

— Faz apenas quarenta e cinco dias, e acordei feliz hoje. Eu me sinto uma pessoa terrível por me sentir bem por um segundo. — *Especialmente porque o acidente deles foi minha culpa.* Eu deixo essa parte fora da minha confissão.

— Bem-vindo ao parque temático, — diz Jonah.

Eu olho para ele interrogativamente, então ele começa a oferecer uma explicação.

— Logo após algo trágico acontecer, você sente que caiu de um penhasco. Mas depois que a tragédia começa a afundar, você percebe que não caiu de um penhasco. Você está em uma montanha-russa eterna que acaba de chegar ao fundo. Agora ficará de cabeça para baixo e de cabeça para baixo por muito, muito tempo. Talvez até para sempre.

— Isso deveria me fazer sentir melhor?

Jonah encolhe os ombros.

— Eu não estou aqui para fazer você se sentir melhor. Estou na mesma montanha-russa que você.

A porta se abre e os alunos começam a entrar. Não consigo parar de encarar Jonah.

Seus olhos se enrugaram nos cantos e seus lábios se viraram levemente para baixo.

Isso puxa um pouco meu coração, vê-lo estressado ou triste, ou o que quer que seja esse olhar. Eu não gosto disso. Ele sempre esteve quieto e um pouco sério, mas seus olhos sempre pareciam felizes. Acho que realmente não olhei para ele por tempo suficiente desde o acidente para realmente ver o quanto isso o mudou.

Isso me faz pensar o quanto isso mudou minha mãe. Eu quase não a olho mais. Eu me pergunto se isso é por causa da minha culpa.



Miller não está me esperando depois da aula, como ele disse que estaria. Eu nem tenho certeza de onde ele tem a primeira aula, então fico no corredor por um minuto e espero por ele.

— Clara?

Eu giro ao som da voz da minha mãe. Ela está segurando uma pasta em uma mão, sua bolsa Louis Vuitton na outra. Ela só usa a Louis em ocasiões especiais, então não tenho certeza do que ela está fazendo aqui e por que a Louis está fora do armário, mas instantaneamente me deixa nervosa.

— O que você está fazendo?

Ela levanta a pasta.

— Me candidatando a um emprego.

— Aqui?

— Eles estão contratando professores substitutos. Eu pensei que poderia fazer isso por alguns meses. Ver se eu gosto. Eu decidi voltar para a faculdade.

O corredor está começando a clarear. Olho em volta para garantir que ninguém esteja perto de nós.

— Você está *falando sério*?

Ela olha para mim como se eu a tivesse ofendido.

— O que há de errado comigo indo para a faculdade?

Eu não quis ofendê-la. Se ela quer ir para a faculdade, fico feliz por ela. Mas a última coisa que quero é que ela teste as águas na escola que frequento diariamente. Nós já não podemos nos dar bem em casa. Eu não posso imaginar potencialmente tê-la na sala de aula.

Balanço a cabeça.

— Eu não quis dizer... — Minhas palavras são cortadas quando os lábios encontram minha bochecha e um braço serpenteia em volta da minha cintura.

— Eu estava tentando te encontrar. Onde você estuda?

Eu olho para Miller, de olhos arregalados. Olho para minha mãe. Minha expressão leva Miller a olhar de mim para minha mãe. Eu o sinto enrijecer, e então ele deixa o braço cair ao seu lado. É a primeira vez que vejo Miller parecer perturbado. Ele estende a mão para minha mãe para se apresentar formalmente. Ela apenas olha para a mão dele e depois olha para mim.

Miller começa a murmurar um pedido de desculpas.

— Sinto muito, senhora Grant. Eu pensei que você era apenas uma das amigas de Clara. Vocês... você parece muito jovem.

Minha mãe está me encarando com punhais, ignorando-o.

— Ela é jovem, — digo a Miller. — Ela me teve quando tinha dezessete anos.

Minha mãe não perde o ritmo quando finalmente se dirige a Miller.

— Somos mulheres muito férteis. Seja cuidadoso.

Oh meu Deus.

Cubro meus olhos por um breve momento. Nem consigo olhar para ele quando digo: — Vejo você na hora do almoço.

Eu posso vê-lo acenar pelo canto do meu olho, e ele rapidamente caminha na direção oposta.

— Eu não posso acreditar que você acabou de dizer isso a ele.

— Você está namorando ele agora? — Ela diz, apontando por cima do meu ombro. — Eu pensei que você tivesse dito que ele tinha uma namorada.

— Ele terminou com ela.

— Por que você não me contou?

— Porque eu sabia que você não iria gostar.

— Você está certa, eu não gosto. — Ela está levantando a voz agora. Estou aliviada por o corredor estar vazio. — Desde o dia em que você começou a sair com ele, saiu do funeral de seu pai, usou drogas, nunca está em casa, está atrasada para o toque de recolher. Ele não é bom para você, Clara.

Eu não quero discutir com ela agora. Mas ela não poderia estar mais errada sobre ele.

Fico com raiva que ela esteja colocando meu comportamento em um cara, e não no fato de que talvez as poucas decisões ruins que eu tomei tenham resultado do que aconteceu quarenta e cinco dias atrás. Isso teve muito mais efeito sobre mim do que um namorado – saber que minhas mensagens para tia Jenny foram o que causou toda essa terrível situação no começo.

— Não sei nada sobre o que está acontecendo em sua vida. Você não me diz nada.

Eu reviro meus olhos.

— Agora que a tia Jenny não está aqui para lhe contar todos os segredos?

Sua raiva dá lugar a uma expressão de choque, como se ela honestamente não pensasse que eu estava ciente de que tia Jenny costumava contar tudo a ela. Então ela apenas parece zangada. Machucada.

— Por que você acha que ela me contou tudo, Clara? É porque todos os conselhos que ela já lhe deu *vieram* de mim. Ela passou os últimos cinco anos cortando e colando textos que escrevi, e então ela os enviava para você e fingia que eram dela.

— Isso não é verdade, — eu estalo.

— Isso é verdade. Então pare de me tratar como se eu não soubesse o que é melhor para você ou que eu não tenho ideia do que estou falando.

O que ela está dizendo sobre tia Jenny não é verdade.

E mesmo que fosse... mesmo que minha mãe fosse a responsável pela maioria dos conselhos que Jenny me dava, por que ela estragaria isso para mim? Jenny nunca mais voltará graças a mim, e minha mãe pegou a única coisa que eu mais apreciava em minha tia, jogou no liquidificador e deu para mim.

Eu odeio que sinto que estou prestes a chorar. Estou com tanta raiva dela. De mim. Eu me viro para ir embora antes de dizer algo que me deixe de castigo, mas minha mãe agarra meu braço.

— Clara.

Eu arranco meu braço da mão dela. Eu giro e dou um passo para ela.

— Obrigada mãe. Obrigada por pegar uma das coisas que mais amava na minha tia e *estragar* tudo para mim!

Eu realmente quero chamá-la de puta, mas não quero deixá-la com raiva. Eu quero fazê-la se sentir culpada. Quero que ela se sinta tão culpada quanto me sinto desde o acidente.

Funciona, porque ela imediatamente se envergonha de receber crédito pelo relacionamento íntimo que tive com tia Jenny.

— Sinto muito, — ela sussurra.

Eu me afasto, deixando-a sozinha no corredor.

CAPÍTULO DEZESSETE

MORGAN

Por que eu disse tudo isso? Por que senti a necessidade de receber o crédito agora que Jenny se foi?

Eu sei porque. Estou chateada e magoada com o que Jenny fez comigo, e dói ainda mais saber que Clara ainda a considera uma santa. Eu queria que Clara soubesse que Jenny não tinha ideia de como oferecer conselhos maduros e tudo que aprendeu com Jenny, Jenny aprendeu comigo. Por alguma razão, eu queria crédito por isso. Crédito que eu não preciso. Estou sentindo toda a raiva que tenho por Jenny e Chris, e quero que Clara também sinta raiva deles.

Eu me sinto mal. Ela está certa. Eu a machuquei e arruinei uma lembrança que ela tinha de Jenny, e foi tudo por razões egoístas. Porque eu estou brava com Jenny. Porque Jenny *me* machucou.

Isso é mais uma prova de que não posso deixar Clara descobrir o que Jenny e Chris fizeram. Só de descobrir essa pequena coisa absolutamente a estripou. Ela quase começou a chorar quando falei.

Deus, isso dói. Tudo dói tanto que eu só quero sair daqui. Fora deste prédio. Eu quero ir para casa. Eu nunca deveria ter pensado em me candidatar a um emprego aqui. Que adolescente quer passar o dia todo, todos os dias com a mãe?

Eu me viro e corro pelo corredor, tentando segurar as lágrimas até chegar lá fora. Estou a três metros da porta.

— Morgan?

Eu congelo com o som do meu nome. Eu giro nos meus calcanhares, e Jonah está parado em sua porta. Ele pode dizer imediatamente que eu não estou bem.

— Venha aqui, — diz ele, apontando-me para sua sala de aula vazia. Uma grande parte de mim quer continuar andando, mas uma pequena parte de mim quer se refugiar em algum lugar, e sua sala de aula vazia parece ser um bom lugar para fazer isso.

Ele pressiona a mão nas minhas costas e me leva a um assento. Ele me entrega um lenço de papel. Eu pego e limpo meus olhos, pressionando as lágrimas. Não sei de onde vem, mas é como se as últimas semanas sentindo que estou perdendo o controle de Clara me atingiram, e estou forçando Jonah a ser meu terapeuta temporário. Eu apenas começo a divagar.

— Eu sempre pensei que era uma boa mãe. Esse tem sido meu único trabalho desde os dezessete anos. Chris trabalhava no hospital, e meu trabalho era criar Clara. Então, toda vez que ela fazia algo de bom ou nos surpreendia de alguma forma, eu sentia uma sensação de orgulho. Eu a cultivei neste pequeno humano maravilhoso, e fiquei tão orgulhosa dela. Orgulhosa de mim mesma. Mas desde o dia em que Chris morreu, estou começando a pensar que talvez não tivesse nada a ver com todas as boas partes dela. Ela nunca agiu assim antes que ele morresse. Ela não usava drogas ou mentia sobre ter um namorado ou sobre onde ela está. E se todo esse tempo, eu achava que ela era tão boa porque eu era uma ótima mãe, mas esse tempo todo, foi Chris quem trouxe o melhor lado dela? Porque agora que ele se foi, ela e eu apenas mostramos o pior uma da outra.

Jonah estava encostado em sua mesa quando comecei a dizer tudo isso, mas agora ele está sentado na mesa em frente a mim. Ele se inclina para frente, apertando as mãos entre os joelhos.

— Morgan, me escute.

Eu respiro fundo e dou minha atenção a ele.

— Você e eu temos mais de trinta anos... esperamos uma quantidade razoável de tragédia em nossas vidas. Mas Clara tem apenas dezesseis anos. Ninguém da idade dela deveria ter que lidar com algo tão prejudicial. Ela está perdida na dor agora. Você apenas tem que deixá-la encontrar seu caminho, como você fez comigo.

A voz de Jonah é tão gentil agora que, na verdade, encontro uma aparência de conforto em suas palavras. Concorde, agradecida por ele me puxar para sua sala de aula. Ele estende a mão e aperta uma das minhas mãos tranquilizadamente nas suas.

— Clara não está diferente porque Chris não está mais aqui. Ela está diferente porque ele nunca mais voltará. Há uma diferença.

Uma lágrima solitária desliza pela minha bochecha. Eu não esperava que Jonah realmente me fizesse sentir melhor, mas ele está certo. Ele está certo sobre Clara, e isso também me faz pensar que o que ele está dizendo se aplica a mim. A presença de Chris não foi tão afetante quanto sua ausência.

Jonah ainda tem as duas mãos em volta de uma das minhas quando a porta da sala de aula se abre. É o Miller. Ele entra na sala de aula e para a alguns metros de mim. Ele está olhando para mim como se Clara pudesse ter se apossado dele e dito a ele o quanto eu a aborreci no corredor.

Eu levanto uma sobrancelha em aviso.

— Espero que você não esteja me dizendo como criar minha filha.

Miller dá um pequeno passo repentino. Seus olhos disparam de mim para Jonah. Ele parece desconfortável quando diz:

— Hum. Não senhora? Eu estou apenas... — Ele aponta para a mesa em que estou sentada. — Você está no meu lugar.

Oh. Ele está aqui para a aula.

Eu olho para Jonah para confirmação. Jonah assente e diz:

— Ele está certo. Esse é o lugar dele.

É possível eu me envergonhar mais hoje?

— Está tudo bem, eu posso sentar em outro lugar, — diz Miller.

Levanto-me, apontando para a cadeira. Miller hesitante caminha até ela e se senta.

— Eu não sou louca, — digo a Miller, desculpando meu comportamento agora. E talvez até meu comportamento no corredor mais cedo. — Estou apenas tendo um dia muito ruim.

Miller olha para Jonah para confirmação. Jonah assente e diz:

— Ela está certa. Ela não é louca.

Miller levanta uma sobrancelha e afunda na cadeira, puxando o celular do bolso, querendo sair completamente da nossa conversa.

Mais estudantes começam a entrar na sala, então Jonah me leva em direção à porta.

— Eu vou estar lá mais tarde para terminar de tirar a porta das dobradiças.

— Obrigada. — Começo a sair, mas percebo o quanto tenho medo de ir para casa sozinha para pensar no embarço do dia. A única coisa que poderia tirar minha mente de tudo é Elijah. — Você se importa se eu pegar Elijah na creche? Sinto falta dele.

— Ele adoraria isso. Eu já tenho seu nome na lista de retirada. Terminarei assim que a escola acabar.

Eu sorrio, de lábios apertados, antes de me virar. Ando até o meu carro, lamentando não ter abraçado Jonah ou lhe agradecido mais. Ele merece.

CAPÍTULO DEZOITO

CLARA

Miller desliza sua bandeja sobre a mesa ao meu lado.

— Sua mãe me odeia. — Ele abre casualmente uma lata de refrigerante e toma um pouco..

Não vou adoçar e dizer que ele está errado.

— Eu também.

Ele balança a cabeça na minha direção.

— Vocês *duas* me odeiam?

Eu rio, balançando a cabeça.

— Não. Minha mãe odeia *nós dois*. — Eu estupidamente giro minha garrafa de água sobre a mesa. — Nós discutimos depois que você se afastou. Não sobre você. Só sobre... coisas. Ela meio que machucou meus sentimentos.

Miller não é tão casual agora. Ele pode ver que eu estou incomodada com isso, então ele se vira para mim, ignorando a comida na frente dele.

— Você está bem?

Eu concordo.

— Sim. Estamos apenas em um barranco.

Ele se inclina para frente e pressiona a testa no lado da minha cabeça.

— Sinto muito que este ano seja uma merda para você. — Ele planta um beijo rápido no lado da minha cabeça e depois se afasta, pegando o pickles do seu prato e colocando no meu. — Você pode comer meu pickles. Talvez isso ajude?

— Como você sabe que eu gosto de pickles?

Miller sorri um pouco.

— Passei três anos tentando não olhar para você enquanto você almoça. Assustador, eu sei.

— Mas também doce.

Ele sorri.

— Esse sou eu em poucas palavras. Um assustador doce.

— Um assustador *tão* doce.

Lexie deixa a bandeja cair sobre a mesa em frente a nós.

— Eu quero um assustador doce. Já encontrou um namorado para mim?

— Ainda não, — diz Miller. — Faz apenas quatro horas desde que você fez um pedido.

Lexie revira os olhos.

— Ouça você, falando sobre o tempo como se ele importasse. Foi você quem beijou minha melhor amiga poucos minutos depois de largar uma garota com quem namorou por um ano.

Eu gemo.

— Seja legal, Lexie. Miller ainda não a conhece bem o suficiente para ser o alvo de seu sarcasmo.

— Não é sarcasmo. Ele literalmente largou a namorada e entrou em um relacionamento com você. — Ela olha para Miller. — Isso é impreciso?

Miller não parece como se ela estivesse apertando nenhum dos botões dele. Ele coloca um chip na boca.

— É bastante preciso, — diz ele. Ele olha para mim e pisca. — Clara sabe o que está acontecendo.

— Bem, eu não, — diz Lexie. — Eu não sei nada sobre você. Eu nem sei o seu nome do meio. Também é uma marca de cerveja?

Eu me viro para Miller quando a pergunta dela afunda.

— Oh, uau. Não sabia que seu nome e sobrenome são marcas de cerveja.

— Não foi intencional. Miller era o nome de solteira da minha mãe. — Ele enfrenta Lexie.

— É Jeremias.

— *Tão normal*, — diz Lexie, aparentemente desapontada. Ela come uma colher de pudim e chupa a colher por um segundo. Ela

tira da boca e aponta para Miller. — Quem é seu melhor amigo, Miller Jeremiah Adams? Ele é gostoso? Solteiro?

— Eles são todos gostosos e solteiros, — diz Miller. — O que exatamente você está procurando?

Lexie encolhe os ombros.

— Eu não sou exigente. Eu prefiro homens loiros com olhos azuis. Alguém com um senso de humor seco. Um pouco rude. Odeia passar tempo com as pessoas. Não se importa com uma namorada que gosta de fazer compras e gosta de estar certa sobre tudo. Atlético. Mais alto que um metro e oitenta. E católico.

Eu ri.

— Você nem é católica.

— Sim, mas os católicos são rigorosos e precisam confessar muito, para que ele possa pecar menos do que, digamos, um batista.

— Seu raciocínio é tão, tão imperfeito — eu digo.

— Eu apenas conheço o cara — diz Miller, levantando-se. — Quer que eu vá buscá-lo?

— Agora? — Lexie pergunta, animando-se.

— Eu já volto. — Miller se afasta e Lexie olha para mim, balançando as sobrancelhas.

— Talvez eu goste do seu namorado. Ele se importa com a sua melhor amiga.

— Eu pensei que você tinha dito que eu não tinha permissão para me referir a ele como meu namorado ainda.

— Houve uma pausa quando eu disse essa palavra. — afirma.

Observamos Miller enquanto ele se senta à sua mesa de almoço habitual. Ele está conversando com um cara chamado Efren. Eu o conheço do teatro, mas ele não corresponde a nenhum dos pedidos de Lexie. Ou *ordens*, até.

Efren tem cabelos pretos, é mais baixo que Lexie e certamente não é atlético. Ele se mudou para cá das Filipinas antes de começar o ensino médio há alguns anos. Efren sorri para Lexie do outro lado da lanchonete, mas ela geme e coloca a mão no rosto, escondendo sua visão dele.

— Ele está falando sério agora? Efren Beltran?

— Eu estava no teatro com ele. Ele é muito legal. E fofo.

Os olhos de Lexie se arregalam, como se eu a estivesse traindo.

— Ele tem 1,71! — Ela espia por entre os dedos e vê Miller caminhando com Efren até a mesa. Ela geme e solta a mão, mas não esconde sua decepção com a seleção de Miller.

— Este é Efren — diz Miller. — Efren, essa é Lexie.

Os olhos de Lexie se estreitam na direção de Miller antes que ela os arraste para Efren.

— Você é católico?

Efren se senta ao lado dela. Ele parece mais divertido com a reação dela do que insultado.

— Não, mas moro a 800 metros de uma igreja católica. Não sou contra a conversão.

Eu já gosto dele, mas tenho a sensação de que não vai acontecer tão facilmente da parte de Lexie.

— Você parece meio inexperiente, — diz ela, quase acusadoramente. — Você já teve uma namorada antes?

— Online conta? — Pergunta Efren.

— Não. Certamente não.

— Então... não.

Lexie balança a cabeça.

Miller se levanta e olha para Efren.

— Pensei que você e Ashton namorassem por um tempo. Isso conta, certo?

Efren indica que não conta com um aceno de cabeça.

— Acabou antes mesmo de começar.

— Que chatice — diz Miller.

— Qual a altura do seu pai? — Lexie pergunta a ele. — Você acha que terminou de crescer?

— Eu não sei — diz Efren, dando de ombros. — Meu pai foi embora quando eu tinha três anos. Não tenho ideia de como ele é.

Eu posso ver a sobrancelha de Lexie se levantar, embora muito sutilmente.

— O meu também. No Natal.

— Isso explica a atitude, — diz Efren.

Lexie encolhe os ombros.

— Eu não sei. Acho que tive essa atitude antes dos três anos. Provavelmente é por isso que ele foi embora.

Efren concorda com um aceno de cabeça.

— Provavelmente. Se começarmos a namorar, não se acostume a eu estar por perto, porque provavelmente vou me cansar da sua atitude e sair também.

Lexie tenta não sorrir com isso, mas tenho certeza que o sarcasmo de Efren é mais sexy para ela do que sua altura, se ele fosse alto.

Sinceramente, não esperava que isso acontecesse, mas eles estão em pé de igualdade no que diz respeito aos golpes. Talvez ela realmente o deixe levá-la para um encontro.

Eu me afasto deles e encaro Miller. Ele sorri maliciosamente antes de triturar outra batata.

— Ele é um cara muito legal, — ele sussurra. — Ela pode se surpreender se apenas lhe der uma chance. — Ele pega uma batata e o segura na minha boca. Eu como, e então ele se inclina e me beija.

É apenas um selinho — dura talvez dois segundos — mas demora dois segundos demais porque, um momento depois, alguém está nos dando um tapinha no ombro. Nós dois olhamos para cima para ver a monitora da cantina olhando para nós.

— Nenhuma Demonstração de Afeto na cantina é autorizada. Deixem suas bandejas e venham comigo. Almoço na detenção.

Olho para Miller e balanço a cabeça.

— Estou namorando você há catorze horas, e você já está me causando problemas.

Miller ri.

— Você estava fazendo coisas ilegais comigo muito antes de catorze horas atrás. Você esqueceu a placa?

— Vamos lá — diz a monitora da cantina.

Ela nos segue quando guardamos nossas bandejas. Miller tira o saco de batatas da minha bandeja quando ela não está olhando e as enfia na frente da calça jeans, cobrindo-as com a camiseta.

A monitora nos leva à biblioteca, onde ela nos assina para a detenção do almoço. Eu literalmente nunca tive detenção de almoço na minha vida. Esta é a primeira vez, mas estou realmente um pouco animada com isso.

Sentamo-nos em uma mesa vazia. O professor que está monitorando a detenção está jogando um jogo em seu telefone enquanto seus pés estão apoiados na mesa. Ele não presta atenção em nós.

Miller começa a mover sua cadeira um pouco de cada vez, para que ela passe despercebida. Isso me lembra como ele está movendo a placa de limite de cidade.

Ele finalmente está sentado tão perto de mim que nossas coxas e braços estão se tocando. A proximidade dele é agradável. Eu gosto da sensação de estar perto dele. Eu também gosto do jeito que ele cheira. Normalmente, ele cheira a colônia corporal. Axe, talvez. Às vezes ele cheira a pirulitos. Mas agora, ele cheira a Doritos.

Meu estômago ronca, então Miller se recosta cuidadosamente no banco e enfia a mão na calça jeans. Ele remove o saco de batatas fritas e tosse um pouco quando os abre para cobrir o barulho do saco amassado.

O professor de detenção olha em nossa direção. Miller olha para a mesa e tenta parecer inocente. Quando o cara volta a jogar, Miller segura o saco de batatas na minha direção.

Elas estão todas esmagadas, então eu pego a mais inteira que encontro e coloco na boca antes que o professor perceba.

Comemos a sacola inteira dessa maneira, revezando-nos, escondendo fragmentos de batatas, sugando-os até ficarem encharcados, para não triturar muito alto. Quando o saco acaba, eu limpo minhas mãos no meu jeans e levanto um braço.

— Desculpe?

O professor de detenção olha para cima.

— Podemos tirar um livro da prateleira para ler?

— Continue. Você tem sessenta segundos.

Alguns segundos depois, terminamos no mesmo corredor, e a boca de Miller está na minha, minhas costas contra uma parede de

livros. Estamos rindo enquanto nos beijamos, fazendo todos os esforços para ficar quietos.

— Nós vamos ficar na detenção novamente. — eu sussurro.

— Espero que sim. — Sua boca encontra a minha novamente, e nós dois temos gosto de Doritos agora. Suas mãos deslizam das minhas bochechas até a minha cintura. Sua língua é suave, mas seus beijos são rápidos. — É melhor nos apressarmos. Temos apenas trinta segundos restantes.

Eu aceno, mas envolvo meus braços em volta do pescoço dele e o puxo ainda mais perto. Nos beijamos por mais dez segundos antes de eu afastá-lo. Suas mãos permanecem nos meus quadris.

— Venha ao cinema hoje à noite. — ele sussurra.

— Você vai trabalhar?

Ele concorda.

— Sim, mas eu posso deixar você entrar de graça. Desta vez vou fazer pipoca fresca.

— Vendida.

Ele me dá um beijo na bochecha e pega um livro aleatório da prateleira atrás de mim.

Pego um também e nós dois voltamos aos nossos lugares.

É difícil ficar parada agora. Ele me deixou toda excitada, e eu quero segurar sua mão ou beijá-lo novamente, mas temos que nos contentar em brincar com os pés. Depois de um tempo, ele se inclina e sussurra: — Se importa se trocarmos os livros?

Olho para o livro dele e ele o fecha para que eu possa ler a capa. *Um guia ilustrado para o ciclo reprodutivo feminino.*

Cubro minha risada com a mão e deslizo meu livro para ele.



Quando estamos de volta ao meu armário após a detenção, Lexie aparece. Ela se firma entre Miller e eu.

— Ele é engraçado. — Acho que ela está falando sobre Efren.

— Baixo, mas engraçado.

— Vocês dois deveriam ir ao cinema comigo esta noite, — ofereço.

Lexie faz um som de engasgos.

— Em todos os anos que você me conhece, eu já fui ao cinema com você?

Eu penso sobre isso, e ela nunca foi. Eu nunca questioneei isso.

— Você tem algo contra cinemas? — Pergunta Miller.

— Uhhh, *sim*. Eles são nojentos. Você sabe quanto sêmen está em uma poltrona?

— Nojento, — eu digo. — Quanto?

— Eu não sei, mas eles provavelmente deveriam pesquisar. — Ela empurra o armário e se afasta. Miller e eu a encaramos.

— Ela é interessante, — diz ele.

— Ela é. Mas agora não tenho tanta certeza de que quero ir ao cinema hoje à noite.

Miller se inclina em minha direção.

— Eu limpo esse cinema, e é impecável. É melhor você aparecer. Sete?

— Bem. Eu estarei lá. Mas se você pudesse limpar todas as filas de cada sala, isso seria ótimo. Miller se inclina para a frente para me dar um beijo de despedida, mas eu empurro o rosto dele com a minha mão. — Eu não quero detenção novamente.

Ele ri enquanto se afasta.

— Vejo você em seis horas.

— Até mais.

Não digo a ele que há uma chance de eu não estar lá. Ainda não conversei com minha mãe sobre isso. Depois do que aconteceu no corredor hoje, fica claro que ela não me quer namorando Miller. Provavelmente vou ficar na Lexie depois da escola por um tempo e depois mentir para ela e dizer que vamos ao cinema.

Estou ficando muita boa em mentir para ela. É mais fácil do que dizer a verdade.

CAPÍTULO DEZENOVE

MORGAN

Jonah bate suavemente na porta da frente antes de abri-la.

Estou no sofá com Elijah adormecido quando ele entra.

— Eu o peguei logo antes que eles estivessem prestes a colocá-lo para dormir — eu sussurro.

Jonah olha para Elijah e sorri.

— Eles dormem muito nessa idade. Eu meio que odeio isso.

Eu rio baixinho.

— Você sentirá falta quando ele começar a se recusar a tirar um cochilo.

Jonah acena em direção à garagem.

— Não tive tempo de voltar para casa depois do trabalho. Se importa se eu tentar destrancar a caixa de ferramentas de Chris? — Balanço a cabeça. Jonah segue nessa direção, e eu coloco Elijah em seu berço. Eu o movo para o outro lado da sala, para que o barulho da cozinha esperançosamente não o acorde.

Jonah volta para casa com a caixa de ferramentas de Chris e a leva para a cozinha. Eu o sigo para ajudá-lo com a porta.

Entrego uma faca para ele e leva apenas alguns segundos para abrir a fechadura.

Depois de abrir a tampa, ele levanta a bandeja superior para que possa procurar na seção maior no fundo.

Há um olhar perplexo que de repente aparece em seu rosto. Esse olhar me leva a caminhar até a caixa de ferramentas e olhar para dentro.

Nós dois olhamos para o conteúdo que estava escondido embaixo da bandeja superior.

Envelopes. Cartas. Cartões. Vários deles, todos endereçados a Chris.

— Essas coisas são suas? Você que escreveu? — Jonah pergunta.

Balanço a cabeça e dou um passo para trás, como se a distância os fizesse desaparecer. Toda vez que sinto que uma das minhas muitas feridas está começando a se curar, algo acontece para rasgá-la novamente.

O nome de Chris está escrito com a letra de Jenny na parte externa de todos os envelopes abertos. Jonah está peneirando eles.

Meu coração começa a acelerar, sabendo que poderia haver respostas para todas as nossas perguntas dentro desses envelopes. Quando isso começou? Por quê? Chris estava apaixonado por ela? Ele a amava mais do que me amava?

— Você vai lê-los? — Pergunto.

Jonah balança a cabeça com segurança. Sua decisão é tão final. Estou com inveja da falta de curiosidade dele. Ele entrega todos eles para mim.

— Faça o que precisa fazer, mas eu não quero saber o que eles dizem.

Olho as letras em minhas mãos.

Jonah pega o que precisa da caixa de ferramentas e a afasta, depois começa a trabalhar na última dobradiça da porta.

Eu levo as cartas para o meu quarto e as jogo na cama. Mesmo apenas segurando-as parece muito doloroso. Não quero olhar para elas enquanto Jonah estiver aqui, então deixo meu quarto e fecho a porta. Eu as confrontarei mais tarde.

Eu me empurro no balcão da cozinha e olho para os meus pés, pensando em nada além das letras, não importa o quanto eu tente pensar em outra coisa.

Se eu as ler, isso me dará uma sensação de encerramento? Ou apenas aprofundará a ferida?

Parte de mim tem medo que isso piore. As pequenas lembranças que tenho fazem com que isso seja ruim o suficiente, como a que tive hoje de manhã que quase me levou às lágrimas.

Jenny e eu estávamos no centro da cidade no ano passado, uma semana antes do aniversário de Chris. Ela era inflexível em conseguir para ele uma pintura abstrata em particular que ela viu pendurada em uma loja. Em todos os anos em que fui casada com Chris, nunca soube que ele se interessasse por arte. Mas a pintura lembrou Jenny de Chris de alguma forma. Eu nunca pensei muito sobre isso. Afinal, ela era sua cunhada. Eu amei o quão bem eles se davam.

A pintura está pendurada acima da ilha da cozinha portátil, que eu continuo empurrada contra a parede.

Eu estou olhando para isso agora.

— Jenny foi inflexível quanto a conseguir essa pintura para Chris em seu aniversário no ano passado.

Jonah faz uma pausa no que está fazendo e olha por cima do ombro para a pintura.

Então seus olhos passam rapidamente por mim e seu foco é devolvido à porta.

— Eu disse a ela que ele odiaria isso, e você sabe o que ela me disse?

— O que ela disse? — Jonah pergunta.

— Ela disse: *Você não o conhece como eu.*

Os ombros de Jonah ficam tensos, mas ele não responde a isso.

— Lembro de rir dela porque pensei que ela estava brincando. Mas agora, sabendo o que sabemos, acho que ela realmente quis dizer isso. Ela estava falando sério sobre conhecer meu marido melhor do que eu, e não acho que ela quis dizer isso em voz alta.

Agora, toda vez que olho para essa pintura, não posso deixar de me perguntar que história ela contém. Eles estavam juntos na primeira vez que ele viu? Ele disse a ela que adorava?

Toda lembrança que tenho deles estava gravada em pedra. Mas quanto mais penso sobre elas, essas lembranças estão mudando de forma. E eu odeio isso.

Jonah finalmente tira a porta das dobradiças. Ele a apoia contra a parede e depois se inclina contra o balcão e pega um Jol y Rancher. Fico surpresa quando ele coloca na boca.

— Você odeia melancia.

— Hã?

— Você acabou de comer um Jol y Rancher de melancia. Você costumava odiá-los.

Ele não responde à minha observação. Ele está olhando para a pintura quando começa a falar.

— Na noite anterior à sua morte, quando estávamos todos jantando à mesa? Chris perguntou se ela estava animada com o dia seguinte. E não pensei nisso quando ela disse: *Você não tem ideia*, porque ela supostamente estava voltando ao trabalho no dia seguinte, e eu assumi que era disso que eles estavam falando. Mas eles estavam conversando sobre ficar juntos no Langford. Eles estavam falando sobre isso bem na nossa frente.

Eu não tinha pensado naquele momento. Mas ele está certo. Jenny olhou Chris nos olhos e mais ou menos lhe disse que estava animada por poder dormir com ele. Calafrios subem pelos meus braços, então eu os esfrego.

— Eu odeio eles. Eu os odeio por mentir para você sobre Elijah. Eu os odeio por esfregar na nossa cara.

Nós dois estamos encarando a pintura agora.

— É uma pintura tão feia — diz Jonah.

— É realmente. Elijah provavelmente poderia pintar algo melhor.

Ele abre a geladeira e pega uma caixa de ovos. Quando a porta da geladeira se fecha, ele abre os ovos e puxa um para fora, colocando-o na mão. Então ele joga na pintura.

Observo a gema escorrer pelo lado direito e cair no chão.

Espero que ele saiba que está limpando isso.

Jonah está na minha frente agora, segurando um ovo.

— É bom. Tente.

Pego o ovo e pulo do balcão. Eu puxo meu braço para trás como se estivesse jogando uma bola de softbal e depois atiro o ovo na pintura. Ele tem razão. É bom vê-lo respingar sobre uma memória que Jenny e Chris fizeram juntos. Pego outro ovo da caixa e jogo.

Então outro.

Infelizmente, para começar, havia apenas quatro ovos na caixa, então agora estou sem nada, mas sinto que estou apenas começando.

— Encontre outra coisa, — eu digo, pedindo a Jonah para abrir a geladeira. Algo sobre destruir uma de suas memórias me enche com uma adrenalina que eu nem sabia que estava sentindo falta. Estou pulando na ponta dos pés, pronta para jogar outra coisa, quando Jonah me entrega um copo plástico de pudim de chocolate. Eu olho para ele, dou de ombros e depois jogo na pintura. Parte do plástico perfura a tela.

— Eu quis dizer para você *abrir* o copo, mas isso funciona também.

Eu rio e pego outro pudim dele, depois rasgo o tampa. Quando tento jogar o pudim na pintura, o conteúdo é muito espesso e difícil de sair. Não é tão satisfatório quanto o ovo até eu mergulhar meus dedos no copo e caminhar até a pintura. Eu passo o pudim na tela.

Jonah me entrega outra coisa.

— Aqui. Usa isto.

Olho para o pote de maionese e sorrio.

— Chris odiava maionese.

— Eu sei — diz Jonah com um sorriso.

Eu mergulho minha mão inteira dentro dele, pegando uma bola fria de maionese antes de borrar o máximo possível da pintura. Jonah está ao meu lado agora, esguichando mostarda na tela. Normalmente, eu estaria pirando com a bagunça que estamos fazendo, mas a satisfação supera em muito o medo da eventual limpeza.

Além disso, estou realmente rindo. O som é tão estranho que eu mancharia maionese por toda a casa apenas para manter esse sentimento.

Passei quase um pote inteiro de maionese sobre a pintura quando Jonah começa com uma garrafa de ketchup.

Deus, isso é bom.

Eu já estou pensando sobre o que mais nesta casa pode guardar memórias secretas entre os dois que poderíamos destruir.

Aposto que também há coisas na casa de Jenny e Jonah. E Jonah pode até ter mais ovos do que eu.

O frasco de maionese está finalmente vazio. Tento me virar para encontrar outra coisa para jogar, mas a combinação de pés descalços, gema de ovo e piso de ladrilhos não cria uma superfície confiável. Deslizo e agarro o braço de Jonah no meu caminho. Em questão de segundos, estamos ambos de costas no chão da cozinha. Jonah tenta se levantar do chão, mas a bagunça que fizemos está por toda parte. A palma da mão desliza sobre o azulejo e ele está de costas novamente.

Estou rindo tanto que rolo de lado na posição fetal porque estou usando músculos que sinto que não uso desde sempre. É a primeira vez que eu ri desde que Chris e Jenny morreram.

É também a primeira vez que ouvi Jonah rir desde que morreram.

Na realidade... Eu não o ouvi rir desde que éramos adolescentes.

Nosso riso começa a diminuir. Eu suspiro, assim como Jonah vira a cabeça em minha direção.

Ele não está mais rindo. Ele nem está sorrindo. De fato, tudo de engraçado nesse momento parece esquecido assim que fazemos contato visual, porque está muito quieto agora.

A adrenalina que corre através de mim começa a mudar de forma e se transforma de uma necessidade de destruir uma pintura em uma necessidade completamente diferente. É

chocante, passar de um momento tão divertido para um tão sério. E nem sei por que ficou tão sério, mas ficou.

Jonah engole e, em um sussurro áspero, ele diz:

— Eu nunca odiei os Jolly Ranchers de melancia. Só os guardei porque sabia que eles eram seus favoritos.

Essas palavras rolam através de mim, aquecendo lentamente as partes mais frias de mim. Eu o encaro silenciosamente, não porque eu estou sem palavras, mas porque essa é provavelmente a coisa mais doce que um homem já me disse, e nem veio do meu marido.

Jonah estende a mão, limpando um fio pegajoso de cabelo preso na minha bochecha.

Assim que ele me toca, sinto que voltamos àquela noite, sentados juntos no cobertor na grama à beira do lago. Ele está olhando para mim da mesma maneira que estava olhando para mim na época, pouco antes de sussurrar: *Estou preocupado que tenhamos entendido errado.*

Sinto que ele está prestes a me beijar e não tenho ideia do que fazer, porque não estou pronta para isso. Eu nem *quero* isso. Um beijo entre nós vem com complicações.

Então, por que estou me inclinando na direção dele?

Por que a mão dele está agora no meu cabelo?

Por que eu estou completamente presa ao pensamento de como pode ser o gosto dele?

Além da aceleração de nossas respirações, a cozinha está silenciosa. Tão quieto que consigo ouvir o zumbido de um motor quando o carro de Clara entra na garagem.

Jonah me solta e rapidamente rola de costas.

Sento-me rapidamente, ofegando. Nós dois nos levantamos do chão e começamos a limpar imediatamente.

CAPÍTULO VINTE

CLARA

O carro de Jonah está na garagem. Espero que ele não tenha enlouquecido novamente e esteja aqui deixando Elijah por mais uma semana. Essa é a última coisa que minha mãe e eu precisamos agora.

Não tenho certeza do que precisamos, mas precisamos de algo. Uma intervenção?

Férias separadas?

Espero que ela esteja tão pronta quanto eu para esquecer o que aconteceu na escola hoje. Se há uma coisa que eu gosto em minha mãe, é a capacidade dela de evitar confrontos quando ela precisa de tempo para pensar em alguma coisa. Não quero ter que ficar em casa e conversar hoje à noite, porque tudo o que quero é entrar, trocar de roupa e ir ao cinema ver Miller. *Mas duvido que seja assim tão fácil.*

Quando entro na casa, vejo Elijah dormindo no berço ao lado da parede. Começo a caminhar em direção a ele para lhe dar um beijo rápido, mas minha atenção é atraída para a cozinha.

A porta não está mais lá, mas essa não é a parte estranha.

A parte estranha é minha mãe e Jonah. *E a bagunça.*

Minha mãe está de joelhos e limpando o chão com toalhas de papel. Jonah está puxando para baixo o quadro que tia Jenny comprou para o meu pai no aniversário dele. Há coisas por toda parte. Inclino minha cabeça, tentando olhar mais de perto, mas não posso dizer exatamente o que é.

Comida?

Dou alguns passos em direção à cozinha antes de poder juntar tudo. Há uma jarra de maionese vazia no balcão. Copos de pudim vazios no chão. Uma caixa vazia de ovos no balcão. Tem comida na camisa de Jonah e no cabelo da minha mãe.

Que diabos?

— Vocês acabaram de fazer uma *guerra de comida*?

A cabeça da minha mãe balança na minha direção. Ela não tinha ideia de que eu estava aqui. Jonah gira e quase escorrega. Ele deixa cair a pintura, mas se segura segurando o balcão. Ele e minha mãe se entreolham; então os dois olham para mim.

— Uh — Jonah diz, gaguejando. — Nós, hum... realmente não tenho uma explicação aceitável para isso.

Eu levanto uma sobrancelha, mas guardo meus pensamentos para mim mesma. Se eu não os julgar por se comportar de maneira estranha, talvez eles não me julguem por não querer estar aqui.

— OK. Bem... Vou ao cinema com Lexie.

Espero que minha mãe proteste, mas ela faz o contrário.

— Minha bolsa está no sofá, se você precisar de dinheiro.

Meus olhos estreitam em suspeita. *Isso é algum tipo de teste?* Talvez ela se sinta culpada pelo que me disse hoje.

Algo não está certo, mas se eu ficar aqui por muito mais tempo, ela pode perceber isso também. Giro nos calcanhares e vou em direção ao meu quarto para me trocar. Não me incomodo em tirar dinheiro da bolsa dela. Miller nunca me cobra por nada, de qualquer maneira.



Assim que entro no prédio, todo o rosto de Miller se ilumina e ele para o que está fazendo para dar a volta no balcão. Não há ninguém por perto, então ele me puxa para um abraço e depois me beija.

— Encontre-me na sala um. Eu estarei lá em cinco minutos.

— Mas... — Aponto para o posto de concessão. — Pipoca.

Ele ri.

— Eu vou te levar um pouco.

Vou em direção a sala um, surpresa ao ver que está completamente vazio e as luzes estão acesas. Não há nada aparecendo na tela. Tomo a primeira fila como sempre faço e espero Miller. Enquanto isso, pego o guia de cinema no meu telefone para ver o que está passando na sala um.

Nada.

A última exibição foi um desenho animado e terminou há uma hora.

Eu mando mensagem para Miller.

Eu: Você disse Sala Um? Não tem nada passando aqui.

Miller: Fique aí. Estou chegando.

Miller vira a esquina alguns minutos depois, segurando uma bandeja de comida.

Nachos, cachorro-quente, pipoca e duas bebidas. Ele caminha para a fileira superior e se senta ao meu lado.

— Sinto que fomos maltratados na escola hoje, — diz ele. — Tenho certeza de que é uma lei que os estudantes devem comer. Mesmo que isso signifique levar nossa comida para detenção conosco. — Ele me entrega uma bebida e equilibra a bandeja de comida na parte de trás dos assentos à nossa frente. — Steven me deve cinco favores, então ele estará no posto de concessão pela próxima hora.

Pego um cachorro-quente e um pacote de mostarda.

— Agradável. Isso significa que é um encontro?

— Não se acostume. Normalmente não sou tão extravagante.

Passamos os próximos minutos comendo e conversando. Eu deixei ele falar a maior parte porque é legal. Ele é animado e sorri muito, e toda vez que ele me toca, fico com o estômago cheio de borboletas clichês.

Quando ele termina de comer, ele puxa um pirulito do bolso.

— Quer um? — Estendo uma mão, então ele puxa outro e o entrega para mim.

— Você mantém um monte de pirulitos com você o tempo todo? Você sempre os chupa.

— Eu tenho um problema em ranger os dentes. Os pirulitos ajudam.

— Se você continuar comendo-os na velocidade que você come, não terá mais dentes para ranger.

— Eu nunca tive uma única cárie. E não aja como se não gostasse do meu gosto.

Eu sorrio

— Você tem um gosto muito bom.

— Shelby odiava meu hábito de pirulito, — diz ele. — Ela disse que eles deixavam meus lábios pegajosos.

— Quem? — Eu só estou brincando quando pergunto isso, mas ele aceita como se eu tivesse sido insultada por ele a ter criado.

— Desculpe. Eu não quis ir lá. Não quero ser aquele namorado que fala sobre a ex.

— Na verdade, tenho muitas perguntas, mas não quero ser a namorada que faz você falar sobre sua ex.

Ele tira o pirulito da boca.

— O que você quer saber?

Penso na pergunta dele por um momento. Há muita coisa que quero saber, mas faço a pergunta mais urgente.

— Quando ela terminou com você depois que eu te dei uma carona naquele dia, por que você parecia tão com o coração partido? — Eu estava me perguntando como ele poderia parecer tão afetado por isso *naquele* dia, mas agora está perfeitamente bem com isso. Me preocupa que ele esteja escondendo alguma coisa.

Seu dedo escova suavemente por cima da minha mão.

— Eu não estava exatamente chateado por ela ter terminado comigo. Fiquei chateado porque ela pensou que eu a traíra. Eu não queria que ela pensasse isso, então estava decidido a fazê-la acreditar em mim.

— Ela sabe que você terminou com ela por mim?

— Eu não terminei com ela por você.

— Ah, — eu digo, um pouco surpresa. — Você meio que fez parecer que você fez.

Miller se ajusta no banco, deslizando os dedos pelos meus. — Eu terminei com ela porque quando fui dormir à noite, não estava pensando nela. E quando acordei de manhã, não estava pensando nela. Mas não terminei com ela só para namorar você. Eu teria terminado com ela, se você e eu terminássemos juntos ou não.

Não parece haver muita diferença em terminar com alguém *por* outra pessoa ou *por causa* de outra pessoa, mas parece que faz toda a diferença no mundo quando ele explica.

— Foi um ajuste estranho? Vocês ficaram juntos por um longo tempo.

Ele encolhe os ombros.

— Tem sido diferente. Sua mãe nunca se importou se eu passasse a noite em sua casa nos fins de semana, então as noites de sábado em casa com o vovô estão demorando para acostumar.

— A mãe dela deixou você dormir na casa dela? Tipo... na cama dela?

— Não é convencional, eu sei. Mas seus pais são bastante tolerantes em muitas áreas.

E tecnicamente, ela é adulta na faculdade. Acho que tem muito a ver com isso.

— Minha mãe nunca vai deixar você passar a noite. Apenas colocando isso para fora.

Miller ri.

— Acredite, eu recebi essa vibe dela. Ficarei surpreso se eu puder visitá-la em plena luz do dia.

Eu odeio que ele se sinta assim. Eu odeio que minha mãe o *fez* se sentir assim. E se eu estou sendo honesta, me preocupa que seja uma rejeição para ele mais tarde, se ela nunca aceitar que ele é meu namorado.

Nem acredito que estou dizendo isso. Miller Adams é meu *namorado*.

Nós dois estamos encarando um ao outro agora, nossos corpos virados um para o outro nos assentos do cinema. Está tão

quieto aqui que podemos ouvir o estrondo do filme do outro lado da parede.

Tento não pensar em tudo o que ele acabou de dizer, porque agora estou preocupada com todas as vezes que ele ficou na casa de Shelby. Todas as vezes que ele dormia na cama dela. Será que ele vai sentir falta disso? Eu nunca fiz sexo, e com a maneira como minha mãe está agindo, não tenho certeza de que ela permita que Miller venha. Ela pode até me impedir de sair completamente, apenas para tentar nos separar. Espero que não, mas com o comportamento dela no mês passado, eu não deixaria isso passar por ela.

Eu sinto que Miller foi completamente honesto comigo, então eu quero fazer o mesmo.

Eu puxo o pirulito da minha boca e olho para ele.

— Então. Só assim você está ciente. Eu sou virgem.

— Eu sei a cura para isso, — diz Miller.

Meus olhos piscam para os dele, mas então ele ri.

— Estou brincando, Clara. — Ele se inclina para mim e me beija no ombro. — Estou feliz que você me contou. Mas não tenho pressa. Sério.

— Tanto faz. Você está acostumado a fazer todo fim de semana. Você acabará ficando entediado por não fazer sexo e voltará para ela. — Eu imediatamente cubro minha boca com a mão. — Ai, meu Deus por que eu pareço tão insegura? Por favor, finja que eu não disse tudo isso.

Ele ri um pouco, mas depois me olha atentamente.

— Você não precisa se preocupar. Eu já aproveito mais por *não* fazer sexo com você do que durante todo o meu relacionamento com ela.

Eu gosto muito dele. Mais do que eu pensava ser possível. Cada minuto que passamos juntos me faz gostar mais dele do que do minuto anterior.

— Quando eu decidir que estou pronta... Espero que esteja com você.

Miller sorri com isso.

— Confie em mim - eu não vou convencê-la disso.

Penso em como pode ser a nossa primeira vez. *Quando* vai ser. Eu olho para ele e sorrio.

— Nosso primeiro beijo foi um beijo clichê em uma cafeteria. Talvez perder a virgindade deva ser clichê também.

Miller levanta uma sobrancelha.

— Eu não sei. Eles podem nos banir da Starbucks.

Eu rio.

— Estou falando do baile. Daqui a cinco meses. Se ainda estivermos juntos, eu gostaria que fosse um clichê depois do baile.

Minha escolha de palavras faz Miller rir. Ele tira o pirulito da boca e pega o meu da minha mão e os coloca na bandeja de comida. Então ele se inclina e me beija, brevemente.

Quando ele se afasta, ele diz:

— Você está se adiantando. Ainda não te convidei para o baile.

— Você deveria me convidar, então.

— Você não quer um desses pedidos elaborados?

Balanço a cabeça.

— Pedidos são estúpidos. Não quero nada elaborado.

Ele hesita, como se talvez não acreditasse em mim. Então ele assente uma vez e diz:

— Ok, então. Clara Grant, você quer ir ao baile e fazer sexo clichê depois do baile comigo?

— Eu adoraria.

Miller sorri e me beija. Eu o beijo de volta com um sorriso, mas posso sentir parte de mim afundando.

Tia Jenny teria adorado essa história.

CAPÍTULO VINTE E UM

MORGAN

Minha cozinha pode estar mais limpa do que nunca. Eu não tenho certeza se foi porque Jonah é um excelente limpador (ele limpou a maioria) ou se ele está tentando apagar qualquer prova desse beijo próximo na cozinha para que não tenhamos um único lembrete disto.

Minha culpa é palpável desde que Clara saiu para ir ao cinema. Jonah deve sentir o mesmo, porque nenhum de nós falou enquanto limpávamos. E assim que Elijah começou a acordar, me ofereci para alimentá-lo, porque Elijah é a única coisa que sinto que estou fazendo certo na minha vida. Parece que ele está começando a me reconhecer porque sorri quando me vê.

Estou mantendo-o ocupado na sala há uma hora. Jonah limpou a cozinha inteira. Eu não esperava que ele fizesse, e até disse para ele não se preocupar com isso a certa altura, mas ele continuou limpando. Eu teria feito isso, mas fiquei sinceramente aliviada quando Elijah acordou. Prefiro não estar na mesma sala que Jonah agora.

Elijah está ficando mais forte. Estou sentada no sofá e o segurando enquanto ele empurra as pernas contra o meu estômago. Estou fazendo sons de bebê para ele quando Jonah leva a porta da minha cozinha para a garagem.

Elijah boceja, então eu o puxo para o meu peito e dou um tapinha gentil nas costas dele.

Já passou da hora de dormir e, apesar da soneca de trinta minutos que ele tirou enquanto Jonah e eu destruimos a cozinha, Elijah ainda parece que está pronto para desmaiar. Ele fica mole

contra o meu peito quando começa a cair no sono. Pressiono minha bochecha no topo de sua cabeça, desejando mais do que tudo que eu não fique triste quando pensar na mão que ele recebeu.

Ele tem sorte de ter Jonah. Um homem que se aproximou, sabendo que havia uma enorme possibilidade de ele não ter ser pai dele. Espero, pelo amor de Jonah, que Elijah não se ofenda com ele se ele descobrir. Espero que faça Elijah apreciar ainda mais Jonah.

Jonah entra na sala e sorri quando vê Elijah dormindo no meu peito. Ele se senta ao nosso lado no sofá e esfrega a mão nas costas de Elijah. Jonah solta um suspiro silencioso, e quando eu olho para ele, ele está olhando de volta para mim. Ele está sentado tão perto que nossas pernas estão se tocando.

Os sentimentos que surgiram inesperadamente na cozinha anteriormente estão sendo abalados. Eu esperava que isso fosse um acaso e que essa reação que Jonah provoca de mim permanecesse adormecida daqui em diante.

— Se afasta um pouco — eu sussurro.

Os olhos de Jonah se apertam, como se ele não entendesse minha direção.

— Você está muito perto. Eu preciso de espaço.

Jonah entende isso. Ele quase parece um pouco surpreso com a minha reação. Ele se move para a outra extremidade do sofá em uma exibição dramática. Agora sinto como se o tivesse insultado.

— Sinto muito, — eu digo. — Eu estou apenas... confusa.

— Está tudo bem. — diz Jonah.

Estendo o pescoço e olho para Elijah. Ele está mole o suficiente para que eu possa movê-lo de volta ao berço. Faço isso porque preciso de ar fresco. Depois de colocá-lo gentilmente no colchão, espero para ter certeza de que ele não acorda; então eu o cubro.

Eu nem sequer olho nos olhos de Jonah enquanto caminho para o pátio dos fundos.

Tenho certeza que ele vai me seguir, quer eu peça ou não. E, honestamente, precisamos discutir o que quase aconteceu na cozinha, porque a última coisa que preciso é que Jonah pense que há qualquer tipo de possibilidade lá.

Jonah fecha a porta de vidro depois que ele me segue. Estou andando pelo pátio dos fundos, olhando as pedras embaixo dos meus pés. Chris as instalou há alguns anos atrás.

Jenny e eu o ajudamos, e lembro como nos divertimos. Continuamos tirando sarro de Chris porque, por algum motivo, ele ouvia John Denver enquanto trabalhava no quintal e cantava no alto de seus pulmões. Ele nunca ouviu John Denver em nenhum outro momento.

Somente quando ele trabalhava no quintal. Jenny e eu o ridicularizamos o tempo todo em que estávamos ajudando, então ele nos trancou para fora do quintal e terminou o pátio sem nós.

Gostaria de saber se o caso deles começou antes disso.

Eu me pergunto, mais frequentemente do que deveria, quando começou. Não sei por que espero que seja mais recente. A ideia de que isso vem acontecendo há anos faz com que pareça ainda mais pessoal. Acho que se eu tiver coragem de ler as cartas que encontramos anteriormente, talvez descubra algumas das respostas para todas as perguntas que tenho.

Jonah se senta no que costumava ser a cadeira favorita de Chris. Jenny comprou para ele.

Meu Deus, como posso ser tão estúpida? Que cunhado e cunhada se dão tão bem quanto eles? Por que eu nunca vi isso?

— Sente-se — diz Jonah. — Me deixa nervoso quando você fica andando.

Caio na cadeira ao lado de Jonah. Fecho os olhos por um momento, tentando afastar todas as lembranças. Não quero pensar em todas as coisas nesta casa que unem Jenny e Chris. Eu já destruí a pintura. Eu não quero ter que destruir a mobília do pátio e qualquer outra coisa que eu realmente use.

Quando abro os olhos, olho para Jonah. Sua cabeça está descansando confortavelmente contra as costas da cadeira. Está inclinado na minha direção, mas ele não diz nada. Ele pensa muito, mas não verbaliza muito.

Não sei por que o silêncio está me irritando agora.

— Diga algo. Está quieto demais.

Como se ele já tivesse palavras na ponta da língua, ele diz: — Se você nunca tivesse engravidado de Clara, teria deixado Chris?

— Que tipo de pergunta é essa?

Ele encolhe os ombros.

— Eu sempre me perguntei. Eu não tinha certeza se você decidiu ficar com ele por causa de Clara ou se era porque você estava apaixonada por ele.

Eu olho para ele, porque honestamente, não é da conta dele. Se ele quisesse saber como seria minha vida, ele não deveria ter saído sem aviso.

Sua voz é mais baixa quando ele continua.

— Você não respondeu à pergunta.

— Jonah, pare.

— Você me disse para dizer alguma coisa.

— Eu não quis dizer... — Eu suspiro. — Eu não sei o que eu quis dizer.

De repente, parece muito abafado lá fora. Volto para dentro, querendo colocar espaço entre Jonah e eu. Mas ele me segue até o meu quarto. Mais uma vez, ele fecha a porta atrás de nós para que nossa conversa não acorde Elijah. Ele parece um pouco irritado por eu continuar andando de sala em sala para me afastar dele.

As cartas espalhadas sobre meu colchão parecem que estão me encarando, me provocando.

— Vamos abordar o que aconteceu na cozinha? — Ele pergunta.

Estou andando de novo, quer ele goste ou não. — Nada aconteceu na cozinha.

Ele olha para mim como se estivesse decepcionado com a minha incapacidade de encarar isso de uma maneira madura. Eu aperto minha testa com a mão, tentando massagear uma dor de cabeça que se aproxima. Não olho para ele quando falo.

— Você quer falar sobre isso? Bem. OK. Meu marido está morto há apenas algumas semanas e eu quase beijei outra pessoa. E se isso não é ruim o suficiente, foi você que eu quase beijei. Isso me faz sentir uma merda.

— Ai.

— E se Clara tivesse nos pegado? Realmente valeria a pena?

— Isso não é sobre Clara.

— Isso é sobre Clara. *E* é sobre Elijah. É sobre todo mundo, *menos* nós.

— Eu me sinto diferente.

Eu ri.

— Claro que você sente.

— O que isso deveria significar?

Balanço a cabeça, frustrada.

— Você cortou laços com seus melhores amigos há dezessete anos, Jonah. Tudo que você pensa é sobre si mesmo e o que *você* quer. Você nunca pensa em como suas ações afetam outras pessoas.

Sinto o olhar que ele está me dando no fundo do meu coração. Ele está me encarando de uma maneira que nunca o vi olhar para ninguém. É uma mistura de confusão e dor. Ele sussurra:

— *Uau*, — então se vira e sai do meu quarto, batendo a porta atrás dele.

Jonah Sullivan, fugindo novamente. Por que não estou surpresa?

Eu estou irritada agora. Saio do meu quarto, preparada para gritar com ele, mas ele está saindo pela porta com Elijah. Ele me vê seguindo-o, e ele pode dizer o quão brava estou porque nossas expressões combinam. Ele apenas balança a cabeça e diz:

— Não. Estou indo embora.

Eu o sigo para fora de qualquer maneira, porque ainda não me sinto vazia. Ainda me sinto um poço sem fim, cheio de coisas que preciso que ele ouça. Espero até ele afivelar na cadeirinha de carro de Elijah e fechar a porta antes de eu enfrentar ele.

Assim que ele me olha, esperando que eu fale, não consigo pensar em nada.

Eu apenas estou no meu quintal com absolutamente nada a dizer.

Sinceramente, nem sei por que estamos discutindo. Nós nem nos beijamos. E nunca mais vou me colocar em uma posição como

essa com ele, então nem sei por que estou com tanta raiva, para começar.

Jonah se inclina contra o carro e cruza os braços sobre o peito. Ele espera um momento, deixando a calma se estabelecer entre nós. Então ele levanta a cabeça e me olha com tanta emoção em sua expressão.

— Jenny era sua *irmã*. Não importa o que eu sinto por você, eu nunca teria ficado entre vocês duas. Eu saí porque, ao contrário de Jenny e Chris, eu tinha *respeito* por eles. Por *você*. Por favor, nunca mais me chame de egoísta novamente, porque essa foi a decisão mais difícil que já tomei em toda a minha vida.

Ele entra no carro, bate a porta e sai.

Fico sozinha no meu quintal da frente, no escuro, cheia de informações que não tenho certeza se queria e sentimentos que nunca me permiti enfrentar.

Meus joelhos estão fracos. Eu nem tenho energia para voltar para casa para pensar em tudo o que aconteceu hoje à noite, então apenas me abaixo na grama, exatamente onde eu estava de pé desde que Jonah se afastou.

Eu deixo minha cabeça cair nas mãos, sentindo o peso que o dia trouxe com ele. Tudo o que aconteceu com Clara na escola. Tudo o que aconteceu com Jonah na cozinha. Tudo o que ele acabou de dizer. E mesmo que haja uma parte de mim que precise ouvir tudo isso dele, isso não muda nada. Porque nunca poderia funcionar entre Jonah e eu, não importa quanto tempo Jenny e Chris estejam fora de cena. Isso *nos* faria parecer com os bandidos.

Clara não entenderia. E o que diríamos a Elijah quando ele for mais velho? Que todos acabamos de trocar de parceiro? Que tipo de exemplo é esse?

Nada entre Jonah e eu é uma boa ideia. Será uma vida inteira de lembretes que eu quero desesperadamente esquecer. E agora que ele jogou tudo lá fora, que ele provavelmente precisa dizer há dezessete anos, eu quero que ele leve de volta. Eu quero voltar para ontem, quando foi mais fácil. Quando ele poderia trazer Elijah sem todo o constrangimento que estará entre nós a partir de agora.

Eu sinto que ele disse tudo o que esperava que resolvesse algo, mas para mim, isso apenas criou uma cunha ainda maior. E eu não sei se isso vai melhorar.

Nós éramos adolescentes. Nós não estávamos apaixonados. O que experimentamos foi atração, e atração é confusa, mas também não vale a pena desenraizar a vida de Clara.

Olho para cima quando vejo os faróis virando na minha direção.
Clara.

Ela estaciona o carro e, quando sai, não diz imediatamente nada para mim. Eu nem tenho certeza de que ela me nota até que ela gire na calçada e venha sentar ao meu lado na grama. Ela puxa os joelhos até o queixo e os abraça enquanto olha para a rua escura.

— Estou preocupada com você, mãe.

— Por quê?

— Está tarde. E você está sentada sozinha no escuro no jardim da frente. Chorando.

Eu chego a mão na minha bochecha e enxugo as lágrimas que eu ainda não tinha reconhecido. Solto um suspiro e olho para ela.

— Sinto muito por hoje. Eu não deveria ter dito aquilo.

Clara apenas assente. Não tenho certeza se ela está aceitando minhas desculpas ou concordando que eu não deveria ter dito o que disse.

— Você estava com Miller hoje à noite?

— Sim.

Eu suspiro. Pelo menos ela foi honesta comigo.

— Ele não é uma pessoa má, mãe. Eu prometo. Se você apenas o conhecer.

Ela está defendendo ele, mas eu entendo. Quando você tem dezesseis anos, ignora todos os sinais de alerta. Eu respiro fundo.

— Apenas tenha cuidado, Clara. Não quero que você cometa o mesmo erro que cometi.

Clara se levanta e limpa a parte de trás do jeans.

— Eu não sou você, mãe. Miller não é o pai. E realmente queria que você parasse de se referir a mim como um erro.

— Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.

Eu não tenho ideia se ela ouviu isso, porque ela já está entrando em casa. Ela bate a porta atrás dela.

Estou exausta demais para correr atrás dela. Abaixo as costas para a grama e olho para as estrelas. O pouco que eu posso ver delas, de qualquer maneira.

Eu me pergunto se Chris e Jenny estão lá em algum lugar. Eu me pergunto se eles podem me ver aqui em baixo. Eu me pergunto se eles se sentem mal pelo que transformaram minha vida.

— Você é péssimo — eu sussurro para Chris. — Espero que você possa nos ver agora, porque você arruinou muitas vidas, seu *idiota*.

Ouçõ passos na grama e sento-me, assustada. Aperto a mão em volta da garganta e solto um suspiro ao ver a sra. Nettle parada a alguns metros de distância.

— Eu pensei que você estivesse morta, — diz ela. — Mas então eu ouvi você chamar o Senhor de idiota. — Ela se vira para voltar para sua casa. Quando ela chega à porta da frente, ela balança a bengala na minha direção. — Isso é blasfêmia, você sabe! Você provavelmente deveria começar a ir à igreja!

Uma vez que ela está dentro de casa, não posso deixar de rir. Ela realmente me odeia.

Empurro a grama e entro. Quando chego ao meu quarto, olho para as cartas e cartões espalhados sobre a minha cama. Minhas mãos tremem enquanto as conto. Existem nove cartas no total e três cartões.

Eu quero saber o que eles dizem, mas não sei. Estou confiante de que eles só vão me incomodar mais, e já tive o suficiente por um dia.

Enfio-os no fundo da minha cômoda e decido guardá-los para um dia melhor.

Se isso vier.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CLARA

Foi um fim de semana longo. Lexie e Miller trabalharam até tarde. Além de ficar sentada com Miller durante seu intervalo no sábado à noite e passar duas horas no telefone com ele ontem à noite, eu não o vi. Também não vi muito da minha mãe. Depois da estranheza da noite de sexta-feira, ela passou o dia todo sábado no computador se candidatando a empregos. Passei a maior parte do domingo no meu quarto atualizando os trabalhos de casa.

Estou mais atrasada do que o habitual quando chego à aula de Jonah. Eu sou a última a chegar antes que a campainha toque, então fico surpresa quando Jonah se aproxima da minha mesa e se ajoelha diante dela. Ele geralmente não me presta atenção individual na frente de outros estudantes.

— Como está sua mãe?

Eu dou de ombros.

— Bem, eu acho. Por quê?

— Ela não retornou minhas mensagens neste fim de semana. Eu só queria ter certeza de que ela estava bem.

Eu me inclino para frente, não querendo que mais ninguém ouça o que estou prestes a dizer.

— Voltei para casa sexta à noite e ela estava sentada no jardim da frente, chorando. Foi estranho. Às vezes acho que ela está à beira de um colapso.

Ele parece preocupado.

— Ela disse por que estava chorando?

Olho em volta e todo mundo está falando, não prestando atenção em nós.

— Eu não perguntei. Ela chora mais do que não chora, então eu parei de perguntar a ela sobre isso.

A campainha toca, então Jonah volta para sua mesa. Mas ele parece distraído quando começa a explicar a lição do dia. Ele parece cansado. Parece que ele está acabado.

Isso me decepciona um pouco. Às vezes, sinto que ser adulto é muito mais fácil do que ser adolescente, porque você deve ter tudo planejado como adulto. Você é emocionalmente mais maduro, para lidar melhor com as crises. Mas ver Jonah agora mesmo, enquanto ele tenta fingir que não está distraído, e assistir minha mãe tentar navegar por sua vida como se sua vontade ainda existisse, é toda a prova de que preciso que os adultos não tem a mínima ideia de nada mais do que nós fazemos. Eles apenas usam máscaras mais convincentes.

Isso me decepciona.

Meu telefone vibra no meu bolso. Espero até Jonah virar de costas para a sala de aula antes de puxar meu telefone e colocá-lo na minha mesa. Deslizo a tela e leio o texto de Miller.

Miller: Estou de folga hoje. Quer trabalhar no envio de vídeos?

Eu: Sim, mas eu realmente não quero estar com minha mãe agora. Podemos fazer na sua casa?

Miller: Claro. Venha por volta das 5. Preciso levar o vovô ao médico às 3, então não vou te ver depois da escola.



Miller está na varanda esperando por mim quando eu estaciono em sua garagem às dez para às cinco. Ele corre em direção ao meu carro e pula no banco do passageiro antes que eu tenha tempo de sair.

— Vovô está dormindo — diz ele. — Vamos ao Munchies primeiro e vamos descansar um pouco.

— O que é Munchies?

Miller olha para mim como se eu tivesse acabado de explodir sua mente.

— Você nunca foi no Munchies? O food truck?

Balanço a cabeça.

— Não.

Ele está completamente surpreso.

— Você quer dizer que você nunca provou o Mac?

— Isso é uma comida?

Ele ri e puxa o cinto de segurança.

— Isso é uma *comida*? — ele imita. — Espero que você esteja com fome, porque você está prestes a ter a melhor experiência da sua vida.



Quinze minutos depois, estou sentada em uma mesa de piquenique, olhando para a câmera que Miller sustentou com um tripé antes de ir pedir a nossa comida. Está apontada para mim. Ele disse que vai começar a filmar coisas aleatórias quando estivermos juntos, porque será bom para o projeto do filme ter imagens extras. Ou *B-rol*, como Miller se referia a isso. Ele já fala como diretor algumas vezes.

Ele me disse para nunca olhar diretamente para a câmera, porque precisamos fingir que não está lá, então é claro que eu a encaro e faço caretas o tempo todo que ele está na fila do food truck.

Sinceramente, nunca vi Miller tão entusiasmado com alguma coisa. Na verdade, estou com mais inveja do sanduíche do que nunca tive de Shelby. Ele está *tão* animado com isso.

Aparentemente, o *Mac* é um sanduíche de queijo grelhado recheado com macarrão e queijo que foi cozido em água benta.

Ok, então a água benta não é realmente um ingrediente, mas com a maneira como ele fala sobre isso, eu não ficaria surpresa se fosse.

Quando ele se aproxima da mesa, ele coloca a bandeja na minha frente, ajoelhando-se sobre um joelho como se estivesse

presenteando uma rainha com um presente. Eu rio e puxo a bandeja dele, pegando um dos sanduíches.

Ele se senta ao meu lado, e não em frente a mim, e fica no banco. Eu gosto disso. Eu gosto do quanto ele quer estar perto de mim.

Quando nossos sanduíches são desembulhados, ele espera para dar uma mordida no seu porque quer assistir minha reação à minha primeira mordida. Trago o sanduíche para minha boca.

— Sinto-me pressionada a gostar agora.

— Você vai amar.

Dou uma mordida e, em seguida, descanso os braços sobre a mesa enquanto mastigo.

Está delicioso. Não é apenas a torrada mais crocante e amanteigada que eu já provei, mas o macarrão com queijo é tão quente e pegajoso que sinto vontade de revirar os olhos.

Mas dou de ombros porque gosto de provocá-lo.

— Está ok.

Ele se inclina para a frente, incrédulo.

— Está... *ok*?

Eu concordo.

— Tem gosto de sanduíche.

— Estamos terminando.

— O pão está meio velho.

— Te odeio.

— O gosto do queijo é processado.

Ele coloca o sanduíche na mesa, pega o telefone e abre o Instagram.

— Estou deixando de seguir você de novo.

Eu rio depois de engolir minha primeira mordida e depois o cutuco na bochecha.

— É a melhor coisa que eu já provei.

Ele sorri.

— Jura?

Eu concordo. Então eu balanço minha cabeça.

— Está em segundo lugar depois do seu gosto depois de chupar pirulitos.

— Bom o suficiente para mim.

— Ele pega seu sanduíche e dá uma mordida. Ele geme, e o som que ele faz me faz ficar um pouco vermelha. Eu não acho que ele percebe, porque ele arranca um pedaço minúsculo de pão e estende a mão sobre a mesa, colocando-o ao lado de uma formiga. A formiga finalmente o leva embora.

Miller beija minha bochecha e depois dá outra mordida no sanduíche.

— Você pensou em que tipo de filme vamos fazer?

Balanço a cabeça e limpo os lábios com um guardanapo. Ele estende a mão e tira algo da minha boca com o polegar.

— Não temos muito tempo. — diz ele.

— Temos três meses.

— Isso não é muito tempo. É um monte de trabalho.

— Puxa — eu digo com um tom sarcástico.

— Acho que isso significa que teremos que passar muito tempo juntos.

Ele está segurando seu sanduíche com uma mão e esfregando minha perna com a outra enquanto comemos. Ele é super carinhoso. E ele não tem medo de me beijar em público.

Ou na frente de uma câmera.

Suspeito que receberemos detenção mais de uma vez este ano.

— Pare de olhar para ela — diz ele, referindo-se à câmera.

— Eu não posso evitar, — eu digo, olhando para longe. — Está bem na nossa cara.

— E você quer ser atriz?

Eu o cutuco com o cotovelo.

— Isso é diferente. Isso... — aceno para a câmera — é estranho.

— Acostume-se a isso porque eu quero trabalhar com muitas imagens. Eu quero ganhar este ano. Na última vez que enviei, conseguimos o quarto lugar.

— Em toda a região?

— No Estado.

— O que? Miller, isso é fantástico!

Ele encolhe os ombros.

— Na verdade não. Quarto lugar cortado profundamente. Eles postam apenas os três principais finalistas no YouTube. Ninguém se importa com o quarto lugar. Eu decidi que você está indo atrás do ouro. — Ele se inclina e me beija, depois se afasta e dá outra mordida no sanduíche. — Incomoda você que eu te beijo tanto? — Ele está falando com a boca cheia, mas é meio adorável.

— Que coisa estranha para uma pessoa se incomodar. Claro que não.

— Bom.

— Eu gosto que você é uma pessoa afetuosa.

Ele balança a cabeça, limpando a boca com um guardanapo.

— Mas é só isso. Eu não sou. Eu não era assim com Shelby.

— Por que é diferente comigo?

Ele encolhe os ombros.

— Eu não sei. Eu tenho tentado descobrir isso. Eu apenas te desejo mais do que jamais desejei qualquer coisa na minha vida.

Esse comentário me faz sorrir, mas levanto uma sobrancelha provocadora.

— Eu não sei, Miller. Você estava muito feliz pelo seu sanduíche.

Ele ainda tem metade de um sanduíche para comer, mas assim que digo isso, ele se levanta e caminha até uma lata de lixo próxima e a joga dentro. Ele se senta novamente.

— Esse sanduíche não significava nada para mim. Eu iria preferir sua língua na minha boca sobre aquele sanduíche qualquer dia.

Dobro o nariz e recuo.

— Isso deveria ser sexy? Porque não foi.

Ele ri e me puxa para mais perto dele, pressionando sua boca na minha. Não é um beijo doce, no entanto. Este é cheio de língua. E... *pão*.

Eu o empurro para longe.

— Você ainda tem *comida* na boca! — Faço uma piada e tomo um gole da minha bebida.

Sua bebida já está vazia, então ele tira a minha e bebe um pouco.

Um momento depois, ele olha ansiosamente para a lata de lixo e suspira.

— Eu joguei fora para fazer um ponto, mas eu realmente queria comer o resto. — Ele olha para mim. — Seria nojento se eu o retirassem do lixo?

Eu ri.

— Sim. Eu nunca mais te beijaria. — Deslizo o resto do meu sanduíche. — Aqui. Você pode comer o resto do meu. Eu nem estou com fome.

Ele pega meu sanduíche e come, depois termina minha bebida. Ele recolhe todo o lixo e o joga fora, depois volta para a mesa de piquenique e fica no banco novamente, deslizando-me para mais perto dele. Ele pressiona sua testa na minha e sorri, depois se afasta, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Eu acho que sou vidente. Eu sabia que seríamos bons juntos, Clara.

— Você não é vidente. Estamos juntos há menos de uma semana. Pode descer ladeira abaixo antes de amanhã.

— Não vai, no entanto. Tenho um bom pressentimento sobre nós.

— Isso é apenas atração. Não é um sexto sentido.

— Você acha que isso é tudo? Atração?

— O que mais poderia ser? Nós mal nos conhecemos.

— Desisti de meio sanduíche por você. Isso é *muito* mais que atração.

Eu rio de sua persistência.

— Você está certo. Esse foi um gesto bastante grandioso. — Eu me inclino e o beijo, mas quando começo a me afastar, ele se move para frente, sem vontade de interromper o beijo. Viro meu corpo em direção a ele e me inclino em sua boca.

Eu normalmente não seria tão carinhosa com ele em público, mas somos os únicos aqui.

Para um food truck que faz sanduíches incríveis, estou surpresa que não seja mais movimentado do que é.

Miller finalmente se afasta de mim e olha para a câmera.

— Deveríamos parar. Você é menor de idade e eu poderia ser preso se isso se transformar em um pornô.

Eu amo o quanto ele me faz rir quando não sinto vontade de rir.



Antes de deixarmos o caminhão, Miller pediu um sanduíche para o avô. Ele entrega a ele quando entramos na sala de estar.

— É isso que eu acho que é? — Pergunta Vovô.

— Primeiro e único.

O sorriso no rosto do vovô me faz sorrir.

— Eu já te disse que você é meu neto favorito?

— Eu sou seu *único* neto — diz Miller. Ele pega o copo do avô e o leva até a cozinha para recarregá-lo.

— É por isso que você está herdando tudo o que possuo — diz Vovô.

Miller ri.

— Muito ar, aparentemente.

Vovô se vira para mim.

— Clara, certo? — Ele está desembulhando seu sanduíche. Sento-me em uma das cadeiras verdes e aceno.

— Eu já te contei quando Miller tinha quinze anos e estávamos na escola... — Uma mão se aproxima da cadeira de vovô e retira seu sanduíche. Vovô olha para sua mão vazia. — Que diabos? — Diz Vovô a Miller.

Miller se senta na outra cadeira verde, mantendo refém a comida do avô.

— Prometa que não vai repetir essa história, e eu devolverei seu sanduíche.

— Vamos lá, Miller. — Eu gemo. — Essa é a segunda vez que você me impede de ouvir essa história.

Vovô olha para mim se desculpando.

— Desculpe, Clara. Eu contaria a você, mas você já provou um Mac?

Concordo com a cabeça.

— Está bem. Um dia desses chegarei quando Miller não estiver aqui para que você possa terminar de me dizer.

Miller devolve o vovô ao sanduíche.

— Clara e eu temos um projeto para trabalhar. Estaremos no meu quarto.

— Você não precisa mentir para mim — diz Vovô. — Eu tive dezessete anos uma vez.

— Eu não estou mentindo, — diz Miller. — Nós realmente temos que trabalhar em um projeto.

— Qualquer coisa que você diga.

Miller revira os olhos enquanto ele empurra para fora da cadeira. Ele pega minha mão e me puxa para cima.

— Peço desculpas em nome do meu avô.

— Por quê? Você está mentindo para ele. Não temos um projeto para trabalhar.

Miller revira a cabeça.

— Sim, nós *temos*. — Ele olha para o avô com desaprovação. — Vocês dois não podem mais sair. Vocês são muito parecidos.

Vovô sorri para mim quando saímos da sala. Quando andamos pelo corredor, olho para o banheiro deles. Miller vê minha pausa. Existem vários frascos de comprimidos alinhados no balcão, e o lembrete de que o avô dele está doente faz meu estômago revirar.

Quando estamos no quarto de Miller, ele pode dizer que meu humor mudou.

— Pensando no Vovô?

Eu concordo.

— Sim. É uma merda. Ruim. — Ele tira os sapatos e deita no meio da cama, batendo no colchão ao lado dele. Tiro os sapatos e me arrasto, me colocando ao lado dele, colocando meu braço sobre ele.

— Como foi a visita do médico hoje?

Ele empurra meu cabelo para trás, correndo os dedos até o fim.

— Conversamos sobre o que esperar nos próximos meses. Não é realmente seguro para ele ficar aqui sozinho enquanto estou na escola, então eles estão colocando ele em um hospício em breve. Quando ele estiver em um hospício, um assistente estará

aqui com ele a maior parte do tempo, então é um alívio. Não precisarei abandonar a escola.

Sento no meu cotovelo.

— Essa era realmente a sua única opção?

— Sim. Minha mãe morreu quando eu tinha dez anos e ele é o pai dela. Eu tenho um tio que mora na Califórnia, mas ele não ajuda muito a partir daí. Outros parentes param muito.

Certificam-se de que temos o que precisamos. Mas eu moro com ele desde os dez anos, então a maior parte da responsabilidade recai sobre meus ombros.

Eu não tinha ideia de que sua mãe faleceu.

— Sinto muito. — Eu balanço minha cabeça. — Isso é muita pressão para alguém da sua idade.

Miller descansa a mão na minha bochecha.

— Você tem apenas dezesseis anos e olha o que passou. A vida não é sua fã. — Ele puxa minha cabeça contra seu peito. — Eu não quero mais falar sobre isso. Vamos conversar sobre outra coisa.

Ele cheira bem. Como limão desta vez.

— Quando é seu aniversário? — Pergunto.

— 15 de dezembro. — Ele faz uma pausa. — O seu é na próxima semana, certo?

Concordo, mas gostaria de esquecer. Com meu aniversário, chega o tradicional jantar de aniversário, mas este será o primeiro sem meu pai e tia Jenny. Não quero pensar nisso, então mudo de assunto.

— Qual é a sua cor favorita?

— Eu não tenho uma. Eu gosto de todas elas, exceto laranja.

— Sério? Eu gosto de laranja.

— Você não deveria. É uma cor terrível — diz ele. — Qual é a sua cor menos favorita?

— Laranja.

— Você acabou de dizer que *gosta de* laranja.

— Você me fez duvidar, como se talvez houvesse algo errado com o qual eu não estivesse ciente.

— Há *muita coisa* errada com a laranja, — diz ele. — Nem sequer rima com nada.

— É a cor ou a palavra que você não gosta?

— Ambos. Eu odeio os dois.

— Algo em particular provocou esse imenso ódio?

— Não. Isso aconteceu naturalmente, eu acho. Talvez eu tenha nascido assim.

— É um tom particular de laranja que você detesta?

— Eu odeio todos eles, — diz ele. — Todo tom de laranja, da manga ao coral.

Eu ri.

— Esta é a conversa mais estúpida que já tive.

— Sim, somos meio ruins nisso. Talvez devêssemos apenas nos beijar.

Puxo minha cabeça do peito e olho para ele.

— Depressa, porque estou começando a esquecer por que me sinto atraída por você.

Ele sorri e depois rola em cima de mim, escovando meu cabelo enquanto ele sorri preguiçosamente.

— Precisa de um lembrete?

Eu concordo. Esta é a maior conexão que nosso corpo já teve. Nós nos beijamos em pé.

Nós nos beijamos na caminhonete dele. Nós nos beijamos sentados. Mas nunca nos beijamos em uma cama com o corpo dele entre as minhas pernas. Ele descansa sua boca contra a minha, mas não me beija. Ele ajusta o travesseiro embaixo da minha cabeça; então ele chuta as cobertas para longe, enquanto mal provoca meus lábios com os dele.

— Isso com certeza está demorando muito, — eu digo.

— Eu quero que você fique confortável. — Ele mantém sua boca perto da minha e levanta meu pescoço um pouco, puxando meu cabelo para baixo de mim. Ele o empurra por cima do meu ombro e sussurra: — Pronto? — Contra meus lábios.

Começo a rir, mas a risada nunca acontece porque a língua de Miller separa meus lábios e minha risada quase se transforma em um suspiro. Parece diferente assim - com ele em cima de mim. *Melhor.* O beijo é bom. Movimentos lentos de sua língua. Seus

dedos descendo pelo meu braço. O meu seguindo pelas costas dele.

Mas então eu o sinto começar a endurecer entre as minhas pernas, e isso me surpreende e me dá confiança. Envolver minhas pernas em volta da cintura dele, querendo aliviar a dor que estou começando a sentir lá, mas isso só piora. Seu beijo se aprofunda, e ele empurra contra mim, forçando um gemido na minha garganta. Ele faz uma pausa no beijo por um segundo, como se esse som fizesse algo com ele, mas depois ele traz sua boca de volta para a minha com um desejo ainda mais profundo.

Eu levanto a parte de trás de sua camisa, querendo sentir sua pele sob as minhas mãos.

Eu corro minhas mãos pelas costas dele até alcançar as curvas apertadas de seus músculos do ombro. Antes que eu perceba, eu estou puxando a camisa dele, querendo tirar dele. Ele nos separa pelos três segundos que leva para ele tirar a camisa e jogá-la no chão.

Os próximos minutos não vão além da remoção da camisa, mas também não desacelera. A sessão de beijos nos deixa doendo e ofegando e sem vontade de trabalhar em nosso projeto.

Miller finalmente sai de cima de mim, de lado, com a boca ainda na minha. Nós nos beijamos assim por um minuto – não é tão emocionante, mas acho que esse é o ponto. Ele está tentando desacelerar algo que eu não acho que ele pretendia começar.

Seus olhos estão fechados quando ele finalmente para de me beijar, e então ele pressiona sua testa na minha. Ele coloca a mão no meu peito e a descansa lá, sentindo meu coração batendo violentamente contra a palma da mão. Quando ele se afasta e abre os olhos, ele está sorrindo para mim.

— Você sabe o que mais é ruim na cor laranja?

Eu rio.

— O que?

— Todas as celebridades usaram aquele quadrado laranja para anunciar o Festival Fyre.

E veja como isso acabou.

— Você está certo. Laranja é a pior cor.

Ele cai de costas e olha para o teto. Está quieto por um momento, e meu coração ainda está acelerado.

— Você quer que eu pare? — Ele pergunta.

— Parar com o quê?

— De beijar você.

Eu dou de ombros.

— Na verdade não. Eu estava gostando.

— Eu não tinha certeza. Não queria me mover muito rápido, mas realmente queria tirar sua camisa. Não seu sutiã. Apenas sua camisa.

— Eu estou legal com isso.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Sim?

— Certo.

— Seu sutiã é laranja?

— Não, é branco.

— Bom. — Ele rola em cima de mim e começa a me beijar novamente.

Basta dizer que não fazemos nada no projeto, mas ele também permanece fiel à sua palavra e não tenta tirar meu sutiã.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

MORGAN

Eu acordo com o som do meu telefone vibrando na minha mesa de cabeceira. Olho para a janela, mas o sol ainda nem nasceu totalmente.

Ninguém me liga tão cedo.

Estendo a mão e pego meu telefone e vejo o nome de Jonah na parte superior da tela.

Largo o telefone na mesa de cabeceira e caio no travesseiro.

Não falamos há mais de uma semana. Desde a noite em que quase nos beijamos. Ele mandou uma mensagem duas vezes, perguntando como estou. Não respondi a nenhum dos textos.

É difícil, porque quero me separar dele, mas, ao mesmo tempo, quero passar um tempo com Elijah. É uma pena que Jonah e Elijah sejam um pacote.

Espero que possamos elaborar algum tipo de agendamento de visitas. Seria ainda melhor se não tivéssemos que ir à casa um do outro para trocar Elijah. Poderíamos mandar Elijah de Uber para frente e para trás.

Esse pensamento me faz rir. Mandar bebês de Uber de casa em casa. Gostaria de saber se existe um limite mínimo de idade para os passageiros do Uber.

Meu telefone toca. Uma mensagem. Eu balanço meu braço de volta para minha mesa de cabeceira e puxo meu telefone para o meu rosto. Sento-me na cama quando vejo quantas chamadas e mensagens perdidas tenho de Jonah.

Tiro as cobertas e me levanto, pressionando urgentemente a tela para ligar de volta. Ele atende no primeiro toque.

— Morgan?

— Elijah está bem?

Jonah suspira aliviado com o som da minha voz.

— Lamento até pedir, mas ele ficou acordado a noite toda com febre, então não posso levá-lo para a creche. Mas não posso faltar o trabalho hoje. É o dia do teste do estado para os calouros e, depois que a escola terminar, eu tenho duas conferências:

— Claro. — Minha mão está no meu peito. Meu coração está batendo forte. Eu pensei que era algo pior. — Claro. Traga-o para cá.

A voz de Jonah é mais suave. Menos em pânico.

— Não poderei buscá-lo até depois das seis.

— Está bem. Sinto falta dele.

Passo os próximos vinte minutos na cozinha cozinhando. Jonah parecia tão estressado no telefone, e se Elijah ficou acordado a noite toda com febre, isso significa que Jonah vai precisar de energia hoje. Eu costumava fazer isso por Chris. Eu fazia burritos de café da manhã cheios de proteínas e enviava uma bolsa com ele nos dias mais movimentados.

Eu também poderia estar fazendo o café da manhã de Jonah como um pedido de desculpas. Eu sinto que fui muito dura com ele na semana passada. Talvez eu tenha sido muito dura com ele desde que ele voltou para nossas vidas. De qualquer maneira, os burritos o tornarão melhor.

Também espero que este seja um passo adiante. Talvez possamos fazer algum tipo de acordo com o qual Elijah possa ser uma grande parte da minha vida, e Jonah e eu possamos construir uma amizade real. Fico acordada a maior parte das noites pensando no que ele me disse na entrada da garagem e, embora tenha tido um impacto profundo no ressentimento que tenho guardado por ele, também percebo que os sentimentos de que ele estava falando estavam no passado.

Nós éramos adolescentes naquela época. Nós éramos pessoas diferentes. Ele não estava dizendo que *ainda se* sentia assim. Ele estava simplesmente dizendo que *costumava se* sentir assim.

Ele está de volta em nossas vidas há vários meses, e nada além desse quase beijo indica que ele ainda tem esses mesmos sentimentos, então tudo o que ele pensou que sentiu por mim quando éramos adolescentes é algo que ele obviamente trabalhou durante os anos em que esteve longe. Caso contrário, ele não teria dormido com Jenny quando se encontraram no ano passado. E ele não teria se mudado com ela ou concordado em se casar com ela se ainda tivesse sentimentos por mim.

Isso me dá esperança de que uma amizade entre nós possa realmente funcionar.



Estou enfiando os burritos em uma sacola quando alguém bate à porta. Deixo Jonah entrar, mas paro por um segundo quando o recebo. Ele está bem vestido hoje. Ele está vestindo uma camisa preta de mangas compridas e gravata preta e prata. Ele raspou a barba por fazer e finalmente cortou o cabelo. Ele parece mais jovem. Começo a comentar sobre como ele está bonito, mas penso melhor.

Elijah está mexendo na cadeirinha, então eu o solto e o tiro. Ele está quente quando eu o puxo para o meu peito.

— Coitadinho. — Ele parece congestionado. — Você está dando a ele alguma coisa?

Jonah assente e tira alguns frascos de remédios da sacola de fraldas.

— Eu o levei ao pronto-socorro por volta da meia-noite. Eles me deram estes, disse para rotacioná-los a cada quatro horas. — Ele segura um deles. — Dê a ele este em duas horas.

— Ele coloca a bolsa de fraldas no chão. — Arrumei roupas e fraldas extras. Você pode precisar delas hoje.

— Você o levou para a emergência? Você já dormiu?

Como se o pensamento fosse um gatilho, Jonah boceja, cobrindo a boca com um punho.

Ele balança a cabeça.

— Eu ficarei bem. Talvez eu tenha tempo para dar uma parada no Starbucks. Ele abre a porta da sala para sair.

— Espere. — Eu vou para a cozinha e pego o saco de burritos do café da manhã, levando-os de volta para ele antes que ele escape. — Eu fiz isso para você. Burritos de café da manhã. Parece que você está prestes a ter um longo dia.

Jonah olha para mim com uma apreciação suave enquanto tira isso de mim.

— Obrigado. — Há um pouco de surpresa em sua voz, e eu tento não deixar isso me agradar, mas deixa. É bom fazer algo de bom para ele. Eu tenho sido tão dura com ele por tanto tempo.

— Vou lhe enviar uma mensagem com atualizações sobre Elijah. Não se preocupe. Ele está em boas mãos.

Jonah sorri.

— Eu não duvido disso por um segundo. Vejo você à noite.

Assim que ele sai, Clara caminha pela esquina, vestida para a escola. Ela vê Elijah nos meus braços e se anima, segurando os braços na frente dela.

— Me dê ele.

Eu o entrego a ela.

— Ele está doente. Não o beije, você pode se contaminar.

Ela o embala contra o peito e beija a testa de qualquer maneira.

— Bebês doentes precisam de todos os beijos que podem receber.

Ela está certa. Quando Clara era bebê, quanto mais doente ela estava, mais eu a mimava e a beijava, e só queria tirar todas as suas dores. *Deus, sinto falta daqueles dias.*

Tenho certeza de que em algum momento no futuro, sentirei falta *desses* dias. Sinto que Clara e eu somos um par impossível este ano, mas sei que sentirei falta depois que ela se mudar e começar uma vida própria. Vou sentir falta de tudo – os argumentos, os tratamentos silenciosos, os fundamentos, o comportamento rebelde.

— Por que você está me olhando assim? — Clara pergunta.

Eu sorrio e a puxo para um abraço. Ela está segurando Elijah, então ela não pode retribuir o abraço, mas basta que ela não esteja se afastando. Eu beijo o lado da cabeça dela.

— Eu te amo.

Quando me afasto, ela está me olhando com uma expressão cautelosa. Mas então ela sorri e diz:

— Também te amo, mãe.

Ela vai para o sofá para se sentar com Elijah.

— Eu fiz burritos no café da manhã. Deixei um pouco no balcão.

Clara se anima.

— Bacon ou linguiça?

— Ambos.

— Isso. — ela sussurra. Ela volta sua atenção para Elijah. — Eu amo você, amigo, mas eu tenho um café da manhã para comer.



Mando uma mensagem para Jonah por volta das dez para que ele saiba que a febre de Elijah diminuiu um pouco. Ele responde ao meio-dia.

Jonah: Ele está dormindo?

Eu: Na verdade não. Aposto que ele vai capotar assim que sua febre finalmente acabar.

Jonah: Espero que ele espere até que eu esteja pronto para capotar. Este foi o dia mais longo e é apenas meio-dia. O café da manhã foi uma dádiva de Deus. Obrigado por isso.

Eu: |Eu tenho um assado na panela elétrica. Clara e eu não vamos comer tudo, então posso separar um pouco para você quando chegar aqui e pegar Elijah.

Jonah: Perfeito. Obrigado mais uma vez.

Duas horas depois, recebo outro texto de Jonah.

Jonah: Ele já está dormindo?

Eu: Ele tirou uma soneca de quinze minutos. Ainda tem febre, mas ele não está tão mal quanto estava.

Então, recebo uma mensagem de Clara.

Clara: Miller e eu precisamos trabalhar em nosso projeto depois da escola. Estaremos no *Starbucks*

Eu: Que projeto? Essa é a primeira vez que estou sabendo de um projeto com Miller.

Clara: Jonah nos juntou para o envio de um filme. Temos menos de 4 meses para terminar.

Mando uma mensagem para Jonah.

Eu: Você juntou Clara e Miller no projeto do filme?

Jonah: Sim. Isso é um problema?

Eu: Estou assumindo que sim, considerando que ele a apresentou às drogas. E Chris já disse a ela para ficar longe dele.

Jonah: Miller não é tão ruim quanto você parece pensar que ele é. Chris nem conhecia o garoto, então sua opinião não conta.

Eu: Formei minha própria opinião sobre o garoto. Ele convenceu Clara a deixar o funeral de seu pai. Ele a deixou chapada. E de acordo com um correio de voz que recebi da escola, ambos tiveram detenção na semana passada por terem se beijado no refeitório. Ela nunca fez nada disso antes que ele estivesse na área. E mesmo que ele não seja a causa de suas

ações, eu ainda prefiro que ela esteja com alguém que a convença de não fazer essas coisas, em vez de ser o tipo de adolescente que incentiva seu comportamento.

Jonah: Eu não acho que esse tipo de adolescente exista na vida real.

Morgan: Você não está me fazendo sentir melhor sobre isso.

Espero sua resposta, mas não recebo uma.



Passo o resto da tarde tentando manter Elijah acordado, para que ele durma com Jonah hoje à noite, mas quando as seis horas chegam, não resta mais esperança. Ele está com frio. Seu corpo minúsculo está mole nos meus braços, profundamente dormindo enquanto eu o coloco no berço. Sua febre finalmente acabou algumas horas atrás, então acho que o pior já passou, mas sinto que depois que Elijah dormir por algumas horas, ele ficará acordado a noite toda com Jonah. Talvez eu devesse me oferecer para mantê-lo durante a noite para que Jonah descanse.

Pego meu telefone para enviar uma mensagem a Jonah quando ele bate na porta da frente. Olho para Elijah, e o som nem o faz recuar. Quando abro a porta da frente, sussurro:

— Ele simplesmente adormeceu.

Jonah não está mais usando gravata. Os dois primeiros botões de sua camisa estão desfeitos, e seu cabelo está mais bagunçado do que naquela manhã. Ele parece ainda melhor do que esta manhã, apesar da exaustão que o consumia. *Por que estou tendo esses pensamentos?*

Faço um sinal para que ele venha à cozinha para que eu possa fazer um prato de comida para levar com ele. Puxo a Tupperware do armário.

— Você já comeu? — Jonah pergunta.

— Ainda não.

— Eu vou comer aqui, então. — Ele abre o armário ao meu lado, onde eu guardo os pratos, e ele remove dois deles. Devolvo a Tupperware no armário e pego um prato dele.

Isso é bom. Isso é casual. Amigos comem comida juntos.

Nós dois fazemos nossos pratos e sentamos à mesa. Por mais normal que duas pessoas façam uma refeição juntos, Jonah e eu nunca fizemos isso sem Chris e Jenny.

Essa parte parece desligada. Como se houvesse dois buracos enormes, sugando o conforto da refeição.

— Isso tá muito bom, — diz Jonah, dando outra mordida. — Assim como seus burritos.

— Obrigada.

— Tudo o que você cozinha é bom?

Eu aceno com confiança.

— Eu sou uma ótima cozinheira. Chris odiava sair para comer porque disse que os restaurantes nunca se comparavam com o que recebia em casa.

— Como ele não era gordo? — Jonah balança a cabeça. — Eu ficaria tão gordo comendo isso todos os dias.

— Ele malhava duas vezes por dia. Você sabe disso.

É estranho falar sobre Chris como se não o odássemos, mas eu gosto. Eventualmente, eu gostaria de lembrar todas as boas lembranças sem a sombra das ruins. Tínhamos muitas boas lembranças juntos.

— Onde está Clara?

Eu aponto meu garfo para ele.

— Com aquele garoto. Tudo culpa sua.

Jonah ri.

— Ele ainda é um dos meus alunos favoritos. Não ligo para o que você pensa dele.

— Que tipo de estudante Clara é?

— Ótima. — diz ele.

— Não, de verdade. Não me diga o que eu quero ouvir. Quero saber como ela é quando não está perto de mim.

Jonah me olha em silêncio por um momento.

— Ela é boa, Morgan. Muito boa. Sempre entrega o dever de casa a tempo. Tem boas notas. Não se comporta mal na aula. E ela é engraçada. Eu gosto do sarcasmo dela. — Ele sorri. — Ela recebeu isso de você.

— Ela é muito parecida comigo nessa idade.

— Ela é muito parecida com você agora. Você não mudou.

Eu solto uma risada sem entusiasmo.

— OK.

Ele olha para mim com um pouco de seriedade demais.

— Você não mudou. Em absoluto.

Olho para o meu prato, brincando com a comida.

— Não sei se isso é um elogio. É meio patético que eu ainda seja a mesma pessoa que era quando tinha dezessete anos. Sem educação. Nenhuma experiência de trabalho. Nem uma coisa para colocar no meu currículo.

Jonah me olha por um momento, depois olha para o prato dele, enfiando o garfo na cenoura.

— Eu não estava falando do seu currículo. Eu estou falando sobre todo o resto. Seu humor, sua compaixão, sua tontura, sua confiança, sua disciplina. — Ele faz uma pausa para respirar rapidamente e depois diz: — Seu sorriso. — Ele enfia uma garfada da comida na boca.

Olho para baixo, perdendo completamente o sorriso a que ele está se referindo, porque senti isso. Tudo o que ele acabou de dizer. Todos os elogios pareciam dardos esfaqueando meu coração. Isso me faz suspirar. Eu perco o meu apetite. Levanto-me e jogo a comida restante do meu prato na lata de lixo.

Lavo o prato na pia. Meu peito está apertado. Minhas mãos estão tremendo. Não gosto de ter uma reação física à presença dele, mas os amigos não dizem essas coisas para os amigos enquanto têm o olhar que Jonah acabou de ter.

Ele ainda tem sentimentos por mim.

Não sei como processar isso porque me enche de muitas outras perguntas. Jonah leva o prato vazio para a pia e o enxágua sob a água. Puxo minhas mãos para trás e seguro o balcão, olhando para a pia.

Ele está ao meu lado, me encarando.

Eu não posso olhar para ele. Estou com vergonha de até sentir alguma coisa agora, mas sinto, e é confuso, porque tudo o que sinto é ciúmes. É um sentimento que sempre estive lá, mas é algo que nunca me permiti reconhecer. Mas o ciúme está lá, e está alto, e está me forçando a enfrentá-lo.

— Por que você dormiu com ela no ano passado?

Assim que a pergunta passa pelos meus lábios, me arrependo. Mas desde o dia em que Jenny chegou em casa do funeral do pai de Jonah e me disse que ela teve uma noite com ele, eu fiquei cheia de raiva. De alguma forma, parecia que Jonah havia me traído, mesmo que ele não me pertencesse.

Jonah dá um passo mais perto. Não perto o suficiente para tocarmos, mas perto o suficiente para parecer que estamos.

— Eu não sei. Talvez porque ela estivesse lá, — ele diz calmamente. — Ou talvez porque você *não estivesse*.

Eu cortei meus olhos nos dele.

— Eu não teria dormido com você, se é isso que você está dizendo.

— *Não é isso* que estou dizendo. O que eu quero dizer é que fiquei magoado que meu pai morreu e você não estava lá. Mesmo que não tivéssemos contato, você sabia do funeral porque Jenny estava lá. — Ele suspira com pesar. — Talvez eu tenha feito isso esperando que isso te machucaria.

— Essa é uma terrível razão para dormir com alguém.

Ele ri sem humor.

— Sim, bem, eu não espero que você entenda. Você nunca esteve no meu lugar. Você não teve que ficar à margem e assistir a garota que você amava construir uma vida com seu melhor amigo.

Essas palavras me deixam sem fôlego.

Ele quebra o contato visual comigo.

— O ciúme pode fazer uma pessoa fazer algumas coisas de merda, Morgan. — Ele se levanta, sentindo que já não é bem-vindo.

— Eu devo ir.

— Sim. — Minha voz sai rouca. Eu limpo minha garganta. — Você deve.

Ele assente, decepcionado por eu estar concordando com ele. Ele bate na geladeira duas vezes com a palma da mão aberta e depois sai da cozinha.

Assim que ele não está mais na mesma sala comigo, encho meus pulmões com ar. Sua presença ainda permanece ao meu redor enquanto ele reúne as coisas de Elijah. Antes de tirá-lo do berço, ele faz uma pausa e volta para a cozinha. Ele está parado na porta, com a bolsa de fraldas pendurada no ombro.

— Foi mútuo?

Balanço minha cabeça um pouco, revelando minha confusão.

— Eu não sei o que você quer dizer.

— Como me senti sobre você. Eu nunca poderia dizer. Às vezes eu pensava que você se sentia da mesma maneira, mas sabia que você nunca admitiria isso por causa de Jenny. Mas... Eu preciso saber. Você sentiu o que eu senti?

O martelar no meu peito está de volta. Ele nunca me confrontou assim. Eu não estava esperando por isso. É difícil admitir algo em voz alta para outra pessoa que você acabou de admitir para si mesmo.

Jonah deixa cair a bolsa de fraldas no chão e caminha pela cozinha. Ele não para até que seu corpo e sua boca estejam pressionados firmemente contra os meus.

É um choque para o meu sistema. Eu seguro o balcão atrás de mim no momento em que suas mãos apertam minhas bochechas. Sinto tanto que tenho medo de afundar no chão.

Pressiono minhas mãos contra seu peito, totalmente preparada para empurrá-lo para longe, mas, em vez disso, me pego puxando-o para mais perto com dois punhados de sua camisa.

Quando ele separa meus lábios com os dele e sinto sua língua deslizar contra a minha, sinto um arrepio de corpo inteiro. É tudo de uma vez. É um despertar, mas também é uma morte. É a constatação de que passei a vida inteira sendo beijada pelo homem errado.

Jonah recebe a resposta para sua pergunta pela maneira como eu respondo a ele. Seus sentimentos são definitivamente mútuos.

Eles sempre foram, não importa quanta negação eu tenha jogado em cima dessa atração mútua.

Meu corpo está em conformidade com o dele, como se eu tivesse medo que algo se cunhe entre nós se eu deixar ir.

E então, infelizmente, é o que acontece.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CLARA

— Mãe?

É a única palavra que consigo dizer, mas é poderosa o suficiente para dividir um metro e meio entre eles. Minha mãe se afasta de mim. Jonah olha para seus pés.

Eu apenas os encaro, incrédula.

Estou balançando a cabeça, tentando me convencer de que não apenas vi isso. Minha mãe... beijando o noivo de sua irmã morta. Minha mãe... beijando o melhor amigo do marido morto.

Dou um passo para fora da porta, como se a sala estivesse contaminada com traição e tenho medo de pegá-la. Minha mãe respira e depois me encara, com lágrimas nos olhos.

— Clara...

Não lhe dou a chance de explicar. Eu realmente não quero saber por que isso estava acontecendo. Eu corro para o meu quarto porque preciso de solidão antes que eles possam me alcançar. Eu bato minha porta e a tranco; então, para uma segurança extra, coloco minha mesa de cabeceira na frente dela.

— Clara, abra a porta, — minha mãe diz, sua voz chorosa abafada pela porta, os nós dos dedos batendo nela.

— Clara. — Jonah está falando agora. — Por favor abra a porta.

— Me deixe em paz!

Minha mãe está chorando. Eu posso ouvir Jonah se desculpando, mas está tão quieto que sei que ele não está se desculpando comigo. Ele está se desculpando com minha mãe.

— Apenas vá. — eu a ouço dizer. Os passos de Jonah desaparecem no corredor.

Ela bate na porta novamente. — Clara, *por favor*, abra a porta. Você não entende. É que... basta abrir a porta.

Apago minha luz.

— Vou para a cama! Eu não quero falar com você hoje à noite! Vai! Sai! — Caio na minha cama. As batidas contra a porta do meu quarto finalmente param. Nem mesmo dois minutos depois, ouço a porta da frente se fechar.

Minha mãe tenta mais uma vez fazer com que eu abra a porta, mas rolo para o lado e a ignoro, cobrindo meus ouvidos com um travesseiro. Depois de alguns minutos tentando regular minha respiração, solto o travesseiro. As batidas cessaram, espero que desta vez para sempre. Ouço a porta do quarto dela fechar do outro lado do corredor, o que significa que tenho até de manhã para me convencer a não matá-la.

Eu me empurro da cama. Começo a andar pelo meu quarto, minha pele zumbindo de raiva. *Como ela pôde fazer isso? Eles morreram há dois meses.*

Um pensamento rasga através de mim e me faz cair de volta na cama. Há quanto *tempo* ela faz isso?

Começo a pensar nas últimas semanas. Jonah esteve aqui tantas vezes desde que meu pai e tia Jenny morreram. Minha memória é despertada com uma perspectiva totalmente nova de cada momento – a noite em que eles estavam lá fora no escuro quando cheguei em casa, a noite em que ele veio consertar a porta, a desculpa que ele deu que precisava voltar no dia seguinte para terminar a porta. Naquela época, eles saíram de casa juntos e, quando eu olhei no aplicativo, ele mostrou que o telefone da minha mãe estava no Hotel Langford.

Isso foi apenas uma semana após a morte deles.

Sinto como se estivesse doente.

Há quanto tempo eles estão tendo um caso?

Eu me sinto tão idiota. Jonah está sempre perguntando sobre ela na aula – fingindo que é uma preocupação.

Elijah realmente teve febre esta manhã? Inferno, Jonah provavelmente passou a noite na noite passada e eu não fazia ideia porque estava no meu quarto. Isso explicaria por que ele estava aqui tão cedo. Por que minha mãe finalmente preparou o café da manhã pela primeira vez desde antes de meu pai morrer.

Rezo para que meu pai não tenha ideia. Todo esse tempo eu me sinto tão culpada por possivelmente ter arruinado a vida de todos, mas Jonah e minha mãe estão arruinando a vida de todos desde antes do acidente!

Como minha mãe pôde fazer isso com Jenny? Eu não tenho uma irmã, mas que tipo de humano faria isso com sua própria carne e sangue?

Eu a odeio muito agora. Eu a odeio tanto que ficaria bem se nunca mais falasse com ela.

Eu a odeio tanto que me sento na beira da minha cama e penso em todas as maneiras pelas quais posso me vingar do que eles estão fazendo com a nossa família.

Estou ficando sem maneiras de me rebelar. Eu usei drogas, consegui detenção, menti, perdi o toque de recolher. A única coisa que eu poderia fazer e que a incomodaria seria se eu fizesse sexo com Miller. Ela sempre me implorou que esperasse até os dezoito anos, o que provavelmente não faria, mas se soubesse que perdi minha virgindade aos dezesseis anos, e *para Miller Adams*, isso a destruiria.

Eu olho para o meu despertador. Ainda não são oito horas. Eu ainda tenho quatro horas para que isso aconteça antes do meu aniversário de amanhã. E eu realmente preciso de Miller agora, de qualquer maneira. Sua presença é muito calmante, e eu poderia usar algumas vibrações calmantes.

Pego meu telefone e ligo para Miller.

— Ei, — diz ele, respondendo imediatamente. — Você está bem?

— A que horas você sai do trabalho?

— Não por mais meia hora. Você ainda pode vir me dar um beijo de boa noite antes do seu toque de recolher, no entanto.

— Você vem à minha casa quando sair?

— Sua casa? — Ele faz uma pausa. — Você tem certeza?

— Sim, mas use a janela do quarto.

— Ah, estamos sendo sorrateiros? — Eu posso ouvir o sorriso em sua voz. — Ok, mas eu nunca estive dentro de sua casa. Não sei qual é a sua janela.

— Primeira janela, lado direito da casa.

— De frente para a casa?

— Sim. E... traga um preservativo.

Ele faz uma pausa por vários segundos.

— Você tem certeza?

— Positivo.

— Está... Clara, não precisamos.

— Você prometeu que não ia me convencer disso.

— Não sei se foi uma promessa. E eu assumi que levaria um tempo antes de nós...

— Eu mudei de ideia. Não quero esperar até o baile.

Ele está calado de novo. Então ele diz:

— Ok. Sim. Estarei aí em menos de uma hora.

Eu ligo o rádio para ajudar a abafar qualquer ruído que Miller ou eu possamos fazer.

Acendo duas velas e coloco uma na minha cama e outra na janela para que ele possa percorrer meu quarto escuro. Tomo banho enquanto espero por ele. Eu tento enxugar todas as minhas lágrimas antes que ele apareça. Surpreendentemente, não há muitas. Estou com muita raiva de chorar, acho. Eu não sabia que era capaz de atingir esse nível de raiva, mas já o atingi, e pode até haver espaço para *mais* raiva. Quem sabe? Acho que vou ver do que sou realmente capaz quando minha mãe e eu ficarmos cara a cara amanhã.

Saio do chuveiro e enrolo uma toalha em volta de mim. Seco um pouco o cabelo para que não fique molhado. Aplico um pouco de rímel e belisco minhas bochechas porque estou pálida agora. Perceber que sua própria mãe não é a pessoa que você pensou que ela era pode realmente drenar a cor do seu rosto.

Estou procurando brilho labial quando ouço um leve toque na minha janela. Corro para o meu armário para encontrar algo para

vestir, mas depois me lembro por que Miller está aqui em primeiro lugar. Ele está aqui para me deixar nua. A toalha vai ficar bem.

Abro a janela do meu quarto enquanto Miller tira a tela. Quando ele entra, ele olha ao redor do quarto antes de olhar para mim. Quando seus olhos finalmente pousam em mim, eu posso ver sua percepção afundar. Tenho certeza que até esse momento, ele não achou que eu estava falando sério. sobre perder minha virgindade com ele hoje à noite. Mas agora que estou em pé na frente dele, vestindo nada além de uma toalha, sua reação se torna física.

Ele morde o punho e estremece quando me olha da cabeça aos pés.

— Puta *merda*, Clara.

Eu rio, mas ainda estou com muita raiva. Eu não quero que ele sinta meu humor, no entanto. Eu preciso sacudi-lo por tempo suficiente para acabar com isso.

Miller segura meu rosto em suas mãos.

— Você está absolutamente certa de que é isso que você quer? — Ele está sussurrando, graças a Deus. A última coisa que preciso é que minha mãe arruine essa parte da minha vida também.

Eu concordo.

— Sim.

— E sua mãe? Onde ela está?

— Ela está no quarto dela. Minha porta está trancada. Nós ficaremos quietos. Além disso, minha música está ligada, para que ela não nos ouça.

Miller assente, mas ele parece nervoso. Eu não esperava que ele estivesse nervoso.

— Me desculpe, continuo perguntando se você tem certeza. Eu só não esperava que isso acontecesse por um tempo, então...

— Setenta por cento dos casais fazem sexo no primeiro encontro. Acho que fomos muito pacientes.

Miller ri baixinho.

— Você acabou de criar uma estatística falsa para tentar entrar nas minhas calças?

— Funcionou?

Ele puxa a camisa por cima da cabeça e ela cai no chão.

— Teria funcionado *sem* a estatística falsa. — Ele me beija então. Um beijo de corpo inteiro - do tipo em que nossas pernas, corpos e braços são pressionados juntos, tão próximos que nem o ar pode passar entre nós. Ele me apoia na minha cama, mas para antes que minhas pernas encontrem meu colchão.

Seu beijo tornou isso real. Antes, quando minha raiva alimentava minhas ações, eu sentia que isso provavelmente não aconteceria. Mas agora que ele está aqui e sua camisa está no meu chão e eu só estou usando uma toalha e estamos prestes a ficar na minha cama, é muito real. Estou prestes a fazer sexo com Miller Adams.

E eu estou pronta. *Eu acho que estou.*

Se minha mãe soubesse o que estava acontecendo a apenas três metros do corredor do quarto, isso a destruiria.

Sim. Eu estou definitivamente pronta.

Minha raiva me leva a largar minha toalha. Quando o faço, Miller suspira e olha para o teto. Estou confusa que ele esteja olhando para o teto e não para mim.

— Estou aqui embaixo.

Suas mãos se movem para os meus quadris, e ele apenas as descansa lá, ainda olhando para cima.

— Eu sei. Eu só... Acho que estou acostumado a fazer sexo como beisebol. Você sabe, muitas bases para as quais tenho que chegar antes de fazer o gol. Sinto que estou trapaceando no jogo.

Isso me faz rir.

— Você acertou um home run, Miller. É sua noite de sorte.

Ele finalmente abaixa a cabeça, mas ele apenas olha para o meu rosto.

— Fique debaixo das cobertas.

Eu sorrio e subo debaixo das cobertas enquanto ele tenta desviar os olhos o tempo todo.

Ele começa a subir debaixo das cobertas comigo, mas eu o paro.

— Tire suas calças primeiro.

Ele inclina a cabeça.

— Por que estamos com tanta pressa?

— Porque sim. Não quero mudar de ideia.

— Talvez seja um sinal de que você não está pronta ainda.

Deus, por que ele não pode ser como os outros caras e ser um completo idiota sobre isso?

— Estou pronta. Estou muito pronta.

Ele se concentra no meu rosto por um momento, como se estivesse procurando um pedaço de mim mentindo para ele. Ele esquece que ótima atriz eu sou. Ele finalmente se levanta e desabotoa as calças, depois as retira. Ele está usando uma cueca com abacaxi por toda parte.

— Sexy.

Ele sorri.

— Pensei que você poderia gostar disso.

Eu levanto as cobertas, e ele desliza na minha cama comigo, mas depois levanta um dedo.

— Um segundo. — Ele rola e chega ao chão para pegar seu jeans. Quando ele rola de volta, ele está segurando quatro preservativos, como se a escolha fosse toda minha.

— Peguei eles no Valero na esquina. Eles têm sabor de frutas.

— Por que eles têm sabor? Os preservativos são comestíveis?

Minha pergunta faz Miller rir.

— Não. É para... — Ele de repente cora. — Você sabe. Se você colocar a boca lá.

Sua resposta me deixa vermelha. Minha pergunta mostra o quão inexperiente eu sou. O mais longe que eu já fui com um cara é quando Miller tirou minha camisa e ficamos na cama dele por uma hora.

Pego o preservativo com sabor de laranja da mão de Miller e coloco na mesa de cabeceira.

— Laranja não. Vai estragar o momento. Nem acredito que você trouxe isso para minha casa.

Ele ri.

— Desculpe. Era uma máquina de venda automática no banheiro masculino. Não escolhi o que saiu dela. Miller pega um dos preservativos restantes e joga os outros dois na mesa de cabeceira

com o laranja. Quando ele se volta para mim, ele desliza o braço sob as cobertas e me puxa contra ele.

Isso me assusta. A sensação de sua pele contra a minha. Saber que sua cueca é a única coisa que nos separa agora. Ele envolve uma perna em cima de mim, e parte de mim está triste por estar me apressando, porque era legal ficar com ele em casa. Mas isso é diferente. Isso não é tão íntimo, porque muitos passos estão sendo ignorados, e eu sei disso, mas sinto que estou muito longe para mudar de idéia. Eu enterro meu rosto na fenda do pescoço dele porque não quero que ele olhe para mim. Eu tenho medo do que ele verá quando olhar nos meus olhos.

— Eu não tenho que colocar ainda, — ele sussurra. — Nós podemos fazer outras coisas primeiro. Quero dizer... tecnicamente, eu nem sequer toquei no seu peito ainda.

Agarro sua mão e deslizo sobre meu estômago, até meu peito. Ele geme, e então é ele quem enterra o rosto no *meu* pescoço.

— Vamos acabar com a parte difícil primeiro. Então podemos fazer outras coisas. — sussurro.

Miller assente, depois se afasta e me beija suavemente. Eu posso senti-lo tirando sua cueca boxer enquanto ele me beija. Ele se afasta dos meus lábios enquanto coloca a camisinha, mas mantém sua boca perto da minha. Sua respiração bate contra mim em pequenos surtos.

Quando ele rola em cima de mim, ele está olhando para mim com os olhos cheios de tantas coisas. Saudade, apreciação, admiração. Quero sentir todas as coisas que ele está sentindo quando nos experimentamos pela primeira vez, mas tudo que sinto é traição.

Mentira. *Estúpida*.

— Relaxe um pouco mais, — diz ele. — Vai doer menos se você não estiver tão tensa.

Tento relaxar, mas é difícil quando tudo que consigo pensar é em como sinto pena de Jenny. E do meu pai. E como é a primeira vez que espero que uma vida após a morte não exista. Pelo menos não onde Jenny e papai possam ver como Jonah e minha mãe estão sofrendo por eles.

Os lábios de Miller encontram os meus, e sou grata pela distração. Então outra coisa me distrai. Há uma dor e uma pressão entre minhas pernas quando ele começa a me empurrar, e depois uma dor ainda mais profunda, juntamente com uma corrente de ar passando pelos lábios de Miller.

Eu estremeço. Ele para de se mover e me beija suavemente no canto da minha boca.

— Você está bem?

Eu concordo.

Ele está me beijando novamente, e desta vez quando ele empurra contra mim, eu sinto que isso acontece. É um sentimento significativo, como se houvesse uma barreira dentro de mim nos mantendo separados, mas essa barreira se foi e Miller está se movendo contra mim agora e *eu perdi minha virgindade*.

É especial e não.

É ao mesmo tempo doloroso e não.

Eu me arrependo e não.

Fico quieta, minhas mãos nas costas dele, minhas pernas em volta das dele. Eu gosto da sensação dele contra mim, embora não tenha certeza se gosto da sensação do que está acontecendo como um todo. Meu coração não está nisso, o que significa que meu corpo está lutando para estar nisso. Ele está sendo gentil e doce, e os sons que ele está fazendo são extremamente sexy, mas eu não sinto isso na minha alma. Minha alma está muito cheia de ressentimento para permitir espaço para o que está acontecendo agora.

Parte de mim gostaria de ter esperado. Mas teria sido com Miller independentemente.

No grande esquema das coisas, arrastá-lo por mais alguns meses faria alguma diferença?

Provavelmente.

Tudo bem, *tudo* de mim gostaria de ter esperado. Eu me sinto mal por ter me apressado.

Sinto-me mal por minha raiva ter alimentado essa decisão precipitada. Mas Miller parece estar se divertindo, então é isso, pelo menos.

Talvez eu realmente não sinta o que esperava neste momento, porque percebi hoje à noite que o amor é cheio de tanta feiúra e traição e talvez eu não queira nada com isso. O que acho que sinto por Miller é o que Jenny provavelmente sentiu por Jonah e o que meu pai provavelmente sentiu por minha mãe, e veja onde isso os levou.

A boca de Miller está no meu pescoço agora. Uma das mãos dele está agarrando minha coxa, e eu meio que gosto da posição em que estamos. Talvez da próxima vez que estivermos nessa posição, doa menos, tanto física quanto emocionalmente. Talvez eu realmente aprecie o quanto ele gosta da próxima vez que acontecer. Talvez *eu* realmente goste.

Mas agora, não estou gostando de nada. Minha mente não para de ir para lá. Suas ações me fazem não acreditar no que Miller e eu sentimos um pelo outro, e isso me deixa triste. Dói porque eu quero acreditar em Miller e eu. Eu quero acreditar no jeito que ele olha para mim, mas eu vi minha mãe olhar para meu pai assim, então isso significa alguma coisa? Quero acreditar em Miller quando ele diz que nunca desejou alguém como ele me deseja, mas quanto tempo isso será verdade? Até que ele fique entediado comigo e encontre uma garota que ele anseia mais do que eu? *Graças a Deus eu não tenho uma irmã para ele se apaixonar.*

Eu puxo Miller para mais perto, querendo meu rosto escondido contra sua pele. Eu odeio ter esses pensamentos, *especialmente* agora, mas Miller é a única coisa na minha vida que me faz feliz desde que eles morreram, e agora estou com medo de que minha mãe e Jonah tenham arruinado isso. Não apenas estou questionando eles, e agora Miller, mas estou questionando toda a idéia estúpida de monogamia e a validade do amor e pensando em como perder minha virgindade realmente *não é tão* especial. Porque se o amor não é real, o sexo é apenas sexo, não importa se é a primeira vez, ou a quinquagésima ou a última.

É apenas uma parte do corpo dentro de outra parte do corpo. Grande negócio.

Talvez seja por isso que as pessoas acham tão fácil trapacear: porque o sexo é realmente irrelevante. Não é diferente de duas

peessoas apertando as mãos. Talvez fazer sexo com seu namorado pela primeira vez signifique tão pouco quanto fazer sexo com o noivo de sua irmã morta.

— Clara? — Miller diz meu nome entre respirações pesadas. Entre movimentos. Então ele para.

Abro os olhos e me afasto do pescoço dele, deixando minha cabeça cair no meu travesseiro.

— Estou machucando você?

Balanço a cabeça.

— Não.

Ele tira o cabelo do meu rosto e passa o polegar pela minha bochecha molhada.

— Porque você está chorando?

Eu não quero falar sobre isso. Especialmente agora. Balanço a cabeça.

— Não é nada. — Eu tento puxá-lo contra mim novamente, mas ele se separa de mim e depois sai de cima de mim. Sinto-me estranhamente vazia agora.

— Eu fiz algo errado? — Ele pergunta.

Eu odeio a preocupação em seus olhos. Eu odeio que ele esteja pensando que qualquer parte da minha reação tem alguma coisa a ver com ele, então balanço firmemente a cabeça.

— Não. Não é você, eu juro.

Ele parece aliviado, mas apenas por uma fração de segundo.

— Então, o que é? Você está me assustando, — ele sussurra.

— Não é você. É a minha mãe. Tivemos uma discussão muito ruim hoje à noite, e eu estou apenas... — Limpo as lágrimas com as mãos. Estou tão brava com ela. Estou com *tanta* raiva e não sei como processar. Rolo de lado para poder encará-lo. — Ela e Jonah estão tendo um caso.

Miller se afasta um pouco, chocado.

— *O que?*

Concordo e vejo a simpatia em sua expressão. Ele coloca uma mão suave no lado da minha cabeça.

— Antes, quando cheguei em casa, eu os encontrei na cozinha. Eu fiquei com tanta raiva. É o mais irritada que já estive na minha

vida, e acho que posso realmente odiá-la.

Tipo... Estou tendo todos esses pensamentos sobre o quanto ela traiu meu pai e minha tia.

Não consigo parar de pensar em tudo o que posso fazer para vingá-la e puni-la, porque tudo em que consigo pensar é como ela merece sofrer também. — Eu levanto meu cotovelo. — Eles não se foram há tempo suficiente para ela estar pensando em alguém que não seja meu pai. É por isso que tenho certeza de que isso estava acontecendo *antes* do acidente.

Miller fica quieto por um momento, olhando para mim com um olhar perplexo, provavelmente sem saber como me confortar quando estou tão chateada. Ele cai de costas e olha para o teto.

— É por isso que você me chamou aqui? — Sua voz tem uma ponta afiada, mesmo que ainda seja um sussurro. — Porque você está com raiva de sua *mãe*?

Sua reação é impressionante. Estendo a mão e coloco minha mão em seu peito, mas ele agarra meu pulso e o empurra para longe dele. Ele se vira e senta na beira da cama, de costas para mim.

— Não. Miller, *não*. — Estou dizendo não, mas essa palavra é uma mentira, e nós dois sabemos disso. Coloco a mão em seu ombro, mas ele se encolhe quando eu o toco. Ele se levanta e ouço o estalo da camisinha quando ele a puxa e a joga com raiva na lata de lixo ao lado da minha cama. Ele desliza a cueca e depois entra no jeans. Ele nem sequer olha para mim.

— Miller, eu juro. Não foi por isso que te chamei aqui.

Ele está andando pelo meu quarto.

— Por que você me ligou, então? Você não estava pronta para que isso acontecesse hoje à noite. — Ele pega sua camisa e finalmente olha para mim. Espero ver raiva nos olhos dele, mas tudo que vejo é dor.

Estou sentada na cama, o cobertor puxado para o meu peito.

— Eu *estava*, no entanto. Eu juro. Queria estar com você. Por isso liguei para você.

Estou tentando desesperadamente me recuperar, mas acho que arruinei isso. Isso está me assustando.

Ele dá um passo à frente, acenando com a mão na minha direção.

— Você está chateada com sua *mãe*, Clara. Você não me queria – queria vingança. Eu sabia que você não estava pronta. Foi estranho... isso foi... — Ele libera uma corrente frustrada de ar.

Eu uso o lençol para limpar algumas das minhas lágrimas.

— Liguei para você porque estava chateada, sim. Mas estar tão chateada é o que me fez querer estar com você.

Ele já está com a camisa na cabeça, mas faz uma pausa enquanto a puxa sobre o peito.

— Eu teria vindo, Clara. Sem sexo. Você sabe disso.

Por que não consigo parar de ofendê-lo? Não quero machucá-lo, mas é tudo o que estou fazendo agora.

Ele reabre a janela, e a última coisa que quero que ele faça é sair. Eu não quis machucá-lo. Eu não pretendia arrastá-lo para isso. Mas não quero que ele me deixe em paz agora.

— Miller, espere. — Ele está prestes a sair pela janela, então eu imploro com ele novamente, movendo-me para a beira da minha cama, ainda enrolada no meu cobertor. — *Por favor*. Não foi pessoal. Eu juro.

Essas palavras o afastam da janela e de volta para a cama. Ele se abaixa na minha frente e segura meu rosto com as duas mãos.

— Você está certa. É por isso que estou tão chateado com você. A única coisa que deveria ser a *mais* pessoal para nós não era pessoal.

Suas palavras rasgam através de mim, e um soluço alto sai do meu peito. Não acredito que fiz isso. Parece que eu me inclinei ao nível da minha mãe. Miller me libera e começa a sair pela janela, e eu cubro minha boca com as duas mãos, incapaz de impedir que os sentimentos rasgem através de mim. Não é apenas o que eu fiz para Miller. É tudo. Eu sinto *tudo*. Sinto a perda de Jenny, a ausência de meu pai e a culpa por como eles morreram, a traição de minha mãe e a dor que causei a Miller, e é tanta coisa de uma só vez que acho que não consigo mais fazer isso... Subo de volta à minha cama e enterro o rosto no travesseiro, mas eu realmente só quero puxar as cobertas sobre a cabeça e fechar os olhos e nunca

mais sentir isso. É muito. Não é justo. Não é justo, não é justo, não é justo.

Sinto o colchão mergulhar ao meu lado e, quando rolo em sua direção, ele passa os braços em volta de mim e me puxa contra ele. Isso me faz chorar ainda mais.

Eu tento dizer a ele que sinto muito, mas estou chorando tanto que nem consigo expressar as palavras. Miller pressiona os lábios macios contra o lado da minha cabeça, e eu luto para dizê-lo, mas a única palavra que tenho certeza que ele consegue entender é *arrepentida* entre soluços.

Ele não me diz que está tudo bem ou que ele me perdoa. Ele não diz nada. Ele passa os próximos minutos silenciosamente me confortando enquanto eu choro.

Meu rosto está pressionado contra seu peito – enterrado profundamente em sua camisa.

Quando finalmente consigo encontrar minhas palavras novamente, eu as uso. De novo e de novo.

— Eu sinto muito. Eu sinto muito. Você está certo e eu me sinto péssima. — Minhas palavras são abafadas contra ele. — Eu sinto muito.

Ele está segurando delicadamente a parte de trás da minha cabeça.

— Eu sei que você se sente mal, — ele sussurra. — Eu perdoo você. Mas ainda estou bravo com você.

Apesar de suas palavras, ele pressiona um beijo no meu cabelo, e isso é todo o perdão que preciso dele agora. Ele *deveria* estar bravo comigo. Eu não o culpo. *Estou* brava comigo.

Ele fica comigo por um tempo, mas quando não estou mais chorando, ele se afasta e olha para mim, passando a mão na minha bochecha.

— Eu provavelmente deveria ir. Está ficando tarde.

Balanço a cabeça e olho suplicante em seus olhos.

— Por favor não. Não quero ficar sozinha agora.

Eu posso ver os três segundos de contemplação girando em seus olhos antes que ele concorde. Então ele se senta na cama e

tira a camiseta. Ele a tira do avesso e então se aproxima e desliza sobre minha cabeça.

— Vista isso.

Enfio os braços na camiseta e, com as cobertas ainda em cima de mim, coloco a camiseta sobre os quadris.

Não está perdido para mim que, mesmo depois de tudo o que aconteceu hoje à noite, ele ainda não me viu nua. Ele nem olhou quando eu larguei minha toalha.

Ele desliza sob as cobertas comigo e me puxa para ele, de modo que minhas costas estão pressionadas contra seu peito. Nós compartilhamos um travesseiro. Nós estamos de mãos dadas. E, finalmente, nós dois adormecemos, com raiva de pessoas diferentes, mas ambos machucados da mesma maneira.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

MORGAN

Eu pensei que lavar mamadeiras enquanto orava pelo Armagedom era o fundo do poço, mas talvez eu estivesse errada. Eu acho que isso pode ser o fundo do poço.

O que as pessoas fazem quando atingem o fundo do poço? Esperam até alguém jogar uma corda para eles? Murcham a pele e os ossos até os abutres chegarem e encontrá-los?

Estou na minha cama, onde estive desde a noite passada, exceto que desisti de tentar dormir. Agora que o sol está prestes a nascer, não vejo o sentido.

Fui até o quarto de Clara mais algumas vezes, mas nem me incomodei em tentar bater.

Ela aumentou sua música para me afastar, então eu decidi dar a ela a noite para me odiar antes de tentar pedir perdão.

Talvez esperar para começar a terapia fosse uma má ideia. Eu pensei que seria melhor esperar alguns meses – deixar as partes mais difíceis da dor se acalmarem. Mas, obviamente, isso foi um erro. Eu preciso falar com alguém. Clara e eu *ambas* precisamos falar com alguém. Não sei se isso é algo que podemos consertar por conta própria.

Eu não quero falar com Jonah sobre isso, porque ele vai se desculpar e me dizer que vai ficar tudo bem e me garantir que vai melhorar. E talvez sim. Talvez venha uma chuva que inundará o poço em que estou, e eu possa flutuar até o topo e subir. Ou pelo menos me *afogar*. Qualquer um deles parece atraente.

Mesmo se começarmos a terapia imediatamente, nada mudará o que aconteceu ontem à noite. Nada vai mudar o fato de que minha

filha viu sua mãe beijando o melhor amigo de seu pai morto logo após sua morte. É insondável. Imperdoável.

Todos os conselheiros, terapeutas, conversas e livros de auto-ajuda do mundo nunca tirarão essa imagem da cabeça dela.

Estou completamente mortificada. Envergonhada.

E não importa quantos textos ele me envie – *sete desde que ele saiu daqui ontem à noite* – não vou falar com Jonah novamente. Não por muito tempo. Eu não o quero na minha casa. Não gosto do que a presença dele faz comigo. Não gosto da pessoa em que me transforma. Beijá-lo na noite passada foi um dos maiores erros que já cometi, e eu sabia disso antes mesmo de deixar seus lábios tocarem os meus. Ainda assim, eu fiz. Eu permiti.

E a pior parte é que eu *queria*. Eu quero isso há muito tempo. Provavelmente desde o dia em que o conheci.

Talvez seja por isso que me sinto um pedaço de merda agora, porque sei que se Jonah não tivesse ido embora todos esses anos atrás, poderíamos ter acabado na mesma posição que Jenny e Chris. Esgueirando-se, traindo nossos cônjuges, mentindo para nossas famílias.

Minha raiva por eles não diminuiu desde a noite passada. Acabei de desenvolver uma nova raiva que é igualmente intensa, mas desta vez é direcionada a mim mesma. Não há uma lição de vida que eu possa ensinar a Clara neste momento que não me faça parecer hipócrita. Sinto que qualquer coisa que eu disser a ela a partir de agora não significará nada para ela. E talvez não deva. Quem sou eu para criar um humano? Quem sou eu para ensinar moral a alguém? Quem sou eu para ajudar a guiar outra pessoa na vida quando estou usando os olhos vendados e correndo na direção errada?

Dou um pulo na cama quando ouço uma batida na minha porta. Então me ajude Deus, se é Jonah Sul ivan, eu vou ficar chateada.

Tiro minhas cobertas e visto meu roupão. Eu nem tive a chance de falar com Clara ainda, então até falar com ela, eu não quero nem me incomodar em conversar com Jonah.

Corro pela casa para chegar à porta antes que ele a acorde.

Abro, mas dou um passo para trás quando vejo a sra. Nettle em pé no meu pátio com a porta de tela aberta.

— Apenas verificando se você está viva, — diz ela. — Acho que sim. — Ela solta a porta da minha tela e ela se fecha contra a moldura. Eu falo através disso.

— Por que você estava assumindo que eu estaria morta?

Ela continua andando, mancando com a bengala.

— Há uma tela de janela no chão, ao lado da sua casa. Pensei que alguém poderia ter invadido e assassinado você ontem à noite.

Eu a observo até que ela chegue ao seu jardim, garantindo que ela não caia. Então eu fecho a porta e a tranco. *Ótimo*. Uma tela de janela quebrada. Outra coisa que Chris teria resolvido se ele ainda estivesse vivo.

Estou entrando no meu quarto quando paro.

Eu tinha a idade de Clara uma vez. As telas das janelas não caem sozinhas. *Ela escapou ontem à noite?*

Eu giro e vou direto para o quarto dela. Eu nem bato porque ela provavelmente nem está lá dentro para me responder. Empurro a porta, mas está trancada. É apenas uma daquelas travas de gancho que podem ser facilmente levantadas e contornadas. Eu odeio estar recorrendo a invadir o quarto dela, mas preciso ver se ela realmente se foi antes de eu me vestir e ir encontrá-la.

Pego um cabide do meu armário e deslizo o cabide pela fenda da porta até que ela trava. Quando ele se solta, eu empurro a porta, mas ela não abre imediatamente. Ela se barricou em seu quarto?

Deus, ela pode estar mais irritada do que eu pensava.

Eu empurro meu quadril contra a porta, movendo o que ela empurrou contra ela. Abro a porta alguns centímetros e espio dentro.

Eu solto um grande suspiro de alívio. Ela ainda está dormindo. Ela não escapou. Ou se ela fez, ela está em casa agora, e isso é a coisa mais importante.

Começo a fechar a porta, mas paro quando vejo movimento. Um braço envolve o estômago de Clara. *Um braço que não é dela.*

Jogo meu corpo inteiro contra a porta para abri-la. Clara se senta na cama, assustada.

Miller também.

— Que *diabos*, Clara?

Miller está de pé agora, lutando para calçar os sapatos. Ele alcança a mesa de cabeceira e pega camisinhas, empurrando-as no bolso da calça jeans como se estivesse tentando escondê-las antes de eu vê-las, mas eu *definitivamente* as vi, e estou com raiva, e quero ele fora da minha maldita casa, agora.

— Você precisa sair.

Miller está assentindo. Ele olha para Clara com os olhos cheios de desculpas.

Clara cobre o rosto.

— Oh, meu Deus, isso é tão embaraçoso.

Miller começa a dar a volta na cama, mas depois faz uma pausa e olha para Clara, depois para mim, depois para Clara e depois para o peito nu. É quando eu percebo que Clara está vestindo a camisa dele.

Ele espera que ela devolva a ele? Ele é um idiota? *Ele é. Ela está namorando um idiota.*

— Saia!

— Espere, Miller, — diz Clara. Ela pega a camisa que estava vestindo ontem do chão e vai até o armário. Ela se fecha para dentro para poder trocar de camisa. Miller parece que não sabe se deve ouvi-la e esperar por sua camisa ou correr antes que eu o mate. Para sua sorte, Clara leva apenas alguns segundos para se trocar.

Ela abre a porta e entrega a camisa para ele.

Miller puxa a camisa, então eu grito com ele novamente, desta vez com mais força.

— *Saia!* — Eu olho para Clara, vestindo apenas uma camiseta que mal cobre a bunda. — Vista-se!

Miller corre para a janela e começa a abri-la. *Ele realmente é um idiota.*

— Apenas use a porta da frente, Miller! *Jesus!*

Clara agora está enrolada no lençol, sentada na cama, cheia de raiva e vergonha. *Isso nos faz duas de nós.*

Miller passa por mim nervosamente, olhando para Clara.

— Vejo você na escola? — Ele sussurra, como se eu fosse incapaz de ouvi-lo. Clara assente.

Honestamente. Ela poderia levar qualquer cara para o quarto dela, e esse é o cara que ela escolheria?

— Clara não vai para a escola hoje.

Clara olha para Miller quando ele chega ao corredor.

— Sim, eu vou.

Eu olho para Miller.

— Ela não estará lá. Adeus.

Ele gira e sai. *Finalmente*.

Clara joga o lençol fora e alcança o chão para pegar o jeans que ela usava ontem.

— Você não pode me deixar de castigo da escola.

Minha preocupação sobre se eu tenho o direito de ser pai dela é inexistente agora, graças à minha raiva. Ela não vai a lugar nenhum hoje.

— Você tem dezesseis anos. Eu tenho todo o direito de impedi-la de qualquer inferno que eu queira impedi-la. Olho ao redor do quarto dela, procurando pelo telefone para que eu possa confiscar.

— Na verdade, *mãe*. Tenho dezessete anos. — Ela enfia uma perna no jeans. — Mas eu acho que você estava muito ocupada com Jonah para lembrar que hoje é meu aniversário.

Merda.

Eu estava errada.

Este é o fundo do poço. Tento me recuperar resmungando:

— *Não esqueci.* — mas é óbvio que sim.

Clara revira os olhos enquanto abotoa o jeans. Ela caminha para o banheiro e volta com a bolsa.

— Você não está indo para a escola assim. Você vestiu essas roupas ontem.

— Observe. — diz ela, passando por mim.

Estou pressionada contra a moldura da porta do quarto dela enquanto a vejo caminhar pelo corredor. Eu deveria estar correndo atrás dela. Isso não está bem. Esgueirar um garoto para o quarto dela *não* está bem. Fazer sexo com um cara que ela acabou de começar a namorar *certamente* não está bem. Há muita coisa

errada aqui, mas tenho medo de que esteja além das minhas habilidades parentais. Eu nem sei o que dizer a ela, ou como puni-la, ou se eu tenho o *direito de* fazê-lo neste momento.

Eu ouço a porta da frente bater e eu me encolho.

Seguro minha cabeça e deslizo para o chão. Uma lágrima escorre pela minha bochecha e depois outra. Eu odeio isso, porque isso significa que uma forte dor de cabeça vai seguir.

Eu tenho dores de cabeça todos os dias desde o acidente, graças às lágrimas.

Desta vez, eu mereço a dor de cabeça. É como se minhas próprias ações tivessem dado permissão à rebelião dela. *Elas deram*. Ela nunca mais vai me respeitar. Uma pessoa não pode aprender com alguém que não respeita. Simplesmente não funciona assim.

Eu posso ouvir o som fraco do meu telefone tocando no corredor. Tenho certeza de que é Jonah, mas parte de mim se pergunta se poderia ser Clara, mesmo que ela nem tenha tido tempo de sair da garagem. Corro para o meu quarto, mas não reconheço o número.

— Olá?

— Sra. Grant?

Pego um lenço de papel e limpo o nariz.

— É ela.

— Eu sou o técnico que consertará sua TV a cabo hoje. Eu só queria que você soubesse que alguém precisará estar em casa das nove às cinco para que eu possa ter acesso para fazer os reparos.

Eu afundo na cama.

— Sério? Você espera que eu fique nesta casa o dia inteiro?

Há uma pausa. Ele limpa a garganta e diz:

— É apenas política, senhora. Não podemos entrar em uma residência vazia.

— Entendo que é política alguém estar aqui, mas você não pode me dar uma janela de tempo menor? Talvez duas horas? Três?

— É difícil para nós identificar um horário específico, pois cada reparo varia em necessidade.

— Sim, mas vamos lá. Um dia inteiro? Por que eu tenho que ficar em casa por oito *malditos* horas? — *Oh meu Deus. Estou xingando o técnico de cabo.* Balanço a cabeça, pressionando a palma da mão na testa. — Você sabe o que? Apenas cancele. Eu nem quero cabo. Ninguém tem mais cabo. De fato, você provavelmente deveria começar a procurar outras carreiras, porque aparentemente ser técnico em cabos não é mais sustentável.

Termino a ligação e depois jogo meu telefone na cama e fico olhando para ele.

OK. OK. *Este* é o fundo do poço. Este é *definitivamente* o fundo do poço.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CLARA

Chego à escola meia hora mais cedo. Existem apenas alguns veículos no estacionamento dos estudantes, e a caminhonete de Miller nem sequer é um deles. Não há como entrar cedo na sala de aula de Jonah, então eu puxo a alavanca no meu assento e me inclino para trás.

Eu não vou chorar.

Na verdade, nem estou com raiva agora. Se alguma coisa, eu estou entorpecida. Tanta coisa aconteceu nas últimas doze horas que sinto que meu cérebro deve ter uma válvula de fechamento de emergência. Eu não estou triste por isso. Prefiro esse sentimento de dormência à raiva que tive ontem à noite e ao constrangimento que tive nesta manhã, quando minha mãe foi tão rude com Miller.

Entendi. Coloquei um garoto no meu quarto. Eu fiz sexo. Isso é realmente uma merda, mas ela perdeu seu privilégio na noite passada para me dizer o que é e o que não é um comportamento de merda.

Eu estremeço com a batida na janela do meu passageiro. Miller está parado ao lado do meu carro e eu não me sinto mais insensível porque vê-lo dá um pouco de vida de volta a mim. Ele abre a porta e se senta, me entregando um café.

Ele nunca pareceu tão bem. Claro, ele está cansado, e nenhum de nós escovou os dentes ou o cabelo, e estamos vestindo as mesmas roupas que usamos ontem, mas ele está tomando café e olhando para mim como se não me odiasse, e isso é uma coisa linda.

— Achei que você poderia precisar de cafeína — diz ele.

Tomo um gole e saboreio o calor contra a minha língua e o doce caramelo escorrendo pela minha garganta. *Não sei por que demorei tanto para apreciar o café.*

— Pelo que vale a pena... feliz aniversário?

Ele diz isso como uma pergunta. Eu acho que é.

— Obrigada. Mesmo que este seja o segundo pior dia da minha vida.

— Acho que ontem foi o segundo pior dia da sua vida. Hoje ainda tem chance de melhorar.

Tomo outro gole e agarro sua mão, apertando-a, deslizando meus dedos pelos dele.

— O que aconteceu depois que eu saí? Ela te castigou?

Eu rio disso.

— Não. E ela não vai.

— Você me colocou no seu quarto ontem à noite. Não tenho certeza de como você pode sair dessa, mesmo que *seja* seu aniversário.

— Minha mãe é mentirosa, trapaceira e um péssimo exemplo para mim. Decidi esta manhã que não estou mais seguindo as regras dela. Ficarei melhor apenas me levantando.

Miller aperta minha mão. Eu posso dizer que ele não gosta do que estou dizendo, mas ele não me impede de me sentir assim. Talvez ele pense que eu só preciso de tempo para me acalmar, mas o tempo não vai ajudar. Eu estou acabada com ela.

— O que Lexie disse quando você contou a ela o que aconteceu?

Olho para ele, erguendo uma sobrancelha.

— Lexie?

Ele assente, bebendo seu café.

— Merda! Lexie! — Eu ligo o carro. — Eu esqueci de buscá-la.

Miller ri.

— Bem, em sua defesa, você teve uma manhã agitada. — Ele se inclina e me beija. —

Vejo você no almoço.

Eu o beijo de volta.

— OK.

Ele agarra a maçaneta da porta e sai do carro. Aperto o braço dele, precisando dizer mais uma coisa. Quando ele cai de volta em seu assento e olha para mim, levanto minha mão para o lado de sua cabeça, sem saber quais palavras usar para transmitir o quanto sinto muito pela noite passada. Olho para ele, meu coração cheio de remorso, mas parece que esqueci como verbalizar alguma coisa neste momento.

Miller se inclina para frente e pressiona sua testa na minha. Eu fecho meus olhos, e ele permanece lá por um momento. Ele coloca a mão na parte de trás do meu pescoço e acaricia.

— Está tudo bem, Clara, — ele sussurra. — Eu prometo. — Seus lábios encontram brevemente minha testa antes que ele saia do meu carro e feche a porta.

Estou plenamente ciente de que movimento idiota foi ontem à noite. Eu ainda estou mortificada por isso. Tanto que eu já sei que não estou dizendo a Lexie o que aconteceu entre Miller e eu. Eu nunca direi a ninguém. E espero que um dia refaçamos esse momento, porque certamente fiz um ótimo trabalho em arruiná-lo.



Eu estava tão cedo na escola que, quando finalmente cheguei à casa de Lexie, ela nem sabia que eu a tinha esquecido. Ela saiu de casa com um presente embrulhado e um balão de gás helio que dizia “Fique bem logo.”

Ela faz muito isso. Aguarda até o último minuto até que seja tarde demais para encontrar o cartão, balão ou papel de embrulho apropriado. Metade das coisas que ela me dá normalmente é embrulhada em papel de Natal, independentemente da época do ano.

Ainda não acredito que minha mãe esqueceu meu aniversário. Pelo menos Miller e Lexie se lembraram.

Mesmo que eu tenha dezessete anos apenas por algumas horas, tenho orgulho da minha recém-descoberta maturidade. Quando entrei na sala de aula de Jonah, meia hora atrás, cheguei ao meu lugar sem socá-lo. Mesmo quando ele me disse bom dia.

Mesmo quando sua voz falhou quando ele disse. Eu nem fiz contato visual com ele.

Ele está dando palestras há cerca de vinte minutos, e eu não fiz uma única coisa que fantasiei em fazer durante os vinte minutos que estive na aula dele. Eu queria gritar com ele, chamá-lo de adúltero, contar a toda a turma o caso dele com minha mãe, invadir o sistema de interfone para contar a escola toda.

Mas eu não fiz nada disso e tenho orgulho de mim mesma por isso. Eu permaneci extremamente calma e composta, e enquanto eu mantiver meus olhos longe dele, acho que posso conseguir passar por toda a classe e escapar sem um confronto.

Dezessete fica bem em mim. Agora sou praticamente adulta, graças a Deus, porque não posso mais contar com minha mãe para me criar.

Lexie: Efren está crescendo em mim. Vou ter minha primeira sexta-feira de folga desde que conversamos e ele acabou de perguntar se eu queria ir a um encontro.

Eu sorrio quando leio sua mensagem.

Eu: O que você disse a ele?

Lexie: Eu disse que não.

Eu: Por quê?

Lexie: Brincadeira. Na verdade, eu disse que sim. Estou chocada. Ele é tão baixo. Mas ele é meio que feito para mim, por isso compensa todas as coisas que ele não tem.

Ela é a pessoa mais exigente que conheço quando se trata de homens. Sinceramente, estou muito surpresa que ela tenha concordado em sair com ele. Aliviada, mas surpresa.

Começo a digitar uma mensagem para ela quando Jonah diz:
— Clara, por favor, guarde seu telefone.

Meu peito se agita com o som de sua voz. Faz minha pele arrepiar.

— Vou guardá-lo quando terminar o minha mensagem.

Eu ouço algumas pessoas ofegando na sala, como se eu tivesse xingado ele ou algo assim. Eu continuo digitando minha resposta para Lexie.

Preciso perguntar à administração se posso mudar de classe. Não há como eu olhar para Jonah pelo resto do ano. Não quero estar na mesma sala que ele, na mesma casa que ele, na mesma cidade que ele, no mesmo *mundo* que ele.

— Clara, — Ele diz meu nome com uma delicadeza, quase como se fosse um apelo para não fazer uma cena. Ele não pode me permitir enviar mensagens de texto quando todos os outros têm seus telefones desligados. Eu entendo sua situação embaraçosa, não querendo me chamar, mas sendo forçado a fazê-lo. Eu deveria me sentir mal, mas não sinto. Eu meio que gosto que ele esteja desconfortável agora. Ele merece uma dose de como me senti desde que vi suas mãos segurando minha mãe enquanto sua língua estava na garganta dela.

Deus, eu não consigo tirar isso da cabeça, não importa o quanto eu tente.

Levanto os olhos e olho para ele pela primeira vez desde que entrei na sala de aula.

Jonah está parado na frente da mesa, encostado nela, com os pés cruzados nos tornozelos.

Ele está no modo professor. Normalmente eu respeitaria isso, mas agora, tudo o que vejo quando olho para ele é o homem que traiu minha tia Jenny. Com a minha *mãe*.

Quando ele acena com a cabeça em direção ao meu telefone com uma expressão suplicante, silenciosamente me pedindo para guardá-lo novamente, tudo o que vejo é vermelho. Pego meu telefone na mão direita e o jogo na lata de lixo perto da porta da sala de aula. Meu telefone bate contra a parede e cai no chão em pedaços.

Não acredito que acabei de fazer isso.

Aparentemente, ninguém mais na classe também pode acreditar. Há um suspiro coletivo. Eu acho que um desses suspiros é meu.

Jonah se levanta mais reto e caminha até a porta da sala de aula. Ele abre e aponta para o corredor. Pego minha mochila e me empurro para fora da mesa. Eu caminho até a porta, mais do que pronta para sair desta sala. Eu o encaro enquanto passo pela porta.

Tenho certeza que ele está prestes a me levar até o escritório, então não me surpreende quando ele fecha a porta da sala de aula e me segue.

— Clara, pare.

Eu não paro. Eu não estou ouvindo ele. Ou minha mãe. Acabei de ouvir os adultos restantes da minha vida. Eu sinto que pode ser contraproducente para minha saúde mental.

Sinto a mão de Jonah agarrar meu braço, e o fato de ele estar tentando me parar e ter uma conversa comigo me enfurece. Eu me afasto de seu aperto e giro. Eu não sei o que está saindo da minha boca, mas posso sentir a raiva subindo pela minha garganta incrivelmente rápido.

Logo antes que eu possa atacá-lo, ele fecha o espaço entre nós e envolve seus braços em volta de mim, pressionando meu rosto contra seu peito.

Que diabos?

Eu tento empurrar contra ele, mas ele não solta. Ele apenas me aperta mais forte.

Seu abraço me enfurece, mas também me faz perder o foco por um momento. Eu não estava esperando isso. Eu esperava ser enviada para o escritório ou suspensa ou expulsa, mas certamente não esperava um abraço.

— Sinto muito, — ele sussurra.

Tento mais uma vez afastá-lo, mas não me esforço muito, porque ele está vestindo o mesmo tipo de camisa que meu pai usava na última vez em que me deu um abraço de despedida. Uma camisa de botão branca macia que se sente bem contra a minha pele.

Minha bochecha está pressionada contra um dos botões de plástico, e fecho os olhos, sem saber o que fazer, porque mesmo que eu odeie Jonah agora, seu abraço me lembra do meu pai.

Ele até cheira um pouco como meu pai. Como grama recém-cortada em uma tempestade. Quando o abraço dele não diminui, começo a chorar. Até a mão de Jonah contra a parte de trás da minha cabeça parece com a do meu pai. Eu me odeio por isso, mas eu me inclino para ele e o deixo me abraçar enquanto eu choro. Eu sinto muita falta do meu pai. Sinto mais tristeza do que raiva agora, então deixei Jonah me abraçar porque é melhor do que lutar.

Sinto muita falta dele.

Não sei como isso aconteceu. Não sei como fui de jogar meu telefone do outro lado da sala a soluçar contra seu peito, mas estou feliz que ele não esteja me arrastando para o escritório. Ele espera até eu me acalmar um pouco e depois pressiona a bochecha no topo da minha cabeça.

— Sinto muito, Clara. Nós dois sentimos.

Eu não sei o quão sincero ele está sendo, mas mesmo que ele se arrependa, acho que não vai mudar nada. Ele *deveria* se arrepender. Lamentar é o mínimo que ele poderia fazer para corrigir seu erro.

Eu simplesmente não consigo entender esse nível de traição. Não consigo entender como minha mãe pode andar por um minuto, supostamente cheia de tristeza porque perdeu sua alma gêmea, mas no minuto seguinte, sua língua está na garganta do melhor amigo dele.

— É como se nenhum de vocês se importasse com eles.

Talvez eu não estivesse tão brava se tivesse visto minha mãe beijando um estranho aleatório. Mas Jonah não é um estranho. Ele é Jonah. Ele é o Jonah *da Jenny*.

Ele se afasta, deixando cair as mãos nos meus ombros.

— É claro que nos preocupamos com eles. O que você viu... isso não tinha nada a ver com eles.

Eu me afasto de suas mãos.

— Tinha *tudo* a ver com eles.

Jonah suspira, cruzando os braços sobre o peito. Ele realmente parece arrependido.

Uma pequena parte de mim quer parar de ficar com tanta raiva, só para que ele não tenha mais aquele olhar no rosto.

— Sua mãe e eu... Nós apenas... Eu não sei. Não sei explicar o que aconteceu ontem à noite. E honestamente, eu não quero. Isso é para você e sua mãe discutirem. — Ele dá um passo à frente. — Mas é isso, Clara. Você *precisa* discutir isso com ela. Você não pode se trancar no seu quarto para sempre. Sei que você está com raiva e tem todo o direito de estar, mas me prometa que vai conversar com ela sobre isso.

Eu aceno, mas apenas porque ele parece tão sincero sobre isso. *Não* porque eu realmente vou falar com minha mãe sobre isso.

Não me sinto tão zangada com Jonah quanto com minha mãe, porque isso realmente não é culpa dele. Sinto que 90% da minha raiva está em minha mãe. Jonah e Jenny nem eram casados. Eles nem estavam namorando há tanto tempo. E meu pai não é irmão de Jonah, então sua traição e a traição de minha mãe estão em dois níveis diferentes. Dois *continentes* diferentes.

Jonah deveria se sentir culpado, mas minha mãe deveria se sentir uma escória.

Olho para o teto e passo as mãos pelo rosto. Eu as deixo cair nos quadris.

— Não acredito que joguei meu telefone.

— É seu aniversário. Você recebe uma explosão grátis. Só não conte aos outros alunos.

Estou surpresa, mas realmente acho que posso rir disso. Então eu suspiro pesadamente.

— Com certeza não parece meu aniversário.

É difícil sentir que hoje é meu aniversário quando minha mãe se esqueceu. Acho que isso significa que nossos jantares de aniversário tradicionais acabaram para sempre.

Jonah aponta para a porta da sala de aula.

— Eu tenho que voltar lá. Vá esperar o resto deste período em seu carro. Eu pelo menos preciso que a turma pense que te castiguei.

Eu aceno e dou um passo para longe dele. Ele volta para a sala de aula e parte de mim quer agradecer, mas sinto que me arrependo imediatamente. Eu realmente não tenho nada para agradecer a ele. Se estamos marcando pontos, ele ainda me deve um milhão de cartões verdes.



Os próximos três períodos de aula passam sem um único ataque. *Progresso.*

Não vejo Miller desde a manhã, e isso está me matando. Normalmente, trocamos mensagens de texto ao longo do dia, mas meu telefone provavelmente está na parte inferior da lixeira de Jonah. Quando finalmente chego ao refeitório para almoçar, vejo o alívio se espalhar pelo rosto de Miller quando me aproximo da mesa. Ele se aproxima e coloca espaço entre ele e Efren.

— Você está bem? — Ele pergunta enquanto eu me sento. — Dizem que você jogou seu telefone no Sr. Sulivan.

— Eu poderia ter jogado na direção geral dele, mas estava apontando para a lata de lixo.

— Você foi detida?

— Não. Ele me levou para o corredor e me deu um abraço.

— Espere, — diz Lexie. — Você jogou seu telefone e ele te abraçou?

— Não conte a ninguém. Eu tive que fingir que fui punida.

— Eu desejo que *eu* tivesse um professor tio — diz Lexie. — Injusto.

Miller pressiona os lábios no meu ombro e depois descansa o queixo lá.

— Você está bem? — Ele sussurra.

Concordo porque quero ficar bem, mas a verdade é que hoje é uma merda. A noite passada foi péssima. Os últimos meses foram péssimos, e não consigo tirar uma folga.

Sinto o calor atrás dos meus olhos, e então Miller levanta a mão e aperta a parte de trás do meu pescoço.

— É bom sair. Quer dar uma volta em Nora?

Essa é a única coisa que provavelmente poderia me fazer sentir algum alívio agora.

— Eu adoraria isso.

Eu deixei um funeral com ele, usei drogas, consegui detenção com ele, enfiei-o no meu quarto, perdi minha virgindade com ele. Em comparação, pular meio dia de aula parece uma melhora no meu comportamento.



Miller nos levou ao parque da cidade. É um lago grande – um em que meu pai costumava me levar para pescar em dias como esse. Miller senta-se sob uma árvore de

sombra e abre as pernas, batendo no chão entre elas. Sento-me com as costas contra o peito dele, e ele passa os braços em volta de mim enquanto me ajusto até ficar confortável.

Minha cabeça está encostada no ombro dele e sua bochecha descansa no topo da minha cabeça quando ele diz:

— Como era seu pai?

Não faz muito tempo, mas ainda sinto que preciso mexer na minha memória para responder à pergunta dele.

— Ele ria muito. Alto e enchia a sala inteira. Às vezes, embaraçava minha mãe em público, porque as pessoas se viravam e olhavam para nós quando ele ria. E ele ria de *tudo*. Ele trabalhou muito, mas eu nunca joguei isso contra ele. Provavelmente porque quando estávamos juntos, ele estava realmente presente. Queria saber sobre o meu dia, sempre me falava sobre o dele. — Suspiro. — Eu sinto falta disso. Sinto falta de contar a ele sobre o meu dia, mesmo quando não havia nada para contar.

— Ele parece ótimo.

Eu concordo.

— E o seu?

Sinto um movimento no peito de Miller, como uma risada silenciosa e pouco convincente.

— Ele não é como seu pai era. Não mesmo.

— Ele criou você?

Eu posso sentir Miller balançar a cabeça.

— Não. Passei um tempo com ele aqui e ali enquanto crescia, mas ele estava dentro e fora da cadeia. Finalmente o alcancei quando eu tinha quinze anos, e ele recebeu uma sentença mais longa. Ele estará fora daqui a alguns anos, mas duvido que tenha alguma coisa a ver com ele quando ele sair. Fazia um tempo desde que eu o vi quando ele foi preso, de qualquer maneira.

É por isso que *meu* pai fez esse comentário sobre o pai de Miller, sobre a maçã não cair longe da árvore. *Meu pai estava errado, obviamente.*

— Você mantém contato?

— Não. — diz Miller. — Quero dizer... Eu não o odeio. Só percebo que algumas pessoas são boas em ser pais e outras não. Eu não levo para o lado pessoal. Prefiro não ter um relacionamento com ele.

— E sua mãe? — Eu pergunto. — Como ela era?

Sinto que ele esvazia um pouco antes de dizer:

— Não me lembro muito bem dela, mas não tenho lembranças negativas dela. — Ele envolve uma das pernas em volta do meu tornozelo. — Sabe, acho que é daí que veio o meu amor pela fotografia. Depois que ela morreu... Eu não tinha nada para lembrar dela.

Ela odiava a câmera, então há muito poucas fotos dela. Não há muito vídeo. Não demorou muito para pedir a primeira câmera ao Vovô. Eu tenho isso na cara dele desde então.

— Você provavelmente poderia fazer um filme inteiro apenas com ele.

Miller ri.

— Eu poderia. Eu deveria. Mesmo que seja apenas algo que faço por mim mesmo.

— Então... o que acontece quando ele...

— Eu vou ficar bem, — diz ele com finalidade, como se não quisesse mais falar sobre isso. Eu entendo o porquê. Um pai na prisão, uma mãe morta, um avô com câncer terminal.

Entendi. Eu também não gostaria de falar sobre isso.

Ficamos em silêncio por um tempo antes de Miller dizer:

— Merda. Eu continuo esquecendo. — Ele me empurra um pouco para a frente e depois corre de volta para sua caminhonete. Ele volta com sua câmera e um tripé, depois coloca-o a vários metros de nós.

Ele desliza entre mim e a árvore e retoma a nossa posição.

— Não olhe para a câmera desta vez.

Estou olhando para ele quando ele diz isso, então olho para a água.

— Talvez devêssemos cancelar o projeto.

— Por quê?

— Minha mente está em todo lugar. Eu estou em um mau humor interminável.

— Quanto você quer ser atriz, Clara?

— É a única coisa que quero ser.

— Você terá um despertar rude se achar que vai aparecer no set de bom humor todos os dias.

Eu expiro.

— Eu odeio quando você está certo.

Ele ri e beija o lado da minha cabeça.

— Você deve realmente me odiar, então.

Eu balanço minha cabeça suavemente.

— Nem um pouco.

Está quieto novamente. Do outro lado do lago, há um homem com dois meninos. Ele está ensinando-os a pescar. Eu o observo, imaginando se ele está traindo a mãe deles.

Então sinto a raiva voltar, porque agora sinto que vou procurar o pior das pessoas pelo resto da minha vida.

Eu não quero falar sobre tia Jenny ou meu pai, ou mamãe e Jonah, mas as palavras saem de mim de qualquer maneira.

— O jeito que Jonah falou hoje... ele realmente parecia arrependido. Como se o beijo deles fosse um acidente ou algo único. Eu quero perguntar a ela sobre isso, mas estou com medo que ela seja honesta e me diga que é muito mais do que isso. Eu acho que é porque sei que eles foram para um hotel nem uma semana depois do acidente.

— Como você sabe disso?

— O aplicativo. Por que mais eles estariam lá se já não estavam envolvidos?

— De qualquer forma, você precisa conversar com ela sobre isso. Realmente não há maneira de contornar isso.

— Eu sei. — Sopro uma corrente de ar. — Sabe, não me surpreende que Jonah faça algo assim. Ele só voltou aqui e começou a namorar Jenny porque a engravidou. Não porque eles estavam loucamente apaixonados. Mas minha mãe... ela e o pai estão juntos desde o colegial. É como se ela não tivesse absolutamente nenhum respeito pelo meu pai.

— Você não sabe disso. Talvez ela e Jonah estejam apenas sofrendo.

— Isso não parecia tristeza para mim.

— Talvez encontrar consolo um no outro ajude com a dor.

Eu nem quero pensar nisso. É uma maneira estranha de sofrer.

— Bem. Eu cabulando aula ajuda com a *minha* dor. Então, obrigada.

— A qualquer momento. Bem, a qualquer momento, exceto no último período. Eu tenho uma prova, então preciso voltar em breve.

— Quando você estiver pronto.

— Você está fazendo alguma coisa para o seu aniversário hoje à noite?

Eu dou de ombros.

— Sempre foi tradição fazer jantares de aniversário em família. Mas acho que está acabado. Mal temos uma família sobrando.

Os braços de Miller se apertam ao meu redor. Isso me faz sentir falta dos abraços do meu pai. Até o abraço de Jonah hoje me fez sentir falta dele.

— Bem, se sua mãe deixar, eu levo você para sair.

— Eu duvido que ela me deixe sair, e eu posso estar cansada demais para lutar com ela.

— Fico triste em pensar que você pode passar seu aniversário sozinha no seu quarto.

— Sim, bem. É só mais um dia.

Eu me pergunto o que meu pai pensaria em me ver tão triste no meu aniversário. Ele provavelmente ficaria desapontado por não

continuarmos o jantar de aniversário da família.

Aposto que tia Jenny também ficaria decepcionada com isso. Nunca perdemos um por tanto tempo quanto me lembro.

Isso me faz pensar por que eu automaticamente assumi que a tradição iria parar com a morte deles. Eles não querem que isso pare.

Mesmo que minha mãe pareça ter perdido seu respeito pela tradição, isso não significa necessariamente que a tradição não deva continuar. Pelo menos assim, eu podia ver Miller hoje à noite.

Sento e olho para ele.

— Você sabe de uma coisa? Eu quero um jantar de aniversário hoje à noite. E eu quero que você venha.

Ele levanta uma sobrancelha cautelosa.

— Eu não sei. Sua mãe parecia que nunca iria me receber de volta em sua casa.

— Eu falo com ela quando chegar em casa. Se ela tiver algum problema, eu ligo para você.

— Você não tem telefone.

— Eu ligo para você do nosso telefone fixo.

— As pessoas ainda têm isso?

Eu ri.

— Ela tem apenas trinta e quatro anos, mas tem trinta e quatro anos.

Eu me inclino contra ele, pensando no meu aniversário. Realmente não é justo se ela tentar me aterrorizar. Se ela o fizer, posso jogar o Langford na cara dela. Deixei um lento rolo de ar passar pelos meus pulmões. Quanto mais penso nisso, mais irritada fico. A ideia de que os dois estavam tendo um encontro no hotel apenas uma semana após o acidente me faz querer vingança.

Eu tento não pensar sobre isso. Eu me viro e encontro Miller, e então o beijo por alguns minutos. É uma boa distração, mas ele finalmente precisa nos levar de volta à escola.

Eu espero o período final da aula no meu carro antes de ir para casa, o que provavelmente é uma má ideia, porque o tempo todo em que estou no meu carro, penso em todas as maneiras pelas quais posso lutar pela vingança que meu pai e Jenny merecem.

Vou para casa, ainda mais irritada do que quando saí para a escola hoje de manhã.

CAPÍTULO VINTE E SETE

MORGAN

Estou no armário do quarto de Clara pendurando roupas quando ela chega da escola.

Eu tenho me preocupado o dia inteiro com limpeza, lavanderia e organização irracional. Não está perdido para mim que não saí de casa hoje, então nunca deveria ter cancelado o técnico de cabo. Eu poderia estar atualizando as *Real Housewives* agora.

Eu ouço Clara caminhando pelo corredor, então me preparo para o impacto. Espero que ela grite comigo ou me dê o tratamento silencioso. Será um ou outro. Estou pendurando a última blusa quando ela entra no quarto e joga a mochila na cama.

— O que vamos comer no meu jantar de aniversário hoje à noite? Eu estou com fome.

Eu a encaro com cautela porque sinto que isso é algum tipo de truque. *Ela ainda quer jantar?* Isso me surpreende. Mas eu vou junto, para o caso de ser sincero. *Espero que seja sincero.*

— Eu estava pensando em lasanha. — eu digo. Eu sei que a lasanha é a favorita dela.

Ela assente.

— Perfeito.

Talvez eu precise correr para o supermercado agora, mas faria qualquer coisa neste momento para ter a oportunidade de abrir uma conversa com ela. E este jantar será a oportunidade perfeita. Talvez ela perceba isso também. Sem Jenny e Chris aqui, Jonah não estará aqui. Seremos apenas nós duas. Estou prolongando demais essa conversa íntima e pessoal.



Estou cortando tomates para a salada quando a campainha toca. Limpo minhas mãos em um pano de prato e começo a me dirigir à porta da frente. Surpreendentemente, sou interceptada por Clara. Ela abre a porta e fico surpresa com a visão de Jonah e Elijah.

O que ele está fazendo aqui? Ele realmente acha que o jantar ainda estava de pé depois da noite passada?

Espero que Clara bata a porta na cara dele, mas ela não. Ele entrega uma caixa para ela e, embora eu esteja na ponta dos pés na porta da cozinha, tentando ver o que é, não tenho ideia do que ele acabou de lhe dar.

— Sério? — Ela parece animada. Sinto como se estivesse na zona do crepúsculo.

— Eu tinha um telefone antigo em uma gaveta da casa. — diz Jonah.

— Este é o modelo mais recente, na verdade.

— Eu peguei o antigo.

Clara o deixa entrar, e eu deslizo de volta para a cozinha. Por que ele comprou um telefone para ela? Essa é a maneira dele de conquistá-la? *Não é assim que você é pai, Jonah.*

— Eu já coloquei seu chip antigo nele, então ele deve estar pronto para você.

— Obrigada.

É bom ouvir uma pitada de alegria em sua voz, mas é difícil sentir alívio quando Jonah está entrando na cozinha atrás de mim.

— Você comprou um telefone novo para ela? — Pergunto, sem me virar.

— Ela jogou o dela hoje na aula. Ele quebrou, então eu dei a ela um dos meus.

Chupo o ar antes de me virar para encará-lo. Eu odeio como me sinto perto dele depois da noite passada. Por mais breve que tenha sido esse beijo, parece que ainda está demorando. Como se eu ainda pudesse prová-lo em meus lábios.

— O que você está fazendo aqui?

— Clara ligou há cerca de uma hora. Ela disse que o jantar de aniversário ainda estava acontecendo.

Olho na direção do quarto de Clara com os olhos estreitados.

— O que ela está fazendo?

Jonah encolhe os ombros, ajustando Elijah em seus braços.

— Talvez ela esteja bem com isso.

— Com o que?

— Conosco.

— Ela não está. E não há *nós*. — Com isso, eu girar ao redor e termino de fazer a salada.

Jonah se senta à mesa e começa a brincar com Elijah fazendo caretas para ele. É adorável e horrível. Não consigo parar de roubar vislumbres dele porque sua interação com o filho é de tirar o fôlego. Talvez ainda mais porque sei que Elijah nem é seu filho biológico, mas o amor que Jonah tem por ele é o mesmo que se ele fosse. Eu odeio que Elijah seja o resultado da traição de Chris e Jenny, mas eu amo que isso não importe para Jonah.

Vê-lo com Elijah está me fazendo pensar em muitos pensamentos bons sobre ele, então eu ando e pego Elijah de Jonah, apenas para que eu possa parar os sentimentos que estão disparando através de mim. Sento-me à mesa e viro Elijah em minha direção. Ele sorri. Ele fica animado em me ver agora, e isso derrete meu coração toda vez.

— Você precisa de ajuda com alguma coisa? — Jonah pergunta.

— Você pode colocar a cereja no topo do bolo. — sugiro. Qualquer coisa para tirá-lo da minha linha de visão.

Jonah acaba de colocar a cereja no bolo quando a campainha toca novamente. Nós dois nos olhamos confusos.

— Você está esperando mais alguém?

Balanço a cabeça e entrego-lhe Elijah antes de ir para a porta da frente. Mas mais uma vez, Clara está correndo pela sala, me batendo na porta. Quando ela abre, eu congelo.

Miller Adams está parado na porta. Ele parece nervoso, mas não tenho tempo para registrar sua aparência ou até gritar com ele antes que Clara pegue sua mão e o puxe para dentro de casa. Jonah está ao meu lado agora. Clara está arrastando Miller em direção ao corredor quando Miller nos cumprimenta.

— Ei, Sr. Sullivan. — Ele engole, e sua voz é mais baixa quando ele se dirige a mim. — Sra. Grant.

Nem sequer temos a oportunidade de responder, porque Clara o puxou para fora da sala de estar.

— Eu não sei o que fazer. — eu sussurro.

— Sobre o quê? — Jonah pergunta.

Eu olho para ele, incrédula, mas então percebo que ele não tem ideia do que Clara fez na noite passada. Eu empurro seu ombro, empurrando-o de volta para a cozinha. Ele se vira para mim e estou tentando manter a voz baixa, apesar da raiva.

— Eu os peguei na cama juntos esta manhã, — eu assobio. — Havia preservativos na mesa. Clara estava praticamente nua. Ele dormiu no quarto dela a noite toda!

Os olhos de Jonah se arregalam.

— Ah. Uau.

Cruzo os braços e sento em uma das cadeiras do recanto do café da manhã.

— Ela está me testando. — Olho para Jonah em busca de um pouco de conselho. — Eu o coloco para fora?

Jonah encolhe os ombros.

— É só um jantar. Não é como se ele a engravidasse na mesa.

— Você é muito calmo.

— É aniversário dela. Ela estava chateada conosco ontem à noite, então provavelmente o convidou por despeito. Pelo menos ele está aqui e você terá a chance de conhecê-lo melhor.

Reviro os olhos e me levanto da cadeira.

— Jantar está pronto. Vá contar a eles antes que ele a engravide.

Isso é tão estranho. Não apenas porque sei que Miller provavelmente tirou a virgindade de minha filha na noite passada, mas porque Jonah e eu mal estamos falando. Nós não discutimos o que aconteceu entre nós, e isso paira densamente no ar.

Clara só me deu respostas cortadas quando tento falar com ela, então finalmente parei de fazer perguntas porque era embaraçoso. Miller e Clara nem estão realmente conversando

porque ela está comendo sua lasanha como se estivéssemos em um concurso de comidas.

Jonah está segurando Elijah, dando-lhe uma mamadeira enquanto ele come. É fofo, então olho para o meu prato e evito olhar para eles.

— Como está o projeto do filme? — Pergunta Jonah.

Miller encolhe os ombros.

— Lento. Ainda não tivemos uma ideia sólida, mas chegaremos lá.

Sim, porque você está muito ocupado fazendo outras coisas, quero dizer.

Clara aponta o garfo para o prato de Miller.

— Coma mais rápido.

Eu posso ver a confusão em sua expressão, mas ele pega o garfo e dá outra mordida.

Eu sei exatamente o que ela está fazendo. Ela está se saindo bem, esperando que tudo seja perdoado se ela passar o jantar de aniversário comigo. Ela acha que se não brigar, então eu não brigarei quando o jantar terminar, e ela quer sair com Miller.

Ela não está saindo com ele. Nem uma maldita chance.

Clara termina a comida e se levanta. Ela leva o prato para a cozinha. Quando ela volta, ela olha para Miller.

— Você terminou? — Ele fica tenso quando ela puxa o prato dele, independentemente.

— Ainda há bolo para comer. — digo, apontando para o bolo de chocolate de três camadas no centro da mesa.

Clara olha para mim. Duro. Ela pega o garfo de Miller sem quebrar o olhar e o enfia no centro do bolo, depois enfia uma mordida na boca.

— Delicioso. — diz ela ironicamente. Ela deixa cair o garfo e pega a mão de Miller. — Pronto?

— Onde você pensa que está indo?

— Um jogo de futebol. — diz Clara.

— Não é uma noite de jogo.

Clara inclina a cabeça.

— Você tem certeza disso, mãe? Quero dizer, você nem tinha certeza de que era meu aniversário hoje de manhã.

— Eu sabia que era seu aniversário. Fiquei momentaneamente abalada pelo fato de seu namorado ter dormido em sua cama ontem à noite.

Clara sorri.

— Oh, nós não *dormimos*.

Miller murmura:

— Sim, nós dormimos. — por trás dela.

Eu olho para Miller.

— Você pode ir agora. Diga a Clara boa noite.

Clara olha para Miller.

— Não saia ainda. Eu vou com você.

Miller olha de mim para Clara, como se estivesse arrasado. Eu me sentiria mal por ele se não estivesse com tanta raiva dele.

— Miller, provavelmente é melhor se você apenas for. — diz Jonah.

Clara revira a cabeça, parando quando seus olhos pousam em Jonah.

— Se ele estiver saindo, você também deve ir. Você não mora aqui.

Jonah parece ter cansado da sua atitude tanto quanto eu.

— Clara, *pare*.

— Não me diga para parar. Você não é meu pai.

— Eu não estou tentando ser.

Eu estou de pé agora. Isso está indo longe demais.

Miller se vira e se dirige para a porta, como se sentisse que a bomba estava prestes a explodir, e ele não quer ser ferido pelo estilhaço.

Clara volta para a porta da frente.

— É meu aniversário. Estou protestando contra minha punição, alegando que foi *seu* exemplo que me forçou a violar as regras na noite passada. — Ela abre a porta. — Eu estarei em casa no toque de recolher.

Começo a andar em volta da mesa correndo para a porta, mas Jonah agarra meu pulso.

— Deixe ela ir.

Olho para a mão dele presa no meu pulso.

— Você não pode estar falando sério.

Jonah se levanta, forçando meus olhos para cima, porque ele paira sobre mim.

— Você precisa dizer a verdade, Morgan.

— Não.

— Você está perdendo o controle sobre ela. Ela te odeia. Ela culpa você por tudo.

— Ela tem dezesseis anos. Ela vai superar isso.

— Ela tem *dezessete* anos. E se ela não superar?

Não posso ter essa conversa com ele agora.

— Ela está certa. Você deveria ir também.

Jonah não protesta. Ele pega as coisas de Elijah e eles saem. Jonah nem se despede.

Olho de volta para a mesa da cozinha - para toda a comida não consumida e o bolo quase perfeito.

Sento em uma cadeira, pego um garfo e dou uma mordida.

CAPÍTULO VINTE E OITO

CLARA

Estou encostada na caminhonete de Miller com ele quando Jonah sai com Elijah. Eu me viro e olho para a estrada para não ter que olhar para ele.

Como evidenciado na aula de hoje, fico muito mais irritada quando fazemos contato visual. E mesmo que ele tenha sido gentil o suficiente para não me punir, e depois me deu o telefone, percebo que ele fez as duas coisas por culpa, porque sabe o que fez. E agora ele está aqui, jantando em família conosco como se meu pai nunca tivesse existido.

Eu o ouço enquanto ele está afivelando Elijah no lugar no banco de trás do carro. Então ouço a porta se fechar. Solto um suspiro silencioso, aliviada por ele estar saindo, mas depois respiro outra corrente de ar quando percebo que ele não abriu a porta do carro. Olho para a frente da caminhonete de Miller e vejo Jonah se aproximando de nós. Minha postura fica rígida quando ele para com dois pés na minha frente.

Ele coloca as duas mãos firmemente nos meus ombros e depois se inclina para a frente e me beija no topo da minha cabeça.

— Você é melhor que isso, Clara. Todos nós somos. — Ele se afasta. — Feliz aniversário.

Quando Jonah finalmente sai da garagem, reviro os olhos e me empurro na caminhonete de Miller. Eu me inclino contra seu peito, apenas querendo sentir o som suave do seu batimento cardíaco contra minha bochecha. Ele pressiona o queixo contra o topo da minha cabeça enquanto passa os braços em volta de mim.

— Aqui é sempre assim? — Ele pergunta.

— Ultimamente, sim.

O peito de Miller sobe e depois cai, apenas uma vez. Pesadamente.

— Eu não sei se posso fazer isso.

Eu me afasto e olho para cima.

— Você não precisa mais aparecer. Eu nem culpo você.

Miller está me olhando com pesar.

— Eu não quero dizer jantar com sua família.

Eu o encaro por um momento - tempo suficiente para perceber irritação em sua expressão. Eu dou um passo para trás. Seus braços caem para os lados.

— É meu aniversário.

— Eu estou ciente disso.

— Você está terminando comigo no meu *aniversário*?

Ele passa a mão pelo rosto.

— Não. Eu estou apenas... — Ele nem consegue terminar o que quer dizer.

Provavelmente porque ele sabe que idiota ele está sendo agora.

Dou outro passo para trás.

— Você dormiu comigo ontem à noite e agora está me largando? *Sério*? — Eu giro e volto para minha casa. — Acho que eu estava errada sobre você também.

Eu posso ouvi-lo correndo atrás de mim. Ele me intercepta antes que eu chegue ao pátio da frente. Ele agarra meu rosto com as duas mãos, mas não é um aperto suave. Também não é duro, mas com base na raiva em sua expressão, não é um toque que eu realmente quero agora.

— Você não pode jogar isso na minha cara, Clara. *Fui eu* quem fui usado na noite passada. *Não você*. — Com isso, ele deixa cair as mãos e volta para a caminhonete.

Quando o ouço abrir a porta, eu me encolho.

— Sinto muito. — Eu o encaro. — Eu sinto muito. Isso foi uma coisa muito ruim de se dizer e uma coisa ainda mais ruim de se fazer. — Eu volto para sua caminhonete. — Mas por que você está fazendo isso? Hoje de manhã, no meu carro, você agiu como se me

perdoasse pela noite passada. — Sinto pânico. A expressão de Miller está rasgada quando ele bate o punho contra a moldura da porta. Então ele fecha com força e me puxa para um abraço frustrado.

— Eu sei que você e sua mãe não estão se dando bem agora. — Ele olha para mim, suas mãos inclinando meu rosto para ele. — Mas eu sinto que você está me usando como sua arma em todas essas lutas contra ela. Não é justo para mim.

— Eu não sabia que isso iria se transformar no que se transformou.

— A culpa é sua, que se transformou nisso. Você não foi a vítima lá esta noite, Clara.

Você foi a instigadora.

Eu me encolho de suas mãos.

— Você tem uma memória ruim se acha que esta noite foi minha culpa. Caso você tenha esquecido, descobri que minha *mãe* está tendo um *caso* com *Jonah*.

Miller abre a porta e entra em sua caminhonete. Eu me planto no espaço entre ele e a porta dele para que ele não possa fechá-la. Sua cabeça cai contra o encosto do banco.

— Eu quero ir para casa.

— Eu irei com você.

Ele rola a cabeça até olhar para mim. — Eu quero ir sozinho.

Eu não vou implorar. Eu fiz o suficiente disso ontem à noite.

— Isso é lamentável. — Eu me afasto para que ele possa fechar a porta. Ele vira a caminhonete, mas abaixa a janela.

— Vejo você na escola amanhã. — A voz dele perdeu o controle, mas não faz nada para me fazer sentir melhor. Ele está me deixando sozinha no meu aniversário. Percebo que o jantar foi uma bagunça, mas toda a minha *vida* é uma bagunça. *O que há de novo?*

Eu me viro e me afasto de sua caminhonete.

— Clara.

Ele é confuso como essa merda com tudo isso.

Eu giro e caminho de volta para a janela dele.

— Você sabe o que? Eu não preciso disso. Não quero um namorado que me faça sentir pior quando já estou triste. Não quero mais sair com você. Estou terminando com você. — Afasto-me, mas percebo que ainda não terminei o meu argumento, então dou um passo para a caminhonete dele. — Eles desrespeitaram as duas pessoas mais importantes da minha vida. Eles *me* desrespeitaram. Devo fingir que estou bem com isso? Esse é o tipo de namorada que você quer? Alguém que simplesmente desiste e deixa que outras pessoas ganhem sempre?

O braço de Miller está pendurado casualmente no volante. Sua voz é calma quando ele diz: — Às vezes você precisa se afastar da luta para vencê-la.

Ouvi-lo repetir essas palavras me enfurece. Eu bato meu pé.

— Você não termina comigo e depois cita minha tia morta!

— Eu *não* terminei com você. E eu estou citando *você*.

— Bem, você deveria parar. Não cite *qualquer* um! Isso... é pouco atraente!

Se é possível, Miller de alguma forma parece divertido.

— Estou indo para casa agora.

— Bom!

Ele olha para trás e começa a sair da garagem. Estou no mesmo lugar, confusa com a nossa discussão. Eu nem sei o que aconteceu.

— Acabamos de terminar? Eu nem sei dizer!

Miller pressiona o freio e se inclina para fora da janela.

— Não. Estamos apenas discutindo.

— Bom!

Mais uma vez, ele parece rir enquanto volta para a rua. Eu quero tirar o sorriso do rosto dele, mas ele já está saindo. Quando ele vira a esquina, volto para dentro de casa. Minha mãe está de pé na sala, olhando para o telefone. Está no alto-falante. Ela está ouvindo uma mensagem de voz. Eu entro no final dela.

—... *como ela não assinou no escritório, estamos ligando para avisar que ela precisará trazer um bilhete para dispensá-la das aulas da tarde de hoje...*

Minha mãe termina a ligação antes que o correio de voz termine.

— Você cabulou aula hoje?

Reviro os olhos enquanto passo por ela.

— Foram apenas três aulas. Eu tive que sair de lá. Eu não conseguia respirar. Eu *ainda* não posso respirar. — Eu bato minha porta, e as lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto antes mesmo de eu cair contra o meu colchão. Pego meu novo telefone e ligo para Lexie.

Ela atende no primeiro toque porque é confiável assim. Ela é a única coisa confiável na minha vida agora.

— Este... — Respiro fundo uma série de respirações rápidas, tentando sufocar as lágrimas. — Este é o pior aniversário. O *pior*. Você pode... — Eu respiro mais vezes. — Vir aqui?

— Estou indo.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

MORGAN

Puxo algumas camisas de Chris para fora do armário e retiro os cabides delas. Coloco-as em um saco de lixo que doarei para uma igreja.

Lexie apareceu meia hora atrás. Eu pensei em não deixar Clara vê-la, mas eu prefiro Lexie estar aqui do que Clara ficar sozinha agora. Fiquei aliviada ao vê-la quando abri a porta da frente mais cedo, porque eu podia ouvir Clara chorando do meu quarto, e ela se recusa a falar comigo. Ou talvez eu não queira falar com ela.

Eu acho que é melhor se não falarmos até amanhã.

Agora que Lexie está aqui, Clara não está mais chorando, o que é bom. E mesmo que eu não consiga entender o que elas estão dizendo, eu posso ouvi-las conversando. Pelo menos eu sei que ela está em casa e segura, mesmo que ela me odeie agora.

Eu tiro mais duas camisas de Chris do meu armário.

Desde a semana após a morte de Chris, eu tenho me livrado lentamente das coisas dele. Venho fazendo isso um pouco de cada vez, esperando que Clara não perceba. Não quero que ela pense que estou tentando livrar esta casa da memória dele. Ele é o pai dela, e apagá-lo não é meu objetivo. Mas estou tentando livrar meu espaço pessoal dele. Joguei seu travesseiro fora na semana passada. Joguei sua escova de dentes fora esta manhã. E acabei de arrumar a última cômoda dele.

Eu esperava, em todas as minhas escavações, que encontraria algo sobre como ele era desleixado. Um recibo de hotel, batom na gola. Algo que mostraria que ele era um pouco descuidado em seu caso. Além das cartas que ele mantinha trancadas em sua caixa de

ferramentas, não encontro mais nada. Ele escondeu bem. Ambos fizeram.

Eu provavelmente deveria tirar as cartas da minha cômoda e guardá-las antes que Clara acidentalmente as encontre.

Pego uma caixa com as coisas dele da prateleira do armário. Depois que engravidei de Clara, Chris e eu nos mudamos juntos. Não tínhamos muito porque éramos apenas adolescentes, mas essa caixa é uma das poucas coisas que ele trouxe com ele. Na época, tinha pequenas lembranças, como fotografias e prêmios que ele ganhou. Mas, ao longo dos anos, venho adicionando outras coisas a ele. Eu considero *nossa* caixa agora.

Sento na cama e olho através de fotos soltas de Clara de quando ela era bebê. Fotos minhas e do Chris. Fotos de nós três e Jenny. Eu inspeciono todas as fotos, assumindo que encontrarei algum tipo de dica de quando isso começou. Mas toda foto apenas representa o retrato de um casal feliz.

Acho que realmente ficamos por um tempo. Não tenho certeza de onde deu errado para ele, mas desejo que ele tenha escolhido outra garota no mundo que não fosse Jenny. Isso era o mínimo que ele poderia ter feito.

Ou talvez tenha sido Jenny quem o escolheu.

Puxo um envelope para fora da caixa. Está cheio de fotos tiradas a partir de uma das nossas câmeras antigas. Jenny não aparece em muitas das fotos porque foi ela quem tirou a maioria delas, mas há muitas de mim e Chris. Alguns incluem Jonah. Olho fixamente as fotos de Jonah, tentando encontrar uma onde ele pareça genuinamente feliz, mas não há uma. Ele quase nunca sorria. Mesmo agora, é uma coisa rara. Não que ele não estivesse feliz. Ele parecia feliz naquela época, mas não como o resto de nós. Jenny acenderia ao redor dele, Chris acenderia ao meu redor, mas ninguém fez Jonah acender. É como se ele estivesse preso em uma sombra perpétua, lançado por algo que nenhum de nós sabia.

Folheio as três fotos finais, mas algo sobre o que vejo me faz parar. Pego as três fotos, tiro em sequência e as estudo. Na primeira foto, estou no meio, sorrindo para a câmera.

Chris está sorrindo para mim. Jonah está do outro lado de mim, olhando para Chris com uma expressão desolada.

Na próxima foto, Chris está sorrindo para a câmera. Estou olhando para Jonah, e Jonah está olhando para mim, e me lembro daquele momento. *Lembro-me daquele olhar.*

Na terceira foto, Jonah está fora de cena. Ele quebrou nosso olhar e se afastou.

Tentei não pensar naquele dia ou nos dez minutos antes da foto ser tirada, e não pensei.

Não penso há muito tempo. Mas as fotos me forçam a lembrá-lo com detalhes vívidos.

Estávamos na casa de Jonah porque ele era o único que tinha uma piscina. Jenny estava em uma toalha estendida no concreto, tentando se bronzear perto da parte rasa da piscina. Chris tinha acabado de sair da água para entrar na casa porque estava com fome.

Jonah estava segurando uma jangada a alguns metros de mim, seu corpo submerso na água, seus braços estendidos sobre a jangada.

Eu não conseguia tocar e minhas pernas estavam cansadas, então nadei até ele e agarrei a bóia. A jangada estava pouco inflada e provavelmente tinha alguns verões, por isso não era muito confiável. Especialmente com nós dois nos agarrando a ela. Comecei a escorregar, então Jonah agarrou meus braços, depois deslizou a perna ao redor da parte de trás do meu joelho para me ancorar no lugar.

Acho que nenhum de nós esperava ser sacudido pelo contato, mas eu poderia dizer que ele também sentiu. Eu poderia dizer porque seus olhos mudaram de forma e escureceram no mesmo momento em que estremei.

Eu estava namorando Chris por um tempo naquele momento, e em todos os momentos em que ele me tocou enquanto namorávamos, eu nunca senti esse tipo de corrente passar por mim. Do tipo que não apenas me deixava sem fôlego, mas também com medo de morrer por falta de oxigênio, se não me afastasse. Eu

queria escorregar com Jonah sob a água e usar sua boca para respirar.

O pensamento me assustou. Eu tentei me afastar, mas Jonah segurou meus braços.

Seus olhos estavam implorando, como se soubesse que no segundo em que eu me afastasse, ele nunca mais me tocaria assim novamente. Então eu fiquei. E nós olhamos.

Foi tudo o que aconteceu.

Nada foi dito. Além do jeito que ele estava me mantendo boiando com a perna dele em volta da minha embaixo da água, eu nem diria que nosso toque era inapropriado. Se Chris tivesse visto, ele não teria pensado nada sobre isso. Se Jenny tivesse visto, ela nem ficaria brava.

Mas isso é porque eles não sentiram o que estava acontecendo entre nós. Eles não podiam ouvir tudo o que não estava sendo dito.

Alguns segundos depois, Chris voltou para o lado de fora e mergulhou na piscina. Jonah desembrulhou sua perna da minha, mas ele não soltou meus braços. As ondulações das ondas que o mergulho de Chris deixou causaram a flutuação, mas nossos olhos nunca se abriram. Nem mesmo quando Chris surgiu da piscina ao meu lado e jogou água em nós.

Chris colocou os dois braços em volta da minha cintura, me puxando para longe da jangada. Meus braços começaram a escorregar dos de Jonah, e eu assisti Jonah estremecer quando meus dedos deslizaram pelos dele e o deixei vazio.

Não estávamos mais nos tocando. Chris estava me segurando, pressionando sua boca na minha, e eu sabia que Jonah estava nos assistindo nos beijar.

Naquele momento, me senti cheia de culpa. Mas não por causa do momento que eu compartilhei com Jonah. De alguma forma, parecia que Jonah era quem eu *traía*. O que não fazia absolutamente nenhum sentido.

Saí da piscina logo depois disso. Um momento depois, Jenny tirou a câmera, nos pedindo para posar para uma foto. Lembro que depois da primeira foto, olhei para Jonah.

Ele estava olhando para mim com uma expressão que parecia uma rachadura no meu peito. Eu não entendi então. Naquela época, eu pensava que era apenas atração. Um adolescente, na esperança de sair com uma adolescente. Mas logo depois que Jenny tirou a segunda foto, Jonah invadiu sua casa.

Suas ações me confundiram, e eu queria perguntar a ele sobre isso, mas nunca o fiz.

Algumas semanas depois, descobri que estava grávida.

Então, Jonah Sullivan deixou a cidade.

Eu olho para a foto. A de Jonah olhando para mim. Finalmente entendo aquele olhar nos olhos dele. Não era atração ou desprezo.

É dor no coração.

Coloco as fotos de volta na caixa e recoloco a tampa. Olho a caixa, imaginando o que teria acontecido se ele nunca tivesse saído.

Se ele tivesse ficado, teríamos acabado como Jenny e Chris? Não quero pensar que teríamos acabado assim. Esgueirando-nos, traindo as pessoas que mais amamos.

Fiquei com tanta raiva de Jonah por partir, mas agora entendo. Ele teve que ir. Ele sabia que se ficasse, alguém além dele acabaria se machucando.

Eu o evito desde seu retorno, porque meus sentimentos por ele deveriam estar adormecidos. Era para ser uma paixão adolescente que fracassou depois que eu segui em frente com Chris.

Eu menti para mim mesma, fazendo tudo ao meu alcance para me convencer de que os sentimentos que Jonah desperta dentro de mim não passam de raiva.

Eu sou uma mentirosa terrível, no entanto. Eu sempre fui.



Bato levemente quando chego à sua porta da frente. Se Elijah estiver dormindo, não quero acordá-lo.

Dou um passo para trás, me abraçando. Há uma brisa pesada que gira em volta de mim, mas eu não sei se os calafrios em meus braços são causados pelo vento ou por ver Jonah parado na porta aberta. Ele está de calça jeans e nada mais. Seu cabelo está

molhado e bagunçado. Seus olhos estão me atraindo como sempre. Mas desta vez, não me forço a desviar o olhar.

— Sim — eu digo.

Ele olha para mim, perplexo.

— Eu fiz uma pergunta?

Eu concordo.

— Você me perguntou se eu teria deixado Chris se eu não tivesse engravidado de Clara.

Minha resposta é sim.

Ele olha para mim com força, e então é como se essa parede invisível que sempre o protegesse de mim desaparecesse repentinamente. Ele se torna uma pessoa completamente diferente. Suas feições suavizam, seus ombros relaxam, seus lábios se abrem, seu peito sobe e desce com uma liberação suave de ar.

— Essa é a única razão de você estar aqui?

Balanço a cabeça e dou um passo mais perto. Meu coração está batendo tão forte agora que quero me virar e correr, mas sei que a única coisa que pode aliviar essa dor que sinto é Jonah. Quero saber como é ser segurada por ele. Estar *com* ele. Todo esse tempo eu nunca me permiti imaginar isso. Agora eu quero experimentar.

Minhas mãos estão ao meu lado agora. Jonah mal levanta o dedo, prendendo-o em um dos meus. Um choque de eletricidade percorre meu peito, e então um calafrio percorre meu braço. Os braços de Jonah também estão cobertos de calafrios. Eles correm pelo peito e sobem pelo pescoço. Enfio minha mão inteira na dele e ele a segura. Aperta.

— Eu posso me arrepender disso amanhã. — eu aviso.

Ele dá um passo à frente, envolvendo a mão livre na parte de trás do meu pescoço, me puxando para perto de sua boca. Antes que ele toque meus lábios, seu olhar pisca no meu rosto.

— Você não vai.

Ele me puxa para dentro e fecha a porta atrás de nós. Ele me apoia contra a porta da sala, e parece que estou engolindo fogo quando seus lábios finalmente tocam os meus. É tudo o que me

neguei de sentir. Nosso beijo na noite passada foi incrível, mas esse beijo faz o beijo da noite passada parecer um mero teaser.

Jonah pressiona seu corpo inteiro contra o meu, e parece que uma vida inteira de dor está sendo acalmada com cada escovada de seus dedos contra a minha pele. Com cada movimento de sua língua, cada som que escapa de nossas gargantas. Nós terminamos no sofá, ele em cima de mim, minhas mãos arrastando sobre suas costas, sentindo seus músculos tensos e rolando sob as pontas dos meus dedos.

É como se estivéssemos compensando todos os anos que perdemos esse sentimento.

Nós nos beijamos como adolescentes por dez minutos. Explorando um ao outro, provando um ao outro, movendo-se um contra o outro.

Eu finalmente tenho que desviar meu rosto do dele, só para recuperar o fôlego. Eu me sinto tonta. Ele pressiona a testa na minha bochecha e suga todo o ar que acabei de roubar dele.

— Obrigado, — ele sussurra sem fôlego. Ele fecha os olhos e leva a boca ao meu ouvido. Sua respiração é quente enquanto escorre pelo meu pescoço. — Eu precisava saber que não era louco. Que esse sentimento nem sempre esteve na minha cabeça.

Eu puxo sua boca de volta para a minha. Eu o beijo gentilmente, e então ele abaixa a cabeça no meu pescoço e suspira.

— Aquele dia na sua piscina... — eu sussurro. — Você se lembra?

Risos silenciosos encontram minha pele. — Eu tenho procurado por esse sentimento desde o segundo em que Chris te puxou para longe de mim.

Eu quero dizer: “*Eu também*” - mas seria uma mentira. Eu não procurei por esse sentimento. Passei todos os anos do meu casamento tentando *esquecê-lo* – tentando fingir que esse tipo de conexão realmente não existia. Toda vez que me pegava pensando naquele dia, eu achava as coisas culpadas. O calor. O sol. O cloro na piscina. O álcool que estávamos escondendo na dispensa de Jonah.

Jonah se afasta de mim e pega minha mão, me colocando de pé. Ele silenciosamente me leva para o quarto. Estamos nos beijando enquanto ele me abaixa para a cama, e eu amo como ele leva o seu tempo. Ele não remove uma única peça da minha roupa. Ele apenas me beija em todas as posições. Ele em cima, eu em cima, nós dois de lado. Nós nos beijamos e é tudo o que eu esperava que fosse.

Ele se inclina sobre mim, arrastando os lábios pelo meu pescoço. Sua respiração está quente contra a base da minha garganta quando ele diz:

— Estou com medo.

Essas palavras me arrepiam. Ele para de me beijar e pressiona sua bochecha no meu peito.

Enrosco meus dedos em seus cabelos.

— Medo de quê?

— Sua necessidade de proteger Clara. — Ele levanta o rosto. — Minha necessidade de ser honesto com Elijah. Não estamos na mesma página, Morgan. Eu esperei muito tempo para que isso fosse uma coisa única, mas não tenho certeza se você quer o que eu quero.

Ele se levanta, deslizando a mão sob a minha camisa, pressionando a palma da mão contra o meu estômago. Estou olhando para o teto e posso jurar que o teto está pulsando ao ritmo do meu coração.

— Eu não sei o que eu quero. — Meus olhos encontram os dele, e eu *sei* o que quero.

Estou mentindo. Eu sei *exatamente* o que eu quero. Só não sei se é possível. — Ela nunca vai entender. E o que diríamos a Elijah?

— Nós diríamos a ele a verdade. Você realmente acha que é melhor Clara pensar *que somos* os bandidos nesse cenário?

— Você viu como ela ficou arrasada por causa de um beijo. Imagine se ela descobrir sobre Elijah, sobre o que Jenny e Chris fizeram, ela nunca será capaz de perdoar isso.

Eu posso ver um flash de entendimento no rosto de Jonah, mas ele balança a cabeça.

— Então... — Ele cai de costas. — Chris e Jenny se safam de um caso. Eles mentem para mim sobre ter um filho. Eles se tornam ídolos eternos aos olhos de Clara. Enquanto isso, eu e você somos forçados a manter a boca fechada e viver separadamente na miséria por causa de ações pelas quais nem somos responsáveis?

— Eu sei que não é justo. — Eu me levanto no meu cotovelo e olho para ele. Coloquei minha mão em sua mandíbula endurecida e o forcei a encontrar meu olhar concentrado. — Chris era um marido de merda. Ele era um amigo de merda para você. Mas ele era um pai maravilhoso. — Eu corro meu polegar sobre seus lábios, implorando com ele através dos meus olhos chorosos. — Se ela descobrir que Elijah não é seu, isso a devastará. *Por favor*, não conte a ele. Tudo o que ele tem é você, de qualquer maneira. Não é o mesmo que Clara descobrir sobre Chris. Vou levar o segredo deles para o meu túmulo, se isso significa protegê-la desse tipo de dor.

Jonah vira a cabeça, afastando-se da minha mão. A rejeição arde.

— Eu não sou como você. Não quero mentir para o meu filho.

Eu caio de costas. Mais lágrimas vêm. Eu não deveria ter vindo aqui. Foi uma má idéia.

Vivi tanto tempo com esse terrível desejo que mantive enterrado por Jonah. O que custa mais cinquenta anos?

— Temos que resolver isso. Chegar a um acordo. — ele diz. — Eu quero estar com você.

— É por isso que estou aqui. Então você pode estar comigo.

— Eu quero você de mais maneiras que isso.

Fecho os olhos por um momento, calculando o que isso significaria. Mesmo em toda a infidelidade de Chris, ainda me sinto culpada por estar aqui, na cama de Jonah. Beijá-lo era tão bom quando eu não estava pensando muito sobre isso. É a melhor sensação que tive em muito, muito tempo. Mas agora que ele está me forçando a olhar para onde isso vai levar, eu me sinto infeliz novamente.

Eu o olho diretamente nos olhos.

— Você está me dizendo que está disposto a arruinar todas as lembranças que minha filha tem com o pai. No entanto, na mesma conversa, você está me pedindo para estar com você de mais de uma maneira? Me apaixonar por você?

— Não. — ele diz. — Não estou pedindo para você se apaixonar por mim, Morgan. Você já me ama. Só estou pedindo para você dar uma chance.

— Eu *não* te amo. — Eu rolo em direção ao outro lado da cama, longe dele. *Eu preciso sair.*

Eu começo a ficar de pé, mas ele agarra meu braço e me puxa de volta para a cama, de costas.

Pressiono minhas mãos contra seu peito para afastá-lo, mas ele está em cima de mim agora, olhando para mim com um olhar familiar em seus olhos. Eu estou instantaneamente

imóvel. Eu sou fraca sob esse olhar. Ele está olhando para mim como se estivesse naquela foto. Cheio de mágoa.

Ou talvez seja assim que Jonah se parece quando ama tanto algo que dói.

De repente, não sinto necessidade urgente de sair. Eu relaxo embaixo dele, nele, ao seu redor. Chupo o ar quando ele abaixa a boca no meu queixo, arrastando os lábios lentamente até o meu ouvido.

— Você me ama.

Balanço a cabeça.

— Eu não amo. Não é por isso que estou aqui.

Ele me beija, logo abaixo da minha orelha.

— Você ama. — diz ele. — Você acabou de fazer um excelente trabalho em esconder isso, mas disse isso em todas as conversas silenciosas que já tivemos.

— Não existe conversa silenciosa.

Ele está olhando nos meus olhos de uma maneira que nenhum homem jamais olhou para mim antes. Então, ele abaixa a cabeça e descansa os lábios nos meus.

— Está tudo bem, você não precisa dizer isso. Eu também te amo. — Quando seus lábios se fecham sobre os meus, há uma intensidade em seu beijo que me faz me perder.

Há algo em ser a primeira escolha de Jonah – talvez até a *única* escolha dele – que faz com que todos os olhares que ele me dê e cada toque e cada palavra que ele fale me alcancem em um nível que Chris nunca poderia. Um nível que sinto tão profundamente em minha alma que me faz doer sob toda a satisfação que seu beijo traz.

Quando ele se instala entre as minhas pernas, eu gemo em sua boca e o puxo para mais perto de mim.

Eu esqueço tudo. Os únicos pensamentos que tenho são sobre esse momento. Quão ásperas são suas mãos quando tiram minha camisa. Como seus lábios são macios quando encontram meus seios. Como seus movimentos são sem esforço enquanto ele tira o jeans.

Quão sincronizados estão nossos suspiros quando finalmente estamos pele a pele. Como seus olhos são intensos quando ele começa a me empurrar.

É uma completude que eu nunca experimentei antes.

É como se ele soubesse exatamente onde me tocar, quão suave, firme, onde eu quero seus lábios. Ele se parece como um professor do meu corpo, e eu me sinto como uma aluna inexperiente, tocando-o cautelosamente, sem saber se meus dedos ou meus lábios podem chegar perto de fazê-lo sentir como está me fazendo sentir.

Pressiono a boca no ombro dele e sussurro:

— Eu só estive com Chris.

Jonah está dentro de mim quando ele para de repente e se afasta. Nossos olhos se encontram e ele sorri.

— Eu só *queria* estar com você.

Ele me beija com ternura, e é assim que continua – ele me beijando, movendo-se suavemente dentro e fora de mim até que eu não consigo mais ficar em silêncio. Eu o puxo para mais perto para que eu possa enterrar meu rosto no pescoço dele quando isso acontece.

Termino primeiro, um momento explosivo de emoções e prazer e anos de supressão finalmente chegando à superfície. Meu corpo está tremendo embaixo dele, e minhas unhas rastejam pelas costas

dele quando ele geme contra minha bochecha, estremecendo em cima de mim.

Espero que termine aqui, com ele recuperando o fôlego e depois saindo de mim com um suspiro. Foi assim que os últimos dezessete anos de sexo com Chris sempre terminaram.

Mas Jonah não é Chris, e eu preciso parar de compará-los. *É injusto com Chris.*

Jonah está gentilmente embalando o lado da minha cabeça enquanto continuamos a nos beijar. Parece que ainda não acabou. Essa coisa entre eu e Jonah. Agora que tive esse lado dele, não sei como posso continuar sem ele.

Isso me assusta, mas estou muito saciada para parar sua boca enquanto se move sobre a minha, através da minha mandíbula, finalmente descansando contra o meu peito, onde ele calmamente deita a cabeça. Passamos os próximos minutos esperando a corrente se estabelecer entre nós.

Ele desliza a mão pelo meu estômago e começa a passar o dedo preguiçosamente sobre a minha pele.

— Eu vou fazer isso.

Sinto minha respiração presa.

Jonah se ergue sobre o cotovelo, pairando sobre mim.

— Eu não direi a Elijah. Se você me prometer que não vai acabar com isso - que você acabará dizendo a Clara que quer ficar comigo - eu não direi a Elijah. — Ele escova meu cabelo e me olha com olhos cheios de sinceridade. — Você está certa. Clara merece toda grande lembrança que tem de Chris. Não quero tirar isso dela.

Sinto uma lágrima deslizar no meu cabelo enquanto olho para ele.

— Você também está certo. — eu sussurro. — Eu *realmente* te amo.

Jonah sorri.

— Eu sei que você ama. É por isso que estamos pelados.

Eu rio. Ele me puxa para cima dele, e percebo que, quando olho para ele, nunca me senti como se pertencesse a outra pessoa mais do que a Jonah Sullivan.

CAPÍTULO TRINTA

CLARA

— Deixa eu ver se entendi, — diz Lexie. Ela levanta os pés na mesa de café, quase derrubando uma das garrafas de vinho. — Sua mãe está dormindo com o tio professor?

Eu soluço. Então concordo.

— O noivo de sua irmã morta?

Eu aceno de novo.

— Uau. — Ela se inclina para frente e pega mais vinho. — Eu não estou bêbada o suficiente para isso. — Ela toma um gole direto da garrafa. Eu tiro isso dela, não porque acho que ela exagerou, mas porque não sei que estou bêbada o suficiente também. Tomo um gole e o coloco entre as pernas, segurando a parte superior da garrafa.

— Há quanto tempo você acha que isso está acontecendo? — Ela pergunta.

Eu dou de ombros.

— Não sei dizer. Ela está lá agora. Temos esse aplicativo, e é onde ela está. Lá. Com ele.

— Filhos da puta — diz ela. Depois que esse insulto sai da boca, ela de repente fica animada, pulando do sofá. Ela tropeça, mas se segura. — E se sua mãe e Jonah *causaram* o acidente para que pudessem ficar juntos?

— Isso é ridículo.

— Estou falando sério, Clara! Você não assiste *Dateline*?

Eu aceno na direção da televisão.

— Não temos mais TV a cabo.

Lexie começa a andar pela sala, um pouco vacilante, mas com sucesso.

— E se isso for uma conspiração? Quero dizer, pense sobre isso. Seu pai e Jenny estavam juntos quando morreram. *Por que* eles estavam juntos?

— Meu pai estava com um pneu furado. Eles trabalham no mesmo prédio. Jenny estava lhe dando uma carona. — Eles estão mortos por causa das minhas mensagens para tia Jenny, mas eu mantenho esse pensamento para mim.

Lexie estreita os olhos e estala os dedos, como se tivesse acabado de resolver o caso.

— Pneus furados podem ser criados.

Reviro os olhos, pego meu garfo e dou outra mordida no bolo na mesa de café. É o bolo de aniversário mais triste que eu já vi. Ninguém sequer cortou uma fatia dele. Faltam apenas pedaços enormes de bolo na parte superior e nas laterais. Eu falo com a boca cheia.

— Minha mãe é uma pessoa terrível. Mas ela não é uma assassina.

Lexie levanta uma sobrancelha.

— E o tio professor? Ele não existe há tanto tempo. Nós sabemos onde ele esteve?

Pode haver um rastro de cadáveres em seu caminho.

— Você assiste muita TV.

Ela se aproxima de mim e se inclina, ficando cara a cara comigo.

— TV de *verdade!* Eu assisto crimes que realmente aconteceram! Isso acontece, Clara.

Mais frequentemente do que você pensa.

Enfiei um pedaço de bolo na boca dela para calá-la.

Era desnecessário, porém, porque assim que a porta da frente se abre, Lexie e eu fechamos nossas bocas com a presença repentina de minha mãe.

Lexie começa lentamente a se abaixar na mesa de café.

— Olá, Morgan — Lexie diz, fazendo tudo ao seu alcance para parecer sóbria. Poderia ter funcionado se ela não estivesse

levantando as pernas e esticando as costas para uma posição embaraçosa na mesa de café, enquanto tentava esconder as garrafas de vinho da minha mãe. Todo o seu corpo está rígido e contorcido agora. Agradeço seus esforços, mas ela superestima a estupidez de minha mãe.

Minha mãe fecha a porta e olha para nós com decepção. Ela pode ver as garrafas vazias na mesa, apesar da tentativa de Lexie de se espalhar na frente delas. Lexie esqueceu que eu também estava segurando uma garrafa no meu colo. Não posso muito bem esconder isso neste momento.

Os olhos da minha mãe caem em mim.

— *Sério*, Clara? — Sua voz é plana. Surpreendida. É como se nada que eu fizesse pudesse incomodá-la neste momento.

— Eu estava saindo. — diz Lexie, empurrando a mesa. Ela começa a andar em direção à porta, mas minha mãe estende a mão.

— Me dê suas chaves.

A cabeça de Lexie rola para trás com um gemido. Ela tira as chaves do bolso e as coloca na mão da minha mãe.

— Isso significa que eu posso passar a noite?

— Não. Ligue para sua mãe para buscá-la. — Ela olha para mim. — Limpe essa bagunça. — Ela leva as chaves de Lexie para a cozinha.

Lexie pega o telefone.

— *Sério*? Você só vai me *deixar* aqui com ela? Ela poderia ser uma assassina. — sussurro.

Eu realmente não acho isso, mas também não quero ficar sozinha com minha mãe assim. Quando ela está com raiva, isso não me assusta. Mas agora, ela apenas parece irritada. Isso meio que me aterroriza. Está fora do personagem, o que significa que não sei o que vem a seguir.

— O Uber estará aqui em dois minutos, — diz Lexie, deslizando o telefone de volta no bolso. Ela caminha até mim e me abraça. — Desculpe, mas eu não quero ficar aqui para isso. Me ligue se ela te matar, está bem?

— Tudo bem — eu digo, fazendo beicinho.

Lexie sai e olho para a mesa de café, pego a garrafa de vinho que ainda não está vazia e termino. Recebo o último gole quando é arrancado da minha mão.

Eu olho para minha mãe, e talvez seja o álcool. Isso *pode* ser o álcool. Mas eu a odeio tanto que nem sei se ficaria triste se ela morresse. Toda vez que olho para ela agora, me pergunto sobre o caso deles. Começou antes da irmã engravidar? Ela ainda estava dormindo com Jonah enquanto acompanhava Jenny em todas as consultas de ultrassonografia?

Eu sempre pensei que minha mãe era uma mentirosa terrível, mas ela é uma mentirosa melhor do que qualquer um. Ela é melhor que eu, e eu sou a atriz da família.

— Então — eu digo, muito casualmente. — Há quanto tempo você e Jonah estão fodendo?

Minha mãe é forçada a soltar um suspiro calmante. Seus lábios finos de raiva. Não tenho certeza de que alguma vez me senti preocupada que ela possa me dar um tapa, mas dou um passo para trás porque ela parece chateada o suficiente para me dar um tapa agora.

— Eu estou cansada desse comportamento, Clara. — Ela pega a outra garrafa de vinho e os copos vermelhos SOLO que Lexie e eu começamos. Quando ela se ergue, ela me olha nos olhos novamente. — Eu *nunca* teria feito isso com Jenny. *Ou* seu pai. Não me insulte assim.

Eu quero acreditar nela. Eu meio *que* acredito nela, mas estou bêbada, então meu julgamento é prejudicado. Ela caminha para a cozinha, então eu a sigo.

— E onde você esteve?

Minha mãe me ignora quando começa a derramar o pouco que resta do vinho pelo ralo.

— O que você estava fazendo na... — estalo os dedos, tentando pensar na palavra para as coisas em que as pessoas vivem. As palavras são difíceis agora. — Casa! — Eu finalmente digo. — Por que você estava na casa dele agora?

— Precisávamos conversar.

— Você não conversou. Você fez sexo. Eu sei dizer. Sou especialista agora.

Minha mãe não nega minha acusação. Ela joga as garrafas vazias de vinho no lixo, depois encontra a última garrafa de vinho na cozinha e a destranca, depois a derrama na pia.

Eu aponto minhas mãos em sua direção, batendo palmas.

— Pensando no futuro, entendo. Bom trabalho. *Boa mãe.*

— Bem, eu realmente não posso confiar em você com muita coisa neste momento, então o que for preciso. — Quando a garrafa está vazia, ela a joga no lixo, depois volta para a sala de estar. Ela tira meu telefone da mesa. Eu a sigo pelo corredor, apesar de continuar batendo na parede com meu ombro. As palavras são difíceis, mas andar é mais difícil.

Acabo colocando a mão na parede e me equilibrando até chegar ao meu quarto. Minha mãe está lá dentro, coletando coisas.

Minha televisão.

Meu iPad.

Meus livros.

— Você está me impedindo de *ler*?

— Livros são um privilégio. Você pode ganhá-los de volta.

Oh meu Deus. Ela está tirando tudo o que me traz alguma aparência de felicidade. Vou até o canto onde joguei meu travesseiro favorito hoje de manhã. É roxo e preto com lantejoulas, e eu gosto de desenhar formas com os dedos. Às vezes eu desenho palavrões.

É divertido.

— Aqui — eu digo, entregando a ela. — Este travesseiro também me traz muita alegria.

Melhor levar embora.

Ela pega da minha mão e então procuro outra coisa que eu gosto. Sinto como se estivéssemos em um episódio de Marie Kondo de cabeça para baixo. *Isso desperta alegria? Livre-se disso!*

Meus fones de ouvido estão na minha mesa de cabeceira, então eu os agarro.

— Eu gosto destes. Eu nem posso usá-los porque você pegou meu telefone e meu iPad, mas ainda posso ficar tentada a colocá-

los em meus ouvidos, então é melhor você levá-los!

— Eu os jogo no corredor, onde ela está colocando todas as outras coisas. Pego meu cobertor da minha cama. — Meu cobertor me aquece. É muito bom, e ainda cheira a Miller, então é melhor você me fazer ganhar esse de volta. — Eu passo por ela e a empilho sobre minhas outras coisas.

Minha mãe está parada na porta do meu quarto me observando. Vou até o meu armário e encontro meu par de sapatos favorito. São botas, na verdade.

— Você me comprou essas no Natal e, como o inverno no Texas é inexistente, eu mal consigo usá-las. Mas será realmente incrível quando eu *conseguir* chegar a usá-los, então é melhor levá-los antes do inverno vir! — Eu atiro-os um de cada vez para o corredor.

— Pare de me irritar, Clara.

Eu ouço uma mensagem de texto no meu telefone. Minha mãe tira do bolso, lê, revira os olhos e guarda o telefone.

— Quem era?

— Não se preocupe com isso.

— O que ele disse?

— Você saberia se não tivesse bebido.

Ugh. Vou até o meu armário e tiro uma das minhas camisas favoritas de um cabide.

Então outra.

— Melhor tirar essas camisas. Pegue *todas as* minhas roupas, na verdade. Eu não preciso delas. Eu não posso sair de casa de qualquer maneira. Mesmo se eu pudesse, não teria para onde ir, porque meu namorado terminou comigo no meu aniversário.

Provavelmente porque minha mãe é louca! — Largo uma braçada de roupas no chão do corredor.

— Pare de ser dramática. Ele não terminou com você. Vá para a cama, Clara. — Ela fecha a porta do meu quarto.

Eu a abro.

— Nós *realmente* terminamos! Como você saberia se terminamos ou não?

— Porque — diz ela, virando-se para me encarar com uma expressão entediada. —

Essa mensagem foi dele. Ele dizia: *'Espero que você durma bem. Vejo você na escola amanhã.'* As pessoas que terminam não mandam mensagens assim – ou enviam emojis de coração. — Ela começa a andar mais pelo corredor, então eu a sigo porque preciso saber mais.

— Ele colocou um emoji de coração?

Ela não me responde. Ela continua andando.

— De que cor era?

Ela ainda está me ignorando.

— *Mãe!* Era vermelho? Era um coração vermelho?

Estamos na cozinha agora. Eu me inclino contra o balcão porque sinto algo correndo pela minha cabeça. Uma tontura. Pego o balcão para me equilibrar e depois arroto. Eu cubro minha boca.

Minha mãe balança a cabeça, os olhos cheios de decepção.

— É como se você imprimisse uma lista de verificação de maneiras de se rebelar e as estivesse marcando uma de cada vez.

— Eu não tenho uma lista de verificação. Mas se eu tivesse, você provavelmente também tiraria isso de mim, porque eu gosto de listas de verificação. As listas de verificação me fazem feliz.

Minha mãe suspira, cruzando os braços sobre o peito.

— Clara — diz ela, sua voz suave. — Querida. Como você acha que seu pai se sentiria se pudesse vê-la agora?

— Se meu pai estivesse vivo, eu não estaria bêbada — admito.

— Eu o respeitava demais para fazer isso.

— Você não precisa parar de respeitá-lo só porque ele está morto.

— Sim, bem. Nem você, mãe.

CAPÍTULO TRINTA E UM

MORGAN

O comentário de Clara foi profundo.

Percebo que ela bebeu uma garrafa de vinho sozinha. Duas delas estavam completamente vazias. Mas, às vezes, bebedeiras estúpidas tornam as pessoas mais honestas do que normalmente seriam, o que significa que ela realmente acredita que estou desrespeitando o pai.

Me mata que ela pensa que eu sou a pessoa errada.

Espero que isso passe. Sua raiva, sua rebelião, seu ódio por mim. Sei que ela nunca vai superar completamente, mas espero que nos próximos dias ela consiga me perdoar de alguma forma. Tenho certeza que ela irá assim que pudermos nos sentar e conversar, mas ela ainda se recupera da constatação de que Jonah e eu estamos intimamente envolvidos.

Para ser honesta, ainda *estou me* recuperando da realização.

Abro a porta dela mais uma vez para checá-la antes de ir para o meu quarto. Ela está com frio. Tenho certeza que ela acordará com uma ressaca violenta, mas agora, ela parece pacífica.

Eu meio que espero que ela tenha ressaca. Que melhor maneira de garantir que seu filho não beba novamente do que a primeira vez ser uma experiência horrível?

Eu ouço meu celular tocando, então deixo a porta de Clara fechada e vou para o meu quarto. Em todas as vezes que Jonah me ligou, essa é a primeira vez que me permito ficar excitada para ouvir sua voz. Sento-me, encosto na cabeceira da cama e atendo.

— Oi.

— Ei. — ele diz. Eu posso ouvir o sorriso em sua voz.

Fica quieto por um momento, e eu percebo que ele provavelmente não tinha nenhuma razão urgente para me ligar além de apenas conversar. Essa é a primeira vez. É emocionante, sentir-se desejado.

Deslizo de costas.

— O que você está fazendo?

— Olhando fixamente para Elijah, — diz Jonah. — É tão estranho o quão fascinante é apenas ver um bebê dormir.

— Isso não acaba. Eu estava apenas olhando Clara quando você ligou.

— É bom saber disso. Então as coisas estavam melhores quando você chegou em casa?

Eu ri.

— Ah, Jonah. — Eu pressiono minha mão na minha testa. — Ela está perdida. Ela e Lexie beberam duas garrafas e meia de vinho enquanto eu estava em sua casa.

— Não.

— Sim. Ela vai se arrepender de manhã.

Ele suspira.

— Gostaria de saber que conselho dar a você, mas estou perdido.

— Eu também. Vou ligar para um terapeuta familiar de manhã. Eu deveria ter feito isso antes, mas acho que é melhor tarde do que nunca.

— Devo esperar ela na aula amanhã?

— Não sei se ela conseguirá sair da cama.

Ele ri, mas é uma risada empática.

— Espero que os anos se demorem antes de Elijah ter essa idade.

— Eles não vão. Vai passar num piscar de olhos. — Está quieto por um momento. Eu gosto de ouvi-lo respirar. Eu meio que queria estar lá com ele agora. Eu me cubro com meu cobertor e rolo para o lado, apoiando o telefone na orelha.

— Você quer saber uma das minhas memórias favoritas sobre você? — Jonah pergunta.

Eu sorrio

— Isso parece divertido.

— Foi o meu baile de formatura. Seu baile de formatura. Você lembra?

— Sim. Você foi com Tiffany Proctor. Passei a noite inteira tentando não assistir vocês dois dançando. Eu posso admitir agora que eu estava loucamente com ciúmes.

— Somos dois. — diz Jonah. — De qualquer forma, Chris estava empolgado para ir ao baile porque tinha conseguido um hotel para vocês dois. Tentei não pensar nisso a noite toda. Quando chegou a hora de ele partir, estava bêbado.

— *Tão* bêbado — eu digo, rindo.

— Sim, eu tive que levar vocês para o hotel. Deixei Tiffany primeiro, o que a irritou.

Quando chegamos ao hotel, nós dois tivemos que praticamente arrastar Chris pelas escadas. Quando finalmente o colocamos na cama, ele desmaiou no meio dela.

Eu lembro, mas não sei por que essa é a lembrança favorita de Jonah sobre mim. Antes que eu possa perguntar o que há de tão especial nisso, ele continua a história.

— Você estava com fome, então pedimos uma pizza. Sentei-me de um lado do Chris e você do outro. Nós assistimos o *Projeto Bruxa de Blair* até a pizza chegar lá, mas não tínhamos onde colocar a pizza para que pudéssemos alcançá-la.

Eu sorrio com a lembrança.

— Usamos Chris como mesa.

— Colocamos a caixa de pizza bem nas costas dele. — Eu ouço humor na voz de Jonah. — Não sei por que me diverti tanto naquela noite. Quero dizer... era baile, e eu nem fui beijado. Mas eu passei a noite inteira com você, mesmo que Chris estivesse desmaiado entre nós.

— Essa foi uma boa noite. — Eu ainda estou sorrindo, tentando pensar em uma das minhas memórias favoritas com Jonah. — Ai meu Deus. Lembra da noite em que você foi parado?

— Qual das vezes? Fui muito parado.

— Não me lembro para onde estávamos indo, ou se estávamos vindo de algum lugar, mas já era tarde e a estrada estava vazia. Seu

carro era uma merda, então Chris queria que você visse o quão rápido o carro poderia ir. Você chegou aos noventa quando foi parado.

Quando o policial chegou à sua janela, ele disse: *'Você percebe o quão rápido estava indo?'*

Você disse: *'Sim senhor. Noventa.'* E então o policial disse: *'Existe uma razão para você estar dirigindo 25 quilômetros acima do limite de velocidade?'* Você parou por um momento e disse: *'Não gosto que as coisas sejam desperdiçadas'*. O oficial olhou para você e você acenou para o seu painel. *'Eu tenho esse velocímetro inteiro e, na maioria das vezes, nem uso metade dele.'*

Jonah ri. Muito.

— Eu não posso acreditar que você se lembra disso.

— Como eu poderia esquecer? Você irritou tanto o policial que ele puxou você do carro e revistou você.

— Consegui um serviço comunitário por isso. Tive que pegar o lixo da estrada todos os sábados por três meses.

— Sim, mas você estava bonito em seu colete amarelo.

— Você e Chris achavam hilário dirigir e jogar latas de refrigerante vazias em mim.

— Tudo ideia dele — digo em defesa.

— Eu duvido disso — diz Jonah.

Suspiro, pensando em todos os bons tempos. Não apenas com Jonah, mas também com Chris. E Jenny. Tantos com Jenny.

— Eu sinto falta deles — eu sussurro.

— Sim. Eu também.

— Sinto sua falta — digo baixinho.

— Também sinto sua falta.

Nós dois nos deliciamos com esse sentimento por um momento, mas então eu posso ouvir Elijah começando a mexer. Não dura muito. Jonah deve ter acalmado ele de volta a dormir de alguma forma.

— Você acha que alguma vez fará um teste de paternidade? — Pergunto a ele. Eu sei que Elijah se parece com Chris, mas pode ser uma coincidência. Fiquei me perguntando se Jonah quer uma prova válida.

— Eu pensei sobre isso. Mas honestamente, seria um desperdício de cem dólares. Ele é meu, não importa o quê.

Meu coração parece que rola no meu peito depois desse comentário.

— Deus, eu amo você, Jonah. — Minhas palavras me chocam. Sei que dissemos isso antes, mas não pretendia falar em voz alta agora. Eu estava apenas sentindo, e então saiu.

Jonah suspira.

— Você não tem ideia de como é bom ouvir você dizer isso.

— Foi bom dizer isso. Finalmente. Eu te amo. — sussurro novamente.

— Você pode dizer isso quinze mil vezes mais antes de eu desligar?

— Não, mas vou dizer mais uma vez. Estou apaixonada por você, Jonah Sullivan.

Ele geme.

— Isso é tortura. Queria que você estivesse aqui.

— Eu gostaria de estar também.

Elijah começa a chorar novamente. Ele não desiste dessa vez.

— Eu preciso ir fazer uma mamadeira para ele.

— OK. Dê um beijo nele por mim.

— Vejo você amanhã?

— Eu não sei, — eu admito. — Vamos ver no que dá.

— OK. Boa noite, Morgan.

— Boa noite.

Quando terminamos a ligação, fico impressionada com a dor que ela deixa no meu peito.

Lutei com esses sentimentos com sucesso por tanto tempo, mas agora que me abri para ele, quero estar perto dele. Eu quero estar em seus braços, em sua cama. Eu quero dormir ao lado dele.

Repito toda a nossa conversa na minha cabeça enquanto tento adormecer.

Um barulho me assusta, no entanto. O som veio da direção do quarto de Clara. Eu pulo da minha cama e corro pelo corredor. Ela não está em sua cama, então eu abro a porta do banheiro. Ela está de joelhos, segurando o vaso sanitário.

Aqui vamos nós.

Pego uma toalha do armário e a molho, depois me ajoelho ao lado dela. Eu seguro seus cabelos enquanto ela vomita.

Eu odeio que ela esteja passando por isso, mas também adoro. Eu quero que doa.

Quero que ela se lembre de cada segundo terrível dessa ressaca.

Alguns minutos depois, ela cai contra mim e diz:

— Acho que acabou.

Eu quero rir porque sei que não é. Eu a ajudo a voltar para a cama porque ela ainda está muito bêbada. Quando ela se deita, percebo que ela está apenas usando um lençol para se cobrir. Vou para o quarto de hóspedes, onde coloquei todas as coisas que confisquei. Pego seu cobertor e seu travesseiro de lantejoulas, depois pego uma lata de lixo e os levo todos para ela.

Enquanto a coloco, ela murmura:

— Acho que tenho vômito no nariz.

Eu rio e entrego a ela um lenço de papel. Ela assoa o nariz e joga o lenço de papel na lata de lixo. Seus olhos estão fechados, e eu estou acariciando seus cabelos quando ela diz: — Eu nunca mais quero beber de novo. — Suas palavras são arrastadas. — Eu também odeio o fedor. Cheira tão mal. Não quero mais vômito nas narinas, esse que é o pior.

— Estou feliz que você odeie — eu digo.

— Eu também odiei o sexo. Não quero fazer isso de novo por muito, muito tempo. Nós nem estávamos prontos. Ele tentou me convencer disso, e eu não quis ouvir.

Eu sei que ela está bêbada, mas suas palavras me surpreendem. O que ela quer dizer com ele tentou convencê-la disso?

Isso foi ideia *dela*?

Eu ainda estou acariciando seus cabelos quando ela começa a chorar. Ela pressiona o rosto no travesseiro. Eu odeio que o que quer que tenha acontecido entre eles a faça se sentir culpada.

— Ele obviamente te ama, Clara. Não chore.

Ela balança a cabeça.

— Não é por isso que estou chorando. — Ela levanta a cabeça do travesseiro e olha para mim. — Estou chorando porque foi minha culpa. É minha culpa que eles tenham morrido, e tento não pensar nisso, mas é só nisso que penso quando minha cabeça está neste travesseiro. Toda noite. Exceto que uma vez eu adormeci imaginando por que os ursinhos de pelúcia são fofinhos, quando os ursos de verdade são tão maus, mas além daquela noite, tudo em que consigo pensar é como é minha culpa que eles tenham batido.

— Do que você está falando?

Ela coloca o rosto de volta no travesseiro.

— Vá embora, mãe. — Antes que eu me mova, ela levanta a cabeça novamente e diz: — Não, espere. Quero que você fique. — Ela se aproxima, batendo na cama ao lado dela.

— Cante para mim aquela música que você costumava cantar quando eu era pequena.

Eu ainda estou tentando entender o que ela disse sobre o acidente ser culpa dela. Por que ela pensaria isso? Eu quero perguntar a ela sobre isso, mas ela está bêbada demais para manter uma conversa real agora, então eu apenas vou para a cama com ela e a apaziguo.

— Que música?

— Você sabe, aquela música que você costumava cantar para mim quando eu era pequena.

— Eu cantei muitas músicas. Eu não acho que tivemos uma música em particular.

— Cante outra coisa, então. Você conhece alguma música do Twenty One Pilots? Nós duas gostamos deles.

Eu rio e a puxo contra o meu peito.

— Cante a música sobre a casa de ouro, — diz ela.

Passo a mão suavemente sobre a cabeça dela e começo a cantar baixinho.

Ela está assentindo enquanto eu canto, me dizendo que é a música certa.

Eu continuo cantando a música, acariciando seus cabelos, até que a música termine e ela finalmente esteja dormindo.

Eu deslizo suavemente para fora da cama dela e a encaro. Clara bêbada é meio engraçada. Eu preferiria ter visto pela primeira vez quando ela tivesse 21 anos, mas pelo menos aconteceu aqui, onde sou eu quem garante que ela está sendo cuidada.

Enfio o cobertor em volta dela e depois a beijo de boa noite.

— Você está me deixando louca agora, Clara... mas meu Deus, eu te amo.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CLARA

Nunca na minha vida me senti tão terrível.

Eu provavelmente não deveria ter dirigido para a escola, porque minha cabeça dói tanto que mal consigo manter os olhos abertos. Mas minha mãe pegou meu telefone ontem à noite e eu queria falar com Miller. Eu *preciso* falar com ele. Realmente não me lembro de muita coisa que aconteceu depois que Lexie chegou, mas certamente me lembro de tudo o que aconteceu com Miller antes de ele sair. E eu me arrependo de tudo isso.

Quando vejo a caminhonete dele entrando no estacionamento, saio do carro e vou até ele. Ele desliga e abre a porta do passageiro. Não tenho ideia se ele ainda está bravo comigo, então a primeira coisa que faço quando estou na caminhonete dele é atravessar o banco e passar os braços em volta dele.

— Me desculpe, eu sou louca.

Miller me abraça de volta.

— Você não é louca.

Ele me afasta, mas apenas para que possa reajustar nossa posição. Ele corre para o meio do assento e me puxa para o colo dele, para que eu esteja montada nele e possa olhá-lo nos olhos.

— Me senti mal depois que saí de sua casa, mas fiquei chateado. Eu queria estar com você por um tempo agora, mas quero que nosso tempo juntos seja significativo para nós e não esteja relacionado a ou apesar de mais ninguém.

— Eu sei. Eu sinto muito. Eu me sinto mal.

Miller me puxa contra o peito e esfrega uma mão suave nas minhas costas.

— Eu não quero que você se sinta terrível. Entendi. Você já passou por muita coisa, Clara. Não quero que você se estresse ainda mais por minha causa ou por nós. Eu só quero fazer parte de tudo que torna sua vida melhor.

Deus, eu me sinto como uma idiota. Estou aliviada e sortuda por ele ser tão compreensivo. Eu o beijo na bochecha e olho para ele.

— Isso significa que você não quer mais terminar comigo?

Ele sorri.

— Eu nunca quis. Eu estava apenas chateado.

— Bom. — Eu beijo o interior de sua palma. — Porque realmente vai doer quando acontecer algum dia. Só de pensar que você estava terminando comigo por dois segundos doeu como o inferno.

— Talvez nunca terminemos, — diz ele, sua voz esperançosa.

— Infelizmente, as probabilidades não estão a nosso favor.

Ele passa o polegar pelo meu lábio inferior.

— Isso é uma chatice. Com certeza sentirei falta de beijar você. Eu concordo.

— Sim. Eu sou uma ótima beijadora. A melhor que você já terá.

Ele ri e eu deixo minha cabeça cair no ombro dele.

— O que você acha que será a causa do nosso futuro rompimento?

— Eu não sei — diz ele, entretendo meus pensamentos perturbadores. — Mas terá que ser muito mais dramático do que ontem à noite, porque estamos muito profundos.

— Será. — eu digo. — Será extremamente dramático. Você provavelmente se tornará um músico famoso e se apaixonará pela fama e me deixará para trás.

— Eu nem toco um instrumento e canto como merda.

— Eu provavelmente me tornarei uma atriz famosa, então. E o apresentarei a uma das minhas colegas mais famosas do que eu, e você a achará mais atraente e desejará tocar em todos os seus prêmios da Academia.

— Não é possível. Esse tipo de pessoa não existe.

Sento-me para ver seu rosto.

— Talvez eles colonizem Marte, e eu quero ir para lá e você não.

Ele balança a cabeça.

— Eu ainda vou te amar de um planeta diferente.

Eu paro.

Ele disse:

— *Eu ainda vou te amar.* — Eu sei que ele não quis dizer isso dessa maneira, mas eu sorrio provocativamente. — Você acabou de admitir que está apaixonado por mim?

Ele encolhe os ombros e então seus lábios se abrem em um sorriso tímido.

— Às vezes me sinto como eu estou. Tenho certeza de que ainda não é tão profundo.

Não estamos juntos há tanto tempo. Discutimos muito mais do que eu gostaria. Mas eu sinto isso. Logo abaixo da superfície. Formigando. Me mantém acordado à noite.

— Isso poderia ser apenas a síndrome das pernas inquietas.

Ele sorri com um lento movimento da cabeça.

— Não.

— Essa pode ser a causa do nosso rompimento dramático. Você está me dizendo que pode estar se apaixonando por mim muito cedo.

— Você acha que é muito cedo? Eu meio que pensei que era o momento perfeito. — Ele se inclina para frente e me beija suavemente na bochecha. — Eu esperei três anos para estar com você. Se me apaixonar por você cedo demais vai estragar isso, então eu nem gosto de você. Na verdade, eu te odeio.

Eu sorrio.

— Eu também te odeio.

Ele enfia os dedos e sorri.

— Sério, talvez nós realmente não terminemos. Nunca.

— Mas o sofrimento cria caráter. Lembra?

— O mesmo acontece com o amor. — diz ele.

Que grande ponto. É um ponto tão bom que eu o beijo por isso. Eu só dou um selinho nele, no entanto, porque acho que ele não quer sua língua na minha boca depois da noite passada.

— Eu e Lexie ficamos bêbadas depois que você saiu. Estou com muita ressaca, então acho que vou voltar para casa. Estou com dor de cabeça do tamanho de Rhode Island.

— Rhode Island é realmente muito pequeno, — diz ele.

— Nebraska, então.

— Oh. Bem, nesse caso, você definitivamente deveria ir para casa e voltar para a cama.

Eu o beijo novamente, na bochecha.

— Vou te dar um beijo melhor na próxima vez que eu te ver. Mas eu vomitei a noite toda.

— Quando eu vou te ver?

Eu dou de ombros.

— Estarei na escola amanhã, mas provavelmente estou de castigo por muito tempo.

Miller coloca o cabelo atrás da orelha, me abraça e depois diz:

— Obrigado por vir me ver.

— Obrigado por me aturar.

Quando saímos da caminhonete, ele me dá um abraço final. É reconfortante, e no caminho para casa eu penso nos abraços dele. Abraços do meu pai. Abraços de Jonah.

Eles são todos ótimos.

Mas, se estou sendo sincera, nada se compara aos abraços de minha mãe. Ou os beijos dela. Eu realmente não me lembro muito sobre a noite passada, mas me lembro dela me ajudando no banheiro. E, por algum motivo estranho, lembro que ela estava na minha cama, me cantando uma música aleatória do Twenty One Pilots.

E lembro-me dela me beijando na testa, pouco antes de ela me dizer que me amava.

Mesmo aos dezessete anos de idade, ainda sinto todo o conforto da infância quando estou doente e minha mãe cuida de mim.

Acordei com meu cobertor e meu travesseiro de lantejoulas. Isso me fez sorrir, mesmo com a dor de cabeça. Mesmo através da minha raiva.

Eu me pergunto se posso de alguma forma separar a raiva do amor. Não quero que as ações dela com Jonah tenham um efeito sobre o que sinto por ela. Ela é minha mãe. Eu não quero odiá-la. Mas e se eu não conseguir perdoá-la?

Mas como eu sei que Jenny e meu pai não estão felizes por minha mãe e Jonah? E se eles de alguma forma colocassem isso em movimento, onde quer que estejam?

E se minha raiva estiver interferindo nisso de alguma forma?

Eu tenho muitas perguntas. A maioria delas sei que não podem ser respondidas. Está fazendo minha cabeça doer ainda mais.

Quando finalmente entro em casa, minha mãe está acordada. Ela está sentada no sofá com o laptop. Provavelmente ainda está se candidatando a empregos. Ela olha para mim quando eu fecho a porta.

— Você está bem?

Eu concordo.

— Eu pensei que poderia ir para escola, mas estava errada. Estou com dor de cabeça do Nebraska. — Aponto para o meu quarto. — Eu vou voltar para a cama.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

MORGAN

Pesquisei no Google a *dor de cabeça do Nebraska* quando Clara chegou em casa hoje de manhã, mas não conseguia entender o que isso significava. Eu pensei que talvez fosse uma gíria, mas se for, deve ser uma gíria totalmente nova.

Sinto-me bastante produtiva hoje. Tenho uma entrevista de emprego para uma posição de secretária em uma empresa imobiliária na próxima semana. Não é o ideal, porque o salário é baixo, mas é um começo. Acho atraente a ideia de vender imóveis, então pensei que, se eu pudesse conseguir o emprego, poderia ter um gosto por ele e ver se é isso que quero estudar. Estive procurando maneiras de trabalhar de alguma forma e ir para a faculdade ao mesmo tempo. Existem muito mais opções agora do que quando eu tinha dezoito anos. Se eu tivesse a oportunidade de ter aulas noturnas e aulas on-line quando Clara era mais nova, provavelmente teria terminado minha graduação.

Eu tenho pena de mim mesma, mas, na realidade, isso não é tudo culpa de Chris. Eu sabia que ele não era invencível. Eu poderia facilmente ter ido para a faculdade em meio período para me preparar se alguma coisa acontecesse com ele. E, sinceramente, tenho sorte de ele ter uma apólice de seguro de vida que me dará tempo para descobrir.

Enquanto examinava a papelada no quarto, me deparei com o meu quadro de aniversário, no qual Clara e eu trabalhamos na noite anterior à morte de Chris. Eu nunca coloco de volta onde normalmente os guardo, porque no dia seguinte alterava tudo. De alguma forma acabou debaixo da minha cama. Isso me lembrou que

ainda precisamos fazer o de Clara. Eu sei que ela provavelmente não está com vontade, mas é tradição, então quando a ouço tomando banho, pego os materiais de artesanato e os coloco sobre a mesa. Faço um tabuleiro de charcutaria e o coloco na mesa ao lado do quadro de aniversário dela, porque duvido que ela sinta vontade de comer muito, mas precisa comer alguma coisa.

Quando ela finalmente sai do quarto, estou na mesa do meu laptop. Ela olha para o quadro de aniversário. Eu fecho meu laptop e, surpreendentemente, ela caminha para a mesa e senta-se sem problemas. Ela coloca uma uva na boca. Fazemos contato visual, mas nenhuma de nós fala. Ela pega um marcador azul e eu pego um roxo.

Ela olha para o quadro – para todas as coisas que colocamos nele ao longo dos anos.

Gosto porque a letra dela evoluiu ao longo dos anos. Seu primeiro objetivo foi escrito em giz de cera verde, escrito errado. *Americun Gurl dol*. Era um desejo e não um objetivo, mas ela era jovem. Ela finalmente aprendeu a diferença ao longo do tempo.

Clara começa a escrever alguma coisa. Não é apenas uma coisa. São várias coisas.

Quando ela termina, eu me inclino para frente e leio a lista.

1. Quero que minha mãe veja meu namorado como ele realmente é.
2. Quero que minha mãe seja honesta comigo e quero ser honesta com ela.
3. Eu quero ser atriz e quero que minha mãe apoie esse sonho.

Clara coloca a tampa de volta no marcador, coloca outra uva na boca e entra na cozinha para tomar uma bebida.

Seus objetivos me fazem suspirar. Eu posso enfrentar o primeiro. Eu posso fingir enfrentar o segundo. Mas o terceiro é difícil para mim. Talvez eu seja muito realista. Muito prática.

Eu a sigo até a cozinha, e ela está se servindo de um copo de água gelada. Ela toma duas aspirinas e engole.

— Eu sei que você quer que eu me forme em algo mais prático, mas pelo menos eu não estou fugindo para Los Angeles sem me formar, — diz ela. — E eu preciso começar a procurar as universidades em breve. Preciso saber o que podemos pagar agora que papai se foi.

— E se concordarmos? E se você se formar em algo mais realista, como psicologia ou contabilidade, e depois de se formar, você pode se mudar para Los Angeles e fazer um teste para papéis enquanto mantém um emprego *real*.

— Atuar é um trabalho real, — diz ela. Ela volta para a mesa e se senta, escolhendo um pedaço de queijo para comer. Ela fala enquanto mastiga. — Ao meu ver, minha vida pode sair de três maneiras.

— Que são?

Ela levanta um dedo.

— Me formo em atuação pela Universidade do Texas. Eu tento me tornar uma atriz. Eu tenho sucesso. — Ela levanta outro dedo. — Ou recebo um Bacharel em Artes Modernas atuando na Universidade do Texas. Eu tento me tornar uma atriz. Eu falho. Mas pelo menos eu segui meus sonhos e posso descobrir para onde ir a partir daí. — Ela levanta um terceiro dedo. — Ou. Eu sigo *seus* sonhos, especializando-me em algo em que não estou absolutamente interessada, e passo o resto da minha vida culpando você por não me encorajar a seguir meus sonhos.

Ela deixa cair a mão e se recosta na cadeira. Eu a encaro por um momento, absorvendo tudo o que ela acabou de dizer. Percebo enquanto olho para ela que algo aconteceu. Não sei quando ou se foi gradual ou da noite para o dia, mas algo mudou nela significativamente.

Ou talvez algo tenha mudado em mim.

Mas ela está certa. Os sonhos que tenho pela vida dela não são tão importantes quanto os sonhos que ela tem para si mesma. Pego meu marcador e puxo o quadro de aniversário dela em minha

direção. Escrevo: *Meus sonhos para Clara & os sonhos de Clara para si mesma*

Clara lê, e isso a faz sorrir. Ela dá outra mordida no queijo e começa a se levantar da mesa, mas eu não quero terminar ainda. Sinto que posso não ter outra oportunidade de conversar assim com ela por um tempo.

— Clara, espera. Quero falar com você sobre uma coisa.

Ela não se senta. Ela agarra as costas da cadeira – uma indicação de que não quer que essa conversa dure muito.

— Ontem à noite, você me disse algo e quero saber o que você quis dizer. Pode ter sido o álcool falando, mas... você se culpou. Você disse que o acidente foi sua culpa. — Balanço minha cabeça em confusão. — Porque você pensaria isso?

Eu a vejo engolir.

— Eu disse isso?

— Você disse muitas coisas. Mas isso parecia realmente incomodá-la.

Os olhos de Clara imediatamente umedecem, mas ela solta a cadeira e se vira.

— Eu não sei por que disse isso. — Sua voz falha quando ela atravessa a sala, em direção ao quarto.

Pela primeira vez, posso dizer que ela está mentindo.

— Clara. — Eu me levanto e a sigo. Eu a alcanço antes que ela desapareça no corredor.

Quando eu a giro, ela está chorando. É comovente vê-la tão chateada, então eu a puxo para mim, segurando-a, tentando acalmá-la.

— Eu estava mandando uma mensagem para tia Jenny quando eles bateram, — diz ela.

Ela está se agarrando a mim como se estivesse com medo de deixar ir. — Eu não sabia que ela estava dirigindo. Um segundo, estávamos conversando e depois o próximo... ela parou de responder. — Os ombros de Clara estão tremendo contra mim.

Não acredito que ela acha que é culpa dela.

Eu me afasto dela e seguro seu rosto em minhas mãos.

— Jenny nem estava dirigindo, Clara. Não foi sua culpa.

Ela olha para mim chocada. Descrença. Ela balança a cabeça.

— Era o carro dela. Você me disse... no hospital, você disse que ela deu uma carona para papai.

— Eu te disse isso, mas juro que foi seu pai que estava dirigindo. Ele estava dirigindo o carro da tia Jenny. Eu nunca teria lhe dito isso se soubesse que você pensaria que a culpa foi sua.

Clara dá um passo para trás, engolida em confusão. Ela enxuga os olhos.

— Mas por que você me disse isso? Por que você diria que ela estava dirigindo se não estava?

Parece-me que não tenho ideia de como apoiar a mentira que lhe contei. E também não tenho desculpa. E eu sou uma péssima mentirosa. *Merda*. Dou de ombros, tentando fazer parecer que é menos do que é.

— Eu só... talvez eu estivesse confusa? Não me lembro. — Dou um passo em sua direção e aperto suas mãos. — Mas eu prometo que estou lhe dizendo a verdade agora.

Sua tia Jenny estava no banco do passageiro. Vou lhe mostrar o relatório do acidente, se você não acredita em mim, mas não quero que você pense que foi sua culpa por mais um segundo.

Clara não está mais chorando. Ela está me olhando com suspeita nos olhos.

— Por que papai estava dirigindo o carro da tia Jenny?

— Ele tinha um pneu furado.

— Não, ele não tinha. Você está mentindo.

Balanço a cabeça, mas sinto minhas bochechas corarem. Meu pulso está acelerado.

Deixa pra lá, Clara.

— Por que eles estavam juntos, mãe?

— Eles simplesmente estavam. Ele precisava de uma carona.

— Eu me viro para voltar para a mesa. Talvez se eu começar a limpar, não vou começar a chorar, mas quando chego à mesa, minhas lágrimas de medo começam a cair. Esta é a última coisa que eu queria. *A última coisa*

— Mãe, o que você não está me dizendo? — Ela está ao meu lado agora, exigindo respostas.

Eu me viro para ela, desesperada.

— Pare de fazer perguntas, Clara! *Por favor.* Apenas aceite e nunca pergunte sobre isso novamente.

Ela dá um passo para trás, como se eu tivesse dado um tapa nela. A mão dela vai até a boca.

— Eles estavam... — Não resta mais cor em seu rosto. Nem mesmo os lábios dela. Ela se senta em uma cadeira e olha para a mesa por um momento. Então:

— Onde está o carro do papai? Se era apenas um pneu furado, por que nunca o recuperamos?

Eu nem sei como responder isso.

— Por que você se recusou a combinar os funerais deles? Eles basicamente tinham os mesmos amigos e familiares, por isso fazia mais sentido, mas você parecia tão brava e exigia que eles se separassem. — Clara cobre o rosto com as mãos. — Ai, meu Deus. — Quando ela olha para mim novamente, seus olhos estão implorando. Ela está balançando a cabeça para frente e para trás. — Mãe?

Ela está me olhando com medo.

Estendo a mão sobre a mesa. Eu quero protegê-la deste golpe, mas ela está correndo em direção ao seu quarto agora. Ela bate a porta e eu a seguirei em um segundo, mas preciso de um momento. Pego as costas da cadeira e me inclino para frente, tentando respirar lentamente - para me acalmar. *Eu sabia que isso a mataria.*

Ela abre a porta do quarto. Eu olho para cima e ela está correndo de volta para mim, cheia de mais perguntas. Eu sei exatamente como ela se sente, porque ainda estou cheia de perguntas.

— E você e Jonah? Há quanto tempo isso está acontecendo? — Há um tom acusador em sua voz.

— Nós não estávamos... a noite em que você nos encontrou. Aquela foi a primeira vez que nos beijamos. Eu juro.

Ela está chorando agora. Ela está andando, como se não soubesse o que fazer com toda a raiva. Em quem jogar.

Ela aperta o estômago e para de andar de um lado para o outro.

— Não. *Por favor*, não. — Ela aponta para a porta da frente. — Foi por isso que ele deixou Elijah aqui? Foi por isso que ele disse que não podia fazer isso? — Clara está ofegando agora entre lágrimas. Eu a puxo para um abraço, mas não dura. Ela se afasta de mim. — É o papai? Jonah não é o pai de Elijah?

Sinto que minha garganta está tão apertada que o barulho não pode nem deslizar. Eu apenas sussurro:

— Clara. *Querida*.

Ela afunda no chão em uma pilha de lágrimas. Eu me abaixo e coloco meus braços em volta dela. Ela me abraça de volta, e por mais que pareça necessário para ela agora, eu daria tudo para que isso não estivesse acontecendo.

— Você sabia? Antes do acidente?

Balanço a cabeça.

— Não.

— Jonah sabia?

— Não.

— Como você... quando você descobriu sobre eles?

— O dia em que eles morreram.

Clara me abraça ainda mais.

— *Mãe*.

Ela diz meu nome com uma dor tão gutural que parece que ela está precisando de algo que sabe que eu não posso lhe dar. Um conforto que eu nem sei como proporcionar.

Ela se afasta de mim e se levanta.

— Eu não posso fazer isso. — Ela vai para o quarto e volta com a bolsa e as chaves.

Ela está histérica. Não posso deixá-la dirigir um carro assim. Vou até ela e tiro suas chaves da mão. Ela tenta pegá-las de volta, mas eu não a deixo tê-las.

— Mãe, *por favor*.

— Você não está indo embora. Não quando você está tão chateada.

Clara deixa cair a bolsa em derrota e cobre o rosto com as mãos. Ela só fica lá, chorando para si mesma. Então ela desliza as

mãos pelo rosto e me olha com olhos suplicantes, abaixando os braços para os lados.

— *Por favor.* Eu preciso de Miller.

Essas palavras combinadas com aquele olhar em seus olhos – tudo me quebra. Parece que minha alma foi pisoteada. Mas de alguma forma, mesmo sob toda a dor, eu entendo.

Agora, eu não sou o que ela precisa. Não sou o consolo que ela achará mais reconfortante, e mesmo que pareça a morte de uma grande parte do nosso relacionamento, sou grata por saber que há alguém lá fora que a dá isso além de mim.

Eu concordo.

— OK. Vou levá-la até ele.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CLARA

Miller tem uma fila de clientes quando entro no cinema. Assim que ele olha para mim, posso dizer que ele quer pular o balcão. Ele parece preocupado, mas desamparado. Ele levanta quatro dedos, então eu aceno e vou para a sala quatro.

Sento-me no assento mais próximo da porta desta vez. Estou cansada demais para caminhar até o topo.

Olho para a tela em branco, me perguntando por que Jenny nunca decidiu atuar. Ela teria sido boa nisso. Meu pai também.

Balanço a cabeça, levantando minha camiseta para enxugar os olhos. Eu deveria me sentir aliviada por saber que minha mensagem não causou o acidente, porque tia Jenny nem estava dirigindo, mas não sinto nenhum alívio. Eu nem sinto raiva. Sinto que toda a minha raiva está dirigida a minha mãe há tanto tempo que nem tenho mais nada. No momento, sinto-me decepcionada. Derrotada.

É como se todos os romances que eu já li tivessem se transformado em fantasias distópicas. Durante toda a minha vida, pensei que tinha esses grandes exemplos de amor, família e humanidade ao meu redor, mas era tudo besteira. O amor que pensei que meu pai tinha por minha mãe era uma mentira. E o que mais me incomoda é que metade de mim é composta dele.

Isso significa que eu sou capaz de ser o tipo de humano que ele era? O tipo de trair seu cônjuge e filho, enquanto estampava um sorriso amoroso em seu rosto por tantos anos?

Eu ouço a porta da sala se abrir. Miller se aproxima de mim e depois se inclina para me beijar. Eu me afasto. Não quero um beijo agora. Ou talvez eu não sinta que mereço um beijo agora. Seja o

que for que eu sinto por ele, me preocupa que nada seja mais do que sinais manufaturados do meu cérebro que acabem desaparecendo.

Miller passa por cima de mim e senta-se no banco à minha direita.

— Fiz algo de errado?

— Não — eu digo, balançando a cabeça. — Mas você irá. Eu vou. Todo mundo faz.

Todo mundo fode algo.

— Ei, — diz ele, tocando minha bochecha, puxando meus olhos cheios de lágrimas para os dele. — O que aconteceu?

— Meu pai teve um caso com tia Jenny. Elijah é dele. Não de Jonah.

Minha confissão o atordoa. Ele deixa cair a mão e cai contra o assento.

— Merda.

Era estranho dizer isso em voz alta.

— Jonah sabe?

— Ele não sabia até depois do acidente.

Miller levanta um braço e desliza para trás de mim, apesar da minha hesitação anterior em deixá-lo me beijar. Ele começa a esfregar gentilmente minhas costas. Eu me inclino para ele, apesar de, no momento, estar convencida de que o amor é estúpido e provavelmente vou partir seu coração algum dia.

Balanço a cabeça, ainda incrédula enquanto penso sobre tudo.

— Eu idolatrei meu pai. Eu pensei que ele era perfeito. E *ela*. Ela era minha melhor amiga.

Miller me beija no topo da cabeça.

— Como está indo sua mãe?

Não sei como responder isso, porque, olhando para trás, não sei como minha mãe saiu da cama depois de descobrir algo assim. Pela primeira vez desde os destroços, sinto essa dor por ela — pelo que ela passou. O que ela ainda *está* passando.

— Eu não tenho ideia de como ela ainda está funcionando.

Até faz sentido agora que ela e Jonah se apoiariam nisso. Eles tiveram. Eles eram os únicos que sabiam, então com quem mais ela

poderia ter conversado sobre isso além de Jonah?

Ficamos quietos por um tempo. Eu estou tentando trabalhar com isso. Eu acho que Miller está apenas me dando tempo para processar tudo. Não espero que ele me dê conselhos. Não é por isso que estou aqui. Eu só precisava estar perto dele. Eu queria os braços dele ao meu redor.

Isso me lembra de todos os tempos em que meu pai sempre confortava minha mãe. Ela não precisava muito, mas às vezes eu a via segurando-a enquanto ela estava chateada.

Agora eu percebo que tudo era falso. Todos aqueles olhares de preocupação que ele deu a ela – eles não eram reais. Ele estava dormindo com a irmã dela. Como ele poderia fingir amá-la enquanto fazia algo tão incrivelmente cruel?

Confiei nele mais do que jamais confiei em qualquer homem do mundo. Isso me faz duvidar de tudo. Todos. De mim mesma. Talvez até Miller. Eu nem sei quais eram as intenções de Miller no começo.

Eu o encaro.

— Você teria traído Shelby comigo?

Ele parece desconcertado com a minha pergunta.

— Não. Por quê?

— Naquele dia na sua caminhonete. Eu pensei que talvez você quisesse.

Miller suspira pesadamente com um olhar de culpa no rosto.

— Eu estava confuso, Clara. Eu queria falar com você, mas quando você entrou na caminhonete comigo, não gostei de como estava me sentindo. Eu não a trairia, mas não posso dizer que não tive vontade.

— Você ainda fala com ela?

Ele balança a cabeça, mas o movimento da cabeça é acompanhado por um rolar de olhos. Parece que ele está ficando frustrado comigo. Isso me bate bem no peito. Toda vez que estou com raiva, me pego envolvendo-o de alguma forma. Eu prefiro que ele termine comigo do que perder o respeito por mim, mas se eu continuar me comportando dessa maneira, é exatamente o que acontecerá.

— Sinto muito. — eu digo. — Tudo isso está mexendo com a minha cabeça, e eu não sei de quem sentir raiva.

Miller leva minha mão à boca. Ele beija a parte de trás, dando um aperto tranquilizador.

— Lembra quando você pensou que eu era épica? — Eu rio com isso. *Como alguém poderia pensar que eu sou épica?*

— Eu ainda acho que você é épica. — diz ele. — *Frustrantemente épica.*

— Ou epicamente frustrante. Você começou a me namorar no pior momento da minha vida. Me desculpe, você teve que lidar com toda essa merda.

Ele levanta a mão e gentilmente segura meu rosto.

— Me desculpe, você teve que lidar com toda essa merda.

Às vezes, quando ele diz coisas para mim, suas palavras parecem que me atingem pelo meu peito, e não pelos meus ouvidos. Eu amo que ele é tão compreensivo. Tão paciente.

Eu não sei de onde ele tira isso, mas talvez quanto mais eu esteja perto dele, mais eu me tornarei como ele.

— Imagine o quão bom seremos quando eu finalmente estiver emocionalmente estável.

Ele me puxa para um abraço.

— Você está ótima agora, Clara. Quase perfeita.

— Quase?

— Eu diria nove de dez.

— Qual o motivo da dedução de um ponto?

Ele suspira.

— É aquele abacaxi na pizza, infelizmente.

Eu rio e depois levanto o apoio de braço que está nos separando para me aconchegar contra ele. Ficamos em silêncio por um tempo depois disso. Ele me abraça enquanto eu tento trabalhar com meus pensamentos, mas eu sei que ele não pode ficar aqui a noite toda. Depois de alguns minutos, ele me beija na cabeça.

— Eu preciso voltar ao trabalho. Não é nem minha folga agora, e o gerente está de plantão hoje à noite.

— Que horas você sai?

— Não até as nove.

— Posso ficar até você sair do trabalho? Eu preciso de uma carona para casa.

— Como você chegou aqui?

— Minha mãe me trouxe.

— Ah. Ela não sabe que eu trabalho aqui, hein?

Eu balanço a cabeça.

— Ela sabe. Por isso ela me deixou aqui.

Miller levanta uma sobrancelha.

— Sinto progresso?

— Eu espero.

Ele sorri e depois me beija. Duas vezes.

— Há um desenho animado começando na sala três em cerca de quinze minutos. Quer assistir enquanto espera por mim?

Eu enrugo meu nariz.

— Um desenho? Eu não sei.

Ele me puxa da minha cadeira.

— Você precisa de algo leve agora. Vá assistir e eu levarei comida para você.

Ele segura minha mão enquanto saímos da sala. Ele me leva até a porta ao lado, mas antes de eu entrar, eu o beijo na bochecha.

— Um dia desses, eu vou ser melhor para você. — eu digo, apertando sua mão. — Eu prometo.

— Você é perfeita do jeito que é, Clara.

— Não, eu não sou. Eu tenho apenas nove anos, aparentemente.

Ele está rindo enquanto se afasta de mim.

— Sim, mas eu realmente mereço apenas seis.



Encontro um assento longe de todas as crianças pequenas, até o topo. Miller estava errado. Não acho que o desenho ajude, porque não consigo parar de pensar no que aconteceu.

Não passa despercebido para mim que minha raiva por descobrir sobre meu pai e Jenny não seja tão intensa quanto

quando pensei que minha mãe e Jonah fossem os que estavam tendo o caso.

Contemplo isso e percebo que tudo se resume a uma coisa.

Altruísmo.

Parece tão insignificante, mas não é. Minha mãe foi submetida ao evento mais enlouquecedor, doloroso e trágico de sua vida. No entanto, como sempre, ela me colocou em primeiro lugar. Antes de sua raiva, sua dor, a traição. Ela fez tudo o que pôde para me proteger da verdade, mesmo que isso significasse levar a culpa injustamente.

Não duvido do amor de meu pai por mim, mas não sei se ele faria o mesmo se as mesas fossem invertidas. Não tenho certeza se Jenny também.

Por mais devastada que esteja por finalmente saber a verdade, dói menos do que quando pensei que minha mãe era a pessoa errada.

Desde o dia em que nasci, todas as decisões que ela já tomou por si foram tomadas para me beneficiar. Eu sempre soube disso nela. Mas não tenho certeza se apreciei até hoje à noite.

O desenho terminou e o cinema terminou, mas ainda estou olhando fixamente para a tela em branco, me perguntando como está minha mãe. Ela é a verdadeira vítima de tudo isso, e me entristece saber que as duas pessoas nas quais ela se apoiou a maior parte de sua vida são as mesmas que não estavam lá para pegá-la quando ela caiu. Inferno, foram eles que a fizeram cair em primeiro lugar.

Não consigo imaginar todos os hematomas invisíveis dos quais ela está coberta agora, e odeio que alguns deles estejam lá por minha causa.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

MORGAN

Liguei para Jonah depois que cheguei em casa deixando Clara no cinema. Era irônico, porque eu precisava dele da mesma maneira que Clara precisava de Miller. Conversamos por um tempo, mas Elijah já estava dormindo, então ele não pôde vir.

Eu teria ido até ele, mas não queria ficar longe de casa, caso Clara chegasse em casa.

Duas horas se passaram, e eu não fiz nada além de andar no chão e encarar a tela da televisão em branco, me perguntando como ela está. Pensando se Miller está dando a ela a garantia e o conforto de que ela precisa agora.

Mesmo se ele estiver, sinto esse vazio em mim e está criando uma atração para encontrá-la. Depois que ela se foi por duas horas e meia, finalmente pego minhas chaves e decido me dirigir de volta ao cinema.

Miller está atrás do posto de concessão quando entro. Ele está ajudando dois clientes, mas não vejo Clara em lugar nenhum. Fico na fila e espero até que ele esteja livre. Quando ele entrega o troco aos clientes e eles saem do meu caminho, ele olha para cima e se enrijece.

Gosto de deixá-lo nervoso, mas também odeio. Não quero ser inacessível para alguém com quem minha filha se importa tanto.

— Procurando Clara? — Ele pergunta.

Eu concordo.

— Sim. Ela ainda está aqui?

Ele olha para o relógio na parede atrás dele e depois assente.

— Sim, ela deve estar sozinha na sala três. O filme terminou quinze minutos atrás.

— Ela está... sozinha? Apenas sentada sozinha em um cinema?

Miller sorri e tira um copo de uma pilha, enchendo-o de gelo.

— Não se preocupe, ela gosta. — Ele enche o copo com Sprite e entrega para mim. — Eu estive ocupado, então não pude reabastecer para ela. Você quer alguma coisa?

— Eu estou bem. Obrigada.

Começo a me virar, mas paro quando Miller diz:

— Sra. Grant?

Ele olha para a esquerda e depois para a direita, garantindo nossa privacidade. Ele se inclina um pouco para frente, me olhando nos olhos. Ele pressiona os lábios nervosamente antes de falar.

— Sinto muito por ter entrado furtivamente em sua casa na outra noite. E por... todas as outras coisas. Eu realmente me importo com ela.

Eu tento vê-lo pela primeira vez sem todas as noções preconcebidas que Chris tinha sobre ele. Eu quero vê-lo como Jonah o vê - como se ele fosse um bom garoto. Bom o suficiente para namorar Clara. Ainda não tenho certeza disso, mas o fato de ele ter me dado o que parece ser um pedido de desculpas muito genuíno é um bom começo. Concordo com a cabeça, dando-lhe um pequeno sorriso, depois vou para a sala três.

Ela está no topo quando entro. As luzes estão acesas e ela está olhando diretamente para a tela do filme em branco, com os pés apoiados no assento à sua frente.

Ela não me nota até eu começar a subir as escadas em direção à fileira superior.

Quando ela coloca os olhos em mim, ela se endireita e puxa os pés para baixo. Quando a alcanço, entrego o Sprite e me sento ao lado dela.

— Miller pensou que você poderia precisar de um refil.

Ela pega o Sprite e bebe um gole, movendo o copo vazio para o assento do outro lado dela. Então ela levanta o braço entre nós e se inclina para mim. Isso me pega de surpresa.

Eu não tinha certeza do que esperar dela. Ela passou por muita coisa hoje à noite e, para ser sincera, tenho esperado os tremores secundários. Aproveito esse raro momento de carinho envolvendo meu braço em volta dela e puxando-a para mim.

Acho que nenhuma de nós sabe como iniciar a conversa. Alguns longos segundos se passam antes de Clara dizer: — Você já traiu papai?

Ela não pergunta de forma acusatória. É quase como se ela estivesse apenas pensando um pouco, então eu a respondo honestamente.

— Não. Até Jonah, seu pai tinha sido o único cara que eu tinha beijado.

— Você está com raiva deles? Papai e Jenny?

Eu concordo.

— Sim. Isso dói. Muito.

— Você se arrepende de se casar com ele?

— Não. Eu tive você.

Ela levanta a cabeça.

— Não quero dizer que você se arrepende de ter namorado ele ou de ter engravidado de mim. Mas você se arrepende de se casar com ele?

Eu escovo os cabelos da testa dela e sorrio.

— Não. Lamento as escolhas que ele fez, mas não me arrependo das escolhas *que eu* fiz.

Ela deita a cabeça no meu ombro.

— Eu não quero odiá-lo, mas estou brava que ele fez isso conosco. Estou com raiva que tia Jenny fez algo assim conosco.

— Eu sei, Clara. Mas você precisa entender que o caso deles tinha tudo a ver conosco, mas também absolutamente nada.

— *Parece* que tinha tudo a ver conosco.

— Porque tinha. — eu digo.

— Você acabou de dizer que não.

— Porque não teve. — eu digo.

Clara solta uma risada derrotada.

— Você está me confundindo.

Exorto-a do meu ombro e me viro um pouco para que fiquemos frente a frente. Pego uma das mãos dela nas minhas.

— Seu pai foi um ótimo pai para você. Mas como marido, ele fez algumas escolhas de merda. Ninguém pode ser o todo perfeito.

— Mas ele *parecia* tão perfeito.

A traição em seus olhos me entristece. Não quero que ela passe a vida com essa lembrança de Chris. Aperto a mão dela.

— Eu acho que esse é o problema. Os adolescentes acham que seus pais devem ter tudo planejado, mas a verdade é que os adultos realmente não sabem como navegar na vida melhor do que os adolescentes. Seu pai cometeu alguns grandes erros, mas as coisas que ele fez de errado na vida não devem desacreditar todas as coisas que ele fez de certo.

O mesmo vale para sua tia Jenny.

Uma lágrima sai do olho direito de Clara. Ela limpa rapidamente.

— A maioria das mães gostaria que suas filhas odiassem seus pais por fazerem o que papai fez.

— Eu não sou a maioria das mães.

A cabeça de Clara cai contra a cadeira de veludo vermelho e ela olha para o teto. Ela ri enquanto as lágrimas continuam rolando em seus cabelos.

— Graças a Deus por isso.

Não foi um elogio direto, mas me faz sentir bem, no entanto.

— Se eu lhe contar uma coisa, você promete não me julgar? — Ela pergunta.

— Claro.

Ela inclina a cabeça em minha direção e há um traço de culpa em sua expressão.

— Eu estava sentada na caminhonete de Miller com ele depois da escola um dia. Foi antes de ele terminar com a namorada. Eu queria que ele me beijasse tanto, mãe. E eu o deixaria se ele tentasse, que é o que me incomoda tanto. Eu sabia que ele tinha uma namorada na época, e eu teria deixado ele me beijar de qualquer maneira. Agora que sei o que papai e tia Jenny fizeram, me preocupa que ser capaz de um caso seja um traço de

personalidade, e consegui isso de papai. E se for algum tipo de fraqueza moral herdável? — Ela olha de novo para o teto. — E se eu trair Miller algum dia e partir seu coração como papai e tia Jenny quebraram o seu?

Eu odeio que ela pense isso. Que ela está se questionando. Às vezes Clara faz perguntas que não posso responder, e tenho medo de que essa seja uma delas.

Mas então penso em Jonah e na conexão que tive com ele quando éramos mais jovens.

Talvez conversar com Clara sobre isso seja uma má ideia, mas essa merda dos pais não veio com um manual.

— Tive um momento assim uma vez. Eu tinha a sua idade e estava em uma piscina com Jonah.

Clara de repente vira a cabeça para olhar para mim, mas eu fico olhando para o teto enquanto falo.

— Nós não nos beijamos, mas eu queria que isso acontecesse. Eu estava namorando seu pai na época, e Jonah e Jenny estavam curtindo juntos, mas quando olhei para ele naquele momento, é como se um muro fosse erguido e bloqueasse todo o resto. Não é que eu não me importasse com Jenny ou Chris — é que naquele momento, eu só me importei com o que parecia ser assim. A atração que eu tinha por Jonah naquele momento me deixou de olhos vendados. E acho que ele se sentiu da mesma maneira.

— É por isso que ele terminou com Jenny e se mudou? — Clara pergunta.

Inclino minha cabeça e olho para ela.

— Sim. — eu digo com total honestidade.

— É por isso que você ficou tão brava quando ele voltou à vida de tia Jenny?

Eu concordo.

— Sim, mas eu não percebi isso na época. Eu nunca reconheci que tinha sentimentos por ele até recentemente. Eu nunca teria feito isso com Jenny.

Clara franze a testa, e eu odeio ver esse olhar em seu rosto. O olhar de perceber que alguém tão importante para ela poderia fazer

algo tão terrível. O medo de que ela possa ser capaz de fazer a mesma coisa algum dia.

Eu suspiro e olho de volta para o teto.

— Eu tive mais tempo para refletir sobre tudo isso do que você, então talvez eu possa compartilhar um pouco da sabedoria que nasceu de toda a minha raiva. Pense nisso assim.

Atração não é algo que só acontece uma vez, com uma pessoa. É parte do que motiva os humanos. Nossa atração um pelo outro, pela arte, pela comida, pelo entretenimento.

Atração é divertido. Então, quando você decide se comprometer com alguém, não está dizendo: *'Eu prometo que nunca serei atraído por mais ninguém'*. Você está dizendo: *'Prometo me comprometer com você, apesar da minha potencial atração futura por outras pessoas'*. — Eu olho para Clara. — Os relacionamentos são difíceis por esse motivo. Seu corpo e seu coração não param de encontrar a beleza e a atração de outras pessoas simplesmente porque você se comprometeu com uma pessoa. Se você se encontrar em uma situação em que se sente atraído por outra pessoa, depende de você se afastar dessa situação antes que se torne difícil demais lutar.

— Como Jonah fez?

Eu concordo.

— Sim. Exatamente assim.

Clara me olha por um momento.

— Papai não conseguiu se afastar da situação com Jenny porque ela estava sempre por perto. Talvez seja por isso que aconteceu.

— Talvez.

— Mas ainda não é uma desculpa.

— Você está certa. Não é.

Ela coloca a cabeça no meu ombro. Eu beijo o topo de sua cabeça, mas ela não vê as lágrimas que começam a rolar pelas minhas bochechas. É tão bom finalmente ter essa conversa com ela. É bom saber que minha filha está muito mais emocionalmente preparada para a verdade do que eu supunha que ela estivesse.

— Tudo o que eu fiz - não é culpa de Miller. Ele apenas tentou estar lá para mim. Não quero que você o odeie.

Ela não precisa mais me convencer. Quando descobri que ele tentou convencê-la a não fazer sexo com ele, parei de odiá-lo. E então, quando ele se desculpou comigo esta noite, comecei a gostar dele.

— Eu não o odeio. Na verdade, eu meio que gosto dele. Eu gostaria *mais* dele se ele nunca se infiltrar no seu quarto novamente. Mas eu gosto dele.

— Ele não vai. — diz ela. — Eu juro.

— Sra. Nettle vai entregar você, de qualquer maneira.

Ela levanta a cabeça.

— Foi assim que você descobriu?

— Às vezes vale a pena ter a vizinha mais intrometida viva.

Clara ri, mas quando ela vê minhas lágrimas, seu sorriso desaparece. Eu aceno.

— São boas lágrimas. Eu prometo.

Ela balança a cabeça.

— Meu Deus. Nós fomos *tão* más uma com a outra.

Concordo com a cabeça.

— Eu não acho que tínhamos isso em nós.

— Você me impediu de ler *livros*. — diz ela rindo.

— Você me chamou de previsível.

— Bem, você definitivamente provou que eu estava errada.

De alguma forma, nós duas estamos sorrindo. Estou grata por ela ter recebido as notícias tão bem. Eu percebo que os sentimentos dela podem mudar novamente amanhã.

Ela vai passar por muitas emoções, tenho certeza. Mas, por enquanto, sou grata por ter esse momento com ela.

Talvez seja algo que eu precise aprender a valorizar um pouco mais. Nosso relacionamento nem sempre será o sol e as rosas, mas sempre que há uma pausa na tempestade, eu preciso aproveitar essas quebras. Não importa em que estado de espírito ou o que esteja acontecendo em minha própria vida, preciso aproveitar esses momentos de sol com Clara.

— Podemos começar com uma lousa limpa? Tipo... podemos simplesmente esquecer a maconha, a detenção, o álcool e a pular a aula? Eu realmente quero meu telefone de volta.

— Não foi tudo o que você fez de errado, — eu digo.

— Eu sei, mas estava ficando sem fôlego. A lista é *realmente* longa.

Apesar de tudo o que ela passou, ainda estou convencida de que ela precisa estar de castigo. Mas ela não é a única pessoa que quer começar com uma lousa limpa. Não tenho exatamente orgulho do meu próprio comportamento.

— Eu vou te dizer uma coisa. Devolverei o seu telefone se você prometer parar de tirar sarro de mim por preferir TV a cabo do que transmissão.

Clara me olha com muita seriedade.

— Ai, cara. Eu não sei...

— Clara!

Ela ri.

— Tudo bem. Combinado.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CLARA

Minha mãe e eu saímos da sala de mãos dadas. Miller está no outro extremo do corredor, esvaziando uma lata de lixo. Minha mãe não o vê, mas eu faço. Logo antes de nos virarmos para caminhar em direção à saída, Miller sorri para mim.

Este momento não é nem eu e ele, mas há algo sobre a maneira como ele está me olhando agora que parece que ele pode ter se apaixonado por mim.

Eu sorrio de volta para ele, sabendo que vou me lembrar dessa troca silenciosa de três segundos para sempre.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

MORGAN

Hoje de manhã, quando acordei, foi o primeiro dia desde o acidente que nossa casa não estava cheia de tensão. Eu estava estudando termos imobiliários para minha próxima entrevista de emprego, e Clara me abraçou antes de sair correndo com um pop-tart.

Depois da escola, ela mandou uma mensagem e disse que estava trabalhando em seu projeto de cinema com Miller. Se ela está dizendo a verdade, eu não sei. Mas ela tem dezessete anos. Ela tem um toque de recolher, então, enquanto ela cumprir, não vou pressioná-la para obter detalhes sobre o que ela e Miller fazem quando estão juntos. Eu já sei que ela está no controle da natalidade e tenho certeza de que eles não estão fazendo sexo ativamente, graças à sua admissão de embriaguez.

Vou falar com ela em breve, mas quando for o momento certo. Eu quero facilitar essa nova dinâmica que temos. Se eu a encher demais, ela pode recuar novamente, e essa é a última coisa que eu quero.

Convidei Jonah para jantar. Foi legal. Sentamos no canto do café da manhã e revezamos a alimentação de Elijah, rindo de sua excitação por experimentar novos alimentos.

Elijah agora está em um palete no chão da sala, brincando com alguns brinquedos de bebê que Jonah preparou para ele.

Jonah e eu estamos no sofá. Ele está deitado contra o braço dele, com as pernas abertas para me encaixar entre elas. Minhas costas estão contra seu peito, e nós dois estamos assistindo Elijah brincar no chão.

O braço esquerdo de Jonah está caído sobre meu estômago, e de vez em quando ele pressiona um beijo no lado da minha cabeça enquanto conversamos. Quanto mais ele faz, mais acostumada a isso fico e menos culpa sinto. Eu quero que ele continue fazendo isso até que eu finalmente não sinta nenhuma culpa. Eu acho que vai demorar mais alguns meses, no entanto.

Suspiro com esse pensamento, tão naturalmente, Jonah diz:

— O que há de errado?

— Só me preocupo demais, eu acho. Eu me preocupo que a traição deles nos faça nunca confiar totalmente um no outro.

— Eu não estou preocupado. — Ele diz isso com tanta confiança.

— Por quê?

— Porque não. Nunca estivemos com a pessoa a quem pertencemos até agora.

Inclino minha cabeça para trás para poder vê-lo. Então eu o beijo por isso.

Ele passa o polegar no meu lábio e me olha com um olhar sereno. Não sei se é um olhar que eu já vi emanar de Jonah Sullivan. Ele passou muito tempo lutando contra algo que não precisa mais lutar, e a paz dentro dele mostra isso.

— Nós ficaremos bem, Morgan. Mais do que bem. Eu prometo.

A porta da frente se abre, e Jonah e eu reagimos. Clara não deveria estar em casa por mais uma hora. Sento-me no sofá e Jonah puxa as pernas debaixo de mim.

Clara faz uma pausa na porta, olhando para nós. Então ela fecha a porta.

— Vocês não precisam mais fingir. — Ela deixa cair a bolsa e caminha até o chão. Ela se senta ao lado de Elijah.

Jonah olha para mim, silenciosamente perguntando se eles devem sair. Clara vê o olhar que ele me dá. Ela pega Elijah e o levanta, inclinando-se de costas contra o sofá em frente a nós.

— Fique, — ela diz a Jonah, enquanto olha para Elijah. — Eu quero brincar com ele por um tempo.

Jonah e eu ficamos em silêncio enquanto a observamos. Não sabemos que humor esperar. A noite passada foi boa entre nós, e

também foi esta manhã. Mas ainda não enfrentamos essa coisa entre mim e Jonah. Não tenho certeza de que estamos prontos, porque Jonah e eu nem sequer o confrontamos.

Clara está segurando Elijah, tentando fazê-lo repetir os sons que ela está fazendo.

— Ele já disse alguma palavra? — Ela pergunta, olhando para Jonah.

— Ainda não. Vai demorar mais alguns meses até que ele possa fazer isso.

Clara olha para Elijah e começa a fazer mais sons.

— Você pode dizer *Dadá*?

Ele chuta as pernas contra o estômago dela, saltando e fazendo barulhos aleatórios.

Então, para nossa surpresa, ele a repete. Ele diz tão perfeitamente que ninguém mexe um músculo porque acho que todos estamos duvidando do que ouvimos.

Então Jonah diz:

— Ele acabou...

Clara assente.

— Eu acho que ele disse.

Jonah sai do sofá e se senta ao lado de Clara no chão. Ele é jovem demais para repetir palavras de boa vontade, mas eu me aproximo deles de qualquer maneira, caso ele faça isso de novo. Sento no chão do outro lado de Clara.

Ela se repete.

— *Dadá*? — Ela tenta fazer Elijah imitar o som novamente, mas ele apenas faz muitos outros sons. Eu sei que foi por acaso, mas o momento não poderia ter sido mais perfeito.

Clara inclina Elijah para que ele esteja enfrentando Jonah.

— *Aí está o seu Dadá* —, diz ela.

Não sei se é ouvir Clara se referir a Jonah como o pai de Elijah, ou ouvir a palavra sair da boca de Elijah, mas os olhos de Jonah começam a transbordar em lágrimas.

Assim que eu vejo a primeira lágrima rolar pelo seu rosto, *eu* começo a chorar.

Clara olha para Jonah, depois olha para mim e depois para Jonah.

— Ótimo. Eu pensei que tinha acabado com as lágrimas.

Agora *ela está* chorando.

Eu assisto Clara, e mesmo que ela esteja chorando, ela está brincando com Elijah com um sorriso no rosto. Então ela faz algo inesperado. Ela suspira e encosta a cabeça no ombro de Jonah.

Pode não parecer muito para ela, mas significa o mundo para mim. O gesto é mais do que qualquer palavra poderia valer.

É ela dizendo a ele que sente muito. Desculpas pelo que Chris fez com ele. Desculpas por pensar que foi nossa culpa.

Esse pequeno movimento me faz chorar ainda mais. Eu acho que isso faz Jonah chorar mais, também, porque assim que ela puxa a cabeça do ombro dele, ele está olhando para o outro lado, tentando esconder.

Elijah é o único que não está chorando de nós quatro.

— Uau — diz Jonah, respirando. Ele usa a camisa para limpar os olhos. — Nós somos uma bagunça.

— Os mais bagunçados — diz Clara.

Todos nós sentamos no chão assim por um tempo, brincando com Elijah. Rindo dos rostos que ele faz. Rindo quando ele ri. Tentando fazê-lo dizer *Dadá* novamente, mas ele não diz.

— O que você vai contar a Elijah sobre tudo isso? — Clara pergunta.

— A verdade, — diz Jonah.

Clara assente.

— Bom. A verdade é sempre a melhor escolha. — Ela beija Elijah na bochecha. — Eu sempre quis um irmãozinho. Talvez de uma maneira mais convencional, mas isso servirá.

Eu gosto que ela seja madura o suficiente para separar a razão da existência de Elijah e seu amor por ele. O ressentimento é uma carga pesada para levar adiante a vida.

Tenho me orgulhado nessas últimas vinte e quatro horas. Observá-la lidar com tudo isso com tanta graça e maturidade me deixa tão orgulhosa dela.

Elijah boceja, então Jonah começa a arrumar suas coisas para ir embora. Eu o ajudo, mas quando nós dois estamos de pé na porta, preparados para dizer boa noite, é estranho.

Quero acompanhá-lo, mas não sei o que Clara pensaria disso.

Eu posso dizer que Jonah quer me beijar, mas ele não faria isso na frente de Clara.

— Boa noite, — ele sussurra. Ele estremece, como dói ele se afastar de mim sem um beijo, já que ele já tinha feito isso tantas vezes antes.

— Oh, vamos *lá*, pessoal, — diz Clara, sentindo o constrangimento. — É estranho, mas seja como for, eu vou me acostumar.

O alívio se espalha pelos nossos rostos, então acompanho Jonah depois que temos a permissão de Clara.

Depois que Jonah tem Elijah no carro, ele fecha a porta, passa o braço em volta da minha cintura e me gira para que minhas costas fiquem contra a porta do carro. Ele me beija na bochecha.

Não sinto nada além de alívio quando ele me abraça. Os últimos dias poderiam ter dado errado de muitas outras maneiras, mas não o fizeram. Talvez seja graças a Clara. Ou Jonah. Ou todos nós. Eu não sei.

— Ela é incrível, — diz ele.

— Sim, ela é. Eu esqueço o quão difícil é ser adolescente. Especialmente um em sua posição. Sinto que continuo diminuindo os hormônios e as emoções que acompanham essa idade.

— Você foi incrivelmente paciente com ela durante tudo isso.

Seu elogio me faz rir.

— Você acha? Porque sinto que perdi a cabeça algumas vezes.

— Só posso esperar ser metade pai do que você é mãe, Morgan.

— Você está criando um filho que não é biologicamente seu. Isso já faz de você duas vezes mais pai.

Jonah se afasta, sorrindo para mim.

— Gosto quando você elogia meu jeito de pai. É meio sexy.

— Também acho. Ver você ser um bom pai é a coisa que acho mais atraente em você.

— Somos tão estranhos, — diz ele.

— Eu sei.

Jonah enfia seus dedos nos meus e envolve nossas mãos atrás das minhas costas, pressionando-as contra seu carro. Ele beija minha bochecha.

— Posso fazer uma pergunta? — Ele passa os lábios pela minha bochecha até que descansem contra a minha boca. Eu concordo. Ele se afasta, mas apenas o suficiente para que possamos nos olhar. — Quer ser minha namorada?

Eu o encaro por dois segundos antes que risos irrompam do meu peito.

— Os caras ainda fazem isso? Pedir às pessoas para serem suas namoradas?

Ele encolhe os ombros.

— Eu não sei. Mas eu queria poder pedir isso há muito tempo, então seria bom se você me desse um sim.

Inclino-me para frente, roçando meus lábios nos dele.

— *Inferno*, sim.

Ele solta minhas mãos, trazendo as dele para cobrir meu rosto.

— Eu quero beijar você, mas não vou usar a língua, porque então não vou conseguir parar de beijar você. Não quero que Clara pense que estamos aqui nos beijando.

— Mas nós estamos.

— Sim, mas ainda é estranho para ela, tenho certeza. — Ele me dá um beijo rápido. —

Entre e aja de maneira natural.

Eu rio, depois envolvo minhas mãos em sua cabeça e o puxo para minha boca. Ele geme quando nossas línguas se encontram e me empurra mais contra seu carro. Nós nos beijamos por um minuto inteiro. Então dois.

Quando ele finalmente se afasta, ele balança a cabeça um pouco enquanto passa os olhos pelos meus traços.

— É surreal, — diz ele. — Eu desisti de pensar em nós há muito tempo.

— E eu nunca me permiti pensar que éramos uma possibilidade.

Ele sorri, mas parece um sorriso triste. Ele desliza as duas mãos pelas minhas costas.

— Eu devolveria tudo se isso significasse que eles não precisavam morrer. Por mais feliz que esteja por estar com você, nunca quis que isso acontecesse dessa maneira. Eu espero que você saiba disso.

— Claro que eu sei disso. Você nem precisa dizer.

— Eu sei. Acho que ainda estou lutando com tudo. Estou feliz por finalmente tê-la, mas também me sinto culpado por causa do jeito que consegui ficar com você. — Ele puxa minha cabeça contra seu peito. Deslizo meus braços em volta da cintura dele, e nos abraçamos assim por um tempo. — Parte de mim se pergunta se você realmente quer isso.

Eu. Eu entenderia se você não quisesse. É muito para assumir. Eu não tenho o dinheiro que Chris tinha e também venho com uma criança. Seria como começar de novo para você, e talvez você queira um tempo para si agora. Eu não sei. Mas eu entenderia. Eu quero que você saiba disso.

Quero balançar a cabeça e discordar dele imediatamente, mas penso no que ele está dizendo. Se fizermos isso, estarei criando outro filho. Vou me comprometer com uma vida totalmente nova, logo após a única vida que eu conhecer ter sido alterada tão drasticamente. Para a maioria das pessoas, eles precisariam de mais tempo para se adaptar. Especialmente passando de um casamento tão longo para um relacionamento totalmente novo em apenas alguns meses. Eu posso ver onde Jonah pode esperar alguma hesitação da minha parte.

Fecho os olhos e giro a cabeça até que meu rosto esteja pressionado diretamente contra o peito de Jonah. Eu posso sentir seu coração acelerado.

Deslizo minha mão pela camisa dele, movendo-a sobre o peito até que a palma da minha mão esteja sobre seu coração. Eu mantenho lá por um momento, prestando atenção à taxa extrema que está bombeando sangue pelo corpo dele. Percebo pela

velocidade e força de seus batimentos cardíacos que ele está cheio de medo agora.

Isso me deixa triste, porque se há uma coisa que Jonah Sullivan não deveria se preocupar, é o que eu sinto por ele. Mas nunca expressei a ele todos os porquês.

Eu levanto minha cabeça, ficando cara a cara com ele enquanto digo a ele tudo o que ele merece ouvir.

— Quando éramos adolescentes, você era o único que costumava rir das minhas piadas. E você costumava esconder, como se fosse revelar o que você sentia por mim. Eu sempre observei sua reação, no entanto. E às vezes Chris e eu discutíamos, mas notei que você nunca usou isso como uma oportunidade para tentar nos separar. Você apenas me ouvia desabafar e depois me lembrava todas as grandes coisas sobre ele. E quando Jenny engravidou no ano passado, sinceramente, não achei que você fosse dar um passo adiante.

Mas você fez. E então, na noite em que você voltou para Elijah, depois de descobrir que ele não era biologicamente seu... Eu acho que foi quando me apaixonei por você como uma pessoa completa. Não eram mais apenas partes de você que eu amava. Eu te amei como um todo.

Não quero que ele sinta que precisa responder isso com qualquer coisa. Eu já sei como ele se sente sobre mim. Como ele se sentiu por mim. É sua vez de entender como é saber que ele sempre foi a primeira escolha de alguém.

Puxo minha mão da camisa dele e a levo até a bochecha.

— Me casei com Chris porque ele era o pai do meu bebê, e eu queria fazer funcionar. Eu o amava, — acrescento. — E eu sempre vou amar Jenny também. Mas você é a primeira e única pessoa neste mundo que eu já amei sem algum raciocínio ou justificativa por trás disso. Eu simplesmente amo você porque não posso evitar, e é bom amar você. A ideia de criar Elijah com você me faz feliz. E eu sei que antes de fazermos amor pela primeira vez, eu disse que me arrependeria, mas nunca estive tão errada. Não me arrependi naquela noite e não me arrependo agora. Estou confiante de que nunca passarei um segundo da minha vida me arrependendo.

Eu levanto na ponta dos pés e o beijo suavemente nos lábios.

— Eu te amo, Jonah. Tanto. — Deslizo ao redor dele e caminho para minha casa.

Quando abro a porta da frente, olho para trás e Jonah está parado na calçada, sorrindo para mim.

É uma coisa linda.

Fecho a porta e, pela primeira vez em toda a minha vida, meus cantos começam a parecer que estão se enchendo. Jonah já preenche todas as partes da minha vida que sempre pareceram tão vazias com Chris.

E tenho orgulho de Clara e da mulher em que ela está se transformando. Foi uma viagem esburacada para chegar até aqui, mas ela teve uma estrada mais difícil do que a maioria das crianças da idade dela. Meu orgulho como mãe dela voltou.

Ainda não tenho muita certeza do que quero ser ou em que carreira pretendo ingressar, mas os últimos dois meses para descobrir isso foram emocionantes para mim. Conseguir um emprego e voltar para a faculdade é algo que tenho vontade de fazer há algum tempo, mas por algum motivo, sempre achei que era tarde demais. Não é, no entanto. Eu sou um trabalho em andamento. Talvez eu sempre seja. Não tenho certeza se vou me sentir como um rascunho final e não tenho certeza se quero. A busca por mim mesma está se tornando minha parte favorita da minha nova jornada.

Lembro-me do que escrevi no meu quadro de aniversários: *encontrar minha paixão*.

Talvez eu não tenha apenas uma paixão. Talvez eu tenha várias e nunca fiz de mim e de meus desejos uma prioridade. A ideia de que tenho o resto da minha vida para me descobrir é emocionante. Há tantas coisas que quero tentar, se dão certo ou não. Eu acho que encontrar minha paixão é minha paixão.



Depois que Jonah sai e Clara vai para a cama, vou para o meu quarto e retiro todas as cartas de Jenny que Chris mantinha

trancadas em sua caixa de ferramentas. Desde o dia em que descobri a verdade, muitas perguntas passaram pela minha cabeça. Eu achava que precisava das respostas, mas não precisava mais delas. Eu sei que amei as melhores versões de Jenny e Chris. Mas eles se apaixonaram pelas piores versões um do outro – as versões capazes de traição e mentira.

Eu sempre vou ter lembranças deles, porque eles foram uma grande parte da minha vida. Mas essas cartas não são minhas lembranças. Elas não são aquelas que eu quero lembrar ou manter em qualquer capacidade.

Uma a uma, eu as rasgo em pequenos pedaços sem lê-las.

Estou contente com a direção em que minha vida está indo e sei que, se ficar obcecada com o passado, essa obsessão só servirá para me ancorar em um lugar do qual estou mais do que pronta para seguir adiante.

Jogo todas as partes rasgadas de sua história na lata de lixo do banheiro. Quando olho para cima, encontro meu reflexo no espelho do banheiro.

Estou começando a parecer feliz novamente. *Verdadeiramente* feliz.

É uma coisa linda.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

CLARA

Alguns meses depois

Eu ando até o fundo da sala e deslizo minha mão dentro da de Miller. Nós dois estamos nervosos. Nós trabalhamos muito nesse filme, e eu realmente quero que Jonah goste.

Minha mãe apaga as luzes e se senta no sofá ao lado de Lexie e Efren. Jonah está sentado na beira do sofá, antecipando o vídeo mais do que qualquer um deles.

Decidimos, no final, fazer um documentário. Havia muita seriedade em nossas vidas quando começamos este filme, então eu realmente queria algo divertido para variar.

Nosso limite de tempo para a coisa toda é de apenas alguns minutos, por isso foi mais difícil do que pensávamos executar algo com começo, meio e fim em um período tão curto de tempo, mas espero que consigamos. Só não sabemos se mais alguém apreciará o humor nele.

Miller olha para mim e eu posso ver a energia nervosa nele. Sorrimos um para o outro quando o filme começa a ser exibido.

A tela é preta, mas as palavras passam por ela em letras laranja brilhantes, revelando o título: *CROMOFOBIA*.

A cena começa em uma personagem, com dezessete anos. O nome *KAITLYN* pisca na tela. Kaitlyn (interpretada por mim) está sentada em uma sala vazia em um banquinho. Uma luz brilha nela enquanto ela olha para a câmera, torcendo nervosamente as mãos.

Alguém fora da câmera diz:

— Você pode nos dizer como tudo começou?

Kaitlyn olha para a câmera com medo paralisado. Ela assente nervosamente.

— Bem... — É obviamente difícil para ela discutir. — Eu acho que tinha cinco anos, talvez? Seis? Não sei exatamente... — A câmera aproxima mais o rosto dela. — Mas... Lembro-me de cada palavra da conversa deles como se tivesse acontecido esta manhã. Minha mãe e meu pai... eles estavam em pé na sala, olhando para a parede. Eles tinham tudo isso... estas... amostras de tinta plástica nas mãos. Eles estavam tentando decidir sobre um tom de branco para pintar as paredes. E foi aí que aconteceu. — Kaitlyn engole, mas continua, apesar de sua relutância. — Minha mãe olhou para o meu pai. Ela só... *olhou* para ele como se as palavras que saíssem de sua boca não estivessem prestes a arruinar nossa família para sempre. — Kaitlyn, obviamente enojada com a memória, enxuga uma lágrima que desliza por sua bochecha. Ela respira fundo e continua falando enquanto expira. — Minha mãe olhou para ele e disse: *Que tal laranja?*

Sua própria lembrança faz Kaitlyn estremecer.

A tela fica preta e depois corta para um novo personagem. Um homem idoso, magro e sombrio. O nome *PETER* pisca na tela. Esse personagem é interpretado por Vovô..

Peter está sentado em uma cadeira moderna de meados do século verde. Ele está mexendo na cadeira com os dedos frágeis, afrouxando um pouco da penugem. Cai no chão.

Novamente, uma voz em algum lugar fora da câmera é ouvida.

— Por onde você gostaria de começar, Peter?

Peter olha para a câmera com olhos amendoados escuros envoltos em anos de rugas acumuladas, todas diferentes em profundidades e comprimentos. O branco de seus olhos é injetado de sangue.

— Eu vou começar do começo, eu suponho.

A tela corta para um flashback... para uma versão mais jovem de Peter, no final da adolescência. Ele está em uma casa mais velha, em um quarto. Há um pôster dos Beatles por cima da cama. O adolescente está vasculhando seu armário, frustrado. A voz de Peter mais velho começa a narrar a cena.

— Não consegui encontrar minha camisa da sorte. — diz ele.

A cena que se passa na tela é do adolescente frustrado (interpretado por Miller), saindo do quarto e saindo pela porta dos fundos.

— Então... Eu fui encontrar minha mãe. Para perguntar se ela tinha visto, sabe?

A mãe está de pé em um varal no quintal, pendurando um lençol.

— Eu disse *'mãe? Onde está minha camisa azul?'*

A tela está de volta à versão mais antiga de Peter agora. Ele está olhando para as mãos, girando os polegares. Ele solta um suspiro rápido, trazendo os olhos de volta para a câmera.

— Ela olhou bem para mim e disse: *'Ainda não lavei'*.

A tela agora mostra o adolescente novamente. Ele está olhando para sua mãe com total descrença. Ele traz as mãos para os lados da cabeça.

— Foi quando eu percebi... — Diz o dublador de Peter. — Fiquei com apenas uma opção.

A câmera segue o adolescente enquanto ele volta para casa, volta ao quarto e volta ao armário. Suas mãos afastam as roupas do armário até a câmera focar em uma camisa solitária, apenas pendurada ali, balançando da frente para trás.

— Era a única camisa limpa que eu tinha.

A câmera está de volta ao Peter mais velho. Ele pressiona as palmas das mãos suadas contra as coxas e encosta a cabeça na velha cadeira verde. Ele olha fixamente para o teto, pensativo.

Uma voz de fora do local chama por ele.

— Peter? Você precisa de um tempo?

Peter se inclina para frente, balançando a cabeça.

— Não. Não, eu só quero acabar logo com isso. — Ele solta um sopro de ar, olhando para a câmera. — Fiz o que tinha que fazer, — diz ele com um encolher de ombros.

A câmera segue o adolescente enquanto ele rasga a camisa do cabide. Ele puxa a camiseta suja que ele estava vestindo e depois coloca com raiva a camisa limpa que ele acabou de tirar do armário.

— Eu *tive* que usá-la. — O velho Peter está olhando para a câmera agora com uma expressão estóica. — Eu não podia ficar sem camisa. Era os *anos cinquenta*. — Ele se repete em um sussurro. — Eu tive que usá-la.

Uma pergunta vem de fora do set.

— De que cor era a camisa, Peter?

Peter balança a cabeça. A memória é muito difícil.

— Peter — a voz fora da câmera pede. — De que cor era a camisa?

Peter solta um suspiro frustrado.

— Laranja. Era *laranja*, ok? — Ele desvia o olhar da câmera, envergonhado.

A tela fica preta.

A próxima cena começa em uma nova personagem, em trajes profissionais. Ela tem longos cabelos loiros e está vestindo uma camisa branca. Ela está ajustando a blusa quando olha para a câmera.

— Estamos prontos? — Ela pergunta.

— Quando você estiver, — diz a voz fora da câmera.

Ela assente.

— Está bem então. Vou começar — Ela está olhando para outra pessoa em busca de orientação. Então ela olha para a tela. — Meu nome é Dra. Esther Bloombilingtington. Eu sou especialista em cromofobia.

Uma voz fora da câmera diz:

— Você pode definir esse termo?

A Dr. Bloombilingtington assente.

— A cromofobia é um medo persistente e irracional da cor.

— Que cor, especificamente? — Pergunta a voz fora da câmera.

— A cromofobia se apresenta de maneira diferente em todos os pacientes, — diz ela. —

Às vezes, os pacientes têm medo de azul, ou verde, ou vermelho, ou rosa, ou amarelo, ou preto, marrom ou roxo. Mesmo branco. Nenhuma cor está fora dos limites, realmente.

Alguns pacientes podem até ter medo de *várias* cores ou, em casos mais graves... — Ela parece inexpressiva para a câmera. — *Todas as cores.*

A voz fora da câmera coloca outra questão.

— Mas você não está aqui para falar sobre nenhuma dessas cores hoje, está?

A Dra. Bloombilingtington balança a cabeça, olhando de novo para a câmera.

— Não. Hoje estou aqui por uma razão. Uma cor que resultou em resultados alarmante consistentes. — Ela levanta os ombros com uma inspiração. Seus ombros caem quando ela começa a falar novamente. — Os resultados deste estudo são importantes e sinto que isso precisa ser compartilhado com o mundo.

— O que precisa ser compartilhado?

— Com base em nossas descobertas, descobrimos que a cor laranja não é *apenas* a causa da maioria dos casos de cromofobia, mas nossa pesquisa prova além da sombra de uma dúvida que a laranja é, de *longe*, a pior cor absoluta de todas as cores.

A voz fora da câmera pergunta:

— E que prova você tem disso?

A Dra. Bloombilingtington olha muito seriamente para a câmera.

— Além de várias dezenas de curtidas em nossas pesquisas no Twitter e algumas visualizações de nossas histórias no Instagram sobre esse assunto, também temos... as *pessoas*. As pessoas e suas histórias. — Ela se inclina para frente, estreitando os olhos enquanto a música lenta e dramática começa a tocar. — Basta *ouvir as histórias* delas.

A câmera corta para preto.

A próxima cena se abre novamente no primeiro personagem, Kaitlyn. Ela está segurando um lenço agora enquanto fala.

— Assim que minha mãe disse essas palavras para meu pai... — Ela levanta os olhos e olha para a câmera. — Ele... ele *morreu*.

Ela traz o lenço de papel aos olhos.

— Ele apenas... ele olhou para ela, chocado que ela *sugerisse* laranja como cor para as paredes da sala. Assim que ela disse, ele

deixou cair todas as pequenas amostras de cores plásticas no chão e agarrou seu coração e ele apenas... ele *morreu*.

Kaitlyn tem uma expressão de perplexidade no rosto.

— A última palavra que ele ouviu falou em voz alta... era *laranja*. — Um soluço rompe seu peito. Ela balança a cabeça para frente e para trás. — Nunca poderei perdoar minha mãe. Quem sugere *laranja* como cor de *parede*? É a última coisa que ele ouviu. *A última coisa!*

A câmera fica preta imediatamente após a explosão.

Ele se abre em um flashback do jovem Peter, dirigindo uma caminhonete azul mais antiga. Ele está vestindo a camiseta laranja. Seu rosto está torcido e contorcido de raiva.

— Eu queria vestir a camisa azul, mas não tinha escolha, — narra Peter mais velho. — Eu sabia que Mary preferia azul. Ela até disse isso para mim no dia em que a convidei para sair. Eu disse a ela que gostava do vestido amarelo dela, e ela girou para mim e disse: '*Não é bonito?*' Fiz que sim com a cabeça e ela disse: '*Gosto da sua camisa, Peter. Azul fica bem em você.*'

A câmera está focada no velho Peter agora, sentado em sua cadeira verde. Seus olhos são ainda mais vermelhos do que eram no começo.

— Quando eu apareci no cinema... ela estava em pé na frente. Sozinha. Estacionei a caminhonete, desliguei e apenas a observei. Ela estava tão bonita, parada ali em seu vestido amarelo.

O flashback mostra o jovem Peter, sentado em sua caminhonete, vestindo sua camisa laranja, enquanto observa uma garota bonita esperando, sozinha, vestindo um vestido amarelo. Ele estremece.

— Eu simplesmente não consegui. Não podia deixá-la me ver assim.

O jovem Peter dá partida na caminhonete e começa a sair do estacionamento.

A câmera agora muda para o velho Peter, em sua cadeira verde.

— *O que eu deveria fazer?* — Ele está com tanta raiva que está se levantando, mas é velho demais para ficar em pé. — Eu não

podia simplesmente ir até ela nessa camisa! Partir foi minha *única escolha*!

Ele cai de volta na cadeira. Ele balança a cabeça, obviamente se arrependendo de uma escolha que teve um impacto profundo no resto de sua vida.

— Peter?

Peter olha para a direita da câmera, para quem pertence à voz deslocada.

— Você pode nos contar o que aconteceu com Mary?

Peter estremece, seus olhos de alguma maneira encontram uma maneira de puxar ainda mais rugas.

— O que aconteceu com Mary, Peter?

Peter fica de pé novamente, zangado, esticando um braço.

— Ela se casou com Dan Stanley! *Foi o que aconteceu!* — Ele cai em seu assento novamente, a tristeza o consumindo. — Eles se conheceram naquela noite... no cinema. Na noite em que eu deveria encontrá-la com minha camisa azul. Eles se apaixonaram. Acabaram tendo três filhos e algumas cabras. Ou ovelhas. Caramba, não me lembro. Eles tinham muitas delas, no entanto. Eu costumava ter que dirigir pela fazenda deles no meu caminho para o trabalho todos os dias, e os animais condenados pareciam... *saudáveis*.

Como se Dan Stanley cuidasse muito bem delas. Assim como ele cuidou bem de Mary, mesmo que ela devesse ser *minha*.

Peter chega a uma mesa final ao lado de sua cadeira. Ele pega um lenço de papel.

Assoa o nariz.

— Agora estou aqui. — Ele acena com a mão pela sala como se não tivesse nada para mostrar em sua vida. — Sozinho. — Ele limpa o nariz novamente, olhando para a câmera.

Ele aproxima o rosto dele. Há uma longa e estranha pausa. Então Peter diz: — Não quero mais falar sobre isso. Terminei.

A tela fica preta novamente.

A próxima cena começa na Dra. Bloombilingtington, as sobrancelhas unidas em preocupação.

— O que você espera que as pessoas ganhem com este documentário? — Pergunta a voz deslocada.

Ela olha para a câmera.

— O que eu espero... a única *coisa* que espero... é que todos que assistirem a isso se reúnam no banimento dessa cor atroz. Não só laranja arruina a vida, mas a palavra nem *rima* com nada. As pessoas *tentam* rimar palavras com laranja, mas... não há rima perfeita. Simplesmente *não existe*. — A câmera aproxima o rosto dela. Sua voz é um sussurro sério.

— Nunca *haverá*.

A tela fica preta.

Novas palavras piscam na tela em todas as cores, *exceto* laranja. Elas dizem: se você ou alguém que você conhece já viu a cor laranja ou pronunciou a palavra laranja em voz alta, você pode sofrer de cromofobia. Entre em contato com um psiquiatra para um diagnóstico oficial. Se você deseja doar ou fazer parte de nossos esforços de campanha para banir esta cor do nosso idioma e do mundo, [envie um email para CampanhaACorQueNãoDeveSerNomeada@gmail.com](mailto:CampanhaACorQueNãoDeveSerNomeada@gmail.com).

A tela fica preta.

Os créditos começam a rolar, mas há apenas três deles, já que eu, Miller e seus avô desempenhamos todos os papéis.

Miller segurou minha mão através da coisa toda. A palma da mão dele está suando. Eu sei que o vídeo inteiro tem apenas cinco minutos, mas pareceu mais longo. Certamente demorou muito mais tempo para fazer.

A sala está quieta. Não tenho certeza se isso é um sinal bom ou ruim. Olho para Jonah, mas ele ainda está olhando para a televisão.

Lexie e Efren estão olhando para o chão.

Minha mãe é a primeira a falar.

— Aquilo foi... — Ela pede ajuda a Jonah, mas ele ainda está olhando para a TV. Ela continua falando. — Aquilo foi... *inesperado*. A qualidade foi ótima. E a atuação. Quero dizer... Eu não sei. Você pediu honestidade, então... Eu não entendo. Talvez eu esteja velha demais.

Lexie balança a cabeça.

— Não, não é sobre a idade, porque estou tão confusa agora.

— É um *mockumentário*, — diz Miller defensivamente. — Eles deveriam tirar sarro dos documentários. Eles são *engraçados*.

Efren assente.

— Eu ri.

— Não, você não riu. — diz Miller. Ele caminha até a luz e acende.

Ainda estou esperando Jonah dizer alguma coisa. Ele finalmente desvia o olhar da televisão, trazendo os olhos para nós dois. Ele apenas olha por um momento silencioso.

Mas então... ele começa a bater palmas.

É lento no começo, mas o aplauso ganha velocidade enquanto ele se levanta. Ele começa a rir, e eu sinto que Miller finalmente começa a se acalmar com a reação de Jonah.

— Isso foi *brilhante*! — Diz Jonah. Ele coloca as mãos nos quadris e olha de volta para a televisão. — Quero dizer... a qualidade. A atuação. — Ele olha de volta para nós. — Quem interpretou Peter?

— Esse é o meu avô. — diz Miller.

— *Tão bom*, — diz Jonah. — Eu achei fantástico. Eu acho que vocês dois podem ter uma chance com isto — Você está apenas sendo legal? — Minha mãe pergunta a Jonah. — Eu não posso dizer.

— Não. Quero dizer, acho que todos nós entramos nisso pensando que seria algo muito mais sério. Talvez algo mais pessoal. Mas quando eu percebi que era um documentário, fiquei sem palavras com o quão bem você conseguiu. Você acertou em cheio. Vocês dois.

Miller e eu suspiramos de alívio. Nós trabalhamos tão duro nisso. E eu sei que é bobagem, mas esse é o ponto.

Não estou ofendida porque ninguém mais entendeu. Nós realmente só nos importávamos com o que Jonah pensava, porque o nome dele estava como professor patrocinador.

Miller me abraça. Eu posso sentir o alívio que emana dele quando ele suspira no meu pescoço.

— Estou tão feliz que acabou, — diz ele. — Eu pensei que ele iria odiar isso.

Eu também estou aliviada.

Isso é bom.

Miller vai para o laptop conectado à TV.

— Ok, eu tenho mais um vídeo.

Inclino minha cabeça, confusa.

— Mas nós fizemos apenas um...

Miller olha para mim e sorri.

— Este é uma surpresa.

Ele pega um arquivo diferente e, assim que a televisão se conecta ao computador, Miller corre para as luzes e as apaga.

Não sei o que ele está fazendo.

Eu ainda estou de pé no fundo da sala quando Miller passa os braços em volta de mim por trás. Ele descansa o queixo no meu ombro.

— O que é isso?

— Shh — ele diz. — Apenas assista.

O filme começa com Miller olhando para a câmera. Ele está segurando sozinho, apontando para o próprio rosto. Ele acena.

— Ei, Clara. — Ele pousa a câmera. Ele está no quarto dele. Ele se senta em sua cama e diz: — Ok, então eu sei que você disse que não gosta de nada elaborado, mas... Eu meio que comecei isso antes de você me dizer isso. Então... Espero que você goste.

A tela fica preta e se abre para filmagens de nós dois. É todo o B-rol que ele conquistou nos últimos meses. Clipes de nós sentados contra a árvore no parque. Clipes de nós trabalhando na submissão do vídeo. Clipes de nós na escola, na casa dele, na minha casa.

A montagem dos clipes termina e, na próxima cena, ela realmente tem som. É Miller, atrapalhado com a câmera. Ele está na caminhonete e bate a porta, apontando a câmera para si mesmo.

— Ei, Clara. Acho que você deveria ir ao baile comigo. — Ele sussurra quando diz e depois coloca a câmera no tripé. Ele aponta para mim.

Foi o primeiro dia em que ele montou a câmera, quando estávamos no food truck. Ele se afasta para pedir nossos

sanduíches, e as imagens me mostram fazendo caretas para a câmera.

A próxima cena é o dia em que pulamos a escola. Ele está montando a câmera, apontando para a árvore. Estou encostada na árvore, olhando para a água. Miller não está na imagem a princípio, mas depois enfia o rosto na frente da câmera.

— Ei, Clara, — ele sussurra com pressa. — Você deveria ir ao baile comigo. — Então ele se afasta da câmera e desliza entre mim e a árvore, como se nada estivesse errado.

Eu não tinha ideia de que ele estava fazendo isso. Eu me viro para olhá-lo, mas ele me incentiva a continuar assistindo.

As próximas três cenas são todas do momento em que namoramos, com ele se escondendo em promessas aleatórias enquanto estamos juntos e eu não tendo ideia de que ele estava fazendo isso.

Então, uma cena se abre para ele na fila da Starbucks. Ele aponta sua câmera para mim. Estou sentada sozinha em um canto, lendo um livro.

Oh meu Deus. Este é o primeiro dia em que nos beijamos.

Miller vira a câmera para si mesmo enquanto está na fila da Starbucks.

— Você é tão fofa, sentada ali lendo seu livro, — ele sussurra. — Eu acho que você deveria ir ao baile comigo.

— Miller, — eu sussurro. Tento me virar e olhar para ele novamente, mas ele não quer que eu tire os olhos da televisão. Estou apenas em choque. Eu não esperava que nenhuma das imagens fosse antes de sairmos.

Na cena seguinte, Miller está do lado de fora, encostado a um poste. Eu não reconheço a localização no começo, mas quando ele enxuga gotas de suor da testa e puxa o pirulito da boca, percebo que ele está parado na frente da placa de limite da cidade. Ele está olhando para a câmera quando diz: — *Então*. Clara Grant. Você acabou de passar e eu sei que você me viu aqui do lado da estrada. Aqui está o acordo. Eu tenho uma namorada, mas parei de pensar nela quando vou dormir à noite, e o vovô diz que isso é um mau sinal e que devo terminar com ela. Quero dizer, eu tenho uma queda

por você há muito tempo e sinto que estou ficando sem oportunidade. Então eu vou fazer um acordo. Se você virar o carro no final da colina e voltar, eu entendo isso como um sinal, finalmente escuto meu intestino, termino com minha namorada e, eventualmente, convido você para sair. Eu posso até chamar você para o baile este ano. Mas se você *não* virar o carro, presumo que você e eu não fomos feitos para... — Os olhos dele brilham e ele vê algo. Ele sorri e depois olha de volta para o telefone. — Olhe para isso. Você voltou.

Essa parte do vídeo termina e agora estou chorando.

Quando a próxima cena começa, eu não a reconheço. A câmera está apontada para o chão e depois para o vovô.

Vovô parece alguns anos mais novo neste vídeo. Mais saudável do que parece agora.

— Tire isso da minha frente, — diz Vovô.

Miller liga a câmera para si mesmo. Ele parece mais jovem também. Ele é magro, provavelmente uns quinze.

— O vovô está empolgado com o show, — diz Miller sarcasticamente para a câmera.

Então ele aponta sua câmera para o palco.

Meu coração está batendo forte no peito quando reconheço o aparelho.

Minha mente também começa a correr. Por duas vezes, o avô de Miller tentou me contar sobre algo que aconteceu quando eles estavam na escola quando Miller tinha quinze anos.

E duas vezes, Miller ficou tão envergonhado que o calou.

Miller beija o lado da minha cabeça porque ele sabe que eu queria saber essa história desde o primeiro dia em que conheci o vovô.

A câmera é cortada. Quando ele recomeça, é a mesma noite, mas é o fim da peça. A câmera está em mim agora. Tenho quatorze anos, de pé sozinha no palco, entregando um monólogo. A câmera lentamente se afasta de mim para Miller.

Seu avô deve estar segurando a câmera agora.

Miller está olhando para o palco. Ele está inclinado para a frente, as mãos cruzadas sob o queixo. A câmera dá um zoom nele

enquanto ele me observa no palco. A câmera fica lá por um minuto sólido. Miller está apegado a todas as palavras que estou dizendo no palco, completamente absorto. O vovô nunca tira a câmera dele, mas Miller não faz ideia de que o vovô o está filmando.

O monólogo é o fim da peça, então quando eu entrego minha última frase, todos na platéia começam a aplaudir.

Miller não.

Ele está imóvel.

— Uau, — ele sussurra. — Ela é incrível. *Épica*.

É quando ele olha para o avô e vê a câmera apontada em sua direção. Ele tenta arrancar a câmera da mão do vovô, mas o vovô a afasta. Ele angula a câmera para que ela mostre os dois. Miller revira os olhos para o avô quando diz: — Acho que você acabou de se apaixonar.

Miller ri.

— Fique quieto.

— Você se apaixonou, e eu peguei na câmera. — Ele aponta a câmera para Miller novamente e diz: — Qual é o nome dela?

Miller encolhe os ombros.

— Não tenho certeza. Clara, eu acho? — Ele abre o folheto e o percorre, parando em meu nome. — Clara Grant. Ela desempenhou o papel de Nora.

Seu avô ainda está filmando. Miller nem está negando o que seu avô está dizendo.

Todos na platéia agora estão aplaudindo os atores enquanto eles saem para o palco, mas Miller está olhando para a câmera.

— Você pode parar agora.

O avô dele ri.

— Eu acho fofo. Talvez você deva convidá-la para sair.

Miller ri.

— Okay, certo. Ela tem dez pontos. Eu sou como quatro. Talvez cinco.

Vovô vira a câmera para si mesmo.

— Eu daria a ele sólidos seis.

— Desliga isso, — Miller diz novamente.

Vovô sorri para a câmera. Ele aponta para Miller mais uma vez. Quando eles anunciam meu nome e é a minha vez de fazer uma reverência no palco, Miller morde o lábio, tentando esconder o sorriso.

— Você parece apaixonado, — diz Vovô. — Que pena, porque ela está fora da sua liga.

Miller está de frente para a câmera. Ele ri e nem tenta esconder o fato de que ele parece apaixonado. Ele se inclina para frente, mais perto da câmera, olhando diretamente para ela.

— Um dia desses, a garota vai me notar. Você apenas espera.

— Eu não sou imortal, — diz Vovô. — Nem você.

Miller olha para o palco e ri.

— Você é o pior avô que eu tenho.

— Eu sou o único avô que você tem.

— Graças a Deus, — diz Miller, rindo.

Então a câmera é cortada.

Lágrimas estão escorrendo pelas minhas bochechas. Eu estou balançando a cabeça, em choque completo. Miller ainda está com os braços em volta de mim. Ele leva a boca ao meu ouvido. — E você disse que os pedidos eram estúpidos.

Eu rio através das minhas lágrimas. Então eu me viro e o beijo.

— Obviamente, estou muito errada.

Ele pressiona sua testa na minha e sorri.

Alguém acende as luzes. Nós nos separamos e minha mãe está enxugando os olhos.

— Agora é isso que vocês deveriam ter enviado.

Lexie está concordando com a cabeça.

— Não atende aos critérios, — diz Jonah. — Não foi tudo filmado este ano. — Ele olha para Miller e pisca. — Foi ótimo, no entanto.

Olho para a televisão em branco, incrédula. E então, algo me atinge.

— Espere um segundo. — Eu encaro Miller. — Você disse que deu o nome da sua caminhonete por uma música dos Beatles. Mas Nora era o nome do meu personagem naquela peça.

Ele sorri.

— Os Beatles têm uma música chamada *Nora*?

Ele balança a cabeça, e eu nem posso acreditar nesse cara agora. Ele nunca será capaz de superar isso.



Uma hora depois, ainda estou chapada. Não um chapada *real*. Um chapada por Miller.

Ele prometeu me alimentar porque estou morrendo de fome, mas ele está indo na direção oposta da cidade.

— Eu pensei que íamos comer.

— Há algo que eu quero lhe mostrar em casa, primeiro.

Estou sentada no meio do banco da caminhonete dele, apoiando a cabeça no ombro dele. Estou olhando para o meu telefone quando sinto a caminhonete começar a desacelerar. Porém, passamos pela entrada de carros de Miller. Ele sai para o lado da estrada no escuro.

— O que você está fazendo?

Ele abre a porta da caminhonete e pega minha mão, me puxando para fora. Ele caminha alguns metros e depois aponta para alguma coisa. Olho para a placa de limite da cidade.

— Notou alguma coisa?

Olho para baixo e está cimentado no chão. Eu ri.

— Uau. Você fez isso. Você mudou todo o limite da cidade.

— Eu estava pensando que poderíamos ficar na minha casa e pedir pizza com o vovô hoje à noite.

— Pepperoni e abacaxi?

Miller balança a cabeça, deixa minha mão cair e começa a voltar para sua caminhonete.

— Tão perto dos dez perfeitos, Clara. *Tão* perto.

Cinco minutos depois, eu e o vovô agimos como Miller pedindo pizza é a coisa mais emocionante que já vimos. Nós dois estamos sentados na beira de nossas cadeiras. Eu estou roendo minhas unhas. Miller tem o telefone no viva-voz, então a sala fica tensa quando o entregador de pizza diz: — Não acho que chegamos tão longe. Nossa área de entrega está dentro do limite da cidade.

— Eu moro dentro do limite da cidade. Por cerca de seis metros, — diz Miller, confiante.

Há um silêncio do outro lado da linha antes que o cara diga: — Tudo bem. Você está no sistema. Devemos estar aí em cerca de 45 minutos.

Quando Miller desliga o telefone, nós pulamos e tocamos as mãos. Vovô não pode realmente pular, então eu dou a ele um toque de mão.

— Eu sou um gênio, — diz Miller. — Cinco meses de trabalho duro e muito ilegal finalmente valeram a pena.

— Estou meio orgulhoso de você, — diz Vovô. — Mesmo que eu não queira tolerar nada ilegal. Mas eu quero dizer... é pizza, então...

Miller ri. O alarme do temporizador de medicação do vovô dispara, então eu vou até a cozinha para pegar as pílulas que ele precisa. Eu tenho ajudado Miller com o vovô enquanto ele está no trabalho. Há um assistente em tempo integral aqui durante o dia, mas está chegando aonde ele precisa de ajuda durante todas as outras horas também.

Eu gosto de passar um tempo com o vovô. Ele me conta tantas ótimas histórias sobre Miller. Sobre a própria vida dele. E mesmo que ele ainda brinque dizendo que sua esposa saiu da cidade, eu adoro ouvi-lo falar sobre ela. Eles foram casados por 52 anos antes de ela morrer. Ouvir as histórias dos dois ajuda a reafirmar minha crença no amor.

Jonah e minha mãe também ajudam. Foi estranho por um tempo vê-los juntos. Mas eles são um bom ajuste. Eles estão indo devagar e decidiram esperar antes de fazer grandes movimentos, como morar juntos. Mas jantamos com Jonah e Elijah quase todas as noites.

Jonah é uma pessoa completamente diferente com minha mãe do que era com tia Jenny. Não que ele não fosse feliz vivendo uma vida com tia Jenny e Elijah. Mas minha mãe o faz acender de uma maneira que nunca vi antes. Toda vez que ela está perto dele, ele olha para ela como se ela fosse a melhor coisa que ele já viu.

Eu pego Miller olhando para mim assim às vezes. Como agora, enquanto estou na cozinha, preparando remédios para o avô.

Eu os levo para a sala e sento ao lado de Miller no sofá.

Vovô engole seus remédios e coloca seu copo de água na mesa ao lado de sua cadeira.

— Então? Acho que você finalmente viu o vídeo de quando Miller se apaixonou por você?

Eu rio e me inclino para Miller.

— Seu neto é romântico.

Vovô ri.

— Não, meu neto é um idiota. Levou três anos para finalmente convidá-la para sair.

— Paciência é uma virtude. — diz Miller.

— Não quando você tem câncer. — Vovô se levanta. — Estou esperando morrer há sete meses, mas isso nunca vai acontecer. Acho que é melhor acabar logo com isso. — Ele usa o andador para entrar lentamente na cozinha.

— Acabar com o quê? — Miller pergunta a ele.

Vovô abre uma gaveta onde ele guarda muita papelada. Ele vasculha e puxa uma pasta, trazendo-a de volta para a sala de estar com ele. Ele a joga sobre a mesa na frente de Miller.

— Eu queria esperar e pedir que meu advogado lhe dissesse depois que eu morresse.

Pensei que seria mais engraçado assim. Mas às vezes acho que nunca morrerei e você não tem muito tempo para se candidatar à faculdade.

Miller puxa a pasta em sua direção. Ele abre e começa a ler a primeira página. Parece um testamento. Miller o examina e ri.

— Você realmente me deixou os direitos de seu ar no testamento? — Miller pergunta, olhando para os papéis.

Vovô revira os olhos.

— Estou dizendo isso há dez anos, mas você continua rindo de mim!

Miller encolhe os ombros.

— Talvez eu esteja perdendo a piada? Como você pode *arejar* alguém?

— Eles são *direitos do ar*, seu idiota! — Vovô empurra para trás em sua cadeira. — Comprei quando eu tinha trinta anos, quando eu e sua avó moramos em Nova York. Os bastardos estão tentando me fazer vendê-los há anos, mas eu já lhe disse que estava dando a você e não quebrei minha palavra.

Estou tão confusa quanto Miller, eu acho.

— O que são direitos do ar?

Vovô revira a cabeça.

— Eles não ensinam nada às crianças na escola. É como possuir terras, mas nas cidades maiores, você pode possuir partes do ar para que as pessoas não possam construir na frente do prédio ou em cima dele. Eu possuo um pequeno pedaço desse ar na Union Square. Vale cerca de um quarto de milhão de dólares na última vez que chequei.

Miller engasga com nada. Ele continua se sufocando. Engasgado. Eu dou um tapinha nas costas dele antes que ele se levante e aponte para a pasta.

— Você está brincando comigo?

Vovô balança a cabeça.

— Eu sei o quanto você quer ir para aquela escola em Austin. Meu advogado disse que vai custar cento e cinquenta mil para se formar. Além disso, você terá impostos a pagar quando vender os direitos. Eu acho que você terá o suficiente para ajudar com um adiantamento em uma casa algum dia ou talvez viajar. Ou comprar algum equipamento de filme. Eu não sei. Não estou te enriquecendo, mas é melhor que nada.

Miller parece que está prestes a chorar. Ele anda pela sala, tentando não olhar para o avô. Quando ele o faz, seus olhos estão vermelhos, mas ele está rindo.

— Todo esse tempo você continuou dizendo que eu estava herdando o *ar*. Eu pensei que você estava apenas sendo você. — Ele caminha até o seu avô e o abraça. Então ele se afasta. — E o que você quer dizer com esperar para morrer antes de me contar sobre isso. Por quê?

Vovô encolhe os ombros.

— Eu pensei que seria engraçado. Eu entrando em uma piada final depois que eu morrer, quando você não estava esperando.

Miller revira os olhos. Então olha para mim, sorrindo. Percebo que estamos tendo o mesmo pensamento, e nada me deixa mais feliz do que saber que estaremos na mesma cidade depois que me formar no próximo ano. Na mesma universidade. Podemos até ter algumas das mesmas classes.

— Você percebe o que isso significa, certo? — Eu pergunto a ele.

Miller encolhe os ombros.

— Universidade do Texas? A cor da sua escola será *laranja*, Miller.

Ele ri. O avô também. Mas Miller não percebe que as piadas não terminaram. Estou guardando uma delas para o baile.

Comprei o vestido perfeito para a nossa ocasião especial. É o tom mais atroz de laranja que eu pude encontrar.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, quero agradecer a você por ler este livro. Parece que sou incapaz de aderir a um gênero, então o fato de vocês apoiarem o que eu estou disposto a escrever é a coisa que mais aprecio na minha carreira.

Costumo sempre ter uma lista enorme de pessoas para agradecer a cada livro, mas acho que cobri quase todo mundo que conheço nos agradecimentos à *Verity*. Embora eu possa fazer isso de novo, vou condensar esses reconhecimentos para focar primeiro em algumas pessoas que não tiveram absolutamente nada a ver com a criação deste romance. Kimberly Parker e Tyler Easton, quero agradecer a vocês por serem um exemplo épico para todos os pais. A maneira como vocês dois são coparentes é inspiradora e esperançosa, e eu sinto que vocês precisam ser reconhecidos. Também gostaria de agradecer a Murphy Fennell e Nick Hopkins pelo mesmo motivo e por serem os dois melhores pais que minha sobrinha poderia esperar.

Obrigada a quem leu este livro enquanto eu o escrevia. Brooke, Murphy, Amber Goleb, Tasara, Talon, Maria, Anjanette, Vannoy e Lin: Agradeço sua honestidade e feedback. Vocês todos me fazem querer continuar crescendo nesta carreira, e é por isso que continuo bombardeando vocês com os primeiros rascunhos.

Muito Obrigada à minha agente, Jane Dystel, e a toda a equipe. Vocês continuam me surpreendendo com seu apoio, conhecimento e incentivo contínuos.

Obrigada a Anh Schluep e todos da Montlake Romance. Este é o nosso primeiro livro juntos e gostei muito de trabalhar com toda a equipe de Montlake. Mal posso esperar para criar mais histórias com vocês!

Obrigada a Lindsey Faber por ser uma delícia absoluta de se trabalhar. Espero poder te manter para sempre.

Para todos os meus autores amigos, leitores, blogueiros, bookstagrammers, booktubers, profissionais do setor e afins. Obrigada por fazer parte deste maravilhoso mundo dos livros. A criatividade dentro de todos vocês me mantém inspirada.

SOBRE A AUTORA



Foto © Julien Poupard

Colleen Hoover é a autora de best-sellers nº 1 do New York Times de vários romances, incluindo o romance de ficção para mulheres mais vendido *É Assim Que Acaba* e o thriller psicológico mais vendido *Verity*. Ela ganhou o Goodreads Choice Award de Melhor Romance por três anos seguidos - por *Confesse* (2015), *É Assim Que Acaba* (2016) e *As Mil Partes Do Meu Coração* (2017). *Confesse* foi adaptado para uma série online de sete episódios. Em 2015, Hoover e sua família fundaram a Bookworm Box, uma livraria e serviço de assinatura mensal que oferece romances assinados doados por autores. Todos os lucros vão para várias instituições de caridade todos os meses para ajudar os necessitados. Hoover vive

no Texas com o marido e os três filhos. Visite o seu site www.colleenhoover.com.